



OLIVIA
CUNNING

ACesso
AOS
BASTIDORES

SINNERS
ON
TOUR!

ÉLES VÃO TE
ENLOUQUECER!

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OLIVIA
CUNNING

ACESSO
AOS
BASTIDORES

SINNERS
ON
TOUR!

Tradução
JULIANA ROMEIRO

BR
BR
BR
BR

Para “Dimebag” Darrell Abbott, rei dos riffs do metal, um caubói demoníaco que incendiava as cordas da guitarra com seus dedos mágicos.

Darrell era um grande músico e partiu cedo demais, mas ainda vive em sua música e nas gerações de guitarristas que continua a inspirar.

Estou ouvindo, Dimebag.

Manda ver.

\m/

1

Uma pilha de panfletos da pasta de Myrna caiu no carpete florido. Logo agora! Na pressa de sair da sala de aula, tinha se esquecido de fechar o zíper. Com um suspiro exasperado, ela se abaixou para catar os papéis. Será que o dia poderia ficar ainda pior?

Do outro lado do saguão, perto dos elevadores, ouvia-se um coro de “vira, vira, vira” e uma gritaria animada. Pelo visto, alguém estava se divertindo aquela noite. Com certeza não era ela.

Myrna enfiou os panfletos na pasta, fechou o zíper e atravessou o saguão ostensivo do hotel a caminho de seu quarto, no sexto andar. Só precisava de um banho quente e demorado. Não tinha ideia de como caíra na conversa do chefe do departamento e aceitara participar daquela conferência idiota. Que perda de tempo. Os outros participantes não identificariam uma ideia inovadora nem que ela plantasse bananeira na frente deles e cantasse o hino nacional. E que importância tinha o que os outros achavam do método dela? Os alunos adoravam as aulas. Suas turmas estavam sempre lotadas. Tinham lista de espera e...

Myrna ouviu passos atrás de si. Sentiu os pelos da nuca arrepiarem. Parou... coração acelerado, palma das mãos úmidas.

A pessoa que a estava seguindo parou também. Podia ouvir sua respiração.

Jeremy?

Não. Não era seu ex-marido. Afinal, não tinha como achá-la. Não era? Mas o fio gelado de suor que escorria entre seus seios não sabia disso.

Apertou a alça da pasta e se preparou para esmurrar o idiota que se atrevia a espreitá-la.

“Excelente palestra, dra. Evans”, disse uma voz desconhecida às suas costas.

Não era Jeremy. Graças a Deus. Myrna respirou fundo, trêmula, e olhou por cima do ombro.

Um homem alto e magro de meia-idade estendia a mão para ela. “Quem pensaria em usar riffs de guitarra em uma discussão sobre psicologia? Eu não seria capaz. Quer dizer, concordo com o método. Só não sei se daria conta com o mesmo nível de... hum...” Ele limpou a garganta. “*Entusiasmo.*” Em seguida, sorriu, baixando os olhos para o decote do terninho justo cor de chumbo dela.

Com o coração ainda acelerado, Myrna reprimiu a vontade de voar em cima do estranho e apertou sua mão. “Obrigada, senhor...?”

“Na verdade é doutor”, respondeu ele, envolvendo a mão de Myrna na sua e abrindo um sorriso de orelha a orelha. “Dr. Frank Elroy, da Universidade de Stanford. Psicologia da anormalidade.”

Ah, o dr. Babaca. Dr. Grandessíssimo Babaca. Já fomos apresentados. Umás mil vezes.

Ela assentiu e forçou um sorriso. “Prazer em conhecê-lo, dr. Elroy.”

“Aceita beber alguma coisa?” Ele indicou o bar do hotel com a cabeça, acariciando a mão dela com o polegar.

Myrna sentiu um calafrio, mas manteve o sorriso. O cara era a antítese do seu tipo. Um chato. Não, obrigada. Sua aversão a gente chata tinha atingido picos viscerais. “Sinto muito, mas vou ter que recusar. Estava a caminho do meu quarto, para dormir direto até amanhã. Fica para a próxima.”

Elroy murchou feito um balão furado. “Claro. Sei bem como é. Você deve estar exausta depois daquela...” Ele sorriu mais uma vez. “Discussão acalorada.”

Discussão? Ele não tinha visto o que acontecera? “Banho de sangue” seria uma descrição mais adequada, e ela se sentia especialmente anêmica no momento.

“Pois é”, murmurou, estreitando os olhos. Então puxou a mão e virou-se para seguir em direção ao elevador, contornando o bar do hotel e uma fileira de vasos de plantas.

Uma rodada de risos escandalosos chamou sua atenção para o bar. Quatro homens estavam sentados, rindo de um quinto, deitado de costas sobre a mesa em meio a um monte de copos com diferentes quantidades de uma bebida cor de âmbar. Ele virou-se de lado, fazendo a mesa inclinar perigosamente sob seu peso, e os quatro correram para salvar suas cervejas.

“Alguém faça o teto parar de girar!”, gritou para o lustre Tiffany que iluminava a mesa.

“Suspende a cerveja, Brian”, disse um dos amigos.

Brian levantou um dedo. “Só mais uma.” E outro dedo: “Ou duas”. E mais um: “Talvez quatro”.

Myrna riu consigo mesma. Os cinco amigos destoavam dos participantes da conferência no bar e no saguão do hotel, em sua maioria professores universitários. Mas o grupo inusitado atraía mais olhares e animosidade do que merecia. Talvez por causa das tatuagens. Ou seriam os piercings e as pulseiras de tachinhas? Ou a roupa preta, o cabelo tingido e o corte estranho? Não importava. Era só um grupo de amigos se divertindo. E não sendo chatos, ela tinha certeza.

Deu um passo hesitante em direção ao elevador. Adoraria bater um papo com eles. E bem que precisava de um pouco de descontração... qualquer coisa que não uma conversa edificante com um intelectual. Já tinha o suficiente disso no trabalho.

Ainda deitado na mesa, Brian cantarolou um riff enquanto tocava uma guitarra invisível. Myrna reconheceu a sequência de notas de cara. Usava o solo em suas aulas sobre sensualidade masculina, porque ninguém no mundo tocava uma guitarra com tanta sensualidade quanto Mestre Sinclair. Espere aí! Será que...? Não, o que uma banda de rock como o Sinners estaria fazendo numa conferência acadêmica? Deviam ser apenas fãs, embora o nome Brian não lhe parecesse estranho. O guitarrista do Sinners não se chamava Brian Sinclair?

Um dos homens virou o rosto para coçar o queixo no ombro. Apesar dos óculos espelhados, Myrna reconheceu imediatamente o vocalista Sedric Lionheart. Seu coração acelerou alguns compassos. *Era* o Sinners.

“Estou tão mamado!”, exclamou Brian. Ele saiu da mesa e caiu no colo de dois amigos, derrubando vários copos vazios de cerveja. Os dois o deixaram se espatifar no chão sem qualquer cerimônia.

Myrna riu pelo nariz e olhou ao redor para ter certeza de que ninguém a vira fazer um barulho tão deselegante. *Tinha* que falar com eles. Poderia fingir que queria se apresentar por causa da palestra. Na verdade, amava o som dos caras. E eles não eram de se jogar fora. A definição exata do seu tipo. Loucos. Isso mesmo. Exatamente o que ela precisava depois daquele dia.

Deixando de lado os planos de se esconder em seu quarto, Myrna contornou a divisória baixa que separava o bar do saguão. Parou na frente de Brian, que engatinhava com dificuldade, e pôs a pesada pasta no chão para ajudá-lo a se levantar. Assim que tocou o braço do guitarrista, seu coração parou por um instante, disparando logo em seguida.

Magnetismo animal. Brian estava carregado de magnetismo animal. *Olá, sr. Distração Bem-vinda.*

Ele correu os olhos ao longo das pernas e do corpo de Myrna, inclinando a cabeça de leve. Suas feições seriam um deleite para um escultor: mandíbula delineada, queixo pontudo, maçãs do rosto proeminentes. Seria ousadia demais examinar os contornos daquele rosto com os dedos? Com os lábios? Myrna baixou os olhos para as próprias mãos, que seguravam aquele braço musculoso.

“Cuidado com esse braço”, disse ela. “Poucos guitarristas têm sua habilidade.”

Ele apoiou-se para ficar de pé, mas em seguida tropeçou nela. Myrna inspirou seu cheiro profundamente, fechando os olhos com langor. Um desejo primitivo tomou seus sentidos. Teria rosnado em voz alta?

Brian apertou os ombros dela com suas mãos fortes, tentando se firmar. Todas as terminações nervosas do corpo de Myrna ficaram em alerta. Não conseguia se lembrar da última vez que se sentira atraída por um homem tão instantaneamente.

Ele a soltou e se escorou na parede do bar, piscando forte, como se tentasse focar o rosto dela. “Você sabe quem eu sou?”, perguntou, com a voz arrastada.

Myrna sorriu e fez que sim, animada. “Quem não sabe?”

Ele acenou teatralmente ao redor de si, perdendo ainda mais o equilíbrio. “Todos esses nerds engomadinhos.”

Ele rosou para uma senhora de cabelos grisalhos e cardigã que o encarava boquiaberta. A mulher suspirou em desaprovação e voltou a atenção para seu drinque azul-celeste, sorvendo a bebida por um canudinho vermelho com estudada indiferença.

“Brian, não comece”, disse Sed, o líder da banda.

O olhar de Brian para seu colega foi tão ácido que seria capaz de corroer a pintura da parede. “Qual é o problema? Não comecei nada. Essa gente é que não para de encarar!”

Era verdade. Todo mundo estava encarando. A maioria agora encarava Myrna, provavelmente pensando em como salvá-la do território *inimigo*.

“Posso sentar com vocês um pouco?”, ela perguntou, torcendo para que, sentada, ficasse menos visível. Ajeitou uma mecha de cabelo que escapara do grampo atrás da orelha e sorriu esperançosa para Brian. Ele coçou a sobrancelha com o indicador, considerando a pergunta. Myrna sabia o que devia

estar pensando. Por que uma mulher quadrada usando um terninho ia querer socializar com cinco roqueiros?

Sed deslizou para o lado no sofá e deu uma palmadinha no estofado verde de plástico junto de si. Ela desviou os olhos de Brian para avaliar o líder do grupo. A aparência de bom moço destoava da fama de bad boy mulherengo. Myrna não acompanhava a vida pessoal dos integrantes das bandas que ouvia, mas até ela conhecia a reputação de Sed. Seu sorriso, com covinhas e tudo, era nada menos que perfeito, o que na certa era a razão pela qual o disfarçava com uma carranca. Após uma rápida expressão de indiferença, ele voltou a seu estado original. Aquelas covinhas de menino não encaixavam com sua imagem.

Myrna sentou no sofá ao lado de Sed, enxugando as mãos suadas na saia. *Certo, consegui. O que eu faço agora?*

“Você é uma executiva ou algo assim?” Sed reclinou-se no sofá para examinar sua roupa.

Myrna não se importou com o olhar a analisando uma segunda vez. “Algo assim. Na verdade, sou uma nerd engomadinha. Sou professora universitária e estou participando de uma conferência aqui.”

“Não brinca!” Ela reconheceu Eric Sticks, baterista da banda, do outro lado da mesa. “Se eu soubesse que professoras universitárias podiam ser gostosas, teria pensado em estudar.”

Myrna riu e olhou para Brian, ainda recostado na parede do bar, atrás do ombro direito de Eric. Seu coração pulsou dolorosamente. Meu Deus, como era bonito. “Não quer se sentar, Brian?”

Ela se espremeu junto de Sed, seus joelhos tocando os dele sob a mesa. Brian desabou no sofá ao seu lado, o que significava que estava entre dois dos músicos mais atraentes e talentosos do mundo do rock. Tinha morrido e acordado no paraíso. *Fica calma, Myrna. Se você perder a linha feito uma fã adolescente, vão mandar você embora. E isso é tudo que você não quer agora.*

Brian apoiou a testa na mesa, gemendo, e Myrna precisou se segurar para não fazer carinho nele. Ela o conhecia, mas ele nunca tinha visto mais gorda. Nem menos gorda, para falar a verdade, mas ainda assim...

Ela respirou fundo para organizar os pensamentos desconexos e dirigiu seu olhar para Eric. Podia fitá-lo sem perder o controle, mas não conseguia parar de encarar aquele corte insano de cabelo: meio comprido, com uma faixa central de mechas curtas espetadas e o restante em diversos tamanhos e absolutamente esquisito. Um tufo vermelho da grossura de um dedo se encaracolava junto do pescoço. *Cabelo de astro do rock.* Myrna conteve uma risadinha empolgada.

“E você dá aula de quê?” Eric deu um gole em sua cerveja, os olhos azuis fixos nos dela. Bem, talvez ele tenha dado uma leve conferida em seus seios, mas em geral manteve o olhar acima do pescoço dela.

Myrna hesitou diante da pergunta e baixou os olhos para a mesa. Qualquer chance que tinha de ganhar o respeito deles se extinguiria assim que revelasse sua disciplina. “Tenho mesmo que responder?”

“Claro.”

Ela respirou fundo. “Sexualidade humana.”

Eric engasgou com a cerveja e limpou a boca com as costas da mão. “Não fode.”

“Bem, acho que essa é minha especialidade”, respondeu Myrna, com um sorriso travesso.

Eles riram. Menos Brian. Imóvel, continuava com a cara na mesa. Será que tinha apagado? *Bêbado* não chegava perto de descrever seu estado.

“Tudo bem com ele?”, perguntou Myrna.

“Tudo, ele só é um pouco descontrolado”, respondeu Eric.

“Ele é muito descontrolado”, completou Trey Mills, o guitarrista base da banda, sentado ao lado de Eric.

“Não enche”, murmurou Brian. E então deitou a cabeça para olhar para Myrna, fechando um dos olhos para focalizá-la melhor. Ela sentia uma vontade incontrolável de ajeitar aquele cabelo preto embaraçado, que caía na altura dos ombros, despontando em ângulos estranhos por toda a cabeça. “Como você se chama, professora do sexo?”

Ela sorriu. Talvez estivesse interessado. “Myrna.”

Ele deu um risinho. “Nome de velha.”

Ou não. Torceu para ter disfarçado bem a decepção.

Sed esticou o braço por trás de Myrna e deu um tapa nas costas de Brian por conta da grosseria. O amigo não esboçou qualquer reação. Com certeza não estava sentindo dor.

Myrna deu de ombros. “Ele tem razão. Myrna era o nome da minha tataravó. Ou seja, nome de velha.”

Brian voltou o rosto para a mesa e engoliu várias vezes. “Acho que vou vomitar.”

“Eric, leve nosso amigo aqui ao banheiro”, disse Sed. “A última coisa de que a gente precisa é uma mesa cheia de

vômito do Sinclair.”

“Mas quero ficar e conversar com a moça bonita”, reclamou Eric. “Não aguento mais esses caras chatos.” Apesar da reclamação, o baterista se levantou de seu lugar na ponta do sofá e botou Brian de pé.

“Prometo que espero você voltar”, disse Myrna.

“Pegue uma bebida pra ela, Sed. Ou melhor, já que é você que está bancando a noite, pegue logo duas.” Eric passou o braço de Brian ao redor dos ombros e levou o amigo trôpego na direção do banheiro.

Myrna acompanhou os dois com o olhar, admirando a calça jeans preta de Brian e a bunda perfeita por baixo dela.

“Não o leve a mal, Myr. Brian não é sempre assim. É que... bem... ele acabou de terminar um relacionamento”, disse Sed.

Trey revirou os olhos e balançou a cabeça. “É, foi mais ou menos isso.”

“Não sei por que isso sempre acontece com ele.” Jace Seymour, baixista, girou a argola prateada na orelha. Era o único louro da banda... descolorido, a julgar pelas sobrelhas castanhas e a barba mal feita da mesma cor. Era o mais baixo dos integrantes e tinha um jeito durão, meio James Dean. Provavelmente para disfarçar como era bonitinho. O que não diminuía a vontade de Myrna de apertá-lo.

“É o cara que mais leva pé na bunda que conheço.” Trey era sexy demais. Toda vez que aqueles olhos lânguidos cruzavam com os dela, Myrna sentia um arrepio.

“É porque é um retardado quando o assunto é mulher.” Sed correu a mão pelos curtos cabelos pretos. “Só pega interesseira. Parece que não aprende.”

“Talvez o problema dele seja que sempre aparece *alguém* para estragar tudo”, comentou Trey. “É só uma ideia.”

“Aquela pilantra não valia o tempo dele. Brian era bom demais pra ela”, resmungou Sed.

Myrna fitou cada um dos homens na mesa. Tinha algo mais naquela história. Ou então... “Brian é um romântico incurável, não é?”

Sed cochichou em sua orelha: “Shhh. Não conte pra ninguém”.

Um arrepio correu sua nuca. Ela virou o rosto e ficou cara a cara com o vocalista. Podia distinguir as pontinhas da franja por trás dos óculos espelhados. Pouco à vontade com a ideia de ser encarada por um cara de óculos escuros, resolveu deslizá-los ao longo do nariz de Sed. Achou que seria melhor olhá-lo nos olhos, mas seu azul incisivo fez seu coração disparar. Ele sorriu, sem dúvida ciente do efeito que tinha sobre as mulheres.

Sed ergueu o braço para chamar a garçonete. “Qual é seu veneno, Myrna?”

“Só água.”

“Que tal uma coisa mais forte para se soltar um pouco?” Arqueando uma das sobrancelhas, Sed correu o olhar por seu terninho conservador.

“Não preciso disso. Estou sempre solta.”

“Não é o que parece.” Ele tocou o botão mais alto do blazer de Myrna, que por acaso ficava bem no meio dos seios. O cara era problema com P maiúsculo.

Mantenha. Distância. Do. Vocalista. Gato.

“As aparências enganam”, ela disse, e voltou-se em direção à garçonete, afastando seus joelhos de Sed.

“De alguma forma, acho que no seu caso isso pode ser verdade.” Ele riu e então pediu à garçonete: “Duas águas, por favor”.

“Só uma.”

“A outra é para o Brian.”

Myrna corou. “Ah, sim, claro.”

A garçonete pousou um copo d’água na frente de Myrna, que olhava na direção do banheiro masculino na esperança de que Brian estivesse melhor. Ele não parecia nada bem. E ela preferia e muito se concentrar no guitarrista do que no sr. Garanhão ao lado, que no momento se ocupava em acariciar seu joelho com as costas dos dedos. Quando ele deslizou a mão para baixo da bainha de sua saia, ela arregalou os olhos e afastou-se mais alguns centímetros. Trey parecia um cara mais seguro, esparramado do outro lado da mesa, chupando um pirulito vermelho. Talvez ela devesse mudar de lado. Myrna levou o copo d’água aos lábios.

Sed apertou seu joelho. Ela engasgou e tirou a mão dele de sua perna. Sem se dissuadir, o músico se aproximou de novo. Não devia estar habituado a ser rejeitado.

“Quer dar uma passada lá em cima comigo?”, sussurrou ele ao pé do ouvido de Myrna, o nariz roçando em seu pescoço.

“Hum...”

2

Brian deu a descarga e se recostou na porta da cabine do banheiro. Apertou a boca com as costas do braço e engoliu diversas vezes para conter a náusea.

Nada feito.

Abaixou-se depressa e vomitou de novo. Um dia aprenderia seu limite alcoólico. Aparentemente, não era esse o dia.

“Cara, quer que eu segure seu cabelo?”, perguntou Eric do outro lado, reprimindo o riso.

“Vá à merda”, resfolegou Brian, e vomitou mais uma vez.

“Que desperdício de cerveja.”

“Se quiser, pode vir aqui beber.”

Brian apoiou-se na divisória de metal das cabines e deu descarga com o pé. Então ficou ali um instante até se sentir bem o suficiente para sair.

Eric o fitou esperançoso. “Melhor?”

Brian assentiu de leve.

“Você tem que parar de cair na onda dessas mulheres.”

Ideia brilhante.

Brian foi até a torneira e lavou a boca várias vezes; por fim, encarou-se no espelho. Olhos injetados de sangue. Pele branca e sem vida. Passou a mão pelo rosto flácido. “Cara, estou um bagaço.”

“Não estou vendo diferença nenhuma.”

Brian levantou três dedos da mão direita para o amigo. “Leia nas entrelinhas, seu babaca.”

Eric parecia mais confuso que o normal. “Nunca aprendi a ler.”

“Vou ajudar você.” Brian baixou o anelar e o indicador, deixando apenas o dedo médio erguido. “Entende linguagem de sinais?”

“Não. Foi mal.” Eric deu um soco no braço do guitarrista, tirou um sarro dele, depois o socou uma segunda vez. Brian sabia que aquilo doeria no dia seguinte. Eric nunca pegava leve nos socos. “Pronto para voltar? Você sem dúvida deu uma de idiota na frente daquela delícia.”

“Obrigado por me lembrar.” Com sorte, Brian teria esquecido tudo pela manhã.

“Ande. Vamos logo.”

“Qual é a pressa?”

“Com que frequência você encontra uma gostosa de classe feito ela?”

“Tirando a noite passada, quando comi sua mãe?”

“Cara, se eu tivesse mãe, talvez me ofendesse.”

Brian fez uma careta. Por que tinha dito aquilo? A bebedeira não era desculpa. “Foi mal. Não foi o que eu quis dizer...” Ele esfregou o rosto furiosamente com as duas mãos. “Merda.”

“Se a gente não voltar logo, o Sed vai se jogar em cima dela.”

Brian lavou o rosto com água gelada. “Novidade.” Sed se jogava em cima de *todas* as gatas.

“Não tem a menor graça. O cara come geral.”

Nenhum deles tinha problema com aquilo. Ou poderia reclamar. Na verdade, Brian bem que precisava dar um tempo

na coisa. “Não tá faltando pra ninguém.”

“Mas ele só pega as *boas*. E essa daí é *bem boa*, Brian. O cara provavelmente já deitou a gata de costas com os tornozelos em volta do pescoço dele.” Eric jogou a cabeça para trás e fez sua melhor imitação de garota transando com Sed. “Ai, Sed. Assim. Assim. Sed. Ahhhh!”

Brian revirou os olhos e balançou a cabeça. “Você é um babaca, Eric. Sabia disso?”

“Eu bem que podia comer alguém. Disso eu sei. Anda logo, ou vou pro quarto sozinho.”

Brian secou o rosto com uma toalha de papel e seguiu em direção à porta do banheiro. “Tudo bem, vamos lá arrumar uma gata de primeira pra você.” Ele deu um tapinha nas costas de Eric, caminhando sem a ajuda do amigo. Com Sed de olho em Myrna, Eric não teria a menor chance. Mas todo mundo tinha o direito de sonhar.

Quando os dois chegaram à mesa, Brian a encontrou sentada ao lado de Sed, absolutamente composta, com todas as roupas no lugar. A mão dele não estava subindo por baixo de sua saia. E os dois não estavam se pegando. Na verdade, estavam conversando e rindo. Até Jace, que pronunciava menos de cinco palavras num dia normal, papeava calmamente com a professora do sexo de primeira. Quando a sombra de Brian encobriu o rosto da moça, ela ergueu o olhar e sorriu animada para ele. Tinha um sorriso bonito, que exibia os dentes brancos perfeitos por entre lábios delicados e altamente beijáveis.

“Está se sentindo melhor?” Ela o fitou com uma preocupação sincera.

Não faça isso, Brian pensou. Você ainda está tentando esquecer... Como é mesmo o nome dela? Angie. Isso. Você ainda está tentando esquecer Angie.

Brian virou-se para Sed, que evitou seu olhar acusatório simulando um interesse incomum em Jace.

Angie... Brian sentiu uma fisgada dolorosa no coração e cerrou os punhos.

Aquela vadia.

“É, acho que estou melhor”, respondeu.

“Vomitou horrores”, Eric sentiu necessidade de acrescentar.

Myrna deu uma palmadinha no lugar vazio ao lado dela, o que parecia indicar a Eric que ele devia passar na frente de Brian e sentar ao lado dela. Myrna riu e se agarrou ao braço do baterista. “Obrigada por cuidar do Brian.”

Eric abriu um sorriso. “Não foi nada. É pra isso que servem os amigos.”

Babaca.

Brian sentou ao lado de Trey, que continuava esparramado do outro lado da mesa, com um palitinho na boca. Era o único cara capaz de parecer descolado chupando pirulito. Tinha largado o cigarro havia poucos meses, mais ainda precisava de algo na boca o tempo todo. Seu dentista agradecia.

“Quer dizer que você é fã da gente?”, perguntou Eric.

“Sou, há anos. Mesmo antes de vocês ficarem famosos. Uso trechos dos seus solos de guitarra em minhas aulas para discutir os homens e a sensua...” Ela olhou de relance para Brian, os olhos arregalados como se tivesse sido pega em flagrante.

Não chegou a terminar a frase, pois Jace achou que era um bom momento para quebrar seu silêncio habitual. “Ela sabe até nossos nomes.”

Parecendo aliviada pela mudança de assunto, Myrna apontou para todos eles, um de cada vez. “Eric Sticks, bateria. Três bumbos, catorze pratos. Perfeito no ritmo.”

“Sempre fui”, disse ele, batucando na mesa com a palma das mãos.

“Sedric Lionheart. Vocalista. Sua voz deixa qualquer garota com a calcinha molhada.”

Sed se aproximou e perguntou em sua voz rouca de barítono: “A sua também? Posso cantar alguns versos se você quiser”.

“Absolutamente desnecessário.”

“Ah, Myr, assim você me mata.”

Ela sorriu com malícia. Brian se perguntou o que tinha perdido enquanto estava ajoelhado no templo do deus da louça branca. Era a cara de Sed atacar sem piedade.

Myrna continuou: “Jace Seymour, baixista”. E então parou, examinando o mais novo integrante da banda.

“Ei, não tenho direito a uma descrição?”, reclamou ele.

Myrna debruçou-se por cima de Sed e chamou Jace para perto de si. Em seguida, sussurrou algo em seu ouvido, e o baixista corou até a raiz dos cabelos descoloridos. “Sério?”, gaguejou.

Ela o fitou nos olhos e assentiu. “Sério.”

Isso não se faz. O que tinha dito a ele?

“Trey Mills, guitarrista base. Olhos verdes sonhadores de derreter corações. Dedos ágeis que, bem, fazem as meninas cultivar os mais indecorosos pensamentos.”

Trey deu uma piscadinha e estalou os dedos na direção dela.

Enfim chegara sua vez. “Brian Sinclair.” Ela parou. Ele se concentrou naqueles lábios rosados e carnudos. Pensou em quantos de seus alunos passavam a aula inteira de pau duro. Extasiado, ficou à espera de suas palavras. Um sorriso demorado se abriu naquele rosto gracioso. “Um gênio musical.”

Fala sério! Onde estava a descrição sensual dele? No entanto, era como se Brian derretesse sob o calor dos olhos dela. Estava caidinha por ele. Conhecia as mulheres o suficiente para saber aquilo. Por que tinha bebido tanto? Não estava em condições de seduzir ninguém.

“Acho que ela realmente conhece a gente”, comentou Eric.

“Achou que eu estava mentindo?”, perguntou Myrna, virando-se para ele.

“É que você não tem cara de roqueira. Nem um pouco.”

“E que cara tem uma roqueira?”

“Ah, mais maquiagem. Menos roupa. Piercings. Tatuagens.”

“Quem disse que eu não tenho piercings?”

Sed correu o dedo ao longo da orelha de Myrna, notando duas pedrinhas de brilhante. “Brinco não conta.”

“Não é na orelha.”

Sed examinou seu rosto. “Onde então? Não estou vendo... Ah...”

Brian ajeitou-se desconfortavelmente no sofá.

“E aí? Onde?”, perguntou Eric animado. “Umbigo? Mamilo?”

“Clitóris?”, aventurou-se Jace, olhando para o chão e sorrindo maliciosamente.

Exatamente o que Brian tinha imaginado. No clitóris. *Putá merda*. Já estava difícil o bastante ficar acordado com a cabeça nadando em álcool. Ele definitivamente não precisava daquele fluxo de sangue deixando o cérebro em direção a outras partes do corpo. O teto rodou, e ele se firmou com força na beirada da mesa.

Myrna sorriu, os olhos castanhos parando no rosto de Brian. “Nunca vou contar”, respondeu ela, mas seu olhar dizia: *Pra você eu mostro, Brian*. Ela estava brincando com ele. *Tinha* que estar. Ele praticamente tinha “bêbado idiota” tatuado na testa.

Sed se aproximou mais uma vez e sussurrou algo em seu ouvido. Ela fez que não com a cabeça.

“Assim você me mata, Myr.”

“Você tem alguma tatuagem?”, perguntou Eric.

“Não tantas quanto você.” Então arregalou os olhos e pousou a mão de Eric em cima da mesa. “Quem disse que tem permissão para me tocar?”

Brian mordeu o lábio para conter uma risada e baixou os olhos. *Direto ao ponto!* Por incrível que pareça, ninguém ali caiu de pau em Eric pela rejeição patente de Myrna. Que mulher intimidadora. Não era capaz de lembrar a última vez que uma mulher havia mexido com sua autoconfiança. No ensino médio?

“Imagino que suas tatuagens também não sejam visíveis.” Sed puxou a gola do terninho, revelando uma clavícula completamente limpa. A cotovelada que levou nas costelas o convenceu a interromper a inspeção.

“Sou uma professora universitária. Tenho que manter certo decoro.”

“E, no entanto, está aqui com a gente em público”, disse Trey, rindo consigo mesmo.

Ela olhou para eles, avaliando cada um individualmente. “Bem lembrado.” E riu. Uma risada alegre. Calorosa. Brian tinha certeza de que apreciaria outras coisas nela. “Bom, hora de ir pra cama. Foi um dia cheio.”

“Fique mais um pouco”, protestou Eric.

Brian ergueu as sobrancelhas, surpreso. Ela não tinha acabado de rejeitá-lo em público? Ele queria que ela ficasse?

“Você vai no show amanhã à noite?”, perguntou Trey.

Myrna ficou de queixo caído. “Vocês vão tocar aqui? Ai, meu Deus. Quero muito ir!”

“Já está esgotado”, disse Sed.

Ela fez uma cara feia. “Que merda. Quer dizer, que bom pra vocês, mas é uma merda pra mim.”

“A gente bota seu nome na lista de convidados. E só aparecer na porta dos fundos e dar o nome de Myrna Suxsed que eles dão uma credencial de acesso aos bastidores”, disse Sed.

Eric riu animado.

“Isso seria demais”, disse ela.

Brian não acreditava que ela não tinha entendido o duplo sentido no sobrenome. Ou talvez tivesse.

Myrna envolveu o braço do vocalista e de alguma forma conseguiu escapar de seus lábios insistentes. “Certo, chega pra lá, Eric. Hora de ir embora.”

“Se eu me recusar a sair daqui, você não vai poder ir a lugar nenhum”, disse Eric, muito satisfeito consigo mesmo.

“Ah, é?”

“É.”

“Eu posso muito bem dar uma de Brian.”

Brian não tinha ideia do que ela estava querendo dizer até Myrna se arrastar para cima da mesa e rolar para o colo de Trey. Tinha um cheiro maravilhoso de coco, baunilha e mais alguma coisa só dela. A boca de Brian ficou seca, as palmas suadas. Deus do céu, era como se ele gostasse de sofrer. Já tinham partido seu coração uma vez aquela semana.

Ela então se aproximou dele e sussurrou ao pé do ouvido: “Tenho uma coisa lá em cima no meu quarto que pode ajudar no seu estado atual”.

Seu *estado*? Adoraria ser ajudado por ela em seu *estado*. Afinal, seu estado atual era culpa dela. Com a autoconfiança renovada, Brian sorriu, envolvendo a cintura fina da professora com uma das mãos.

“Quarto seiscentos e quinze”, disse ela, a respiração fazendo cócegas na orelha dele. “Não demore. Estou doida para entrar na cama.”

“Quarto seiscentos e quinze.”

“Isso mesmo.” Ela saiu de cima dele e ajustou a saia, antes de lançar uma olhada para Eric por cima do ombro. O baterista estava batendo a cabeça na mesa.

“Você vai aparecer amanhã depois do show, não vai?”, perguntou Sed.

“Claro.”

Trey cumprimentou-a com dois dedos junto à testa. “Boa noite, professora.”

“Boa noite, Trey, Jace, Sed, Eric”, respondeu, acenando para cada um deles. “Foi muito bom conversar com vocês. Obrigada pela distração.”

Ela pegou a pasta e deixou o bar, atraindo o olhar de todos os homens no salão para o balanço suave de seus quadris.

“E obrigado pela ereção”, murmurou Sed.

“Ela está usando cinta-liga”, gemeu Eric.

“Eu vi”, comentou Sed. “Quando subiu em cima da mesa.”

“Eu senti... quando enfiei a mão debaixo da saia.” E bateu a cabeça de novo na mesa.

“Você não foi muito longe, foi?”, disse Sed. “Ela é boa em recusar cantadas sem ser direta.”

“Ou, no caso do Eric, sendo completamente direta.” Jace riu e se esquivou do punho que atravessou a mesa em sua direção.

“Segura a onda aí, Eric. Vai acabar sendo preso de novo”, disse Sed.

“Por que ela não se despediu de você, Brian?”, perguntou Trey, sempre perspicaz.

“Ela quer que eu vá até o quarto dela.”

“Seu sortudo de uma figa.” Eric esticou o braço e agarrou Brian pela camiseta, mas o guitarrista afastou sua mão com um tapa.

Ele ficou ali por um instante, lutando contra a vontade de descansar a cabeça na mesa de novo. Massageou o próprio rosto, mas estava dormente. “Daria tudo para não estar tão bêbado!”

“Mas você vai, não vai?” Trey mastigou o pirulito e jogou o palitinho num cinzeiro. “Transar pra esquecer?”

Brian olhou para seu melhor amigo e parceiro de guitarra. “O que você acha?”

“*Eu* acho que a gente devia amarrar você no ônibus da turnê”, disse Eric. “Ela vai achar que levou um bolo. Então eu

vou até lá consolar a gata e dar o bote.” Ele abriu a boca e deu um tapinha na língua com a ponta do indicador e do dedo médio.

“Vai sonhando, Sticks.” Brian engoliu metade do copo d’água e conferiu o hálito soprando na palma da mão. Fez uma careta. Puxou um dos pirulitos do bolso da jaqueta de Trey, abriu e enfiou na boca. Doce demais. Eca. Já ia jogando o pirulito no cinzeiro, mas Trey o tomou de sua mão.

“Eu ia chupar isso.”

“Alguém tem um spray pra garganta?”, perguntou Brian. “Estou com gosto de bicho morto na boca.”

Sed tirou dos bolsos um monte de sprays, uma latinha de balas de menta e alguns chicletes.

“Sed e seu arsenal de pegação”, disse Eric.

Brian espirrou um pouco de spray de hortelã na boca e jogou o tubo de volta para Sed, o *calhorda*, então se levantou, apoiando-se na beirada da mesa. Cambaleou de lado, contra o encosto do sofá, mas logo se equilibrou novamente. *Segura a onda, cara. Tem uma gostosa esperando lá em cima para ajudar com seu estado.*

“Vinte contos que ele vai desmaiar antes de botar o pau pra fora”, propôs Sed.

“Apostado”, disse Eric. “Homem nenhum desmaiaria antes de comer uma gata de primeira daquelas.”

“Ele vai botar o pau pra fora, mas vai desmaiar antes de conseguir fazer qualquer coisa com ele”, arriscou Jace.

“Não vai nem achar o quarto.” Trey fez sua aposta e virou a cerveja em três goles, para então enfiar na boca o pirulito que tomara de Brian.

Brian balançou a cabeça. Meu deus, com que tipo de gente ele se misturava!

Concentrou-se em andar em linha reta até o elevador e, quando entrou nele, apertou o botão do sexto andar, recostando-se contra a parede à medida que subia e seu estômago descia até as botas. Qual era o número do quarto mesmo? Seiscentos e alguma coisa. Quinze. Dezesesseis. Catorze? Devia ter anotado. Pensou no cheiro de Myrna junto de sua orelha, e seus olhos fecharam lentamente. A voz dela brincava em sua cabeça.

Seiscentos e quinze. Ele lembrou. Sabia que não estava em seu melhor estado. Por que ela teria escolhido logo ele? O que poderia ter visto de atraente nele hoje? Não que estivesse reclamando. Só não conseguia entender. E ainda por cima ela estava sentada ao lado de Sed. O cara era um ímã de mulheres. Mesmo quando não estavam disponíveis. Como Angie.

Aquela vaca.

Precisava de uma cerveja. Ou três. Talvez pudesse assaltar o frigobar do quarto. Ou talvez ela pudesse usar aqueles lábios carnudos para apagar a memória de Angie chupando o pau de Sed. É, boa ideia. Como é que Trey tinha dito mesmo? Transar pra esquecer. Exatamente o que ele precisava. Tudo o que tinha que fazer era tomar cuidado pra não se apaixonar dessa vez.

Saiu do elevador e seguiu as placas ao longo do corredor, parando diante do quarto seiscentos e quinze e batendo à porta.

“Só um segundo”, ela respondeu lá dentro. Uma pequena vitória. Trey tinha perdido a aposta.

Brian escorou o antebraço no umbral para manter-se de pé e descansou a cabeça no braço. Precisava de uma boa noite de sono para curar a bebedeira. Torceu para que ela não fosse difícil de agradar. Não tinha certeza nem se conseguiria manter uma ereção naquelas condições.

Ela finalmente abriu a porta e sorriu quando ele ergueu o rosto para fitá-la. Myrna havia tirado o paletó e estava usando uma blusa branca de seda que exibia um bocado de pele alva implorando para ser tocada. Cara, como era gostosa. *Boa, garoto!*

“Você não parece nada bem”, disse ela, com uma cara preocupada.

Brian não queria mentir e preferiu ficar calado.

Myrna deu um passo para o lado. “Entre.”

Ele se afastou do umbral e entrou no quarto. Myrna fechou a porta, e ele percebeu que tinha que agir depressa ou Sed ganharia a aposta. Ou pior, Jace ganharia, e ele desmaiaria com as calças na mão. Virou Myrna de frente para ele e a pressionou com o corpo contra a porta. Ela arquejou de surpresa um milésimo de segundo antes de Brian tomar sua boca num beijo fervoroso.

Myrna puxou a cabeça para o lado, recuperando o fôlego. “O que está fazendo?”

“Beijando você.”

“Nunca beijo no primeiro encontro.”

“Esse é nosso segundo encontro.”

Ela hesitou, pensativa. “Boa resposta.”

Então subiu os dedos pelas costas dele e brincou com os cabelos compridos sobre sua nuca. Fechou os olhos e se aproximou de Brian. Ele pousou os antebraços na porta, um de

cada lado do rosto de Myrna, e testou o ímpeto dela roçando de leve os lábios com os seus. Embora seu corpo lhe dissesse para devorá-la, seu cérebro parcialmente em funcionamento queria saborear a sensação daqueles lábios macios nos seus pela primeira vez. Fechou as mãos em punho junto da porta, para não arrancar a blusa dela.

Enquanto seus lábios se acariciavam, Brian a fitava por entre as pálpebras semicerradas. Ela respondia com total submissão: boca aberta, corpo lânguido, os dedos pressionando sua nuca como se estivesse tentando se controlar. Aquilo o estava deixando maluco. E não era a única coisa. O gosto em sua boca, o cheiro, aquele corpo macio e quente junto do seu, o som de desejo quase imperceptível que ela emitia do fundo da garganta. Myrna lambeu os lábios dele. Seu corpo se retesou como se tivesse sido atingido por um raio. Imitou-a, acariciando os lábios dela com a ponta da língua, e então suas línguas se tocaram. Ela respondeu ao carinho, e ele fechou os olhos, entregando-se.

Depois de alguns minutos, afastou-se dela e a fitou sob a luz fraca que vinha do banheiro.

“Não foi para isso que eu pedi que você viesse aqui”, murmurou ela.

“Não?”

Ela fez que não com a cabeça. “Não, mas você beija tão bem.” E baixou os olhos para sua boca.

Ele sorriu e a beijou mais uma vez. Empurrou a porta e puxou-a para junto de si, pressionando a cintura contra a dela, as mãos descendo pela curva do quadril. Quando fora a última vez que uma mulher o deixara tão excitado com tanta rapidez?

Ahn, nunca. Deu alguns passos para trás, na direção da cama, trazendo-a consigo. Mas ela fincou os saltos do sapato no carpete e virou bruscamente o rosto.

“Nunca transo no segundo encontro”, disse, com firmeza.

“É nosso terceiro encontro.”

Ela balançou o indicador negativamente. “Esse truque só funciona uma vez, Mestre Sinclair.”

Ouvir seu nome artístico sem dúvida esfriou o clima, mas Brian ainda queria aquela mulher. Desesperadamente. O que ela tinha que fazia seu sangue ferver? Era tão diferente das outras com quem saía. Tão... *respeitável*? Mas nem um pouco recatada.

“Que tal eu dar um pulinho lá for por alguns minutos e voltar daqui a pouco?”, sugeriu ele.

Ela riu. “Brian, você está bêbado. Não durmo com bêbados.”

Ele fez uma cara emburrada. “Mas amanhã já estarei bem.”

Myrna desceu as mãos até a bunda dele e puxou-o para junto de si, esmagando o pau semiereto contra seu osso púbico. “Promete?”

“Ah, já entendi”, disse ele, fitando-a com um sorriso travesso. “Você gosta de provocar o pau dos outros.”

“É para isso que eles foram feitos.” Ela sorriu com malícia e esfregou o quadril no dele.

Brian gemeu, ficando mais duro. Mais distraído.

“Além do mais... você gosta”, disse ela.

Havia um quê de devassidão brilhando naqueles olhos castanhos esverdeados. E sim, ele bem que gostava. Gostava demais daquilo. “Tem certeza?”

“Absoluta. Sou Ph.D. em provocação de pau.”

“Honoris causa?”

Ela riu. “Estudo o assunto há anos. Sou uma especialista.”

Brian soltou um suspiro. “Certo, já que não foi pra transar, por que me chamou até seu quarto?”

“Já falei. Quero ajudar com seu estado.”

“Foi o que você disse. E foi por isso que vim correndo, em vez de apagar debaixo da mesa do bar.”

“Sente aqui.”

Ele não queria soltá-la, suas curvas macias encaixavam-se ao corpo dele com perfeição, mas ela livrou-se do abraço e entrou no banheiro. Brian sentou na beirada da cama, tentando fazer que o quarto parasse de girar. Myrna voltou alguns instantes depois e colocou dois comprimidos na mão dele.

“Ecstasy?” Ele enfiou os comprimidos na boca sem olhar. Ela lhe deu uma garrafa de energético, e ele os engoliu com um gole.

“Na verdade, vitamina B e C”, Myrna respondeu. “Beba a garrafa inteira.”

“Você está me dando vitaminas?” Brian ergueu uma sobrancelha para ela e deu mais um gole.

“Para evitar a ressaca”, respondeu, caminhando na direção de um armário e voltando com uma banana.

Ele olhou a fruta desconfiado. “Não sou tão pervertido assim, professora do sexo.”

Ela riu. “Estava torcendo para que fosse.”

“Tá legal, sou sim.” E sentiu o pau pulsando, completamente ereto agora, tentando escapar pelo zíper da calça. Será que ela ia mesmo deixá-lo ali daquele jeito? Tinha dito que ia ajudá-lo. E aquilo não estava ajudando em nada.

Myrna ficou de pé na frente dele, mantendo um dos joelhos de Brian entre os seus, a barra da saia roçando as coxas dele. Ele bem que podia colocar mais no meio daquela saia, não só o joelho. A blusa de seda se esticava sobre os seios toda vez que ela se movia. Aliás, que seios. Tão macios contra o peito dele. A única coisa que o impedia de tocá-los era a garrafa de energético que segurava com ambas as mãos. Bem, isso e o medo de que ela dissesse que ele não tinha permissão para tocá-la.

Ela descascou a banana, pegou um pedaço e enfiou na boca dele. “Coma isso. Vai acalmar seu estômago e ajudar com a ressaca.”

Ele mastigou o pedaço de banana e engoliu. “Você está tomando conta de mim?”

“Tentando. Você vai resistir?”

Brian segurou a mão dela e beijou a parte interna do pulso. “Estou gostando. Posso fazer alguma coisa por você?” E brincou com a pontinha da língua fitando-a com um olhar sugestivo.

Myrna contraiu os dedos involuntariamente, e seus mamilos ficaram rígidos sob a fina blusa branca. Ele se sentiu imerso nela por inteiro. Seu cheiro. O som da sua voz. O gosto da sua pele. E o corpo? Perfeito. O quanto ela resistiria se ele a jogasse na cama para fazer tudo o que tinha vontade?

“Rrrr.” Ahn... Ele tinha acabado de rosnar? Esperava que fosse só sua imaginação.

Ela puxou a mão e se afastou. Parecia ter se dado conta de que ele não era tão inofensivo quanto havia imaginado. “Hora de dormir, Brian. *Quem sabe* você não me recompensa amanhã?”

Com isso, pegou mais um pedaço da banana e o enfiou em sua boca. Ele mastigou, engoliu e terminou de beber o energético, deixando a garrafa vazia na mesinha de cabeceira e pousando a mão atrás da perna de Myrna, logo acima do joelho. Ela soltou um leve suspiro.

Brian sorriu com malícia. “Então melhor você dormir. Vai precisar de bastante energia.”

“Você também.” E enfiou o último pedaço de banana em sua boca, afastando-se das mãos de Brian. “Precisa de ajuda para voltar para o quarto?”

Ele franziu a testa. “Não posso dormir aqui?” Se voltasse para a suíte da banda, seria atazanado pelos amigos para o resto da vida.

A cabeça rodava só de erguer o rosto para fitá-la, mas ele o fez assim mesmo. Gostava de olhar para ela. Linda. Feminina. Madura. Não era uma menina, era uma mulher. Mantinha uma aparência de decoro, mas ele enxergava uma ardente sexualidade oculta. Nunca tinha ficado com uma mulher como ela. De sensualidade sofisticada. Como seria na cama? Reservada? Perversa? Apaixonada? Calma? Dominante? Submissa? Tinha que descobrir.

Ela tocou os lábios dele com a ponta do dedo. “Se deixar você ficar, tem que me prometer se comportar.”

“Impossível.”

Ela correu o dedo por sua sobrancelha. “Nesse caso, eu insisto.”

Ele gemeu e deitou-se de costas na cama, apertando os olhos com as palmas das mãos. “Por que eu tinha que beber tanto?”

“Tire as botas e entre na cama.”

“Não vou ganhar nem um beijo de boa-noite?”, murmurou. Mas seus olhos se recusavam a se abrir. Seu corpo ficou pesado, e ele perdeu a consciência.

Myrna debruçou-se sobre Brian e deu-lhe um beijo na testa. O coitado tinha apagado. Tirou a bota preta do guitarrista, a pulseira de tachinhas e a corrente prateada do cinto da calça. Girou-o de lado, para o caso de vomitar durante a noite, e cobriu-o com um lençol.

Ficou ali, vendo-o dormir por um tempo.

Brian Sinclair.

Brian Sinclair, o renomado guitarrista.

Brian “Mestre” Sinclair, mestre da guitarra, deus do rock, um homem divino, estava desmaiado em seu quarto! E a tinha beijado. E que beijo. Se não tivesse regras sobre quando dormir com gente que acabara de conhecer, provavelmente estariam fazendo amor naquele instante. Precisava repensar suas regras com urgência. Seu corpo ardia de desejo. O homem era sexy demais para o próprio bem.

Mordeu o lábio inferior enquanto olhava para ele. Será que ainda estaria interessado nela quando não a estivesse mais vendo com os olhos da cerveja? A diferença de idade a incomodava. Devia ser pelo menos sete anos mais velha, mas parecia ter menos que trinta e cinco anos. Era o que todo mundo dizia. Talvez ele não se desse conta... Mas provavelmente perceberia no dia seguinte. Não tinha mais o corpo de uma menina de dezoito anos. Só precisava mostrar a ele que havia certas vantagens em ser mais velha. Isso se ele

estivesse interessado. O jeito como olhava para ela fazia seus ossos derreterem. E o toque forte, mas gentil ao mesmo tempo? Suas pernas quase falharam quando ele segurou pelas costas da coxa. Fazia muito tempo desde a última vez que dormira com alguém. Só isso poderia explicar o monstro lascivo que ele despertara nela. Monstro do qual havia acabado de se libertar.

Myrna afastou-se da cama para se arrumar para dormir com Brian. O calor emanava de sua pele. Não, dormir *com* ele não, dormir *ao lado* dele. A dor que sentia no meio das coxas aumentou. Ao vestir a camisola e pendurar o terninho no armário, perguntou-se se ia conseguir dormir. Se estivesse raciocinando direito, teria mandado Brian de volta para seu quarto, mas ele consumira toda a sua capacidade de raciocínio com aqueles beijos. Prosseguiu com seu ritual noturno e deitou-se ao lado dele, agradecendo subitamente por ter escolhido um quarto com cama king, em vez de duas queen. Com apenas uma cama disponível, era perfeitamente compreensível que a dividisse com ele. Não?

E, desmaiado do jeito que ele estava, nunca saberia o que ela fizera com ele durante a noite.

Esticou o braço e pegou a mão do guitarrista, desenhando com reverência o contorno dos dedos. Não estava falando da boca para fora lá no bar. O cara era de fato um gênio musical. Quando tocavam o braço de uma guitarra, aqueles dedos eram mágicos. Não tinha dúvidas de que seriam mágicos também ao tocar sua pele. Beijou cada um deles com ternura e aninhou a mão entre os seios. Fechou os olhos e se esforçou para esvaziar a cabeça e tentar dormir. Mas Brian virou-se, cobrindo-a com

seu corpo musculoso, e ela concluiu que dormir realmente estava fora de questão.

3

Um calor úmido subia pela lateral do pescoço de Myrna. Ela suspirou, mais dormindo do que acordada. Uma sucção suave logo abaixo da orelha fez seu corpo tremer. Ela se entregou à sensação dos lábios de Brian brincando com sua pele e do corpo musculoso colado no seu. Ele roçava as costas dos dedos abaixo do umbigo dela, fazendo seu corpo se contorcer de desejo. Os dedos deslizaram por dentro do elástico da calcinha, brincando com os pelos à procura do clitóris. Estava tão quente e inchada. Como ele tinha conseguido deixá-la daquele jeito tão depressa? Os dedos a acariciaram com a velocidade, a pressão e o ritmo exatos para que gozasse em poucos segundos.

“Ah!”, exclamou ela, o corpo se contorcendo de alívio. Nunca tinha atingido o clímax tão rapidamente.

Virou o rosto, a boca procurando a dele. Tocou-o e sentiu o calor daquele braço. Brian tinha tirado a camiseta no meio da noite. Desceu mais um pouco a mão e descobriu que ainda estava de calça jeans. Droga.

Ele a beijou e, com uma das mãos na barriga de Myrna, apertou suas costas contra o peito dele. Com a outra, segurava um dos seios por cima da camisola. Descansou o queixo no ombro dela e suspirou.

“Como está se sentindo?”, perguntou ela.

“Com tesão.”

Ela riu. “Estou falando da ressaca.”

“Que ressaca?”

Ela sorriu e desceu a mão por entre seus corpos, segurando a ereção por cima da calça. As carícias confirmaram as suspeitas da noite anterior, quando ele a pressionara pela cintura. Ah, sim, enorme. Todo o seu corpo tremeu. Brian segurou sua mão, impedindo-a de continuar com o carinho, mas sem tirá-la do lugar.

“Segura a onda”, disse ele. “Você me deixou em ponto de bala ontem à noite. Vou explodir aqui.”

“Você se lembra de ontem?”

“Cada segundo, Myrna.”

Ela ficou surpresa que ele se lembrasse de alguma coisa, ainda mais seu nome. “Tenho uma coisa quente e molhada aqui entre as pernas que precisa disso.” E apertou o pau delicadamente, a mão ainda presa na dele.

Brian gemeu e começou a sair da cama.

“Aonde você vai?”

“Preciso ir ao banheiro bater uma ou não vou durar cinco segundos.”

“Ah, você não vai a lugar nenhum.” Ela o abraçou pela cintura para impedir que saísse da cama. “Pode deixar que eu tomo conta de você.”

Então desafivelou o cinto e abriu a braguilha, antes de liberar seu pau do confinamento da cueca.

Ao ver o membro grosso e ereto, sentiu uma contração na vagina de tanto desejo. “Lindo”, murmurou.

“Lindo?”

Imaginou que homem nenhum gostava de ouvir que seu pau era *lindo*. Mas pelo menos não dissera *bonitinho*. Aliás, não tinha nada de “inho”, eram vinte e cinco centímetros de pele lisa e perfeita. Veias apareciam sob a pele escura. Mal podia esperar para sentir o gosto, para brincar com a língua em torno da cabeça inchada. Relutante, desviou os olhos para fixar o rosto dele.

“É um monstro, Brian. Você vai me abrir ao meio com esse negócio!”

A princípio, ele pareceu chocado, mas depois riu. “O único jeito de se salvar do meu monstro é botando na boca.”

Myrna beijou a pontinha, chupando a lateral com carinho, depois se afastou dele para terminar de tirar sua calça, sua cueca e suas meias.

“É só deitar e aproveitar”, disse ela. Foi então que a voz acusatória do ex-marido permeou seus pensamentos: *Isso mesmo, Myrna. Chupe o pau dele. Prove que estou certo de novo, sua puta.*

Ela parou, fitando Brian na dúvida. Ele ajeitou um travesseiro contra a cabeceira da cama e se recostou, abrindo as pernas e confiando a ela sua parte mais sensível sem qualquer hesitação. Assim ele também acharia que ela era uma puta, não acharia?

“O que foi?” Brian tocou seu cabelo com carinho. “Se não quiser...”

Mas ela queria. Correu as mãos pelas coxas dele, abrindo um pouco mais as pernas. Com uma das mãos, segurou as bolas, cheias e inchadas, a pele fria ao toque. Ele arfou. Ela arranhou o escroto de leve com as unhas e baixou a cabeça para envolver

a pele frouxa com a boca, chupando e sugando até que todo o corpo dele se enrijecesse. Mordiscou a pele enrugada. Ele se contraiu.

“Que merda é...?”

Isso mesmo, Brian, pode me chamar de puta.

Quando ele relaxou o corpo novamente, Myrna ergueu a cabeça e enfiou o pau na boca até a garganta. Chupou. Ele gemeu. Sugou com força, levando a cabeça para trás, e então brincou com a ponta da língua na cabecinha, antes de liberá-lo por completo. Ele grunhiu em protesto ao sair de sua boca. Ela soprou um ventinho gelado sobre o membro úmido, e ele inspirou por entre os dentes.

“Humm”, murmurou ela e voltou a chupar a pele do escroto de novo.

“Myr, assim você acaba comigo”, sussurrou ele.

Ela enfiou um dos testículos na boca.

“Ei!” Brian agarrou a roupa de cama com ambas as mãos e jogou a cabeça para trás, contra a cabeceira.

Myrna o liberou de sua boca e passou a ponta dos dedos pelo pau, que pulou em resposta.

“Por favor”, implorou ele. “Me chupa. Por favor.”

Ela baixou a cabeça, lambendo a prega de pele entre os testículos e seu objetivo final. Quando sua língua brincou com a pele enrugada do ânus, testando os limites do autocontrole de Brian, ele se contorceu, ofegante. Depois de um instante, ele relaxou e ela enfiou a pontinha da língua. Ele se contraiu.

Ainda não a chamara de puta, mas sabia que devia estar pensando isso.

Tirou a língua e deu um beijo, chupando a pele enrugada, antes de botar o pau na boca.

“Isso”, arfou ele. “Obrigado.”

Segurou as bolas com uma das mãos, massageando-as com carinho enquanto botava e tirava o pau da boca, sugando a cabeça à medida que o deslizava pelos lábios antes de enfiá-lo novamente. Pela velocidade da respiração dele, sabia que estava perto. Queria que ele gozasse em sua boca. Queria sentir o gosto. Engoli-lo. Fazer aquele corpo tremer de alívio.

Só as putas gostam de engolir, afirmou a voz de Jeremy.

Ela fechou os olhos com força e engoliu fundo o pau de Brian.

“Hummmm...”, ele gemeu em voz alta.

“Meu Deus!”

Moveu a cabeça para cima e para baixo, chupando-o. Seus lábios batiam cada vez mais depressa a pele sensível. Com uma das mãos, segurava a base do pau com força, para que pudesse se concentrar em sua técnica, e a outra massageava os testículos lentamente. Os gemidos de prazer a encorajaram a chupar com mais força e a mover-se mais rápido. *Vamos, Brian. Me dê o que eu quero.*

Sabia que ele estava se segurando, tentando prolongar o prazer para si. Não se importava. Adorava um desafio. Correu a língua pelo pau dele, enquanto o sugava bem fundo. Ele estava em sua garganta de novo, ela gemeu e enfiou a pontinha do dedo na bunda dele.

“Putá merda!” Ele a agarrou pelo cabelo, os quadris saltando da cama, e a banhou com seu sumo.

Myrna sorriu, chupando-o e engolindo até que ele parasse de jorrar. Quando Brian relaxou o corpo, ela tirou o pau da boca e se jogou na cama ao lado dele, ofegante.

“Você é demais”, sussurrou ele, ainda sem ar. “Demais.”

Por que você não diz o que acha de mim? Jeremy nunca teve dificuldades de se expressar.

Brian puxou-a para junto de si. Ela enterrou a cabeça na lateral do tórax dele, inspirando aquele cheiro. A tensão sexual havia intensificado o distinto aroma almiscarado. Adorava o cheiro dele. Provavelmente havia algo de errado com aquilo também. Tentou se soltar do abraço, mas ele a segurou firme.

“Preciso de uma ducha”, disse ela, a mão tocando a tatuagem de caveira do abdome. “Tenho um monte de reuniões esta manhã.”

“A única reunião de que você vai participar vai ser bem aqui.” Ele apontou para o pau, que diminuía de tamanho. “Quer dizer, assim que eu conseguir me mexer.”

Não estava com nojo dela? Myrna ergueu os olhos para ele, esperando encontrar um olhar acusatório, mas Brian apenas sorriu sonolento.

“Você não tem nada pra fazer hoje?”, perguntou ela.

“Tenho, um monte de coisas”, respondeu ele. “E todas elas envolvem seu corpo.”

O coração de Myrna deu um pulo. Ela sorriu. Talvez ele não se importasse com seu lado desinibido. “Vocês roqueiros trabalham tanto.”

Ele ficou quieto por um instante. “Você acabou de me chupar feito uma louca por que sou um astro do rock ou por que você gosta de mim?”

Ela franziu a testa. “Faz diferença?”

“Faz.”

“Gosto de você.” E pensou por um instante. “Também gosto que você seja um astro do rock. Tenho uma atração especial por esses seus dedos mágicos.” E beijou a ponta dos dedos dele.

“Mas se eu não fosse famoso você não ia querer nada comigo.”

“Se você não fosse famoso, eu provavelmente teria sido tímida demais para me apresentar na noite passada. Mas ainda assim ia querer chupar você feito uma louca. Você é irresistível, Brian.”

Ele sorriu. “Acho que posso me contentar com isso.”

Myrna ergueu a mão e tocou seu belo rosto. “Você se incomoda que as mulheres se sintam atraídas pelo fato de você ser famoso?”

“Normalmente não.” Ele deu de ombros. “Às vezes.”

Ele queria algo de verdade, e não a fantasia. Ela podia ver isso em seus olhos castanhos e gentis. Seria uma pena decepcioná-lo, mas ela só tinha feito aquilo pela fantasia. Ele ia ter que dar um jeito sozinho quando suas poucas horas naquele mundinho acabassem. E que problema tinha se isso fazia dela uma puta? Estava cansada de dar uma de boa moça. *Sempre soube quem você era de verdade e a amava mesmo assim.* A voz de Jeremy invadiu seus pensamentos mais uma vez. Ela balançou a cabeça de leve.

“Você já pode se mexer?”, perguntou, torcendo para que Brian pudesse exorcizar o demônio de Jeremy de sua cabeça.

“Deixe eu tentar.” Com a mão livre, ele envolveu o peito dela e apertou. “Quase.”

Ela fitou o corpo de Brian e desceu a mão pela barriga, na direção do pau mole, que se contraiu em resposta. Myrna sorriu. “Quase.”

“E aí? Onde fica aquele piercing de que você falou ontem à noite?”

Ela corou. “Estava só provocando. Não tenho piercings. Nem tatuagens.”

“Não acredito. Vou ter que procurar eu mesmo.”

Ele tirou sua camisola pela cabeça e a deitou de costas na cama.

“Hum. Não estou vendo nada aqui”, disse, olhando para os seios. “Vou confirmar.” Tocou um dos mamilos com os dedos, enrijecendo-o. Então baixou a cabeça, estalou a pontinha rígida com a língua e chupou.

Myrna ofegou. Ele sugava com força, acariciando a parte inferior do mamilo e do seio com a língua.

“Não, definitivamente não tem piercing aqui. Melhor conferir o outro.”

E repetiu o tratamento com o outro seio. Ela correu os dedos por entre as mechas macias do cabelo dele, segurando a cabeça. Ele soprou um vento frio sobre o mamilo úmido. Myrna se contorceu na cama.

Brian ficou imóvel por um instante, e ela olhou para ele. Estava fitando Myrna como se esperasse alguma coisa.

“Se você soltar meu cabelo, posso continuar minha inspeção.”

Myrna corou e obedeceu. Ele foi trilhando um caminho de beijos molhados da base do seio, passando pelas costelas, até o centro da barriga e, por fim, o umbigo. Enfiou a língua nele

ritmicamente, produzindo uma onda de calor entre suas pernas. Ela estava pulsando de necessidade, desejando aquele ritmo dentro dela. *Putá merda, Brian, me coma.* Mordeu o lábio para não cometer o erro de dizê-lo em voz alta.

“Nada de piercing no umbigo”, murmurou.

E continuou descendo por seu corpo, chupando a base da barriga. Ela tremeu e soltou uma risadinha.

“Cócegas?”

“Um pouco.”

Ele soprou o caminho de beijos que havia deixado na barriga, e ela gemeu. Brian aproveitou o momento de distração para tirar a calcinha.

“Falta olhar um lugar.” Envolveu cada uma das coxas com as mãos, logo acima dos joelhos e abriu as pernas.

“Você já olhou aí.” Ela tensionou o corpo. Não era uma grande adepta de que chupassem seu clitóris. Poucos homens sabiam fazer isso direito.

Ele passou os dedos no ninho de pelos no alto das coxas. “Você não costuma raspar?”

Ela corou. Sabia da moda entre as moças mais novas. Mantinha os pelos púbicos aparados, mas não raspava tirinhas finas nem fazia desenhos esdrúxulos.

“Os pelos existem por um motivo.” Entrara no modo professora. “Para manter os odores sexuais. Além do mais, cada pelo está associado a uma terminação nervosa, então eles aumentam a descarga sensorial no cérebro durante a cópula.”

Ele ergueu uma sobrancelha. “Cópula?”

Ai, meu Deus. Teria estragado tudo teorizando sobre um desejo primitivo? “Sexo?”

“Prefiro fazer amor.” Ele riu. “E você tem razão quanto aos odores.” Inspirou seu cheiro profundamente. “Definitivamente excitante.”

Os dedos calejados encontraram a cobertura de pele que cobria o clitóris. Ele expôs o pontinho inchado e, com outro dedo, acariciou-a até o clímax em segundos. Ela gritou, as coxas tremendo à medida que a sensação se espalhava por seu corpo. Como ele tinha feito aquilo?

“Você goza tão depressa.” Beijou o interior da coxa. “Definitivamente excitante.” Myrna não era capaz de erguer a cabeça para fitá-lo, mas podia ouvir o sorriso em sua voz.

Normalmente não gozava tão rápido. Na verdade, quando tinha um homem no controle, nunca gozava. Brian era um gênio com aqueles dedos. E não apenas como guitarrista.

“Você é demais”, ela arfou.

“São aqueles solos.” Seus dedos a tocaram novamente, e ela se contorceu.

“Pode treinar em mim a hora que quiser.”

Ele riu. “Não sei se você ia gostar disso.”

Ela tinha 101% de certeza que sim.

Ele baixou a cabeça, e ela sentiu seu cabelo roçando a parte interna da coxa. Retesou o corpo. Ele chupou o clitóris e o acariciou com a pontinha da língua.

“Ah, meu Deus”, gemeu ela. Era também bom nisso?

Brian continuou chupando e brincando com a língua. Sua vagina pulsava de protesto pela falta de atenção. Queria-o dentro dela. Aquele pau grande e bonito abrindo-a forte e rápido. Não aguentava mais. Tinha que senti-lo dentro de si.

Ela o agarrou pelos cabelos e interrompeu as maravilhas que ele estava fazendo. “Me coma, Brian. Agora.”

“Só um pouquinho mais.”

Já que ordens não funcionavam, talvez implorando despertasse alguma compaixão. “Por favor, Brian. Estou desesperada.”

Ele correu o dedo pela entrada molhada e ávida. “Você me quer aqui?”

Myrna ajustou os quadris, disposta a aceitar até os dedos dele dentro de si. Qualquer coisa que preenchesse aquele vazio doloroso.

Ele afastou a mão, deixando-a na vontade. “Está pingando, gata. Faz tempo que ninguém fode você de verdade?”

Não tinha certeza se algum dia tinha sido fodida de verdade. Uma coisa era certa, nunca tinha ficado tão excitada na vida. “Que cruel”, ela respondeu, com um beicinho.

“Se eu estivesse sendo cruel, você saberia. Solte meu cabelo e confie em mim.”

Ela soltou o cabelo, ergueu a cabeça e olhou para ele. “Desculpe.”

“Não peça desculpas. Meu pau está me xingando de todos os nomes possíveis aqui. Ele quer entrar aí duas vezes mais do que você.”

“Impossível.”

Ele sorriu. “Mas ele vai esperar mais uns minutinhos. Será que você aguenta?”

“Só um pouquinho?”

Ele concorda com a cabeça.

“Vou tentar.” Ela havia perdido um pouco do entusiasmo. Queria não tê-lo interrompido. Relaxou o corpo na cama e agarrou com força os lençóis para impedir-se de segurá-lo pelos cabelos.

Ele não quer você, Myrna. Quem ia querer uma puta safada?

Cale a boca, Jeremy.

Brian baixou a cabeça e lambeu a parte interna dos grandes lábios, brincou com a língua ao redor do ânus e voltou para a parte da frente.

“Humm”, ela gemeu.

Chupou seu clitóris mais uma vez, e seus quadris pularam involuntariamente. Ele a sugava e brincava com a língua, o tempo todo correndo os dedos ao longo da entrada da vagina, mas sem nunca entrar, apenas provocando-a até deixá-la à beira das lágrimas. Estava mantendo-a a um passo do orgasmo. Toda vez que sua respiração acelerava e Myrna parecia perto da sensação de alívio, ele interrompia o tormento até que ela se acalmasse novamente. E a necessidade que tinha dele aumentava a cada pico.

Quando estava convencida de que ia morrer, ele enfiou dois dedos.

Myrna exclamou, arqueando as costas. Ele curvou os dedos e a apertou por dentro, descendo lentamente, até ela gritar de prazer. Esfregou aquele ponto perfeito até suas pernas tremerem e suas coxas se fecharem sobre a mão dele. Será que sabia encontrar o ponto G? Deus do céu. Que talento. O homem era um deus do sexo. Myrna se forçou a relaxar as pernas para soltar a mão dele. Quando parou de tremer, Brian tirou os dedos e desceu da cama.

“Fique aí”, disse ele.

Ela ficou, deitada, atordoada. Ele tinha acabado? Não a queria? Lutando contra as lágrimas, observou enquanto mexia nas roupas no chão do quarto. O pau balançava diante de si, duro, grosso e cheio de veias. Será que a achava tão repulsiva que ia deixá-la ali naquele estado?

Brian se abaixou para pegar as calças — dando a Myrna uma visão espetacular de sua bunda perfeita nua — e tirou uma camisinha do bolso. Ela prendeu a respiração. Ele rasgou o pacote com os dentes e a vestiu. Um pecado cobrir aquela perfeição, mas isso significava que...

Ele voltou para a cama e acomodou o quadril estreito entre suas coxas.

“Você ainda me quer?”, sussurrou ela por entre o nó na garganta.

“Você realmente acabou de me perguntar isso?” Ele ajeitou uma mecha de cabelo de suas bochechas suadas e a beijou com ternura. Seus lábios tinham o gosto e o cheiro dela. Tão íntimo. Ele ergueu a cabeça e a fitou nos olhos. “Acho que a pergunta é *você* ainda me quer, ou será que exagerei um pouco?”

“Ainda quero. Tanto”, respondeu ela num sussurro. “Mas não sei se consigo me mexer.”

Ele riu com malícia. “Pode deixar que eu cuido disso.”

Moveu então o quadril para a frente, procurando a entrada sem usar as mãos. Quando encontrou, deslizou para dentro dela devagar, segurando seus ombros à medida que penetrava mais e mais.

“Humm”, murmurou ele, enterrando a cabeça em seu pescoço. “De primeira.”

Ela franziu a testa. “O quê?”

“Nada.”

As investidas eram lentas e fundas. Lentas e fundas. Lentas e fundas. Abrindo-a e saindo novamente. Ele a preenchia por inteiro e um pouco mais. Nunca tinha transado com um cara tão bem dotado. Talvez fosse o tamanho que a excitasse. Não, sem dúvida era o que ele fazia com o que tinha. Myrna gemeu, a excitação voltando. A respiração dele em seu ouvido fazia seu desejo crescer numa espiral desenfreada. Suas mãos desceram até a bunda de Brian, apertando-a enquanto pressionava o quadril contra o dele. Aquela respiração então se tornou entrecortada e ritmada. E os movimentos mais rápidos e fortes. Mais fortes. Mais fortes. Ai, mais fortes. *Me deixe sentir você, Brian. Faça tudo o mais sumir.*

Myrna bateu a cabeça na cabeceira da cama. “Ai.”

“Desculpe”, sussurrou ele, levando a palma da mão até a cabeça dela. “Forte demais?”

Ela fez que não. “Eu gosto.”

Brian a puxou ao longo da cama, virando-a parcialmente de lado, de forma que envolvia uma de suas pernas com a dele. Passou a outra perna de Myrna por sua cintura.

“Ah”, ela gemeu com a mudança de posição. Também gostava daquilo.

Ele continuou entrando, mordendo o lábio à medida que metia nela. Logo suas investidas a levaram até a beirada da cama, e Myrna teve que se apoiar com uma das mãos para não cair.

“Droga”, rosnou ele, e a puxou de volta para o meio da cama. “Não estou conseguindo ir fundo o suficiente. Eu quero...”

Preciso...” Arfou e desceu o quadril, entrando mais uma vez. Tinha os dedos enterrados nos quadris dela, mantendo-a firme, tentando dominá-la por completo.

“Me deixe tentar.” Ela o deitou de costas e soltou um suspiro frustrado ao senti-lo saindo de si. Um vazio substituiu a perfeição daquela plenitude. Ela se apressou para sentar nos quadris dele e desceu sobre o pau, abraçando-o tão profundamente quanto possível, abrindo-a até onde possível. Jogou a cabeça para trás, em êxtase.

Ele segurou sua cintura, puxando-a para baixo, louco para que seu corpo o envolvesse ainda mais. “Mais fundo”, murmurou.

Ela moveu-se contra ele, descendo um centímetro de cada vez até que o envolveu por inteiro.

“Agora sou todinho seu”, sussurrou ele, fitando-a por entre as pálpebras pesadas. Com os dedos, alisava suas costas de cima a baixo, fazendo-a se contorcer. “Rebola em mim, gata. Mostra que você gosta.”

Será que gostava tanto dela assim? Não conseguia entender por que aquilo a excitava tanto, mas ela o cavalgou, erguendo os quadris e se esfregando nele para estimular o clitóris, usando-o para seu prazer, ignorando completamente as necessidades dele. Queria gozar. Sentiu o orgasmo tomando seu corpo. Gritou, mas a sensação não parou. De novo. Queria gozar de novo, com ele dentro dela. Mexeu mais rápido, girando de leve a cada descida. Não tinha certeza de quando começara a dizer seu nome. “Brian. Brian.” Depois do segundo orgasmo? “Ah, Brian.” Três vezes? “Meu Deus, Brian. Isso.”

Ele ergueu o quadril para acompanhar o movimento dela. Mordeu o lábio e jogou a cabeça para trás. Myrna jamais vira alguém tão sexy na vida. Ver a expressão no rosto dele era quase melhor do que as ondas de prazer em seu próprio corpo.

“Ah, merda, merda”, gritou ele e a segurou com força pelos quadris, impedindo-a de se mexer. “Pare, pare. Me dê um minuto.”

Ela deu um tapa com força em seu peito. “Pare de segurar! Estou tentando fazer você gozar.”

“Não, não. Agora não. Merda.” Ele a tirou de cima dele e a jogou de costas no meio da cama. “Droga, droga, não vou conseguir.”

Conseguir o quê? Manter a ereção? Não era o que parecia. Estava duro feito pedra.

Ele deitou em cima dela e entrou mais uma vez. Myrna fechou os olhos lentamente, arqueando as costas e esfregando a barriga contra a dele. Brian bateu de leve os dedos da mão esquerda em seu ombro. Mas era um toque diferente agora, uma batida em três quartos, se não estava enganada, e ele parecia cantarolar por entre a respiração.

“O que você está fazendo?”

“Shh. Shh. Estou quase lá.”

Ela ficou observando por um tempo, tentando entender o que estava acontecendo. “Você está ouvindo música na sua cabeça?”

“Shh, meu bem. Por favor.”

Myrna ficou em silêncio. O que quer que estivesse fazendo obviamente era importante. Fechou os olhos e se concentrou no ritmo perfeito daquelas investidas. O riff que ele cantarolava

em seu ouvido era maravilhoso. Sensual. Mais sensual até do que suas composições habituais. Nunca tinha escutado algo parecido, e ela era uma colecionadora de solos de guitarra.

Ele parou e a olhou nos olhos. “Preciso de algo para escrever.”

“Você está brincando?”, perguntou ela, de olhos arregalados.

“Meu bem, faz meses que não escrevo um riff. Você é incrível demais.” E riu para ela, enfiando com força e ritmo. “Fazer amor com esse corpo perfeito estimulou mais do que meu pau.”

“Obrigada.” E ergueu uma das sobrancelhas. “Acho.”

Ele encontrou uma caneta na mesinha de cabeceira e tirou a tampa. Limpou o suor do corpo dela com o lençol e desenhou uma linha reta ao longo do seu peito. Em seguida, acrescentou uma sequência de pontinhos nela, acima e abaixo da linha. Letras rascunhadas apareceram aqui e ali. E, C, C#. Ela apenas o observou em ação, surpresa demais para reclamar. A linha de notas musicais seguiu pelos seios dela, sob eles, várias linhas cobrindo a barriga.

Ele parou, fechando os olhos. “Meu Deus, Myrna, você é uma delícia.” Ela apoiou os pés na cama e ergueu o quadril, esfregando-se nele. “Isso”, disse Brian, pondo-se de joelhos e impulsionando-se para a frente, mais e mais fundo. “Perfeita”, murmurou. “Me receba. Por inteiro. Dentro de você.” E começou a meter de novo, saindo apenas levemente como se não quisesse se mexer. “Estou ouvindo você”, sussurrou ele.

Myrna franziu a testa. Ouvindo sua respiração entrecortada? Era isso que ele queria dizer?

Brian saiu de cima dela num sobressalto, deixando-a vazia. Ela gemeu em protesto.

“Vire”, exigiu sem fôlego.

“O quê?”

“Preciso de espaço, e esse solo que você inspirou...” Ele balançou a caneta na direção dela.

“Você é louco”, disse, rindo.

“Todos os gênios são.”

Ela sorriu e virou-se de bruços. Achou que ele começaria a escrever nas suas costas, mas ele a botou de joelhos e a penetrou de novo. Manteve o mesmo ritmo de antes, desenhando notas em sua pele enquanto ela gemia. Aquele homem seria seu fim. Tinha certeza disso. Moveu-se contra ele, amando o jeito como seus testículos batiam nela a cada investida.

“Fique quieta”, reclamou ele.

“Então pare de me comer tão bem.”

“Preciso do ritmo para dar o espaço certo das notas. Se quiser, posso chamar Sticks para fazer uma batida pra mim.”

“Prefiro assim.” Ela se concentrou em permanecer parada para que ele pudesse escrever e manter o ritmo ao mesmo tempo.

“Meu Deus, eu também. Mas preciso gozar. Estou a ponto de explodir. Você tem alguma ideia de como é maravilhosa?”

Brian desenhava linhas e mais linhas nas costas dela e arremessou a caneta pelo quarto. Então se debruçou para apertar seus seios e mamilos, trocando o ritmo da composição por uma batida mais rápida. Os gemidos que emitia tornaram-se mais altos, e ele enfim se entregou.

Com uma investida final, Brian gritou: “Myrna. Ai, meu Deus. Ah”.

Ela o sentiu tiritando violentamente em suas costas e ficou triste de não poder ver o rosto dele. Brian segurava seus quadris, mantendo-a no lugar, tremendo dentro dela até os espasmos diminuírem.

Saiu e se jogou na cama ao seu lado, os olhos fechados, a respiração intensa. “Foi o máximo.” Puxou-a para junto de si e deu-lhe um beijo carinhoso no ombro. “Abraçaria você, mas não quero apagar o riff.”

Ela riu. “Deve ser a primeira vez que alguém usa *essa* desculpa para fugir de dormir de conchinha.”

Brian segurou seu rosto com ambas as mãos e a beijou com reverência. Myrna nunca tinha sido beijada daquele jeito antes.

“Mas é a verdade. Adoraria abraçar você por horas e horas.”

Ela sorriu. Um deus do sexo, e ainda por cima gentil. O que mais uma mulher poderia desejar? Brian a beijou de novo.

“Ah, Myrna”, murmurou. “Acho que minha musa mora fundo dentro de você.”

“Você sem dúvida sabe exatamente o que fazer com ela.”

4

Aventurar-se pelos corredores de um hotel com nada mais do que um roupão e uma calcinha... Somente Brian Sinclair seria capaz de convencê-la a fazer algo tão destemido. Na verdade, ele tentara induzi-la a ir pelada, mas Myrna lembrou que seus colegas engomadinhos provavelmente estariam circulando pelo hotel àquela hora. Os dois pegaram o elevador até o último andar. Enquanto subiam, Brian passou o braço em seu ombro e deu um beijo em seu rosto.

“Desculpe por fazer você perder sua conferência.”

“Fala sério, você não está nem aí.” E ela também não estava.

“É verdade.” Ele riu com malícia. “Não estou mesmo.”

“Pelo menos não tenho que dar nenhuma palestra hoje. Imagina só aparecer no palco toda dolorida e mancando?”

“Eu ia achar você linda. Principalmente sabendo o motivo de estar andando estranho.” Ele tocou o nariz dela com o indicador.

Myrna tentou ignorar a pontinha de felicidade que invadiu seu coração. Ainda bem que teriam que se despedir naquela mesma noite. A última coisa de que precisava era uma distração monumental do tamanho de Brian Sinclair. E ele a distraía completamente.

O último andar tinha apenas dois quartos. Brian tirou seu cartão da carteira e abriu a porta de uma das suítes.

“Depois de você, gata.”

Ela deu um passo no piso de mármore, impressionada com o tamanho do lugar.

“É você, Brian?” Trey saiu do banheiro, secando o cabelo com uma toalha, sem camisa e de calça jeans preta e larga. Seu ponto forte sem dúvida eram os cálidos olhos verdes, e por algum motivo com um deles escondido sob o cabelo comprido ficava ainda mais sexy.

“Eu e minha convidada”, respondeu Brian.

Trey arremessou a toalha para longe. “Ah, oi, moça bonita.”

“Oi, Trey”, respondeu ela, um tanto envergonhada.

“Quer dizer que ele encontrou seu quarto ontem à noite?”

“Por pouco”, admitiu Brian.

“Aquele filho da mãe voltou?” Myrna ouviu a voz de Eric do quarto à direita. “O cara sai, pega uma gostosa de primeira e larga os amigos...” Ele parou na porta, os olhos movendo-se dos cabelos desgrenhados de Myrna para o roupão e os pés descalços. “Merda. Foi mal, Myrna. Achei que a essa altura você já teria dado um pé na bunda dele.”

Ela corou. “Ainda não.”

“Então, a gente fez uma aposta...”, começou Eric.

“Cale a boca, seu idiota.” Brian virou-se para Trey. “Alguém trouxe minha guitarra ontem à noite?”

“Está na sala de jantar.” Trey apontou com a cabeça para o fim do corredor.

Brian seguiu até a sala de jantar. Myrna foi atrás, mas Eric parou na frente dela. Ela ergueu o rosto e o fitou. Seus olhos azul-claros pareciam atravessar o roupão, a pele e a carne e

enxergar sua alma. Ela se arrepiou e cruzou os braços na frente do peito.

“Espere aí”, pediu ele. “A gente precisa saber quem ganhou a aposta.”

“Eu perdi”, disse Trey. “Ele encontrou o quarto dela.” Enfiou um pirulito na boca e seguiu na direção de Brian, deixando Eric e Myrna para trás. “Ei, o que foi? Por que você quer sua guitarra? Conseguiu escrever algum riff novo?”

“Em que momento ele apagou ontem?”, Eric perguntou a Myrna.

“Depois de engolir minha banana e de eu o forçar a beber meus líquidos”, respondeu ela, com uma piscadinha.

Eric ficou boquiaberto. “O quê?”

“Com licença.” Ela passou por Eric, seguindo o som de uma guitarra sendo ligada a um amplificador.

Uma segunda guitarra soou em resposta.

“Myrna, corre aqui”, chamou Brian.

Ela entrou na sala de jantar e parou. Brian “Mestre” Sinclair estava com sua Schecter preta e branca pendurada no ombro. E, com um pirulito na boca, Trey Mills ajustava a alça de sua guitarra amarela e preta. Que visão! Brian chamou Myrna com dois dedos. Ele a girou diante de Trey e desatou a faixa do roupão, jogando-o no chão e revelando assim a anotação e o corpo quase totalmente nu de Myrna. Sob o roupão ela usava apenas uma calcinha cor-de-rosa. Sentiu o rosto enrubescer, mas manteve-se de pé.

“Belos peitos, Myr”, comentou Trey, com o pirulito na boca. Ele moveu então o olhar de seus seios nus para a sequência de

notas ao longo da linha preta. “Não tem pauta, Brian. Que diabos estou olhando?”

Brian apontou para o início da linha, perto do ombro direito de Myrna. “Dó médio. Primeiro acorde.”

Ele mostrou a Trey o acorde e tocou as cordas com a palheta.

Trey moveu a mão ao longo das cordas de sua guitarra e olhou novamente a notação no corpo de Myrna, assentindo. “Certo. Entendi. Harmonia ou melodia?”

“Vamos tentar harmonia primeiro.”

“Beleza.” Trey passou o pirulito para o outro canto da boca e tocou a primeira nota.

“Mais grunge”, pediu Brian.

Trey ajustou uma alavanca na guitarra, torceu de leve o pulso e tocou a corda de novo.

“Isso, assim.”

“Beleza, vamos lá.”

Myrna arregalou os olhos enquanto os ouvia tocar um dos riffs mais maravilhosos que já tinha escutado. Adorava a ideia de que tinha algo a ver com aquela criação.

Eric entrou na sala. “Ficou legal isso.”

Trey errou o tempo e desafinou uma nota. Brian parou e olhou para o amigo. “Algum problema?”

“Não consigo me concentrar...”, respondeu Trey, erguendo a mão diante do busto de Myrna, a poucos centímetros dos seios dela, “... com isso na minha frente.”

“Fala sério, Trey. Quantos peitos você vê numa semana normal?”, perguntou Brian.

“Não importa. Nunca vi os dela.” Apontou na direção de Myrna.

Ela ficou vermelha e cobriu-se com o roupão.

“Ei, eu ainda não vi”, reclamou Eric.

“Vá pegar a bateria no outro quarto.” Brian tirou a faixa do roupão e passou para Myrna. “Aqui. Coloque isso em cima do peito. Quem sabe assim Trey não perde o ritmo por causa de uma ereção.”

Ela riu e olhou de relance para Trey, o rosto queimando de vergonha.

Ele assentiu, tirando o pirulito da boca com um barulho. “É sério.”

“Tudo bem”, disse ela.

Brian baixou o roupão dos ombros de Myrna, enquanto ela mantinha a faixa sobre os seios. Mal cobria os mamilos.

“Isso é ainda pior”, murmurou Trey. “Humm. Ela é linda. Dá vontade de lambar todinha.” E correu a língua pelo lábio inferior, comendo-a com o olhar.

Myrna arregalou os olhos.

“Segura a onda, Trey.” Brian deu um peteleco na testa do amigo.

Trey botou o pirulito de volta na boca e assentiu. Tocou o primeiro acorde e Brian se juntou a ele. O riff soou ainda melhor à medida que seus olhos desceram ao longo do busto e dos seios até a barriga. Depois de repetir algumas vezes, já podiam tocar sem ler as notas. Myrna estava tão envolvida pela música que não notou a presença de Sed até que ele se sentasse na mesa de jantar ao lado dela.

“Isso é obra sua?”, ele perguntou ao pé do seu ouvido.

Ela arfou e fechou o roupão. “Não sei.”

“Bem, obrigado por tirar Sinclair da toca, seja lá o que você tenha feito.”

Os dois ficaram observando Brian e Trey repetirem o riff até que estivesse perfeito. Trey alterou alguns trechos para que se encaixassem com sua batida rápida e característica. Brian acrescentou alguns compassos, os dedos voando sobre as cordas. Era... perfeito e, como sempre, sensual. Os dois guitarristas, Brian, destro, e Trey, canhoto, um de costas para o outro, os olhos fechados, deixando-se levar pela música.

Nunca tinha visto nada tão sexy na vida. Bem, talvez a expressão no rosto de Brian ao fazer amor com ela, mas ele tinha praticamente a mesma cara agora, apoiado nas costas de Trey, tocando sua guitarra.

Jace entrou na sala e esfregou o rosto sonolento. “Que zona é essa? São dez horas, cacete.”

Com um susto, ele notou a presença de Myrna e olhou o próprio corpo nu. Seus olhos então pularam para ela. “Ai, merda. Foi mal.” Ele deixou a sala. Alguns minutos depois, apareceu usando um short e tirou um baixo do case para ligá-lo ao terceiro amplificador.

O baixista juntou-se aos colegas e, de olhos fechados, achou uma linha de baixo para acompanhar o novo riff.

“Vocês são demais”, murmurou Myrna.

Brian olhava para ela enquanto tocava. Ele sorriu. “É tudo por sua causa, gata.”

Myrna abriu um sorriso bobo, o coração nas nuvens.

Brian segurou as cordas da guitarra com a mão direita e puxou Myrna na sua direção, virando-a de costas para ele. Baixou o roupão até a cintura e ajeitou o cabelo dela para o

lado. Ela olhou para trás, por cima do ombro, segurando o roupão junto dos seios.

“Meu solo.”

Trey se aproximou, franzindo a testa. Não havia uma linha sequer de orientação. Apenas notas e umas letras rabiscadas aqui e ali. “Bem, vamos ouvir.”

Quando Brian começou a tocar, um arrepio desceu pela coluna de Myrna.

“Uau”, murmurou Sed.

Os dedos de Brian voavam pelo braço da guitarra, produzindo sons que poucos guitarristas seriam capazes de copiar. Terminou o solo com um longo vibrato na alavanca. A banda inteira assoviou impressionada. Ele jogou a guitarra para trás, por cima do ombro, deixando-a de cabeça para baixo nas costas, e abraçou Myrna apertado.

“Fiquei cheio de tesão”, murmurou em seu ouvido, as mãos espalmadas em sua barriga. “Nunca vou conseguir tocar isso de novo sem ficar duro de vontade de sentir você em cima de mim.”

“Foi lindo.”

“Deixe Trey copiar antes de ir comer a moça de novo”, disse Sed. “Não podemos perder esse solo.”

Brian beijou-a atrás da orelha e afastou-se, relutante.

“Ou eu poderia tirar uma foto”, disse Eric, tirando o telefone do bolso.

“Tente, e eu quebro seus dedos”, respondeu Brian.

“Não sabe brincar.”

“Você só quer inspiração pra bater punheta.”

Trey foi até um case de guitarra e trouxe pautas e um lápis. Começou a copiar o solo das costas de Myrna, pedindo a ajuda de Brian uma vez ou outra. Myrna gargalhava de cócegas à medida que os dedos deles deslizavam sobre sua pele.

“Que nota é essa?”, perguntou Trey.

“Acho que é uma pinta.” Brian se aproximou e lambeu um pedacinho das costas de Myrna. Ela sentiu um arrepio. Brian esfregou o dedão. “É, é uma pinta. Não quer sair.”

“Vou anotar só por desencargo.” Riu Trey.

“Myr, sua pinta está estragando meu solo.”

Ela riu. “Vocês são loucos.”

“Acho que é um ganho e tanto, essa pinta”, acrescentou Trey. “Sempre dá para encaixar um dó alto num solo de guitarra.”

“Myrna, vire para a gente copiar o riff”, pediu Brian.

Ela virou, mantendo a faixa do roupão sobre os seios enquanto observava os dois transferirem aqueles acordes soltos em seu corpo para um papel.

“Dezesseis notas aqui”, disse Brian, olhando por cima do ombro de Trey e apontando para a página.

“Dezesseis? Você vai me deixar com artrite, cara.”

“Deixa de ser fresco.”

Trey tirou o pirulito da boca e bateu no nariz de Brian. Myrna tomou-o da mão dele e o enfiou na boca. Trey virou-se para ela, estreitando os olhos verdes sensuais. “Esse pirulito é meu.” Era um olhar capaz de derreter as pernas de qualquer mulher. Myrna não era uma exceção. Precisou apoiar-se na mesa para não perder o equilíbrio.

Ela tirou o pirulito da boca e o estendeu na direção de Trey. “Perdão.”

Ele o pegou de volta e enfiou na boca, voltando sua atenção para as pautas musicais. Brian limpou o nariz com as costas dos dedos. Myrna fitou seus olhos castanhos. Ele a estava observando, os lábios entreabertos.

O que será que estava pensando?

“Está com fome?”, perguntou ele.

Obviamente não era o mesmo que ela, mas, agora que tinha tocado no assunto, sim, ela estava com fome. “Estou.”

“Estou morrendo de fome. Vou pedir serviço de quarto.” E cutucou Trey no braço. “Você consegue terminar sozinho?”

“Consigno, já peguei o esquema. E já toquei umas dez vezes.”

Brian deu um beijo no rosto de Myrna e tirou a guitarra do ombro. Apoiou o instrumento num suporte de chão e saiu da sala. Sed e Eric o acompanharam. Jace ainda estava dedilhando o baixo num canto, recomeçando a toda hora, em busca do som perfeito para acompanhar o riff novo de Brian.

Quando não havia mais ninguém por perto, Trey disse: “Não abuse dele, Myrna. Brian se apaixona rápido e profundamente. As mulheres não sabem lidar com toda essa intensidade, e ele acaba se machucando”.

“Não se preocupe. Estamos só nos divertindo.”

Ele segurou seu queixo entre o polegar e o indicador. “Não estou de brincadeira, Myrna. Se o lance com ele não for sério, melhor pular fora agora.”

“Como posso ter algo sério com alguém que acabei de conhecer?”

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça. “Toda vez.” Então abriu os olhos e lançou seu olhar mais severo. “A gente falou

ontem à noite que ele era um romântico idiota, não foi? Você ouviu alguma coisa do que a gente disse?”

Ela afastou a mão de Trey. “Não vou machucá-lo, Trey. Entendeu?”

“Espero que não.”

Ele manteve os olhos nos dela até que Myrna desviasse. E o cara achava que Brian é que era intenso? Minha nossa!

“Deixe Myrna em paz, Trey”, disse Jace.

“E por acaso estou errado?”, perguntou Trey por cima do ombro.

“Não, mas não é culpa dela.”

Trey voltou-se para Myrna e suspirou. “Desculpe. Não é da minha conta.”

“Brian tem sorte de ter alguém que se importe tanto com ele.”

O guitarrista arqueou uma das sobrancelhas e riu. “É, acho que sim. Tem sempre um de nós se metendo na vida dele. Pode esquecer o que eu disse.”

Trey terminou de anotar as últimas linhas. Myrna vestiu o roupão e amarrou a faixa. Sentou numa das cadeiras e ficou ouvindo Jace tocar, o pé acompanhando o ritmo. Trey espalhou as pautas pela mesa e começou a tocar de novo, parando uma vez ou outra para acrescentar um conjunto de notas rápidas sobre a melodia de Brian. O shred, marca registrada de Trey, complementava a melodia de Brian. Era o que os fazia soar tão bem juntos. Alguns minutos depois, Brian voltou, pegou a guitarra e se juntou aos colegas. A criação já soava como uma música. Myrna estava impressionada de ver quão depressa cada

músico havia adaptado um único riff de acordo com seu estilo específico e seus pontos fortes.

Sed entrou na sala e se sentou no meio da mesa, os olhos fechados. Intrigada, Myrna o observou. Parecia mergulhado num transe.

Quando os guitarristas recomeçaram o riff, ele cantou, ou melhor, gritou: “Foi como num sonho”.

“Pode-se dizer que foi mais ou menos isso”, exclamou Brian.

Trey riu e empurrou o amigo.

Então era assim que eles compunham? O privilégio de presenciar o processo a deixava toda arrepiada.

“Tá legal, tá legal”, disse Sed. “Foi uma merda até para uma primeira tentativa.”

Uma *merda*? Ela tinha gostado. A voz de Sed era grave, rouca na medida certa para fazer diversas partes de seu corpo derreter em resposta.

Sed continuou: “Se eu comesse a Myrna, talvez a letra também me viesse... Como foi que você falou, Brian? Num passe de mágica?”

“Cale a boca”, disse Brian, trabalhando com Trey numa ponte para o solo.

“Num passe de mágica delicioso”, murmurou Myrna, observando Brian tocar e desejando que seus dedos estivessem brincando com seu corpo, e não com uma guitarra.

Sed desatou a rir. Ele deitou na mesa, cobrindo os olhos com as palmas das mãos, as lágrimas escorrendo pela bochecha. “Será que a gente pode usar isso numa música sem ser processado por um duende?”

E então cantou, com sua voz rouca característica: “Comer a Myrna é... um passe de mágica delicioso. Uau. Ahn, ahn. Yeaah, yeah, yeaah”.

Ela cobria a boca, tentando conter o riso, e bateu na barriga nua de Sed. “Pare de cantar isso.”

Ele se aproximou da beirada da mesa e a segurou pela cintura, enfiando os dedos em suas costelas. Myrna começou a rir e a se contorcer, tentando se desvencilhar dele. A guitarra de Brian gritou mais alto enquanto ele se aproximava pelo outro lado da mesa para segurar Sed pela perna.

“Já chega. Não estou de brincadeira”, disse Brian.

Sed soltou Myrna, que caiu no chão. “Estava só provocando. Não estou atrás da sua garota, cara.”

“Mentira. Você está sempre atrás das garotas de todo mundo. Principalmente as minhas.”

Sed sentou na mesa e se desvencilhou de Brian. “Me larga.”

Ele soltou a perna do vocalista e levantou um punho para socá-lo. Myrna se levantou depressa e se postou entre os dois, fechando os olhos enquanto esperava pelo soco de Brian. Mas ele nunca chegou.

“Por favor, não briguem”, disse ela, e pousou as mãos no peito de Brian. Ele baixou o braço, e ela sorriu aliviada. “Obrigada.” Então se aproximou, sentindo a guitarra arranhar sua barriga. “Só quero você, Brian.” Beijou-o no pescoço, logo abaixo da orelha, os dedos brincando com os pelos do peito. “Só você. Confie em mim.”

Ele passou as mãos ao redor das costas dela, puxando-a para si. Nesse instante, Myrna notou de rabo de olho que Trey sorria em aprovação.

“Café da manhã!”, exclamou Eric.

Um funcionário do hotel, parecendo exausto e sobrecarregado, entrou na sala, empurrando um carrinho. Eric correu ao redor dele e sentou à mesa com uma baqueta em cada mão, batendo os punhos no tampo da mesa. “Hora do rango.”

Sed desceu da mesa e sentou numa cadeira. Chegou a abrir a boca, mas não disse nada. O funcionário começou a passar as coisas para a mesa, montando um verdadeiro banquete diante deles.

Eric foi tirando a tampa dos pratos e jogando no carrinho. Acertou mais ou menos metade delas e derrubou as outras no chão. “É minha!”, declarou quando encontrou uma omelete fofinha coberta de *jalapeños*.

Sed pegou seu prato de ovos fritos com presunto. Os outros tiraram os instrumentos do ombro antes de sentar. Myrna não sabia bem o que fazer. Eles não haviam perguntado o que ela queria, e não quis roubar a comida de ninguém. Não que estivesse faltando. Tinham pedido o suficiente para umas quinze pessoas.

“Eu não sabia o que você ia querer”, explicou Brian, “então pedi um monte de coisa.”

Ela sorriu. Tão gentil. Sim, esse era Brian. Ele deu uma gorjeta ao agora ainda mais exausto funcionário e sentou na cabeceira, puxando Myrna para seu colo.

“Eca”, disse Trey, fazendo uma careta. “Nada de pegação na nossa frente.”

Brian mostrou o dedo médio para ele e puxou uma tigela de frutas, um prato de ovos mexidos, panquecas, biscoitos e bacon

na direção dos dois.

“O que você vai querer?”, perguntou.

Estar tão perto de Brian despertara outro tipo de apetite que não por comida. Ela respondeu ao pé do ouvido dele: “Seu pau”.

Brian enfiou a mão sob o roupão dela e agarrou sua coxa. Myrna retesou o corpo.

“Esse é o segundo prato”, sussurrou ele.

“Acho que posso esperar um pouco. Desde que me prometa que vai ter sobremesa também.”

Ele deslizou o dedo por baixo do elástico da calcinha e acariciou os lábios inchados. Myrna sentiu um arrepio correr todo o corpo.

“Prometido.”

Quando levou a mão de volta à mesa para comer, Myrna relaxou novamente.

Ela decidiu beliscar uns pedaços de melão enquanto Brian devorava um prato de ovos mexidos com ketchup e várias fatias de bacon, também nadando em ketchup. Myrna serviu alguns copos de suco de laranja para ele e insistiu que bebesse tudo.

“Que bonitinho”, disse Trey, fazendo uma careta de nojo. “Olhem só esses dois. Tão românticos.”

“Ele precisa repor as forças”, disse Myrna de relance para Trey, que estava à sua direita, comendo panquecas com calda de caramelo e salsicha, também com calda de caramelo. Então enfiou um pedaço de melão na boca de Brian. “Estou cheia de tesão.”

Eric começou a bater a cabeça contra a mesa.

Sed riu. “E está perdendo seu tempo com Sinclair?”

“Vai por mim, ele não é perda de tempo. Guitarra não é seu único talento.”

Brian apertou sua coxa, como que em agradecimento. Ela se perguntou o quanto ele já tinha aguentado daqueles caras por ser um romântico.

Então Brian acariciou seu pescoço com o nariz. “Já comi o bastante.”

Myrna sentiu a barriga se contrair de desejo. “Ótimo, porque minha calcinha já está encharcada.”

“Merda, merda, merda.” Eric passou a pontuar as batidas na mesa com palavrões.

“Vamos tomar um banho?”, perguntou Brian, erguendo os olhos para ela.

Myrna o segurou pelo queixo e tocou a testa na dele. “Vai apagar a música.”

“A gente já passou essa pro papel. Espero precisar de espaço em branco para escrever outra.”

Ela sorriu. “Não tinha pensado nisso.”

Então desceu do colo dele e caminhou até o banheiro, mantendo o roupão fechado. Ao passar diante de Sed, escutou o vocalista dizendo: “Espero que as groupies estejam preparadas para uma boa foda essa noite, porque, rapaz, os feromônios estão a mil. Já estou ficando duro aqui”.

“Brian sempre pega as boas”, resmungou Eric.

O guitarrista riu e deu um tapa nas costas de Eric, enquanto seguia Myrna na direção do banheiro. Ela entrou no imenso cômodo, impressionada pela banheira de hidromassagem num dos cantos. “Que beleza.”

Ele fechou a porta e abraçou-a por trás. Então soltou a faixa e abriu o roupão. Seus seios doíam à medida que ele os massageava com as palmas das mãos, e sua respiração acelerou quando ele começou a chupar a lateral do pescoço.

“Você está mesmo com tesão ou só queria sair de perto dos caras?”

Myrna passou a mão dele por entre as coxas molhadas. “O que você acha?”

Ele a acariciou por cima da renda cor-de-rosa. Em seguida, virou-a de frente para a parede. Ao se ver no espelho, Myrna manteve os olhos abertos languidamente, encontrando os dele logo atrás de seu ombro no reflexo. Ele queria que ela o assistisse a fazendo gozar. Pois não teria que esperar muito. Seus dedos a acariciaram mais depressa. E mais depressa. Ela fechou os olhos, abriu a boca e deitou a cabeça contra o ombro dele. Ondas de prazer tomavam seu corpo. Gritou, agarrando as coxas de Brian para conseguir se manter de pé.

Ele esfregou a ponta do nariz contra sua orelha. “Você é tão sexy, Myr. Dessa vez vou segurar você primeiro. Não quero perder o controle de novo.”

Soltou-a e caminhou na direção da banheira, abrindo as torneiras e testando a temperatura da água com os dedos. Aqueles dedos maravilhosos, hipnotizantes. Vê-lo tocar deixava-a mais excitada do que imaginara. Ela o seguiu e o envolveu pela cintura, tirando o cinto e abrindo a calça jeans. Baixou sua cueca e o pau semiereto saltou para fora. Segurou-o com uma das mãos, acariciando a pele macia com carinho.

Ele segurou a mão dela. “Espere. Ainda nem tirei as botas.”

“E daí?”

E daí que você está dando uma de puta de novo, Myrna. A voz de Jeremy surgiu para quebrar o clima. Ela fechou os olhos e balançou de leve a cabeça.

Brian virou-se e tirou o roupão dos ombros dela, deixando-o cair numa pilha no chão de azulejo. Ela cruzou os braços sobre os seios.

“Algo de errado?”, perguntou ele, correndo o dedão num carinho ao longo de sua bochecha, e ela abriu os olhos para fitá-lo.

“Não.” Forçou um sorriso e pousou as mãos nos quadris, analisando as roupas dele com desdém. “Isso não é justo!”, exclamou ela.

Ele ficou pelado em questão de segundos. Então fitou a calcinha rendada dela e revidou: “Isso não é justo!”.

Myrna baixou a calcinha pelas coxas e a tirou. Usou o elástico para transformá-la em um estilingue, que atirou na cara dele. Ele a pegou, levou até o nariz e inspirou profundamente. “Posso ficar com essa?”

“Se quiser.”

Então se abaixou e a guardou no bolso da calça. Por fim, subiu os degraus, entrou na banheira e estendeu a mão na direção dela. Aceitando a mão dele, Myrna entrou na banheira e parou de pé diante dele. Ficou ali, fitando aquele rosto, acompanhando com os olhos os ângulos marcados — a mandíbula forte, o queixo pronunciado, as maçãs do rosto saltadas. Por fim, seus olhos pousaram na curva superior dos belos lábios. Ele baixou a cabeça e a beijou apaixonadamente — lábios, língua e dentes, todos afagando sua boca. O nível da

água chegou à altura de suas panturrilhas durante aquele beijo. Quando enfim se afastou, Brian ficou olhando para ela.

“Melhor fechar a torneira”, disse Myrna.

Foi o que ele fez, e então se deitou na água, convidando-a a fazer o mesmo. Ela sentou entre as coxas dele, deitando de costas em seu peito. Levou um susto quando ele ligou a hidromassagem.

“É gostoso.” Ele deitou a cabeça para trás, contra o fluxo de água, e suspirou.

Myrna não tinha ido até ali para relaxar, mas não pôde deixar de concordar com ele. Era de fato muito gostoso. E ficava ainda melhor quando esfregava o sabonete no peito e na barriga dela. Embora o toque não tivesse intenção de excitá-la, ficou ofegante de desejo em poucos segundos.

“Você mora perto daqui?”, perguntou ele, como quem não quer nada.

“Humm...” Não estava muito a fim de dividir informações pessoais com ele. Era só um caso passageiro. Nada mais. “Não, só estou aqui por causa da conferência. À qual, aliás, não estou assistindo.”

“Se você preferir, pode ir embora...”

“Não foi o que eu disse.”

Ele deixou o sabonete de lado, envolveu-a pela cintura e encostou a cabeça na dela. “Silêncio às vezes é bom.”

A vida dele devia ser um barulho constante. Por isso precisava de um pouco de paz e carinho. Myrna não deveria reclamar. Podia esperar uns poucos minutos.

“Alguma das suas tatuagens tem um significado especial?” Ela acompanhou com o dedo a tatuagem detalhada e colorida

no músculo do braço.

“Algumas.” Ele tirou o braço esquerdo da água e mostrou no antebraço um desenho elaborado de rosas sangrando em torno de um nome feminino, Kara.

“Ex-namorada?”, perguntou ela, desenhando a letra K com a ponta do dedo.

“Minha irmã mais nova. Morreu num acidente de carro com dezesseis anos.”

Myrna ergueu os olhos para ele, notando a dor vívida em seu rosto. “Sinto muito, Brian. Que triste.”

“Já faz quase dez anos. Seria de imaginar que eu já teria deixado pra lá a essa altura.”

“Ela era sua irmã. Você achou que ia protegê-la para sempre.”

Ele sorriu de leve. “Como sabe disso?”

Myrna deu de ombros, não querendo dar uma de professora de psicologia de novo.

“Você tem irmãos?”, perguntou ele.

“Duas irmãs mais novas. São um pé no saco.”

“Kara também era um pé no saco.” Ele riu. “Sinto falta dela.”

Será que ele era sempre assim tão aberto? Devia ser. Mesmo quando estava pelado.

“Então, se você não é de Chicago, de onde é?”

“Missouri.”

“Saint Louis?”

“Faz diferença?”

“Você não tem o menor interesse em me conhecer, né?”

Ela prometera a Trey que não ia magoá-lo. Só queria que isso não fosse tão difícil. Sabia que esse relacionamento jamais seria

sério. Ele era um músico em turnê. Ela era uma professora com uma carreira agitada. Eles simplesmente não... combinavam.

“Nasci no interior. Fiz faculdade em Columbia, no Missouri. Pós em Saint Louis. Agora moro em Kansas City.”

“Então você não está tão longe assim de casa.”

“Onde você nasceu?”

“Los Angeles.”

“Tão clichê.” Ela fez uma careta.

“Eles avisaram que sou um romântico irreparável, não avisaram?”

Ela virou-se para fitá-lo. “Hein?”

“Pode parar de disfarçar. Não precisa pisar em ovos comigo, Myr. Se sou burro o suficiente para me apaixonar por você em doze horas, mereço ter o coração partido.”

“Não tenho a intenção de partir o coração de ninguém.”

“Acho que ninguém parte o coração dos outros intencionalmente.” Ele pensou por um instante. “Quer dizer, talvez o Sed. Só queria algo um pouco mais permanente do que uma foda por show, entende?”

“Claro, mas...”

“Mesmo que fosse só fingimento.”

“Brian, se eu não tomar cuidado, a pessoa que vai sair com o coração partido vou ser eu.”

“A gente podia tentar tirar algo disso tudo.”

“Mas isso é impos...”

Ele cobriu sua boca com uma das mãos. “Não diga isso. Apenas me deixe fingir então.” Beijou seu rosto e desceu a mão

da boca até o seio. “Amanhã eu fico bem bêbado para tentar esquecer você.”

“Brian.”

“Brincadeira. Já que você não quer compromisso, nada de compromisso.”

Ela não sabia se acreditava nele, mas sentiu uma onda de alívio. Sua carreira já era complicada o suficiente. Não tinha tempo para um relacionamento sério. Principalmente um à distância, sem qualquer possibilidade de sucesso. E depois do Jeremy... Myrna tentou afastar o ex-marido da cabeça.

Brian ergueu-a daquela posição confortável e colocou-a no meio da banheira. “Vou tirar essa tinta das suas costas.” E pegou o sabonete.

Ela ficou ali, calada, os joelhos flexionados contra o peito, enquanto ele lavava suas costas. O silêncio entre os dois tornou-se desconfortável. Perguntou-se como poderia quebrar o gelo de novo. Será que ele estava com raiva dela? O melhor era ser sincera, não era? Mas ele disse que queria fingir, então talvez não quisesse honestidade.

Olhou por cima do ombro na direção dele e o que viu foi um sorrisinho. Brian não parecia estar com raiva, e sim se divertindo.

“Será que consigo tirar mais uns vinte solos do nosso tempo juntos?”, perguntou ele.

“Vinte?” Ela arregalou os olhos. “Mas eu vou embora depois do show de hoje à noite.”

“Eu também.”

Myrna sorriu com malícia. “Melhor começar então.”

Ele riu e a beijou no ombro. “Acho que você não aguenta.”

Ela respondeu jogando água na cara dele. “Ei! Era você quem queria ficar abraçadinho.”

Brian estava gargalhando. A crueldade daquela risada causou um arrepio nela. “Chega de abraço.”

Ele a posicionou na frente do jato da hidromassagem, erguendo seu corpo levemente para a água passar por entre a bunda e as pernas. Myrna estremeceu. Reclinou-se na banheira, apoiando os cotovelos na borda para manter-se diante do jato d’água. Brian acomodou-se entre as pernas dela e segurou o pau com uma das mãos. Esfregou-o contra o clitóris, brincando na entrada e fazendo-a se contorcer, louca de vontade para senti-lo dentro de si. O jato forte de água e a sensação do corpo dele junto ao dela eram mais do que podia aguentar.

Abriu os olhos e viu que ele a estava observando. “Você vai me foder ou não?”

Brian se aproximou, entrando nela com um único movimento. “É isso que você quer?”

Ela gemeu e jogou a cabeça para trás. “É, sim, é isso que eu quero.”

Brian se afastou e entrou novamente, erguendo-a além do jato da hidromassagem. Quando ele a soltou, sua bunda ficou de novo diante da água, e ela arfou, todo o corpo tremendo.

Ele a beijou com carinho, já sem qualquer traço de crueldade. “Isso é bom?”

“Tudo que você faz comigo é bom, Brian”, Myrna respondeu, esfregando o nariz no dele.

Ele sorriu, encantado.

“A não ser quando me faz esperar”, acrescentou.

Brian roçou os lábios nos dela. “Não faço mais você esperar.”

Ele havia estabelecido um ritmo agora, entrando e saindo. Seus arquejos de prazer causavam um arrepio na barriga de Myrna. Ela olhava para ele. Brian mantinha os olhos fechados, a boca entreaberta, entregando-se à sensação do corpo dela e do jato constante de água que massageava os dois. Era muito sensual.

A porta do banheiro abriu. Myrna sobressaltou-se. Brian estancou e olhou por cima do ombro.

“Não parem por minha causa.” Eric entrou no banheiro e fechou a porta. “Preciso mijar.”

Brian deu de ombros e continuou as investidas, mas, como ela não estava mais relaxada, começou a ficar desconfortável. “Ai”, arfou Myrna.

“Machuquei você?”, perguntou ele, beijando-a com carinho. “Desculpe.”

Myrna procurou relaxar, tentando ignorar Eric de pé diante da privada. O baterista sequer fingia não observar os dois. Na verdade, olhava-os fixamente.

Ela sorriu para Brian. “Estou bem.”

“Quer que eu pare?”

“Não.”

Ela achou que ele ia esperar Eric sair, mas Brian recomeçou as investidas imediatamente, esfregando-se nela. Myrna gritou ao ser surpreendida por um orgasmo.

“Ah, Brian. Assim!”

“Estou ouvindo de novo”, sussurrou ele, entrando mais e mais depressa. E começou a cantarolar outro riff.

Estava mesmo ouvindo música? Pois ela estava vendo estrelas. Como ele era bom.

“Eric”, disse ele. “Eric.”

Ela abriu os olhos, surpresa de ouvi-lo chamar o nome do amigo enquanto fazia amor com ela.

Eric ficou de pé perto da banheira, segurando a virilha como se sentisse dor. “Ménage, cara?”, perguntou, esperançoso.

Brian fez que não com a cabeça. “Preciso que você a segure. Tenho que ir mais fundo.”

“Mais fundo? Está tentando furar o fígado dela?”

Myrna riu.

“Só segure ela, tá legal?”

“O prazer é todo meu.”

Eric sentou na beirada da banheira por trás de Myrna, com os pés dentro d’água, um de cada lado. Então usou os joelhos para firmar o quadril dela, enquanto ela o segurou pelos tornozelos e se recostou no peito dele. Brian continuava entrando mais e mais, a água batendo na barriga de Myrna a cada investida.

“Uma visão e tanto”, murmurou Eric em sua orelha.

Ela olhou para baixo. Além da curva dos seios, podia ver o pau de Brian entrando nela. Duro. Grosso. Brilhando de umidade. Visível por um instante. Enterrado nela no seguinte. Abriu a boca. Algo no fato de Eric assistir ao pau de Brian lhe abrindo tornava aquilo ainda mais excitante. Vergonhoso, mas excitante. *Putá.*

“Que merda, Brian, você vai rasgar a mulher”, murmurou Eric.

“Cale a boca, estou tentando me concentrar.”

Myrna sentiu o pau de Eric crescer contra as suas costas. O ritmo de Brian aparentemente estava fazendo efeito nele também. A cada investida do amigo, Eric roçava nela. Em seguida, resolveu segurar os seios dela, apertando os mamilos no compasso de Brian e deixando-a completamente louca.

Então baixou a cabeça para sussurrar no ouvido dela, com medo, na certa, de interromper o solo de guitarra que Brian estava compondo: “Trey tinha razão. Você tem peitos lindos”. E lambeu sua orelha, usando de novo o mesmo ritmo.

Myrna estava sendo consumida por aquela batida. Brian fundo dentro dela. As mãos dele apertando sua bunda de forma ritmada. Eric estimulando seus mamilos, lambendo sua orelha. A água indo e vindo em sua barriga e ao longo das coxas. Estava a ponto de explodir.

Apertou com força o jeans molhado ao redor do tornozelo de Eric e jogou a cabeça para trás, contra o ombro do baterista, já sentindo as primeiras ondas do orgasmo. “Ah.”

Eric estendeu a mão entre o corpo dos dois. Quando seus dedos encontraram e massagearam o clitóris, ela explodiu com uma exclamação de êxtase.

“Putá merda, que mulher gostosa”, disse Eric.

“Preciso gozar”, murmurou Brian.

Ele saiu de dentro dela e ficou de pé, envolvendo o pau com a mão. Por que tinha se levantado? Só então ela reparou que não estava de camisinha. Mas Myrna não ia deixá-lo desperdiçar um orgasmo. Tirou a mão de Eric de cima dela e se ajoelhou diante de Brian, os olhos fixos nos dele.

“Deixe eu chupar”, pediu. “Por favor.”

Ele riu. “Como se eu pudesse dizer não.”

Parou de se masturbar e segurou o rosto dela com ternura. Myrna se aproximou e enfiou-o fundo até a garganta, então puxou a cabeça para trás, chupando com força. Ele agarrou os cabelos dela. Se não estivesse com tanto tesão, talvez tivesse reclamado, mas a dor era estimulante. Queria que ele a machucasse. Brian puxou a cabeça dela para trás pelo cabelo até que a boca envolvesse só a cabecinha. Ela entendeu o que ele queria, e começou a mover-se de forma a estimular a cabeça, chupando vigorosamente. Tinha cuidado para cobrir os dentes com os lábios para não machucá-lo.

“Isso, gata”, gemeu ele. “Assim.”

O som de Eric se masturbando atrás dela a distraiu por um instante. Ela parou. Brian continuou movendo sua cabeça. Seus mamilos retesaram em resposta. *Isso, me trate feito uma puta.*

Ela levou a mão entre as pernas e enfiou dois dedos em si mesma, retirando-os completamente encharcados. Então enfiou os dedos lubrificados na bunda de Brian.

Ele arfou de surpresa, contraindo-se com o susto. Mas não pediu para ela parar. Em vez disso, abriu mais as pernas para que pudesse ir mais fundo. A maioria dos caras pirava quando ela fazia aquilo. Jeremy a repreendera por dias — *Onde foi que você aprendeu isso? Com quem anda transando?* —, mas Brian parecia confiar nela. Ou talvez fosse mais depravado que a maioria. Ela procurou seu alvo. Ele estava perto de gozar. Não ia ser difícil.

Myrna continuava mexendo a cabeça ao mesmo tempo que seus dedos moviam-se dentro dele. Eric estava se masturbando atrás dela, no mesmo ritmo. Ela girou os dedos dentro de Brian e achou o que estava procurando. A pequena glândula que

expelia o sêmen estava inchada, a ponto de explodir. Quando a apertou, Brian gritou, gozando inesperadamente em sua boca. Bem, inesperadamente para ele. Ela sabia exatamente o que estava para acontecer. Engoliu-o, sedenta, adorando o gostinho de sal.

“Que merda foi isso?”, exclamou Brian. “Meu Deus, Myrna.”

Mesmo depois de já ter ejaculado, ela continuou esfregando a pequena glândula, que pulsava contra seus dedos, prolongando o orgasmo por mais de um minuto. Todo o corpo de Brian tremeu e se contorceu.

“Myrna, o que você está fazendo comigo? Não consigo parar de gozar.” Ele apoiou-se na parede.

Ela riu para o pau dele e tirou os dedos, deixando o orgasmo se dissipar.

Eric exclamou atrás dela, gozando em suas costas. Ou melhor, em seu cabelo.

Myrna tirou o pau de Brian da boca e cravou os olhos em Eric. “Você acabou de gozar no meu cabelo?”

“Desculpe”, disse ele. “Você é gostosa demais, Myrna. Eu tinha que gozar em você. Não consegui evitar.”

“Você tem ideia de quão difícil é limpar porra do cabelo?” E levou os dedos até o grude na lateral da cabeça. “Eca. Que merda, Eric.”

Brian segurou o rosto dela e, quando ela ergueu os olhos para ele, beijou-a apaixonadamente. “Nunca tive um orgasmo tão intenso na vida, Myrna. Você é maravilhosa.”

Ela sorriu. “Que bom que gostou.”

“Gostar é pouco. Nunca conheci uma mulher tão desinibida na vida.” Na verdade, não era sempre daquele jeito. A total

falta de inibição dele próprio havia despertado algo primitivo nela. Ele a beijou novamente e acariciou a ponta do nariz com o dedo. “Odeio deixar você agora, mas tenho que passar esse solo novo pro papel. Espero que entenda.”

“Vou achar o máximo.” Ela estava falando sério.

Brian fitou-a por mais um instante, contemplando sua expressão sincera. “Quer fugir para Las Vegas e se casar comigo?”

O coração de Myrna parou um segundo e então voltou a bater acelerado. *Casar?* “Humm, não, na verdade, nem um pouco.”

Ele deu de ombros. “Eu tinha que perguntar.” E beijou-a na testa.

Então saiu da banheira e pegou uma toalha. Enrolou-a na cintura e pegou a calça jeans do chão, a caminho da porta. Na entrada do banheiro parou e voltou-se para observar Eric, que ainda estava na banheira com Myrna.

“Ei, seu idiota. Trate de se vestir quando estiver na frente dela ou vou cortar esse brinquedinho fora no meio da noite, ouviu? E pode ir lavando a sujeira que fez na cabeça dela.”

Eric riu. “Pode deixar.”

Brian hesitou um instante e saiu, deixando-a sozinha no banheiro. Nua. Com Eric Sticks.

5

Myrna ficou olhando enquanto Eric botava o pau mole de volta para dentro da calça e fechava o zíper. Vestido, ele entrou na água e puxou-a para junto de si. Ela não confiava nele e, agora que não estava mais delirante de prazer, estava com vergonha de ter sido vista com Brian. Cobriu os seios com as mãos e afundou na banheira.

“Pode deixar que eu lavo”, disse ela, tentando se concentrar na borda da banheira para evitar o risinho satisfeito que ele tinha nos lábios.

Do outro lado da parede, os dois podiam ouvir a guitarra de Brian. Uau. O solo era melhor do que o último que tinha feito na presença dela.

“Não vou atacar você, Myrna”, disse ele, rindo. “A menos que queira.”

Ela sabia que ele tinha acabado de vê-la sendo comida pelo amigo, chupando o pau e enfiando os dedos na bunda dele, mas não era capaz de relaxar.

“Vou só lavar seu cabelo. Prometo. Além do mais, nem estou com tesão. Você está em total segurança.”

Ela até gostava quando lavavam seu cabelo. Um prazer simples e relaxante. Na verdade, um de seus luxos preferidos. Mas Eric? Não tinha certeza se queria que isso viesse dele.

Eric pegou uma garrafinha e virou uma quantidade considerável de xampu na palma da mão.

Myrna deitou na água, molhando o cabelo, e sentou novamente. Sem esperar que ela tomasse a iniciativa, Eric se aproximou e começou a massagear o xampu em sua cabeça. Os dedos fortes espalhavam a espuma cheirosa. Myrna fechou os olhos e relaxou, mantendo as mãos sobre os seios. Que dedos maravilhosos. Teve que reprimir um gemido de prazer.

Os sons distantes do solo entrecortado de Brian a fizeram pensar neles fazendo amor. Tinha mesmo deixado que Eric a acariciasse sem qualquer protesto? Nem pensara em tentar impedi-lo. O que tinha na cabeça?

Estava gostoso. Era isso que tinha na cabeça. E aquilo também estava gostoso. Os polegares dele pressionavam os músculos na base do crânio, enquanto os outros dedos massageavam o alto e a lateral da cabeça, e os mindinhos alcançavam as têmporas. Aquelas mãos grandes e fortes com aqueles dedos compridos tocavam-na nos lugares exatos.

“Hummm”, murmurou ela, movendo as próprias mãos dos seios em direção à barriga e ao clitóris. Não sabia como já podia estar com tesão de novo, mas os dedos de Eric em sua cabeça e a música de Brian a estavam deixando no clima. Tocou-se com persistência, pensando nos dedos de Brian em sua guitarra do outro lado da porta.

Ficou sem fôlego quando as primeiras ondas de prazer se espalharam por seu corpo.

“Você sabe que gosto de assistir, não sabe?”, Eric disse em seu ouvido.

Ela se sentou num sobressalto, espirrando água. Estava mesmo deitada e se masturbando com Eric ali? Qual era o problema dela? Esses caras, estrelas do rock, faziam que se comportasse de forma totalmente fora do comum. *Nem vem, Myrna. Você nasceu puta. Vive feito uma puta e vai morrer como puta.*

Mergulhou a cabeça para lavar o xampu do cabelo e afogar as palavras de Jeremy. Quando ressurgiu, moveu-se para o outro lado da banheira, evitando encarar os olhos de Eric.

“Eu não devia ter falado nada”, disse ele. “Não queria interromper. Por favor, continue.”

“Fiquei com vergonha.”

“Por quê?”

Ela balançou a cabeça, sem querer dividir sua inquietação. “Você gosta mesmo de ver?”

“Prefiro assistir do que foder”, disse, lavando o xampu das mãos. “Sed às vezes me deixa ver. Mas foi a primeira vez com Brian. Não tinha ideia de como ele era bom. Quer dizer... Caramba.”

Myrna corou, mas assentiu.

“E o Sed é bom também?” Por que tinha perguntado aquilo? Não tinha o menor interesse. Ou melhor, tinha sim, um pouco.

Eric riu. “Sed?” Coçou a cabeça. “Já vi comer quatro ao mesmo tempo, e todas elas pedirem mais.”

“Quatro? Como é possível?”

“Uma em cada mão. Uma na cara. E uma cavalgando, feito um touro mecânico.”

Myrna arregalou os olhos. “E você ficou só olhando? Não participou?”

“Tive que fazer um curativo na mão de tanto tocar punheta.”

“Sério?”

“Não, brincadeira. Elas me chamaram depois que o Sed desmaiou.”

“Então você ficou com a sobra?”

“Pode-se dizer que sim, mas para falar a verdade me diverti mais vendo Sed fazer as quatro gritarem.”

“Interessante. E Brian nunca tinha deixado você assistir até hoje?”

Eric negou com a cabeça. “Ele é muito reservado.”

Myrna concordou lentamente. Já tinha reparado naquilo. “E os outros?”

Eric riu. “Por que você quer saber?”

Ela deu de ombros. “Pesquisa.”

“Pesquisa?”

“Sou professora de sexualidade humana. Lembra?”

“Isso explica seu conhecimento. O que você fez com os dedos na bunda do Brian? Achei que ele ia explodir sua cabeça de tanto gozar. Não parava nunca. Não achei que fosse possível para um cara gozar por tanto tempo. Aquilo não foi uma dedada normal. Você fez alguma coisa, não fez?”

Ela deu uma piscadinha. “Segredo.” E sim, sua profissão explicava as coisas que sabia. Eric mal a conhecia e já tinha entendido tudo. Fora casada com Jeremy por três anos e toda vez que resolvia tentar algo novo ele tinha certeza de que ela o estava traindo.

“Mostra pra mim”, disse Eric, aproximando-se dentro da banheira.

Ela riu. “Vai sonhando.”

“Curta e grossa.”

“Não posso, Eric. Prometi não machucar Brian.”

Eric fez uma careta. “Você o quê?”

“Trey me fez prometer não magoar Brian.”

“Bem, você nunca vai ser capaz de manter essa promessa, Myr, então melhor quebrar logo comigo.”

Ela fez que não com a cabeça, sorrindo. “Não vou enfiar os dedos na sua bunda.”

Ele suspirou. “Faz sentido. Posso ver você se masturbar então?”

“Perdi a vontade.”

“Nem ouvindo o solo de Brian lá fora? Ele escreveu aquilo metendo o pau em você. Eu vi.”

Ela apertou as coxas só de lembrar. Eric tinha razão. Brian havia composto aquele solo lindo e poético enquanto fazia amor com ela. Reclinou-se na ponta oposta da banheira, o jato morno da hidromassagem golpeando suas costas. Fechou os olhos e ouviu os sons da guitarra de Brian como se ele estivesse tocando apenas para ela. Um dia, em breve, milhares de fãs iam ouvir e amar aquela sequência bonita de notas, e não teriam a menor ideia de como ela havia sido criada. Deixou-se levar pela música de volta para a lembrança dos dois fazendo amor, enquanto ele tocava de novo e de novo as mesmas notas. A cada repetição, a música parecia mais magistral. À medida que os dedos iam achando as notas certas, ela imaginava o pau dele dentro dela, enchendo-a, para então sair e em seguida enchê-la novamente. Correu a mão por entre as pernas. Suspirou. Como podia já querê-lo de novo?

Mas era exatamente o que queria.

Ficou de pé, a água pingando enquanto saía da banheira. Ao vê-la deixar o banheiro, nua, Eric começou a bater a cabeça contra a parede.

E foi assim, pingando pelo quarto, que foi atrás de Brian. Envolvido pela música, ele não a notou a princípio, mas seus colegas, que o observavam sentados ao redor da mesa de jantar, logo viram.

Trey tirou o pirulito da boca. “Hum, Myrna”, disse ele. “Parece que você está completamente pelada.”

“Todo mundo pra fora”, exigiu ela.

Brian interrompeu o solo no meio, e sua guitarra guinchou. Arregalou os olhos, surpreso.

“Menos você”, disse ela. “Você fica.”

Os outros resmungaram, mas obedeceram.

“Por que você está andando pelada na frente da minha banda?”, perguntou ele, a mandíbula tensa de raiva.

“Estava ouvindo você tocar”, respondeu ela, “e isso me deixou doida de tesão. Pensei em resolver eu mesma, mas prefiro...”

Ele riu. “Minha música fez você querer se tocar?”

Ela baixou a cabeça. “Toca pra mim?”

“Se você me mostrar o que minha música faz com você.”

Myrna empurrou os pratos do café da manhã para a ponta da mesa e sentou na beirada, de frente para Brian, puxando uma cadeira para apoiar os pés. “Se você prometer fazer amor comigo depois que terminar de tocar.”

Ele não prometeu, mas tocou a primeira nota do solo. Ela abriu as pernas, sabendo que ele tinha uma visão privilegiada de tudo. O que a fez ansiá-lo ainda mais. Queria que ele visse.

Recostou-se na mesa com um dos cotovelos e enfiou três dedos em si mesma, seu líquido escorrendo pelas costas da mão à medida que enfiava e tirava. Tirou os dedos e girou a mão para enfiar um deles no ânus, preenchendo-se por inteiro com um gemido. Deitou na mesa, liberando a outra mão para massagear o clitóris. O solo de Brian estava aumentando de intensidade, seus dedos movendo cada vez mais depressa enquanto ela se tocava.

“Brian”, ofegou ela. “Brian!”

O solo parou, e a guitarra bateu em algum lugar do chão. Ele chutou a cadeira e lutou com o zíper. Quando colocou o pau para fora, tirou as mãos de Myrna da frente e entrou nela.

Myrna ergueu a cabeça para olhar para ele e deitou de novo com um baque, as costas arqueando de prazer.

“Deus do céu, mulher. O que você está fazendo comigo?”, gemeu ele. Meteu mais forte do que nunca, xingando baixinho como se ela o tivesse deixado com raiva. Ergueu-a levemente da mesa, o que lhe possibilitou entrar ainda mais forte. Era uma dor tão boa. Cada vez que ele entrava, ela sentia as bolas batendo em sua bunda, provocando nela uma vontade de fazer algo ainda mais sujo.

“A gente come nessa mesa, sabia?”, gritou alguém do outro quarto.

Brian parou no meio do movimento. Ela olhou para ele. Estava vermelho do esforço, o cabelo grudado na testa suada. Humm. Lindo.

“Trey tem razão”, disse.

E saiu de dentro de Myrna, que gemeu em protesto. Ajoelhou-se diante dela e enfiou a língua, segurando-a pelas

coxas. Chupando, mordendo, lambendo, enfiando a língua na frente, atrás e na frente de novo. Ela já não conseguia acompanhar os movimentos caóticos, concentrando-se apenas na excitação e no prazer que arrancavam de seu corpo trêmulo. Quando a boca passou para o clitóris, ela gritou, entregando-se completamente: “Ah, Brian, isso!”. Sentia escorrer pela bunda. E ele lambeu cada gota.

“O que você está fazendo com ela?”, exclamou alguém do lado de fora.

“Ele está me comendo”, respondeu Myrna. “Não enche.”

Ouviram-se risadas do outro lado. Brian levantou e sorriu para ela com malícia. Os lábios molhados e inchados. Myrna ergueu o corpo para beijá-lo. O gosto dela naqueles lábios fazia sua barriga tremer. Segurou o pau dele e conduziu-o para dentro de si, movendo-se para a frente para introduzi-lo mais fundo. Ele entrou com carinho, mas só o suficiente para deixá-la louca de vontade. E beijou-a com fervor, enroscando a língua na sua.

Por fim, afastou-se e encarou-a apaixonadamente.

“Brian”, sussurrou ela. “Faz uma coisa para mim?”

“Qualquer coisa.”

“Come minha bunda.”

“Você gosta? Não sou muito bom...”

Ela cobriu os lábios dele com os dedos. “Nunca tentei. Quero experimentar coisas diferentes com você. Tudo bem?”

Ele riu por entre os dedos dela, surpreso. “Topo qualquer coisa, meu bem.”

Myrna repassou mentalmente todas as fantasias sujas que sempre tivera, mas que nunca pudera satisfazer. “Qualquer

coisa?”

“Qualquer coisa.”

“Só isso por enquanto. Vai doer?”

“Talvez. Não sou feito para isso.”

“Você é enorme”, disse, correndo os dedos ao longo do peito nu. Ansiara pelo prazer da dor com ele o dia todo. Por que hesitar agora? “Mas não quero que seja gentil. Quero que me machuque.”

Brian arregalou os olhos, surpreso. “Sério?”

“É.” E empurrou-o, o coração pulando de excitação, além de uma pitada de medo.

Virou-se para debruçar na mesa, usando as mãos para abrir a bunda. Ele se abaixou e lambeu o ânus, molhando-a ao máximo. Quando se levantou novamente, ela o fitava por cima do ombro. Brian abriu um pacote de camisinha, vestiu e ficou de pé atrás dela. Myrna tentou relaxar, ansiosa para que aquele pau preenchesse seu local proibido. Ele esfregou a pontinha na carne enrugada e entrou devagar. Ela mordeu o lábio para não gritar. Com certeza ele triplicara de tamanho. Entrou mais fundo, e ela gemeu. Solto as mãos da bunda e estendeu os braços diante de si, os dedos apertando a superfície dura e lisa da mesa.

“Ai”, arfou.

“Vou parar.”

“Não, não pare. A gente só precisa...”

Um tubo rolou pela mesa na direção dela.

“... de um pouco de lubrificante”, disse, agradecida.

“Fala sério, cara. Na hora de entrar por trás é sempre importante lubrificar.” Trey enfiou o pirulito de volta na boca e

saiu da sala.

“Obrigada, Trey”, disse Myrna.

Ela passou o tubo para Brian e esperou enquanto ele passava o líquido no pau e usava o dedo para espalhar mais um pouco dentro dela. “Você não se incomoda que eles estejam lá fora ouvindo tudo o que a gente faz aqui dentro?”

A presença deles fazia que ela se sentisse ainda mais suja. Não queria fingir que era pura. Jeremy sempre exigia isso, e ela odiava absolutamente tudo a respeito dele. “Se me incomodasse, teria levado você para um quarto com porta.”

Ele riu. “Acho que estou me apaixonando por você.”

Myrna retesou o corpo. *Não, não diga isso.* Ele entrou mais fundo. “Ah, Deus”, gemeu, fechando os olhos com força. Não estava mais aguentando. Estava doendo. Fundo dentro dela. Mordeu o lábio, as lágrimas escorrendo pelo rosto, a pressão dentro de si dolorosa e excitante ao mesmo tempo.

“Você tem certeza disso?”, perguntou Brian.

Não tinha. Doía muito, mesmo com o lubrificante, mas ela fez que sim, as lágrimas pingando na mesa diante de si. Ele começou a sair, e a dor foi imediatamente substituída por um prazer ofuscante. “Hummmmm”, gemeu ela.

Entrou de novo. Mais fundo dessa vez. A dor voltou com toda a força. Não exatamente prazerosa. Estranha. Ele saiu. Uma sensação de alívio. Definitivamente prazerosa.

“É tão bom quando você sai”, murmurou ela. Mas, para sair, ele tinha que entrar.

E foi o que ele fez uma vez mais. A dor da penetração misturava-se ao prazer do momento em que ele saía. Ela

ofegou e abriu um pouco mais as pernas, para facilitar o movimento dele.

“Assim, meu bem.” Brian tentou mais algumas vezes, deixando o corpo dela se ajustar ao tamanho dele, e quando Myrna conseguiu recebê-lo por inteiro sem reclamar, ele se debruçou sobre seu corpo e descansou os punhos na mesa. As investidas aumentaram de velocidade, e Myrna sentia a vagina pulsando de vontade toda vez que as bolas dele batiam no clitóris. Estava fodendo mais forte agora, a dor era intensa, mas o prazer era dez vezes mais doce. Em meio à excitação, Myrna soluçou.

“Você está chorando?” Ele parou e fitou-a por cima do ombro dela.

Myrna escondeu o rosto entre as mãos. “Não pare agora”, implorou, a voz falhando.

“Você está chorando.”

“Eu gosto, Brian. Não pare. Meta com força. Por favor. Me machuque. Sou tão suja. Uma cadela suja. Pode me punir.”

Ele beijou seu ombro com ternura. “Você não é suja, meu bem. Você é linda. Me avise quando quiser que eu pare.”

E diminuiu a velocidade das investidas, mas sem deixar de ir fundo nela. Myrna sentiu as coxas amolecerem. Devagar era melhor. Podia suportar aquela dor suave sem chorar.

“Isso é gostoso, Myr, mas não estou ouvindo música.” Ele a envolveu com os braços e acariciou o clitóris até um orgasmo deixá-la completamente desorientada. E então saiu de dentro dela. “Eu sei que você quer sentir dor porque fiz que se sentisse como uma prostituta.”

Como ele sabia aquilo? Ela levantou-se da mesa e virou-se para ele. Abriu a boca para contestar, mas ele a impediu, cobrindo seus lábios com os dedos.

“Esse lance *voyeur* é um tesão, Myrna, mas prefiro adorar você na privacidade. Acho que não entende o quanto é bonita. Como essa sua desinibição é fantástica. Tão maravilhosa...” E então pareceu perceber que tinha falado demais.

Myrna sentiu o coração pulando. Um deus do sexo, e tão gentil. “Obrigada”, sussurrou.

Ele a beijou na bochecha e tirou a camisinha antes de colocar o pau duro de volta dentro da calça. Em seguida, entregou a ela a toalha que tinha usado para sair do banheiro.

“Talvez você não se importe de andar por aí pelada na frente da minha banda, mas eu não gosto.”

Ela assentiu e enrolou-se na toalha.

“Vamos achar um quarto com porta. Aí a gente tenta algo diferente, se você quiser.”

“Gostei da ideia, se você ainda estiver disposto a me satisfazer.”

“A satisfação é toda minha.” Ele riu, segurou a mão dela e levou-a para um dos quartos privados que havia dentro da suíte.

Sed desviou os olhos da TV e observou enquanto os dois passavam. “Já terminaram?”

“Nem começamos”, respondeu Brian.

6

Brian levou Myrna até o quarto e fechou a porta. Sob a tênue luz que atravessava as cortinas, ela o fitou, ansiosa. Ele sorriu, segurando seu queixo e acariciando sua bochecha com o polegar. Que mulher. Linda, inteligente, espirituosa, divertida, sensual. Como podia não se apaixonar por ela? Sabia que ela esmagaria seu coração feito um inseto, mas não ligava a mínima. Será que era essa maratona sexual com todo amante que tinha? Com certeza era ávida e muito hábil. Ele não tinha coragem de perguntar em voz alta. Não queria saber que não era especial para ela. Queria acreditar que era o primeiro, o único com quem experimentara tal nível de paixão. Podia ao menos fingir. E ceder às vontades dela. Se o que queria eram novas experiências, faria o máximo para lhe dar exatamente isso.

Myrna pousou a mão com carinho em sua barriga, e ele se retesou. Ainda estava duro, mas queria ir devagar agora, sem se entregar ao sexo desenfreado. Não que transar desenfreadamente fosse ruim. Era bom demais, e ela estava sempre disposta. O que era enlouquecedor. Mas Myrna merecia ser valorizada, e ele ia se dedicar a fazê-la se sentir bonita, exatamente como dissera.

Nunca devia ter deixado Eric assisti-los. Sabia que era por isso que ela estava se sentindo suja. Quando aquele solo surgiu

em sua cabeça, não pensou em como seu total descaso pelos sentimentos dela a afetaria.

Beijou-a nas pálpebras. Nas bochechas. Na pontinha do nariz. Embora ela lhe oferecesse a boca, evitou os lábios. Agora não. Mas o queixo, sim, deu um beijo no queixo e então passou para o pescoço, logo atrás da orelha. Sentia em seus lábios a pulsação dela.

Myrna suspirou e enterrou os dedos no cabelo dele, deitando a cabeça para facilitar seu acesso. Sua pele estava úmida e fria. Ele usou a boca para aquecê-la enquanto descia ao longo do pescoço.

Ela estremeceu.

“Está com frio?”, sussurrou ele, puxando-a em direção à cama e às cobertas.

“Estou pegando fogo.”

Brian sorriu. Ela estava sempre pegando fogo. E ele se entregara por completo, mesmo sabendo que se queimaria. Talvez fosse parte da atração.

Ergueu-a no colo e a deitou na cama, mantendo-a coberta pela toalha. Teria tempo para aquelas partes do corpo dela mais tarde. Agora, no entanto, queria começar por onde Myrna jamais imaginaria. Ajoelhou-se na beirada da cama, levantou a perna dela e segurou o pé, massageando a sola com os polegares. Apoiou o calcanhar em seu ombro e beijou o tornozelo, a panturrilha e atrás do joelho, arrancando um suspiro. Sua língua empenhou-se naquela pele sensível, riscando padrões caóticos atrás do joelho.

Quase podia ver a abertura por entre as coxas. A sombra da toalha era a única coisa cobrindo os segredos dela. Sentiu o pau

pulsando de desejo. Os testículos doíam. Já havia gozado uma porção de vezes. Como podia querer mais? Em geral não era tão devasso. Por que ela?

Por que não?

Afastou de leve a toalha. Queria vê-la. Que erro. Não queria pular em cima dela feito um adolescente tarado, mas a visão daqueles lábios cor-de-rosa, ligeiramente abertos e implorando para serem preenchidos, fez que abrisse a calça às pressas e liberasse o Monstro. Segurou-o com firmeza, tentando mantê-lo sob controle.

Ela riu, e ele ergueu os olhos, a língua ainda movendo-se nas costas do joelho dela. Estava observando-o. “Qual é a graça?”, perguntou, levantando a cabeça.

“Nada. É só que sei o que você está pensando.”

“E o que é?”

“Que tem um buraco macio bem na sua linha visão que precisa ser preenchido, mas você me prometeu me fazer me sentir bonita, então vai se segurar ao máximo.”

Ele sorriu e soltou o pau para enfiar um dedo nela. A pele escorregadia engoliu-o com um líquido quente. “Este buraco macio?”

Adorava a visão de seu dedo enfiado nela e não estava interessado em tirá-lo.

“Esse mesmo. Era nele que você estava pensando?”

Brian soltou o pé que mantinha em seu ombro para enfiar a pontinha de um dedo da outra mão no ânus dela. “Tem este aqui também.”

Ela se contorceu. “Você prefere este?”

“Na verdade, prefiro o primeiro.”

“Eu também. E agora tenho certeza absoluta disso, graças a você.”

Ele tirou o dedo do ânus e enfiou mais um na buceta. Isso, melhor assim. Com o polegar, esfregou a pele sobre o clitóris. Myrna se contorceu.

“Desculpe ser tão previsível”, murmurou ele. “Mas realmente trouxe você aqui para te encher de carinho.”

“Prefiro ser submetida ao que você realmente quer fazer comigo.”

Ele tirou os dedos de leve e enfiou novamente, imerso no encanto de assistir à cena. Em seguida, olhou ao redor, concluindo que preferia assistir ao seu pau fazendo aquilo. A cômoda comprida batia mais ou menos na altura do quadril. Saltou da cama, ficou de pé e vestiu a última camisinha que ainda tinha no bolso. Esperar não era mais uma opção. Debruçou-se na cama, segurou-a pela bunda e puxou-a na sua direção.

Quando a levantou para sentá-la na cômoda, ela arfou de susto.

“Aqui?”, perguntou.

“Eu quero ver”, murmurou ele. “Você já fez assim antes?”

Ela fez que não com a cabeça, beijou-o na testa e se equilibrou na beirada da cômoda, abrindo as pernas para que ele pudesse assistir a tudo. Tinha que possuí-la. Agora. Não podia mais esperar.

Segurou o pau e penetrou no calor convidativo do corpo dela. À medida que entrava, soltou um suspiro, os olhos se concentrando no contato entre os dois. A visão de seu pau fundo dentro dela e a sensação quente de ser envolvido

fizeram-no se contrair de desejo. Ela descansou a testa no ombro dele, também querendo ver.

Brian deixou sua necessidade conduzir o ritmo, entrando e saindo cada vez mais rápido. O tempo todo olhando a forma como ela se abria ao redor dele, encaixando-se perfeitamente aos seus contornos. Ficou na ponta do pé, para entrar com ainda mais força. Queria mergulhar fundo e fazê-la soltar aquele rosnado choroso do fundo da garganta. Não sabia se ela tinha consciência do barulho que fazia, mas ele ficava louco.

Foi então que ele ouviu de novo.

A música.

Tentou ignorar, querendo se concentrar apenas na visão de seu pau desaparecendo dentro do corpo apertado de Myrna, sentir o calor dela ao redor dele e a dor daqueles dedos enterrados em seus braços. Cheirar a pele dela, seu suor, seu sexo. Ouvir apenas aqueles barulhos enlouquecedores que ela fazia. Provar seus lábios. Levou a mão até o queixo dela e beijou sua boca, enfiando a língua. Tão doce.

A sequência de acordes se repetia em sua cabeça.

Ele interrompeu o beijo e olhou em seus olhos. “Diga meu nome”, pediu.

“Brian.”

Ainda estava ouvindo música. “Mais alto.”

“Brian.”

Muito baixo ainda. Ele a fez urrar. Os gritos abafariam a música.

Sem tirar o pau, levantou-a da cama e a carregou pelo quarto. Jogou-se na cama, entrando fundo nela. Myrna arqueou as costas e soltou aquele gemido que o fazia subir pelas

paredes. Meteu nela, esfregou-se contra o clitóris e então saiu completamente. Ela gemeu, reclamando.

“O que você quer, meu bem?”, sussurrou ele em sua orelha.
“Diz pra mim.”

“Seu pau. Me come, Brian. Por favor.”

“Desculpe. Não ouvi. O que você quer que eu faça?”

“Com força, Brian! Me fode com força!”

Isso. Mal podia ouvir o riff agora. Entrou nela novamente.
“Assim?”

“Mais forte!”

Ele saiu devagar. “Você quer que eu tire?”

Então ela lhe deu um tapa na cara. Ele estremeceu, a bochecha ardendo. Estava assustado demais para dizer qualquer coisa. Myrna agarrou-o pelo cabelo.

“Eu falei pra me foder com força! Entendeu?”

Ah, sim, tinha entendido direitinho. Ia foder aquela mulher até que ela lhe implorasse para parar.

Foi o que fez: forte, rápido e fundo. Myrna gritava seu nome. “Brian! Assim, Brian!”. Mas não adiantava nada. A música o consumia por dentro. O corpo dela se contorcia sob ele, os músculos apertando seu pau em espasmos vigorosos. Ele se afastou apenas o suficiente para tocar o clitóris com os dedos. E a acariciou com persistência enquanto ela gozava, a vagina envolvendo o pau de forma enlouquecedora, e os acordes envolvendo sua mente quase com a mesma intensidade.

“Brian, você tem que parar”, ofegou ela. “Por favor, não aguento mais.”

Ele afastou a mão, e ela relaxou um pouco. Com um sorriso malicioso, tocou novamente o clitóris. Mais forte e mais

depressa dessa vez, enquanto continuava enfiando o pau dentro dela. Myrna tremeu descontroladamente.

“Ah, meu Deus!”

“O que foi?”, perguntou, mordendo a orelha dela. “Vou deixar você aqui, gozando uma vez depois da outra, até a hora que eu quiser. Tudo bem?”

E parou de mexer o dedo para que ela pudesse pensar numa resposta.

“Pare, por favor”, implorou. “Ah. Ah. Não, não pare. Nunca mais. Não pare nunca mais.” Ela tremeu incontrolavelmente de novo. “Ah, por favor. Você tem que parar.”

Ele parou, deixando que ela recuperasse o fôlego.

“Você precisa se decidir.” E voltou a tocá-la impiedosamente.

O solo lhe veio quando ela se desfazia sob ele no êxtase de mais um orgasmo. Merda. Não dava mais para ignorar a música.

“Você não vai acreditar”, murmurou.

Ela piscou confusa, como se ele tivesse lhe perguntado o sentido da vida, mas por fim pareceu entender o que estava acontecendo. “Você está ouvindo música de novo?”

“Estou. E... é uma balada.”

“Você precisa ir mais devagar?”

“Infelizmente.”

“Se você aguentar, acho que eu também aguento.” Ela riu, cansada, o corpo flácido embaixo dele.

Brian suspirou e foi até uma mesinha redonda próxima à janela para buscar um bloco de papel timbrado do hotel e uma caneta. Deitou em cima dela de novo. Equilibrou o bloco no ombro de Myrna, abriu a caneta com a boca e escreveu as

primeiras notas. Não conseguia ouvir a música fora dela, então entrou novamente e se concentrou nos sons em sua cabeça enquanto preenchia aquele corpo com movimentos lentos e firmes.

Semiconsciente das coxas macias dela, as notas vinham como que por mágica, igual às outras vezes. A série de solos que estava compondo aparentemente ia se interligando. Quando terminou de anotá-los, estava exausto. A caneta escorregou de seus dedos, e ele fitou Myrna.

Ela sorriu. “Terminou?”

Quantas mulheres o deixariam viajar desse jeito no meio do sexo sem arrancar seu pau? Ou melhor: quantas mulheres despertavam aquilo nele? Só sabia de uma.

Ele sorriu, sonolento. “Acho que estou cansado demais para terminar.”

“Você está aí há mais de uma hora”, sussurrou ela. “Quer que eu termine?”

Mais de uma hora? Isso explicava por que estava coberto de suor e fraco de tão cansado. “Eu agradeceria.”

Virou-se de costas. Sentiu o ar frio em sua virilha e tremeu. Ela sentou em cima dele, envolvendo-o com aquele calor divino. Deve ter percebido que ele precisava gozar rápido. Tinha passado do ponto sem se dar conta. Estava dolorido. Ela o cavalgou depressa, intensificando sua necessidade.

Ah, que delícia. Tão apertada. Quente. Macia. Molhada. Apertada. Ah, Deus. Tão quente.

Tinha que gozar. Tinha que se entregar. Não podia parar. Tinha que... Tinha...

Explodiu com um grito rouco, ejaculando dentro dela, desejando não estar de camisinha. Querendo seu sêmen todo nela. Confuso pelo que estava sentindo. Ela desabou em cima dele, e ele a envolveu com os braços para mantê-la junto de si. Mergulhou num sono profundo com o rosto de Myrna colado em seu peito, o coração cheio e dolorido pulsando lá dentro. Até que enfim. Tinha encontrado. Era ela.

7

Myrna bateu à porta com a plaquinha de “Somente pessoal autorizado” nos bastidores do estádio. Um grandalhão abriu-a, bloqueando a entrada inteiramente com o corpo.

“O que deseja, senhora?”

Não tinha nada para usar além de suas roupas de trabalho, mas ser chamada de senhora era quase como levar um tapa. A ideia de ser tratada como velha a fazia ranger os dentes.

“Sou convidada do Sinners.”

O segurança lançou um olhar de “tá bom” e conferiu uma lista em sua prancheta. “Nome?”

“Myrna.” E tossiu. “Myrna Suxsed.”

Ele abriu um sorriso. “Você deve ter um monte de irmãs. Tem pelo menos meia dúzia de garotas aqui com esse sobrenome.”

“É verdade”, comentou ela, pigarreando.

Ele deu um passo para o lado, entregou-lhe uma credencial com o nome falso e apontou para o corredor. Havia várias pessoas de pé diante das portas com o nome das bandas de abertura. A maioria eram mulheres jovens aparentando exatamente o que eram. Parecia que estava na moda usar um sutiã preto como se fosse camiseta. Myrna fingiu estar à vontade, mas destoava nitidamente. Talvez devesse ter

comprado uma calça jeans. Não achou que o terninho fosse ser um grande problema. Não podia estar mais enganada.

Viu o nome do Sinners na porta de um dos camarins e sorriu. Lá dentro estaria a salvo dos olhares dos fãs.

Bateu à porta e alguém abriu. Esperava ver só os músicos. O camarim, no entanto, estava lotado, e ela não conhecia ninguém. Entrou e fechou a porta. Foi à procura de um rosto conhecido, atraindo os olhos das pessoas ao redor.

“Myrna!”, chamou Eric. “Você veio.”

Ele vinha correndo do outro lado do cômodo. Ela fez uma careta, e Eric a envolveu, prendendo seus braços e levantando-a do chão. Assustou-se com a altura dele. Devia ter um metro e noventa, mas era magro feito um palito. Não tinha se dado conta de como era alto até notar que ele a segurava a uns trinta centímetros acima do chão.

“Me bota no chão.”

Ele a girou, deu um beijo estalado em sua testa e colocou de volta no lugar.

Uma menina de batom preto o segurou pelo braço. “Quem é ela?”

Ele deu um tapa na bunda dela. “Não interessa. Vai pegar uma cerveja pra mim.”

E a menina obedeceu, saindo em silêncio.

“Onde está Brian?”, perguntou Myrna.

“Está se arrumando para o show. Eu posso estar um lixo. Fico atrás da bateria mesmo. Mas ele fica na frente, então precisa cuidar do visual. Quer uma cerveja?”

“Não, obrigada. E você não está um lixo.” Ela ajeitou a mecha de cabelo vermelho junto do pescoço.

“Será que nossa Myrna aqui tem uma quedinha por mim?” Ele passou o braço em seus ombros, puxando-a para junto de si.

Alguém tirou uma foto.

“Ei”, Myrna chamou o cara da câmera, soltando-se do abraço de Eric. “Quem falou que você podia tirar uma foto minha? Ei!”

Uma camiseta preta sobre um peito musculoso apareceu na sua frente. Parou. Alto demais para ser Brian. Ergueu os olhos e seus joelhos fraquejaram.

“Sed?”

Ele abriu um sorriso satisfeito. Os olhos, no entanto, estavam escondidos atrás dos óculos espelhados.

Sed segurou entre os dedos a credencial que ela havia prendido presa na lapela do terninho. “Olá, srta. Suxsed. Que bom ver você por aqui.”

“Você está tão... diferente.” *Gostoso* foi o que pensou em dizer, mas não queria se tornar mais uma fã, gaguejando e tropeçando diante dele. Já tinha uma dúzia delas fazendo fila.

“Não acredito que veio de terninho a um show de metal, professora. Acho que você tem mais colhões que eu.”

“Impossível”, disse a loura à esquerda dele, rindo da própria piada.

“Mestre Sinclair está no banheiro.” Ele apontou com a cabeça para o fundo do camarim. “Precisa de um pouco de paz antes dos shows, mas tenho certeza de que não vai se importar de ver sua musa.”

“Obrigada, Sed.”

“Quem era?”, perguntou a loura.

“Não interessa. Vai pegar uma cerveja pra mim.” E lá foi ela, sem reclamar, perdendo o lugar para uma morena.

Myrna seguiu abrindo caminho pelo camarim. Notou Jace num canto, esperando enquanto um roadie ajeitava as pontas do seu cabelo com um tubo de gel verde. Trey estava com dois pirulitos na boca e uma garota no colo. Um rapaz maravilhoso estava sentado ao lado dele, a mão em sua coxa, mas Trey não parecia reparar. Ele acenou para Myrna ao vê-la. Ela acenou de volta, parou na porta do banheiro e bateu.

“Ocupado”, disse a voz de Brian lá dentro.

“É Myrna. Posso entrar?”

A porta se abriu. Usando uma luva de couro sem dedos, ele a puxou para dentro pelo antebraço. Ela enterrou o nariz no ombro dele, no couro da jaqueta. Nossa, como cheirava bem. Sentira sua falta nas três horas desde que o vira pela última vez. Mau sinal. Teriam que se despedir em poucas horas.

“Que bom que você veio”, murmurou ele.

O corpo forte tremia junto ao dela. Myrna se afastou para olhá-lo melhor e ficou boquiaberta. Os olhos estavam pretos de tanto delineador.

“Você está usando mais maquiagem do que eu.”

“Pareço uma menininha?” Ele fez cara de mau para o espelho.

Myrna o abraçou pelas costas. “Não. Você está mais bonito do que deveria ser permitido por lei. Como sempre.”

“Vai mandar me prender?”

Ela desceu a mão para agarrá-lo por cima da calça. “Não, mas posso ter que castigar você.”

Brian a segurou. “Não faça isso comigo agora”, pediu. “Tenho que estar no palco em trinta minutos e mal consigo andar.”

Ela riu. Também já tinha exercitado os quadris e as pernas o suficiente por um dia. “Sei como é. Por isso está tremendo?”

Ele balançou a cabeça. “Nervosismo pré-show. Sempre acontece. Depois que começa fica tudo bem.”

Brian virou-a de frente para ele. Ela se apoiou na pia e recebeu seu beijo afetuoso.

“Que bom que veio. Estava com uma sensação de que nunca mais ia ver você.”

“Eu não ia perder esse show por nada. Posso não parecer, mas sou sua maior fã.”

“Gostei do terninho.” Ele abriu o primeiro botão da camisa. “Você está usando aquela cinta aí embaixo?”

“Se eu achar que merece, deixo você descobrir depois do show.”

“Belo incentivo. Melhor eu me aquecer. Meus dedos estão enferrujados.”

“Nem um beijinho de despedida?”

Ele descansou as mãos na pia atrás dela e a beijou profundamente. Myrna se acendeu de desejo como se fosse um fósforo. Envolveu-o pelo pescoço, os dedos brincando com o cabelo na nuca. Em geral, eles eram macios, mas estavam duros e espetados de tanto gel e spray de cabelo. Era como se tivesse acesso a dois homens inegavelmente sensuais em um só. O Brian de verdade com quem passara o dia — nota dez, sem dúvida — e esta versão rock star, Mestre Sinclair — também nota dez, claro. Eram a mesma pessoa, mas completamente diferentes.

Afastando-se lentamente, ele abriu os olhos e lançou um olhar ardente na direção dela. “Vou tocar uma coisinha pra você no palco.”

“O quê?”, ela perguntou, perdendo o fôlego.

“Você vai saber.”

Brian deixou Myrna na pia do banheiro e abriu a porta. Uma menina de cabelo preto e roxo quase pulou em cima dele. “Mestre Sinclair! Finalmente. Estou esperando há séculos por você!” Ela o agarrou pelo braço e ficou saltitando do lado dele. “Ai, meu Deus, eu te aaaaaaaaamo. Me dá um autógrafo? Por favooooooooor.”

Brian mal olhou para a menina enquanto assinava o encarte do CD do Sinners que ela botara na mão dele.

Ela olhou por cima do ombro do guitarrista e perguntou: “Quem é aquela?”

“Não interessa”, respondeu ele, devolvendo a caneta e o encarte. “Vai pegar uma cerveja pra mim.”

E lá se foi ela, sem protestar.

Myrna riu. Brian olhou para trás, por cima do ombro, uma das sobrancelhas arqueadas. Ela balançou a cabeça para ele, ainda rindo. Devia ser fácil desenvolver um complexo de superioridade com todas aquelas fãs correndo atrás de você e fazendo todas as suas vontades...

8

De pé na coxia, ao lado de dois roadies e de algumas das meninas que estavam no camarim, Myrna olhava o palco e esperava a entrada do Sinners. Seu coração batia acelerado.

“Quem é você, afinal?”, perguntou uma delas.

“Não interessa. Vai pegar uma cerveja pra mim”, disse Myrna.

A menina respondeu com uma careta, enrugando a pesada maquiagem azul e preta que tinha no olho. Myrna se perguntou se ela achava realmente necessário usar tanto glitter. Aquilo não ajudava em nada. Pelo contrário, só deturpava seu rosto.

“Hum. Brincadeira”, disse Myrna. “Sou amiga do Brian.”

“Você foi babá dele ou algo assim?”

Ui.

“Não, na verdade, tô pegando ele.”

“É, foi o que eu achei.” Ela franziu a testa. “Como ele foi arrumar alguém tão careta?”

Myrna deu de ombros. “E você? Está com quem?”

“Com Sed ou Trey. Estava torcendo pelo Brian, já que ele terminou com a Angie, mas ele é do tipo que pega uma mulher só de cada vez.”

“Com Sed *ou* Trey?”

“Ou com os dois. Depende do clima e de quão cansados eles ficam depois do show.”

“Mas não com Eric ou Jace?”

“Eric provavelmente vai ficar vendo. Se quiser, pode me comer depois que o Sed terminar. Já Jace... Ele é maluco demais pra mim.”

“Ah é?” Com aquela carinha de santo?

A menina ao lado concordou, entrando na conversa. “Jace é louco. Primeiro, me pediu pra bater nele com um chicote, pra entrar no clima. Quando a gente terminou, achei que ia me matar. Quer dizer, literalmente. Quase sufoquei.”

“Humm.” Myrna jamais imaginaria aquele tipo de coisa de Jace. “E como vocês se chamam?”

“Darlene”, disse a menina da maquiagem pesada.

“Joyce”, respondeu a quase sufocada.

“Sou Myrna. Myrna Suxsed.”

As duas riram. “Somos parentes. Irmãs, acho.”

“Quer dizer que você chupou o Sed antes de pegar o Brian?”, perguntou Joyce. “Incrível ele ter aceitado isso.”

“Ah, não.”

“Então como arrumou uma credencial com Sed?”

Myrna corou. Imaginou que já que a credencial tinha o sobrenome falso inventado por Sed, todo mundo deveria achar que ela o chupara para ter acesso aos bastidores. “Preciso perguntar uma coisa. Sed faz vocês chuparem o pau dele em troca de credenciais?”

“Ah, chupar é o mínimo”, respondeu Darlene.

“Que canalha!”, vociferou Myrna.

“É, mas é um canalha muito gostoso”, comentou Joyce, e as duas riram.

“Vocês não ligam de serem tratadas assim? Deixam qualquer um fazer isso?”

“Claro que não. Mas a gente está falando de Sed Lionheart. O Sed Lionheart. Entende? Eu lambria as botas sujas da merda do cachorro dele se me pedisse”, afirmou Darlene.

“Não se eu lambesse primeiro”, completou Joyce.

“Inacreditável”, Myrna murmurou baixinho.

As luzes do estádio se apagaram e uma lâmpada azul iluminou o chão do palco. Myrna viu quatro pares de pés caminhando nele. O barulho da plateia era ensurdecedor. O coração dela pulava. Um daqueles pares de pés pertencia a Brian.

O baque do bumbo vibrava dentro dela. O baixo de Jace se juntou à batida de Eric, estremecendo seu peito. Então ouviu a guitarra de Trey, e o inconfundível solo de abertura de Brian. A plateia foi à loucura. Houve um clarão e as luzes se acenderam. No centro do palco, Sed abria a canção com um rosnado rouco no microfone. As meninas ao lado de Myrna gritavam e socavam o ar.

Myrna não conseguia tirar os olhos de Brian, nem sequer piscava. Observou-o caminhando pelo palco, tocando a guitarra como se fosse uma extensão dos próprios dedos. Era quase como se fizesse amor com ela. E Myrna não sentia ciúme da atenção que ele dedicava às cordas. Aquilo a excitava de um jeito primitivo que era incapaz de descrever. Talvez fossem as outras dez mil pessoas para quem ele movia loucamente aqueles dedos sedutores. Quando eles chegaram ao solo do

meio da música, Sed foi para perto de Jace, ao fundo, deixando o palco para Brian. A multidão gritava, uma massa de corpos se espremendo diante do palco num mar de gente e suor.

“Você é um gênio, Mestre Sinclair!”, berrou um dos roadies. O cara devia ver aquele show todas as noites, e ainda se empolgava com a música. Myrna só observava, todos os nervos do corpo em alerta. Sentia-se... viva.

“Bota pra foder!”, gritou.

Darlene riu e bateu animada em suas costas. “Mandou bem, Myrna. Mestre Sinclair é um gato.”

O solo de Trey entrou em harmonia com o de Brian, e ele se postou no centro do palco. Eles tocavam a guitarra um do outro, ao mesmo tempo que dedilhavam o solo no cabo da própria guitarra. Havia algo de incrivelmente erótico em vê-los tocar juntos. Uma intimidade inesperada surgiu entre os dois. Uma intimidade que Myrna gostaria de experimentar. Simultaneamente. Foi tomada por um calor no rosto e no meio das pernas. Deus do céu. O que ela tinha na cabeça? Brian e Trey. Juntos. Com ela? Só de pensar ficava louca. Abanou-se com uma das mãos.

Quando os guitarristas terminaram e se separaram, o público gritou mais uma vez. Trey saltitava de um jeito absolutamente adorável. Era como se seu corpo não conseguisse se conter diante da música. Ele se movia para a frente no ritmo dos acordes que tocava. Até aquele momento, Myrna ainda não tinha reparado em como ele era sexy. Cara, até Jace e Eric a excitavam, e ela não via nada além das baquetas de Eric atrás da bateria.

Do outro lado do palco, Sed voltou para o microfone e começou a soltar o coração pela boca. As pessoas eram carregadas por cima das cabeças e acabavam caindo no espaço entre a grade e o palco. Os seguranças as resgatavam, e elas passavam por Myrna, gritando empolgadas enquanto corriam para voltar para a multidão lá atrás. Mas ela não olhava para mais nada além dos cinco caras no palco, um deles em especial. Brian tinha voltado para o fundo. Estava em pé de frente para a bateria de Eric, sacudindo a cabeça no ritmo de sua guitarra. Quando a música acabou, o palco ficou escuro, e a multidão urrou em resposta. Myrna se juntou a ela. Eles eram o máximo. E ela os *conhecia*. Era inacreditável. Gritou com a plateia, pedindo mais.

Um foco de luz se acendeu no centro do palco, iluminando Sed de pé numa plataforma. “Boa noite, Chicago!”, gritou ele, e apontou o microfone para a galera.

A multidão respondeu. Sed envolveu a orelha com a mão, e a multidão gritou mais alto.

“Começamos a trabalhar no disco novo hoje”, disse ele ao microfone. “O que acham disso?”

Mais gritos. Myrna sentiu o corpo inteiro em chamas. Tinha algo a ver com aquilo. Não muito, mas estivera lá.

“Mestre Sinclair vai tocar um solo daqui a pouco, mas agora a gente vai... abrir as portas do inferno!”

A introdução de Brian para “Gates of Hell” soou nos altofalantes, fazendo o público gritar. No quinto compasso, a banda se juntou a ele, e a multidão foi ao delírio. Eletrizada pela energia de dez mil jovens, Myrna se entregou à insanidade. Brian cruzou o palco na direção dela. Achou que não iria

enxergá-la, mas ele olhou bem nos seus olhos e deu uma piscadinha. Ela ficou sem fôlego. Brian correu na outra direção, ainda tocando. Sed largou o microfone durante a longa abertura e pulou na multidão. O coração de Myrna quase parou de preocupação, com medo de que o machucassem. Sem chance. As pessoas o levaram de volta e os seguranças o livraram das mãos mais empolgadas, botando-o de pé na área em frente ao palco. A grade inteira tremeu com o movimento do público tentando se aproximar dele. Um roadie atravessou o palco, pegou o microfone e o jogou para Sed. Brian, Trey e Jace estavam numa orgia de guitarras e baixo.

Sed cantou o restante da música entre a grade e o palco. Deixou a multidão tocar seu ombro, seus braços e sua mão livre enquanto andava para a frente e para trás. Quando a música acabou, correu para a lateral em que Myrna estava.

“E aí?”, perguntou, sem fôlego, ao passar por ela. “Gostando do show?”

“Ah... Estou”, ela gaguejou, feito uma boba.

“Sed!”, gritou Darlene.

Mas ele já tinha subido os degraus do palco.

“Vocês estão demais hoje!”, exclamou Sed para o público, que respondeu com mais uma leva de gritos. “O que está achando, Mestre Sinclair?”

“Não sei, Sed. Não estou ouvindo quase ninguém...” O som da voz de Brian fez os joelhos de Myrna fraquejarem. Quatro horas antes, aquela mesma voz a havia feito gritar, e agora dez mil pessoas respondiam a ele com urros ensurdecedores. Brian levantou a palheta. “Quem vai querer?”

Vários braços se esticaram pela grade, loucos pela oferenda. Ele jogou a palheta para a galera, provocando uma onda de corpos que mergulhavam em busca dela. Tirou a guitarra e um roadie veio correndo com um violão prateado. Brian trocou de instrumento, e o roadie voltou para a lateral do palco com a guitarra. Depois que Brian ajeitou o violão no ombro, pegou uma palheta nova do suporte do microfone e a conferiu, como se procurasse algum defeito. Em seguida, caminhou na direção de Myrna. Dessa vez, não olhou para ela. Apenas sentou na plataforma e olhou o público de lado. Ela teve que se contentar com as costas dele, e ficou imaginando a sensação que aqueles cabelos provocariam em seus dedos.

“Vamos acalmar um pouco as coisas?”, Sed perguntou à multidão. Os holofotes diminuíram até restar apenas uma luz tênue que brilhava atrás da banda. Brian estava sentado na plataforma numa das pontas do palco, e Trey na outra. Eles tocaram os acordes suaves da balada mais famosa da banda.

“Vamos acender umas luzes aí, galera”, disse Sed.

As pessoas acenderam isqueiros e ligaram os celulares. Um mar de luzes brilhava na escuridão do estádio. A música não era tão alta quanto a anterior, então Myrna podia ouvir o público cantando com Sed. Ele tinha uma voz de veludo quando não estava gritando. Ela havia esquecido como cantava bem. Ele estava sentando na frente do palco e cantava cada palavra com a própria alma. Myrna entendia o fascínio que Sed provocava nas pessoas, mas era Brian que ela queria.

Depois das primeiras seis músicas, a banda saiu para um intervalo rápido, deixando Brian sozinho. Ele pegou o microfone no centro palco. “Sed prometeu uma provinha do

solo novo. Não riam se eu errar. Escrevi isso hoje.” Ele fez uma pausa para criar o efeito desejado e começou a tocar. Marcadas pelo shred de Trey, as notas de “Brilha, brilha, estrelinha” surgiram nos amplificadores. Brian terminou o solo girando a alavanca da guitarra. Se alguém era capaz de fazer uma versão rock ‘n’ roll de “Brilha, brilha, estrelinha” era Mestre Sinclair. “E aí? Curtiram?” Ele perguntou, rindo. O coração de Myrna quase derreteu. “Acho que essa é mais a cara do Trey.”

A multidão riu e aplaudiu.

“Se vocês quiserem ouvir o solo novo, vão ter que gritar mais alto do que isso.”

O público gritou tão alto que Myrna teve que cobrir as orelhas. Quando todos se acalmaram, ela baixou de novo as mãos. Não queria perder uma palavra do que Brian estava dizendo.

“Myr, essa é pra você.”

Darlene e Joyce a empurraram animadas, mas pararam assim que Brian começou o solo. O estádio inteiro ficou em silêncio, todo mundo pasmo com a habilidade e a velocidade daqueles dedos. Ele executou as notas com perfeição. Quando terminou, Trey apareceu ao seu lado.

“Isso foi ou não foi o máximo?”, gritou no microfone.

A multidão berrou de volta.

“Temos um riff novo também. Brian está consumido por sua musa.” Trey empurrou-o pelas costas, um sorriso imenso nos lábios. Brian deu uma tropeçada para o lado, rindo. “O que vocês acham, Chicago? Querem ouvir o riff novo?”, perguntou Trey.

Mais gritos. Os dois tocaram o riff que tinham praticado na sala de jantar aquela manhã. Para Myrna, era como se ela já não estivesse num estádio lotado. Brian estava fazendo amor com ela e rabiscando os acordes em seu corpo com uma caneta. No palco, ele tocava de olhos fechados, quase deitado nas costas de Trey. Myrna sentiu uma conexão com aquele homem e se perguntou se ele estava pensando nela enquanto tocava para aquela gente toda.

Sed entrou no palco de novo. “Esses caras são uns gênios ou não são?”

Eric bateu suas baquetas. Jace fez soar o baixo. A multidão ia à loucura.

“Agora vou ter que inventar uma letra à altura. Não aguento a pressão!”, disse ele, segurando a cabeça angustiado. Myrna riu.

A banda entrou na música seguinte. Quando o show acabou, todos no estádio estavam encharcados de suor. Uma nuvem pairava acima da multidão. Os músicos deixaram o palco, parecendo empolgados e exaustos ao mesmo tempo. Eric, o último a sair e, de longe, o mais suado, jogou as baquetas para a galera feito dois bumerangues, mas sem esperar que voltassem.

O público ficou gritando “Sinners, Sinners, Sinners” por vários minutos depois de as luzes se acenderem. Myrna correu para os bastidores e viu Brian pela porta do camarim. Ela mostrou a credencial para um segurança e correu na direção dele.

“Brian.”

Ele se virou. Seu sorriso, inteirinho para ela, era deslumbrante. Myrna correu até ele e o envolveu num abraço empolgado. Estava ligeiramente surda por causa da música alta, mas todos os seus outros sentidos tinham se intensificado. O cheiro do suor dele a fazia tremer.

“Vocês são demais”, gaguejou ela.

Brian tirou os protetores do ouvido. “Não vai dar uma de fã agora.”

Envolvendo-a pelo ombro, seguiu com ela para fora do camarim. Ao passarem por uma porta, Myrna viu Sed sem camisa, cercado de garotas.

“Aonde estamos indo?”, perguntou.

“Você não vai querer ficar perto do Sed agora. Vai por mim. Está num péssimo humor. Vamos para o ônibus. Tudo bem?”

Ela fez que sim. Se ele lhe pedisse para caminhar sobre brasas, teria aceitado prontamente. Por quê? Naquele instante, não era capaz de entender sua própria psicologia.

Brian deu um beijo no rosto dela. “Gostou do seu solo?”

“Tinha como não gostar? Só conseguia pensar em você fazendo amor comigo na hora que escreveu.”

Ele riu. “Eu também.”

“Ah, é?”

“E no que mais você estava pensando?”

“Nas cinco mil meninas gritando seu nome?”

“Tinha cinco mil caras gritando meu nome também. Não é exatamente excitante. Além do mais, só uma mulher gritando meu nome me interessa.”

Brian apertou-a contra seu corpo, e ela sentiu um calor no coração. Eles saíram do estádio e depararam com uma

multidão ao redor dos ônibus da turnê. Os fãs gritaram no instante em que o reconheceram, mas os seguranças mantiveram-nos afastados até que Myrna tivesse subido os degraus do ônibus.

“Preciso de um banho”, disse ele. “Mas acho que vou deitar um pouquinho antes.”

Myrna sentiu todo o corpo reverberar, tomada pela adrenalina. Não sabia por que ele queria deitar. A menos que...

“É, acho que você devia descansar um pouco. Posso deitar com você?”

“O que acha?”, perguntou ele, olhando para a roupa dela. “Esse seu terninho vai ficar todo sujo de suor.”

“Por mim, é descartável.”

Ele abriu um sorriso. “Ficou animada de me ver no palco, é?”

“Por que será?”

Myrna tirou o paletó, jogando-o numa pilha de calças jeans e camisetas pretas antes de abrir os botões da camisa de cetim prateada.

Brian pegou sua mão. “Vamos sair daqui. Nunca se sabe quando um roadie ou o Eric vão aparecer.”

Ele a levou para o fundo do ônibus e abriu uma porta para uma passagem estreita. Eles entraram num pequeno quarto, quase inteiramente ocupado por uma cama queen size.

“Não tenho a menor ideia se esses lençóis estão limpos”, murmurou, ajudando-a com os botões. “Somos um bando de arruaceiros.”

“Maravilhosos. Todos vocês.”

Brian parou e a fitou nos olhos, sob a luz baixa do quarto. A única iluminação vinha dos postes da rua por entre a persiana de metal. “Ai, merda, você não está toda caidinha pelo Sed, está?”, perguntou. “É assim que eu perco as mulheres. Elas olham pra ele no palco e...”

Myrna cobriu os lábios dele com os dedos. “Estou caidinha por você, Mestre Sinclair.”

“Não me chame assim”, ele sussurrou sob seus dedos.

“Brian.” Ela substituiu os dedos pelos próprios lábios, beijando-o avidamente.

Sua blusa caiu no chão, enquanto ele tentava desabotoar a saia. Desceu o zíper, e ela caiu no chão ao redor dos pés de Myrna. Brian olhou para o corpo dela com um sorriso travesso. “Que bom que você decidiu que eu merecia ver o que tinha debaixo daquele terninho. Lindo demais.” E caiu na cama em cima de um monte de travesseiros, suspirando de exaustão. “Preciso dormir.”

Ela subiu na cama em cima dele. Tirou sua camiseta e sentou sobre suas coxas, massageando os ombros e as costas.

Brian suspirou satisfeito. “Exatamente o que eu precisava, Myr. Obrigado.”

Ela se debruçou sobre ele e beijou seu ombro, usando a língua para sentir o gosto de sal em seu suor.

“Humm, isso também é bom”, murmurou, sonolento.

“Quer que eu vá embora? Dá para ver que você está cansado.”

“Não, gosto da sua companhia. Isso é bom. Mas não tenho energia para devorar você. Sou uma decepção, né?”

“Nunca.” Ela segurou a mão dele e massageou a base dos dedos e a palma.

“Hummmm.”

Então beijou os dedos e disse: “Mágicos”.

“Nós dois sabemos que só tem um corpo mágico nessa cama. Acho que os fãs gostaram do seu solo, Myr.”

“Seu solo.”

“É você inteirinha, gata. Eu só toquei.”

Ela sorriu. Sabia que não merecia o crédito. “Você é um doce.”

“Shhhhh. Não conta pra ninguém...”

E dormiu. Lá se fora a hora de sexo ardente que eles teriam antes de seguir cada um seu caminho. Myrna deitou do lado dele, traçando preguiçosamente caminhos ao longo de suas costas. Estava mesmo ali? Aquele tinha sido o dia mais incrível da sua vida. E, mesmo que nunca visse aquele homem maravilhoso de novo, jamais o esqueceria.

Um tempo depois, ouviu uma comoção do lado de fora do ônibus. Uma algazarra e uma risadaria cada vez mais próximas, num misto de vozes masculinas e femininas.

Myrna pulou da cama, entreabriu as persianas e olhou pela janela de frente para o estádio. O restante da banda havia saído do prédio e estava caminhando em direção aos fãs e à rua que fora fechada para eles. Separados da multidão por uma barreira de metal, eles se abraçavam e distribuíaam autógrafos, posando para fotos com os fãs.

Ela olhou por cima do ombro para Brian, perdido em sonhos. Perguntou-se se ele sempre era assim reservado ou se fazia uma ou outra concessão aos fãs. Olhou de novo para fora.

Sed estava levantando uma garota por cima da barreira de metal e acrescentando-a ao seu cortejo de mulheres. Quando desviou sua atenção para assinar mais um autógrafo, a menina fez uma dancinha feliz atrás dele e puxou a saia para baixo, para cobrir as coxas.

Myrna ficou pensando naquela menina. Duvidava que conhecesse Sed. Duvidava que Sed a conhecesse. Será que dormiria com ele sem qualquer hesitação? Tinha certeza de que sim, mas será que aquela menina dormiria com qualquer um ou era só a fama de Sed que a atraía? Pensou em se perguntar a mesma coisa. Por que fora tão ávida em dormir com Brian? Em geral, precisava conhecer o cara de verdade antes de conhecê-lo fisicamente. E, para ser sincera, não chegara a conhecer muitos homens o suficiente para dormir com eles. Então por que agira de forma diferente com Brian?

Ele suspirou em seu sono, estendendo a mão para o lugar vazio que ela deixara na cama. Então arfou, assustado, levantando. Quando a viu de pé perto da janela, sorriu e deixou a cabeça cair de novo no travesseiro, espreguiçando os braços acima da cabeça e depois para os lados.

“Você não dormiu nada”, disse Myrna.

“Sonhei com você.”

“E foi um sonho bom?”, perguntou ela, voltando para a cama.

“Na verdade, não. Estava correndo atrás de você, que não parava de fugir de mim.”

“Não estou fugindo agora.”

Ele apertou sua coxa. “Acho que não.”

Myrna limpou uma manchinha debaixo do olho dele. “Sua maquiagem está toda borrada.”

“Dormi de cara no travesseiro de novo?”

Eles ouviram uma batida seca na porta. Brian resmungou consigo mesmo. Pulou da cama e abriu a porta. “O que foi?”

Um dos roadies respondeu: “Vamos sair em uma hora”.

“Tudo bem. Valeu por avisar.” Fechou a porta e voltou-se para Myrna. “Uma hora.”

“Tenho que ir de qualquer forma.” Por que ela se sentia tão sozinha de repente? “Vou dirigindo até Kansas City e preciso sair logo se quiser estar em casa amanhã.”

Ele olhou para o teto do ônibus, pensativo. “Des Moines fica longe de Kansas City?”

“Des Moines?” Ela sorriu. “A gente está em Chicago, meu bem. Esqueceu?”

“Não, é que hoje à noite a gente vai dirigir até Des Moines para o show de amanhã. Talvez você pudesse ficar comigo no ônibus e dirigir para casa de lá amanhã de manhã.”

Sua cabeça dava voltas de empolgação. Em três horinhas ela poderia ir de Des Moines até Kansas City. Quando se deu conta de que o plano não era viável, seu coração murchou. “E meu carro?”

“Um dos roadies pode ir seguindo o ônibus com ele. Estão acostumados a dirigir a noite toda.”

“Então tudo bem.” Ela sorriu, a solidão evaporando no mesmo instante. “Gostaria muito de passar a noite com você, Brian.”

Ele se aproximou de onde ela estava sentada, na beirada da cama, e a colocou de pé. Então apertou o corpo contra o dela e

a beijou profundamente. Myrna sentiu um arrepio, ainda empolgada pela performance dele no show.

Outra batida à porta. Brian soltou um suspiro e interrompeu o beijo.

“Deus do céu”, murmurou consigo mesmo. “O que foi?”, gritou para a porta.

Ela se abriu, e Sed enfiou a cabeça. “Ocupado?”

“Sim.”

“Acho que você já monopolizou esse quarto tempo o bastante.”

“O outro ônibus...”

“Trey está lá. E você prometeu.”

“É, eu sei.” Ele se virou para Myrna. “Vamos pegar seu carro.”

Ela assentiu, escondendo seu corpo seminu atrás de Brian para não ser vista por Sed. “Só preciso me vestir.”

“Dois minutos.” Brian levantou dois dedos na direção de Sed.

Ele fechou a porta, e Brian deu um beijinho na bochecha dela, pegando sua blusa do chão.

“Foi mal. Tinha prometido deixar o quarto para ele esta noite. Claro que isso foi antes de saber que você ia dormir aqui. Puta merda...”

“Não tem problema. A gente pode só dormir junto.”

Ele abriu um sorriso de orelha a orelha. “Sério? Na verdade, parece ótimo.”

Myrna vestiu a blusa e a saia, ajustando-se o mais rápido que podia. Brian botou a camiseta e estendeu a mão para levá-la para fora. Eles saíram e seguiram pelo corredor comprido, passando pelas fileiras de beliches atrás das cortinas até chegar

ao ambiente principal. Myrna contou oito pessoas. Sed, três garotas, Eric e uns roadies.

“O quarto é todo seu, Sed”, disse Brian.

Ele pegou a garota mais próxima, jogou por cima do ombro e seguiu pelo corredor. A moça, linda, gargalhou de empolgação ao ser jogada na cama. As outras duas a seguiram com Eric, exalando hormônios.

Myrna deve ter transparecido perfeitamente seu assombro. Brian riu diante da expressão dela.

“Ele é sempre assim”, disse. “Estou surpreso que não tenha invadido o quarto com a gente dentro. Não é do feitio dele bater.”

“Sed tem a reputação que tem por um motivo”, comentou um dos roadies, que parecia ser da banda. Todo tatuado. Cabelo preto. Óculos escuros à noite. Correntes, piercings e músculos.

“Quem vai dirigir hoje, Travis?”, perguntou Brian.

“Eu vou no caminhão. Matt no outro ônibus. Acho que Dave vai dirigir este daqui.” E apontou para o louro com cara normal à sua esquerda. Dave assentiu brevemente.

Brian virou-se para um terceiro roadie, que não tinha sido escalado para a direção. “Jake, faz um favor?”

“Qualquer coisa”, respondeu ele sem hesitar.

“Myrna precisa que alguém dirija o carro dela até Des Moines.”

Jake sorriu com malícia. “Beleza, sem problema.” Alto, magro e usando um moicano curto, ele virou-se para Myrna. “Onde está seu carro?”

“No estacionamento. Pode deixar que eu pego”, respondeu ela. “Deixo aqui do lado do ônibus com a chave dentro?”

“Seria perfeito. Só não me diga que é uma minivan.”

“Humm... É um Thunderbird conversível 1957. Está reformadinho. Você vai cuidar bem dele, não vai? Sou um tanto ciumenta.”

“Delícia”, disse Dave. “Eu troco com você, Jake. Pode levar o ônibus. Deixa o Thunderbird comigo!”

“Fala sério. Brian pediu para mim.”

“Só para avisar, o carro é rosa”, interrompeu Myrna.

“Rosa? Eca, por que fazer isso com um modelo clássico?”, disse Jake, passando os dedos pelo moicano.

Ela riu. “Não sei se você reparou, mas eu sou *menina*.”

“Tenho certeza de que todo mundo aqui já percebeu”, disse Brian ao pé do ouvido dela. Todo o seu corpo tremeu ao ouvir aquela voz grave.

“Não tenho problema nenhum com a cor”, disse Dave, arregalando os olhos. Ele parecia um menino bem-apeado. Há quanto tempo será que trabalhava para a banda? Jake, por outro lado, parecia meio louco. Se tivesse que decidir baseada apenas nas aparências, preferiria que Dave levasse o carro, mas sabia que não seria justo. Todos trabalhavam duro, e além de equipamentos caros a banda confiava sua própria vida nas mãos deles. “Troca aí, Jake. Fala sério. Você gosta de dirigir o ônibus e sabe que eu odeio.”

“Vocês dois resolvam aí”, disse Brian. “A gente precisa ir buscar o carro antes da hora de sair. O caminhão já está carregado?”

“Melhor a gente ir arrumar as coisas”, disse Dave.

“Quem guardar o equipamento primeiro leva o Thunderbird”, exclamou Jake, abrindo a porta do ônibus e

correndo pelas escadas.

“Ei, não vale.” Dave saiu atrás dele. “Eu tenho que guardar a bateria! E deve ter um milhão de pratos!”

Eles ouviram Jake gritando à distância por cima do ombro, afastando-se do ônibus: “É, mas além das guitarras do Trey tenho que guardar os amplificadores. Pode parar de reclamar”.

“Vamos”, disse Brian.

“Espere aí. Preciso do paletó. Deixei as chaves no bolso.”

Ele esperou que ela vestisse o paletó e pegou sua mão para ajudá-la a descer as escadas.

A multidão lá fora parecia menor do que antes, mas assim que Brian saiu do ônibus começaram a gritar na direção dele.

“Merda”, reclamou. “Humm... Você pode esperar um minuto?”

Ele a beijou no rosto. Vários flashes dispararam. Queria que parassem de tirar fotos dela com membros do Sinners sem sua autorização.

Brian caminhou na direção da multidão. Começou numa das pontas da barreira de metal e foi até o final. Deu autógrafos, um ou outro abraço, apertou mãos, bateu dezenas de fotos e aturou um bocado das fãs. Myrna esperou pacientemente, tentando conter o ciúme. Sabia que aquilo era importante. Eram os fãs que possibilitavam a carreira dele. Ainda assim, não gostava daquelas garotinhas se esfregando nele toda vez que se distraía com um autógrafo ou respondia a uma pergunta.

Depois de quinze minutos, ele acenou para a multidão e voltou para junto de Myrna.

“Vou dar a volta pela frente dos ônibus e encontro você do outro lado. Se eles me virem de novo, não vamos ter sossego. Você pode ir por entre os dois ônibus e me encontrar lá atrás. Vamos fingir que estamos nos despedindo agora.”

“Tá legal.”

Ele a abraçou com a mesma indiferença com que abraçava os fãs e deu tchau, para então virar na direção oposta. Ela foi caminhando ao longo do ônibus, diante do estádio, observando os roadies empurrarem os equipamentos por uma porta até um caminhão que estava estacionado mais adiante. Olhou por cima do ombro e passou por entre os dois ônibus. Podia ouvir gritos de êxtase vindos do quarto nos fundos de um deles. Parou e fitou a janela acima de sua cabeça. Sed estava mesmo se empenhando com uma das meninas. Ela gritava o nome dele à toda. Myrna corou, perguntando-se quantos de seus próprios gritos tinham sido ouvidos.

Um corpo forte a pressionou de encontro ao ônibus. Na escuridão, sentiu a mão de alguém apertando seu seio. Seu coração pulou dentro do peito. Lutou com o homem, tentando se desvencilhar dele.

Jeremy. Ai, meu Deus, ele me achou. Mas como?

Antes que ela pudesse acertá-lo, o homem segurou seu pulso e firmou sua mão no ônibus, perto da cabeça. Ela abriu a boca para gritar, mas sentiu uma língua entrar em sua boca. Conhecia aquele gosto. Brian?

Quase a matara de susto.

Ela o empurrou para longe.

“O que você está fazendo? Achei que estava sendo atacada.”

“E está”, rosnou ele, pressionando seu corpo contra o dela. Quando tentou beijá-la, levou um soco no estômago.

“Pare com isso.”

“Ai. Não tem ninguém vendo.” As sombras os encobriam completamente.

Ele a levantou contra o ônibus e soltou seu pulso, para levantar a saia ao redor de sua cintura. Embora soubesse que Brian não ia machucá-la, o coração de Myrna pulava assustado dentro do peito. Ela socou o braço dele com toda a força. Ele parou. No escuro, Myrna não podia ver seu rosto, então não sabia se tinha entendido o recado.

“Você quer que eu pare, Myrna? Achei que a gente podia dar uma rapidinha aqui atrás, já que o Sed pegou o quarto.”

“Nunca mais faça isso. Você quase me matou de susto.”

Ele colocou a palma da mão no peito dela. “Seu coração está mesmo pulando, gata. Você sabia que era eu, não sabia?”

“Não”, sussurrou ela. “Achei... Achei...” Lutou contra as lágrimas, sentindo-se uma idiota. “Não importa o que achei. Nunca mais faça isso.”

Ele a abraçou com carinho. “Desculpe, Myr. Por favor.”

Como podia sentir raiva dele? Sabia que estava exagerando. Jeremy estava fora de sua vida para sempre. Era verdade que não estava mais preso, mas não tinha ideia de onde ela estava. Nem sabia mais seu nome. E... estava com Brian, não Jeremy. Gostava dele. Talvez um pouco demais, considerando há quanto pouco tempo se conheciam.

Depois que conseguiu controlar o medo, procurou a boca de Brian na escuridão e deu-lhe um beijo carinhoso nos lábios. “A

gente está perdendo tempo. Daqui a pouco os ônibus vão embora.”

“Você topa?”, perguntou ele, incrédulo.

“Promete nunca mais me assustar?”

“Prometo.” E sussurrou em seu ouvido: “Tire a calcinha”.

Ela pousou a mão na virilha dele, o pau duro feito pedra. Brian suspirou por entre os dentes. Myrna baixou a calcinha até a coxa e a deixou deslizar até o tornozelo. Saltou para fora dela com um dos pés e sentiu um vento frio lá embaixo à medida que Brian abria suas pernas com os joelhos.

“Isso”, murmurou ele. “Não se mexa agora. Preciso dizer que nunca duro muito depois de um show.” Ele a apertou contra o ônibus.

Myrna ouviu o zíper da calça abrindo. Ele se afastou, colocou uma camisinha e esfregou o pau duro na coxa dela, enquanto relaxava, suspirando em seu ouvido. Segurou uma das coxas e a passou em volta da cintura. Brian preenchia seu corpo com o dele, e ela respirava ofegante, já muito perto do orgasmo.

Myrna jogou a cabeça para trás em êxtase. “Isso é tão bom, Brian.”

“É”, disse ele, descansando a cabeça contra o rosto dela. “Humm.” Entrou lentamente, girando os quadris para intensificar o prazer. “Uma delícia.”

Um grupo de pessoas passou perto do ônibus, conversando sobre os equipamentos no caminhão. Roadies, imaginou. Eles continuaram andando, e Brian nem sequer interrompeu suas investidas lentas. Ela procurou os lábios dele com a boca, beijando-o profundamente. Seus movimentos se intensificaram, e ele gemeu em sua boca. Ela respondeu da

mesma forma. Brian se movia mais rápido agora. Tinha perdido todo o controle. Myrna o agarrou pelos cabelos, pressionando os dedos contra o couro cabeludo, excitada. Ele desvencilhou a boca da sua.

“Você está perto?”, perguntou. “Diga que está perto!”

“Já acabou?” Mal podia acreditar. Em geral, ele demorava a vida toda.

“Hummm”, murmurou ele. “Quase. Não vou conseguir segurar.” E puxou o paletó dela com força. “Ah, Deus.” Ele metia mais forte. Mais forte. Mais forte. E contorceu-se contra ela com um gemido rouco. Espalmou as mãos contra a parede do ônibus de ambos os lados do rosto dela, o corpo tremendo de satisfação, mole, esmagando-a contra o aço duro.

“Foi mal, gata. Não queria gozar tão depressa”, sussurrou.

“Tudo bem. Você avisou.”

“Não é desculpa.”

Ele saiu de dentro dela, ficou de joelhos e passou a perna de Myrna por cima do ombro. Buscou algo entre as pernas dela e, no escuro, achou o que procurava. Sugou o clitóris para dentro da boca, e ela estremeceu. Enfiou dois dedos, curvando-os para estimular o lugar certo que descobrira naquela manhã. Seus dedos foram fundo dentro dela e depois saíram, apenas para entrar novamente. Ela o agarrava pelos cabelos, equilibrando-se completamente na lateral do ônibus e gemendo baixinho a cada movimento dos dedos e da língua.

De repente, uma luz iluminou seu rosto. Ela espremeu os olhos, momentaneamente cega pela lanterna, e ergueu um dos braços para se proteger.

“Ops, foi mal”, disse uma voz masculina, desligando a luz.

Myrna ficou rígida. Tinha perdido toda a concentração, e a excitação desaparecera. Brian, no entanto, não parava e, em pouco tempo, com a boca e com os dedos, fez que esquecesse completamente onde estava.

Dentro do ônibus, os rosnados animais de Sed eram acompanhados pelos gritos das três mulheres. As três? Como um cara sozinho podia dar conta de três? Talvez Eric estivesse participando. Ouvir ajudou-a a reencontrar o tesão, e logo estava estremeendo de alívio. Myrna gritou, sentindo o prazer tomar todo o seu corpo. As pernas ficaram fracas. Brian segurou-a com o braço livre à medida que ela deslizava pela lateral do ônibus. Quando seus espasmos cessaram, ele tirou o dedo de dentro dela e a abraçou, beijando-a com ternura.

“A gente tem que aprender a se controlar”, murmurou ela.

Ele riu. “E que graça tem isso?”

Myrna esfregou o rosto no corpo dele. “Eles vão embora para Des Moines sem a gente.”

“Vão esperar. Além do mais, Sed ainda não chutou aquelas meninas para fora da cama.” Isso era óbvio. As três ainda estavam gritando o nome do vocalista como se estivessem num concurso de quem berra mais alto. Myrna podia ouvi-lo praguejando, enquanto o ônibus balançava a cada palavrão.

Ela franziu a testa, lembrando-se da luz em seu rosto poucos momentos antes. “Alguém viu a gente.”

“Acho que foi um dos roadies. Estão acostumados com essas coisas, meu bem. Não se preocupe. Não vão dizer nada.”

Ela fez um beicinho. “Eles já viram você comendo uma garota atrás do ônibus?”

“Já.”

“Como assim, já?” Por que estava com ciúmes? Ele provavelmente fazia aquilo o tempo todo. As experiências novas dela eram a mesma merda de sempre para ele.

Ele riu. “Já, agora há pouco.”

Myrna deu um tapa de leve no peito dele. Brian sempre conseguia fazê-la se sentir melhor. Especial, mesmo quando ela sabia que não tinha nada de especial. Não mesmo. “Vamos buscar meu carro.”

Ele a ajudou a ficar de pé. Myrna subiu a calcinha e ajeitou as roupas. Ainda estava com as pernas bambas. Uau! Que homem. Era tão bom para ela e, ao mesmo tempo, tão mau.

Brian também ajeitou as roupas, jogando a camisinha usada no chão e segurando a mão dela. “Mostre o caminho, professora.”

“Você não tem medo que uma fã maluca pegue isso e tente engravidar de você?”, perguntou Myrna, apontando para o chão.

“Que nojo.”

“E deixar aí no chão não é nojento?”

“Não.”

“Pega isso.”

Ele suspirou alto. “Tá legal.” Pegou a camisinha e estendeu para ela. “Aqui, bota no seu bolso.”

“Eca. Claro que não.”

“No seu corpo tudo bem, mas no seu bolso não?”

“É diferente.”

“Se você diz.”

Ela tirou as chaves do bolso. “É só jogar no lixo.”

Eles andaram ao longo do segundo ônibus e atravessaram o estacionamento praticamente vazio, com uma lixeira conveniente à disposição. Estava escuro o bastante para que ninguém reconhecesse Brian no caminho até o carro rosa à distância.

“Que beleza de carro”, disse Brian, olhando pelo vidro do motorista. “Posso dirigir?”

Ela hesitou. Tinha muito ciúme daquele carro. A ideia de um roadie dirigindo-o a quinhentos quilômetros por hora deixava-a bem nervosa. Mas o tempo extra que teria com Brian era um pretexto bom o suficiente. Entregou as chaves a ele.

Brian destravou a porta e abriu. “Uau”, sussurrou. “Está restaurado mesmo. Entre.”

Myrna sentou no banco do motorista e deslizou para o lado do carona. Brian entrou no carro, bateu a porta e girou a chave. O motor soltou um rugido grave em resposta. Brian acelerou. “Potente.”

“Pode apostar”, comentou Myrna.

“Motor V8?”

“É, trezentos e doze com carburadores Holley duplos.”

“Que máquina.” Engatou a marcha e saiu da vaga. Virou o volante e fez uma curva, antes de pegar uma linha reta na direção dos ônibus. Então decidiu dar umas voltas no estacionamento. Myrna fechava os olhos toda vez que ele rangia os pneus, mas Brian estava se divertindo tanto que ela não quis atrapalhar.

Por fim, avistou Jake, o roadie do moicano, acenando para eles animado. “Acho que estão prontos para ir embora.”

“É, acho que sim.” Brian dirigiu devagar por entre os ônibus e parou com um solavanco. “Bem divertido.” Então a puxou para junto de si. “Vamos para a cama.”

“De novo?”

“Preciso dormir.”

“Ah, a gente vai dormir.” Ela sorriu e baixou a cabeça.

“Pelo menos por uns minutos. Você me esgotou hoje, mulher. Não estou acostumado a levantar cedo. Normalmente passo a noite acordado e durmo de manhã.”

A porta do carro se abriu. “Rá”, disse Jake, apontando para o carro com a cabeça. “Eu vou levar o Thunderbird.”

“Se dirigir feito o Brian não vai coisa nenhuma”, disse Myrna.

“Vou tomar cuidado, pode deixar.”

Brian saltou do carro. “Não dirijo mal. Não dá pra botar um motor desses num carro pequeno e não esperar que eu teste do que é capaz.”

Ele ajudou Myrna a sair.

“Uau!”, exclamou Jake, sentando diante do volante. “Vejo vocês em Des Moines.” E bateu a porta. Os pneus cantaram com a ré que ele deu.

“Ótimo!”, disse Myrna. “Meu carro está sendo levado por um maníaco.”

“Ele não vai fazer nada demais. E, se fizer, compro um Porsche novinho para você.”

“Não quero um Porsche. Amo aquele carro! Foi dos meus avós.”

“Vai dar tudo certo. Eu prometo.”

Ela ficou olhando as luzes traseiras do Thunderbird acenderem quando parou num cruzamento. Os pneus cantaram de novo, e o carro acelerou. Então derrapou antes de entrar na estrada e desapareceu na noite.

Myrna bateu o pé, frustrada, e agarrou Brian pela camiseta, arrastando-o na direção do ônibus. “Vamos logo. Quanto mais rápido chegarmos a Des Moines, mas rápido vou poder arrancar o couro daquele retardado.”

“Ihhhhh. Posso assistir?”

“Ah, pode, claro que pode. Você vai segurar ele para mim.”

Ela começou a subir os degraus do ônibus, mas um corpo foi arremessado de dentro dele, impedindo a passagem. Myrna segurou a menina, mas se Brian não tivesse ajudado elas teriam caído no chão.

“Que parte de ‘some daqui’ você não entendeu?”, Sed vociferava para a moça do alto da escada.

Myrna reconheceu a garota que ele havia tirado do outro lado da barreira de metal uma hora antes.

“Sed”, a jovem soluçava, as mãos unidas diante do peito. “Por favor, me deixe ficar. Por favor!”

“Já cansei de você. Some da minha frente.”

Parecendo incrivelmente irritado, ele voltou para dentro do ônibus. A menina começou a subir os degraus, mas Brian a segurou pelo braço. Enfurecida, ela puxou o braço de volta e desatou a bater no peito dele. Então arregalou os olhos, reconhecendo quem estava tentando espancar.

“Ai, meu Deus, desculpe... Mestre Sinclair.” E cobriu a boca com as mãos trêmulas e lágrimas saltando dos olhos. “Fale com ele. Por favor! Diga que eu o amo.” O rímel escorria em rios

negros por suas bochechas. “Diga que vou me matar se ele não me quiser mais.”

Brian a segurou pelos ombros e a sacudiu de leve. “Ei, ei. Qual é seu nome, meu bem?”

Ela ergueu o rosto para Brian, e Myrna ficou chocada com como parecia vulnerável. Não podia ter mais que vinte anos.

“Meu nome?”

“É.”

“Ka... Karen.” E se jogou em cima de Brian, abraçando-o desesperadamente.

Ele estendeu os braços e olhou para Myrna por cima do ombro da jovem com cara de “não estou fazendo nada”.

Então falou num tom sereno. “Karen, você tem que entender uma coisa sobre Sed. Ele não está atrás de um relacionamento. Com ninguém. Só quer saber de sexo, entendeu? Não tem nada de errado com você. Você é linda. Ele não a teria escolhido se não fosse.”

Myrna sorriu. Era tão gentil da parte dele tentar consolá-la.

“Eu só achei...” Ela respirou fundo, soluçando. “Só achei...” E limpou o rosto no ombro dele, manchando a camiseta de lágrimas e maquiagem.

“O que você achou?” Ele deu umas palmadinhas de leve no ombro dela.

“Achei que se eu mostrasse a ele o quanto o amo...” Sua voz se tornou apenas um suspiro. “Me amaria de volta.”

Brian a afastou de si e mirou seus olhos vermelhos. Myrna nunca o tinha visto tão sério. “Sed não ama ninguém, Karen. Não depois da Jessica.”

Jessica?

Karen estreitou os olhos. “Eu podia matar aquela vadia.”

“Não se eu chegasse antes”, murmurou ele. E deu um abraço carinhoso em Karen, antes de soltá-la. “Agora, vá de cabeça erguida, meu bem. Você sobreviveu a uma transa com Sedric Lionheart. Aposto que até gostou.”

Ela riu e beijou Brian na bochecha. “Obrigada por me fazer sentir melhor, Mestre Sinclair.” Olhou para Myrna de relance, antes de ir embora.

Myrna adoraria conversar com ela e aprender mais sobre sua psicologia. Achava mesmo que estava apaixonada por Sed? O *verdadeiro* Sed? Ou a versão roqueira que desfilava no palco? E quem era o verdadeiro Sed? Myrna não tinha certeza se podia dizer que o conhecia de verdade.

Brian disparou escada acima. Ouviu-se um barulho agudo seguido por um baque surdo. Myrna correu atrás dele e parou na escada, os olhos arregalados. Sed estava estatelado no chão do ônibus, com Brian em cima dele, as mãos em punhos. O vocalista se apoiou num dos cotovelos e limpou o sangue no canto da boca com o polegar.

“Dá pra ser menos babaca?”, exclamou Brian. “Estou cansado de ficar consertando suas merdas.”

“Por que você se importa tanto com as minhas putas, Brian?”

Elas são iguaizinhas a você, meu amor, a voz de Jeremy se intrometeu. Myrna arregalou os olhos.

“Porque elas não são putas”, respondeu Brian. “Putas não choram quando são chutadas da cama.”

“Elas com certeza se comportam como se fossem.”

Sed ficou de pé e segurou Brian pela nuca. Myrna se contraiu, certa de que ele levaria um soco. Era muito menor

do que Sed, que tinha bem mais do que um metro e oitenta e, sem dúvida, era capaz de erguer duas vezes o próprio peso. Mas Sed não acertou o amigo. Apenas beijou-o no rosto.

E foi com os olhos cravados em Myrna que ele disse: “Acho que você não tem ideia da sorte que tem, meu amigo”.

Ele virou-se, desceu o corredor e se fechou no quarto vazio.

Num dos beliches, Eric botou a cabeça para fora da cortina. “Você não devia ter batido nele, Brian. Sabe por que ele é assim.”

“É, eu sei.” Brian sentou no sofá de couro que ficava ao redor da mesa de jantar e esfregou o rosto com as duas mãos.

“Quem é Jessica?”, perguntou Myrna.

Brian ergueu os olhos para ela. “A mulher que destruiu o coração dele e jogou para os tubarões.”

Myrna baixou os olhos. Identificava-se com a história. Ela também tivera o coração jogado para os tubarões havia muito tempo, e jamais conseguira recuperá-lo.

9

Myrna rolou no beliche estreito e se espremeu contra o corpo quente de Brian. Ele ressonava, apertando e relaxando o braço em torno dela.

O ônibus subia uma ladeira, fazendo um barulho alto e abafando temporariamente o ronco baixo de Trey, no beliche ao lado. Ainda não tinham chegado a Des Moines, então o que a acordara?

Abriu os olhos na escuridão. A cama era confortável o suficiente, mas era de solteiro, não havia muito espaço para se mover. Por ela, tudo bem. Uma boa desculpa para se espremer com o homem maravilhoso ao seu lado. Enterrou o nariz no pescoço dele e inspirou profundamente.

Ouviu uma lata batendo na mesa de jantar. Então fora isso que a acordara. Quem estaria de pé a uma hora daquelas? Pulou por cima do corpo de Brian e olhou por entre as cortinas. Sed estava sentado à mesa, de costas para ela. Deu um gole na cerveja, olhando para a palma da mão. Será que se importaria se ela se juntasse a ele? Parecia sozinho.

Myrna pulou para fora do beliche, puxando a camiseta de Brian para cobrir a calcinha. Sua mala ainda estava no carro, então não tinha nada para usar na cama, e Brian não queria que dormisse pelada tão perto dos caras.

Quando ficou de pé, Sed virou a cabeça na direção dela e sorriu de leve, guardando no bolso o que tinha nas mãos. Ela parou de pé perto do sofá, do outro lado da mesa, e esperou que a cumprimentasse.

“Não estava conseguindo dormir”, disse ele.

“Posso sentar?”

“Pode, claro. Quer uma cerveja?”

Ela fez que não. “Não bebo. Meu ex-marido era alcoólatra, e não consigo suportar o gosto.” *Ou o cheiro.*

Sed empurrou três latinhas para o canto da mesa. “Não... não sabia que você tinha sido casada.”

Ela deu de ombros. “Foi há muito tempo.” E passou o cabelo por trás das orelhas, mudando de assunto. “Acho que Brian ficou chateado de ter batido em você.”

“É, eu sei. Mas mereci. Sinclair não esmurra ninguém por nada. É um sujeito legal. Diferente da gente.”

“Acho todos vocês legais.”

Ele fez uma careta, os olhos azuis brilhando sob a luz baixa do abajur. “Até o Eric?”

Myrna riu. “É, até o Eric.”

“Tem razão. Eles são legais. Eu que sou a ovelha negra.”

Ela estendeu o braço e tocou sua mão. “Não é verdade, Sed. Sei que tem alguma coisa incomodando você. Pode conversar comigo, sabia?”

Ele baixou o olhar. “Você não devia me tocar, Myrna. Brian não ia gostar de saber disso.”

Ela teve vontade de fazer uma pergunta, algo que estava em sua cabeça desde o momento em que cruzara com eles, duas noites antes. “A última namorada dele. A pessoa que ele estava

tentando esquecer aquele dia. Você...?” Deitou a cabeça de lado, deixando o restante subentendido.

“É, eu peguei. E a anterior também. Já disse que sou um babaca. Ele devia me bater mais vezes.”

Myrna apertou a mão dele. “Não vou deixar você me pegar, tá legal?”

Ele ergueu os olhos e sorriu. “Tem certeza?”

Sua cabeça pulsava. Ela suspirou por entre os lábios. O cara era irresistível. Enigmático. Viril. Nunca tinha conhecido ninguém como ele. “Tenho.”

“Mas você teve que pensar.” Ele riu consigo mesmo. “Mulheres são todas iguais. Putas.”

Myrna se retesou, mesmo sabendo que ele só queria irritá-la. Aquela palavra a incomodava. Fora jogada na cara dela muitas vezes no passado. “É, somos todas umas... putas. Principalmente quando estamos na frente dos astros do rock que amamos tanto. Por que você acha que isso acontece?”

“Hã?”

“Por que você acha que as mulheres ficam tão promíscuas perto de você? Ou do Brian? Ou do Trey? Ou de qualquer um de vocês?”

“E você acha que eu sei?”

“Pois é, não sei também. Mas seria fascinante estudar o fenômeno.” Talvez ela pudesse conseguir uma verba de pesquisa. Groupies eram sempre desinibidas ou mudavam de comportamento quando estavam perto dos membros da banda? Tinha consciência de que a fama do Sinners a afetava. O fascínio de transar com um cara desejado por milhares de mulheres. Uma estranha psicologia. Não que tivesse tempo

para pesquisar algo divertido como promiscuidade entre groupies. Seu projeto atual não ia nada bem. Tinha que se concentrar em manter a verba da bolsa ou poderia muito bem dizer adeus à carreira acadêmica.

Sed apertou a mão dela, afastando as preocupações de sua mente. Engraçado como nada do que em geral a perturbava passava pela sua cabeça desde que conhecera Brian.

“Não acho que você seja uma, Myrna”, disse ele. “Nem quero pegar você.”

Ela riu. “Uau, essa doeu.”

“Você não entendeu. Respeito você. É o tipo de mulher que... que eu poderia...” Ele balançou a cabeça.

“Me conte da Jessica.”

Ele estreitou os olhos ameaçadoramente. “Não diga esse nome na minha frente.”

Alguém se mexeu em um dos beliches.

“Você estava olhando para a foto dela?” Era só um palpite. Um palpite certo.

Ele respirou fundo e mordeu o lábio. Depois de um tempo, respondeu: “Devia ter queimado com as outras. Não consigo esquecer. Não totalmente. É como se a dor a mantivesse perto de mim”.

Myrna apertou a mão dele. “Que pesado, Sed.”

Ele puxou a mão e ajeitou o cabelo. “É, eu sei.” Em seguida, levantou-se. “Vou dormir. Acho que o sono voltou.”

Myrna se sentiu mal por tê-lo afastado com sua intromissão. “Boa noite, Sed.”

“Boa noite, professora.”

Ela levantou da mesa e usou o banheiro minúsculo antes de voltar para o beliche de Brian.

“Você conversou com Sed?”, perguntou ele.

“Você estava acordado?”

“Você conversou com Sed?”

“Conversei. Ele está bem deprimido.”

Brian suspirou. “Não devia ter batido nele. Sei bem como ele é. Não consigo ficar com raiva apesar de toda a dor de cabeça que me causa. No fundo, está dez vezes mais machucado do que as pessoas que provoca.”

Ela segurou o rosto de Brian nas mãos, desejando poder ver sua expressão naquela escuridão. “Você é maravilhoso. Sabia?”

Ele a beijou com carinho. “Estou com tesão de novo. Disso eu sei.”

“Nunca mais vou andar direito.” Ela riu.

“Se não conseguir andar, não vai poder sair da minha cama.” Ele beijou seu queixo, a lateral do pescoço. “Nunca mais.”

O sol amanheceu cedo demais. Ele a tocara, beijara e acariciara, sugara sua pele, sentira seus lábios, abraçara seu corpo, por horas, mas ainda não a possuía. Pelo menos não do jeito que ela gostaria. No entanto, ele a possuía de um jeito que ela jamais planejava.

10

Myrna parou do lado de seu carro, que chegara em Des Moines pelo menos uma hora antes dos ônibus. Mas pelo menos estava absolutamente inteiro. Brian estava diante dela, mexendo distraído num botão de sua blusa. Ela olhava por cima do ombro dele, incapaz de encará-lo nos olhos. Toda vez que o fazia, sentia um aperto angustiado no coração.

Odiava despedidas. Principalmente as definitivas.

Enfiou a mão no bolso do paletó e segurou um cartão de visitas, na dúvida. Sabia que dar continuidade àquilo era um erro. Só causaria muita dor de cabeça aos dois. Ambos já haviam sofrido o suficiente no passado. Tirou a mão vazia do bolso. Sem compromisso. Para o bem deles.

Eles começaram a falar ao mesmo tempo. “Eu...”

“A gente...”

E riram. Seus olhos se encontraram. Brian a abraçou apertado e a beijou profundamente. Sentia um nó na garganta. *Não chore, Myrna. Espere até...*

Ela se afastou. “Me diverti muito com você.” Torceu para não ter soado emotiva, apenas impessoal.

“Isso não precisa ser um adeus.”

Ela baixou o rosto e engoliu o choro. “Precisa, sim.”

“Myrna...”

Então o beijou na bochecha e virou-se para abrir a porta do carro. Trancado. Lutou brevemente com a maçaneta até se dar conta de que estava com as chaves na mão. Brian se aproximou e a segurou pelos ombros.

“Myrna...”

Destrancou a porta com os dedos trêmulos. *Não chore. Não chore.*

Abriu a porta, mas Brian não se afastou. Ele a abraçou pelas costas, envolvendo-a pela cintura e descansando o queixo em seu ombro. “Fique”, sussurrou ele. “Por favor.”

“Não posso.”

“Então me diga quando vou poder ver você de novo.”

Ela fez que não, decidida. “Tchau, Brian.”

Livrou-se do abraço dele e entrou no carro. A familiaridade daquele ambiente a reconfortou. Fechou a porta e olhou para o volante, lutando para não erguer os olhos para a janela. Dirigiu, assegurando-se de que já não podia ser vista para só então deixar as lágrimas escorrerem. Viu Brian pelo retrovisor, olhando para os pés, as mãos enfiadas nos bolsos da frente da calça jeans. Ele respirou fundo, ergueu os olhos na direção do carro e voltou sozinho para o ônibus.

11

Trey deu um murro nas costas de Brian. “Patético. Sai do ônibus, cara. Não vai adiantar nada ficar aí bebendo sozinho de novo.”

Brian virou o restinho da cerveja. “Cale a boca.”

“Sabe o que você precisa? Comer alguém.”

Ele provavelmente tinha razão. Fazia quinze dias desde aquele fim de semana abençoado. Era hora de esquecer a professora do sexo e seguir em frente.

“É”, respondeu Brian. “Acho que sim.”

“Sed está agitando uma rodinha de boquete. Por que você não vem?”

Brian rolou os olhos para Trey. “Foi pra isso que você veio até aqui?”

“Bem, você sempre ganha dele. E ele apostou com Eric que, se perder, vai ficar sem sexo por um mês.”

Brian riu. Sed não se importava em esconder o vício. Um mês? O cara ia entrar em combustão espontânea. “É, gostaria de presenciar isso.”

“Você e todo mundo. Ele achou que ganharia na certa, já que você não ia participar.”

“Tô dentro.” Brian ficou de pé, cambaleando de leve.

Trey passou o braço dele ao redor do ombro para ajudá-lo a caminhar. “Você tem que diminuir a bebida.”

“Eu sei.” Mas aquilo amenizava a dor tão bem.

Quando entrou no outro ônibus, a animação induzida pelo álcool já havia se dissipado.

“Brian está dentro”, anunciou Trey.

Eric pulou da cadeira e abraçou os dois guitarristas. “Aê!” Então se virou para o vocalista. “Se fodeu, Sed.”

“Achei que a gente é que ia foder vocês”, murmurou uma das seis meninas, parecendo confusa.

“Ninguém chamou o Brian”, protestou Sed.

Uma loura estonteante de batom vermelho levantou o braço. “Pois eu estou chamando Mestre Sinclair.”

“Ficou com medinho, Sed?”, perguntou Brian. “Não gosta de perder?”

Sed agarrou a menina mais próxima e a botou de joelhos diante dele. Ela abriu o cinto dele. “Estou pronto. E você?”

Brian sentou na cadeira ao lado. Ávida, a loura ajoelhou na frente dele. Ela abriu o zíper da calça, mas ele segurou sua mão.

“Quem mais?”, perguntou Brian.

Eric, Trey e Jace sentaram-se no sofá de couro na frente das duas cadeiras. Duas garotas ficaram discutindo para decidir quem ficaria com Trey. Ele pousou a mão na cabeça da vencedora e deu o pirulito para a outra, que foi chupar seu prêmio de consolação num canto.

“Depois eu como você, tá, meu amor?”, o guitarrista falou para ela.

Sorrindo, ela assentiu.

“A primeira que fizer alguém gozar ganha uma credencial para os bastidores”, anunciou Sed. “E o último a cair tem

direito de zoar geral.”

“E você fica sem sexo por mês”, lembrou Eric.

“Isso se eu perder.”

Zíperes abertos, paus para fora, camisinhas com sabor nos seus devidos lugares.

A loura ajoelhada diante de Brian tirou a mão da dele e abriu a calça. Logo descobriu que ele não estava nem um pouco duro. Os outros ficaram esperando por ele para começar. A simples ideia de uma rodinha de boquete era o suficiente para deixá-lo furando a cueca, mas pensar nos lábios cor de bala daquela menina ao redor do seu pau não estava produzindo efeito algum. Quem sabe outra garota? Olhou ao redor, mas nenhuma das mulheres no ônibus era Myrna. Seu coração afundou.

“Acho que estou bêbado demais”, disse. Fechou a calça, empurrou a loura de lado e saiu do ônibus.

“Brian?”, chamou Trey.

“Brian está fora”, disse Sed assim que o guitarrista pisou no último degrau. “Valendo.”

Brian saltou do ônibus e recostou-se contra o para-choque traseiro. Perdeu a conta de quanto tempo ficou ali, só respirando. Dez minutos, talvez. Sabia que ouviria de tudo por não ter conseguido levantar, mas não era aquilo que o incomodava. Aquela mulher. Myrna. Não parecia capaz de tirá-la da cabeça.

Poucos minutos depois, Trey saltou do ônibus. Ele passou por onde Brian estava, virou e voltou para se recostar contra o para-choque ao lado do amigo.

“Aparentemente, você perdeu”, disse Brian.

“Nem tentei ganhar. O prêmio mesmo é ter uma garota se esforçando ao máximo pra fazer você gozar. Quem sou eu pra negar uma credencial?”

Brian riu. “E minha pobre garota não pôde nem tentar.”

“Você tem que ligar pra ela”, disse Trey.

“Hã?”

Deu um soco no braço do amigo. “Pra Myrna, seu burro. Ligue para ela.”

“Não tenho o telefone. Além do mais, ela não quer me ver.” Ele fixou o olhar nas botas.

“Não acredito nisso. E, se quisesse, você arrumava o telefone dela num instante.”

Ele riu. “Nem sei o sobrenome dela.”

“De onde ela é?”

“Kansas City”, respondeu, automaticamente, mas Trey já sabia daquilo. Brian não parava de falar em Myrna, então Trey sabia mais sobre ela do que gostaria.

“E é uma professora universitária, então deve trabalhar numa faculdade da região.”

“E daí?”

“Não devem existir muitas professoras de sexualidade humana nessas faculdades. Uma ou duas em cada, não é?”

Brian deu de ombros. “Acho que sim.”

“E Myrna não é um nome muito comum. Mesmo que todas as professoras de sexualidade humana de Kansas City se chamassem Myrna, você poderia ligar para todas até encontrar a certa.”

“Ela vai ficar puta se eu ligar”, disse Brian, sentindo uma pontada de esperança em seu maltratado coração.

“E daí? Se ela mandar você se catar, talvez seja o que estava faltando para você tirar isso da cabeça. Se não, então acho que a gente vai voltar a ver o Brian feliz. Que merda, a banda inteira está sofrendo com essa depressão. A gente precisa de você, cara. Você é quem faz isso funcionar.”

Brian suspirou profundamente. “Tá legal, já entendi. Vou procurar por ela.”

Animado, Trey descabelou o amigo até Brian se afastar, com a cabeça pinicando.

“Não precisa. Já achei.” Ele passou um pedaço de papel com um telefone rabiscado. Canhotos com seus garranchos incompreensíveis. “Aqui está o número do trabalho dela. Aparentemente, o número da casa não está na lista.”

“Como você arrumou isso?”

“Na internet. Aliás, o sobrenome dela é Evans. E tem uma foto dela na lista de contatos da faculdade.”

Uma foto? Tinha que dar uma olhada nisso mais tarde. Ver se era tão bonita quanto lembrava. “Quando você arrumou isso?”

“Semana passada.”

Brian fechou a cara. “E esperou até agora para me avisar?”

“Achei que você pudesse esquecer.”

Ele olhou para o pedaço de papel. “Agora só preciso criar coragem.”

“Não demore muito. Falando sério, nunca vi você desse jeito. Não por tanto tempo.”

“Myrna é diferente.”

Trey fungou e riu como se estivesse no quinto ano de novo. “Ela pegou você de jeito, hein, Sinclair?”

12

Myrna atendeu o telefone no segundo toque. “Dra. Myrna Evans, Departamento de Psicologia.”

“Myrna. Ah. É você.”

Sentiu o sangue sumir de seu rosto. “Brian?”

“Que bom ouvir sua voz.”

“Como você me encontrou?”

“Trey fez uma busca na internet, nas faculdades de Kansas City. Você não é muito difícil de encontrar.” Ele ficou em silêncio por um instante. “Ficou brava?”

Não podia mentir e fingir qualquer coisa que não felicidade por ele ter ligado. Estava apenas perturbada por ter sido tão fácil encontrá-la. Não estava se escondendo de Brian, mas havia outro homem que precisava evitar. A todo custo.

“Não”, respondeu. “Não fiquei brava.”

“Quer me ver?”

“O quê? Agora? Você está em Kansas City?”

Ele riu. Myrna sentiu que o ar lhe faltava, e seus mamilos se enrijeceram. Como era possível que o simples som daquela voz a deixasse tão excitada?

“Não, vou passar a semana no Oregon. Ainda estamos em turnê. Vou mandar uma passagem de avião.”

“Não posso largar tudo e pegar um avião para o Oregon.”

“Por que não?”

“Estou ocupada. Tenho um emprego, sabia?” Esse emprego que estava ruindo diante dos seus olhos. Ela pegou a carta da Fundação de Ciência Nacional e guardou na gaveta de cima. Não queria ter que se preocupar com a possibilidade de perder a verba de pesquisa. Não quando tinha a voz profunda de Brian Sinclair em seu ouvido.

“Você não tem folga nos fins de semana?”

“A maioria das vezes.”

“E neste? Vai trabalhar?”

“Não necessariamente.”

“Então qual é o problema?”

Ela hesitou. *Hum, por que não?* Bem que merecia um descanso daquele lugar. Talvez alguns dias fora a ajudassem a esvaziar a cabeça até decidir o que fazer com sua atual situação. “Você ainda não me mandou a passagem.”

“Merda”, murmurou ele.

A decepção fez seu coração escorrer até o pé. “Qual é o problema?”

“Ah, nada. Estou do lado de fora do estádio porque a cobertura do celular é melhor, e um grupo de fãs me reconheceu. Péssima hora. Estou duro feito pedra, graças a você, e agora não consigo correr.”

“Desde que tenha sido graças a mim mesmo”, respondeu ela, rindo.

Ouviu uma menina se esganiçando ao fundo: “Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! É o Mestre Sinclair!”.

Myrna riu.

“Você pode esperar um pouco? Estou no telefone”, ele disse para a menina.

“Ai, meu Deus! Assina meus seios? Por favor. Por favor. Você é liiiiindo! Onde está Sed?”

“Elas sempre querem Sed”, Brian disse para Myrna. “Deixe eu me livrar dessas garotas e já ligo com as informações do voo.”

“Certo.”

“Legal.”

“Brian?”

“O quê, gata?”

“Ei”, uma voz chorosa gritou ao fundo, “quem você está chamando de gata? Você tem namorada?”

Myrna balançou a cabeça. Não sabia como ele aturava aquilo. “É muito bom ouvir sua voz também.”

“Que bom”, disse ele, baixinho. “Já ligo de volta.”

Ele desligou, e ela ficou sentada na cadeira do escritório, ouvindo o silêncio do outro lado da linha até o telefone começar a apitar em seu ouvido. Colocou-o no gancho. Fazia um mês desde que haviam se despedido em Des Moines. Sentia falta dele e se arrependia de não ter mantido contato, embora não tivesse se dado conta do quanto até aquele momento. Quando o telefone tocou quase uma hora depois, ainda estava divagando com um sorriso idiota no rosto.

“Você pode pegar um avião daqui a quatro horas?”, perguntou Brian.

“Quatro horas? Ainda estou no trabalho.”

“É, eu sei. Liguei para o número do seu escritório.”

Ela riu. Fazia o quê... um mês que não ria? “É quinta-feira. Tenho que trabalhar amanhã.”

“Diz que está doente.”

“Doente?” Nunca tinha faltando por doença. Nem quando *estava* doente.

“Eu não valho uma falta no trabalho?”

“Não sei. Vale?”

Ele riu. “Você não facilita, não é? O show é sábado à noite, então achei que a gente podia passar um dia juntos, para nos reconectarmos.”

Reconectar? É, eles precisariam de pelo menos um dia. Ela desviou os olhos para a pilha de trabalhos de fim de curso. Estava dando as notas quando Brian ligou. Uma falta não ia fazer mal algum. Podia terminar de corrigir os trabalhos na terça, o prazo final de entrega das notas. “Para onde é o voo?”

“Portland.” Podia ouvir o sorriso na voz dele.

“Qual é o número?”

“Merda.”

“O que foi agora?”

“Achei que aquela ereção estava sob controle. Mas me enganei.”

Ela riu.

“Ai, preciso de você”, sussurrou ele. “Ria de novo.”

“Não consigo forçar o riso.” Ainda assim, estava rindo, porque estava incrivelmente feliz.

“Tem papel e caneta?”

Ela pegou uma caneta. “Tenho.” Anotou o número do bilhete que ele passou para ela. Colocou o telefone no gancho, desligou o computador e trancou a sala. A caminho da saída, parou na mesa da secretária do departamento.

“Gladys, vou sair mais cedo hoje. Não estou me sentindo muito bem.”

Gladys arqueou a sobrancelha, surpresa. “Você? Doente?”

“É. Provavelmente nem venho amanhã.”

“Que droga. Melhoras.”

“Obrigada.”

“Ah, sua correspondência.” A secretária lhe passou uma pilha de envelopes.

Myrna enfiou os papéis na bolsa e seguiu para o aeroporto. Não se preocupou em fazer a mala. Não tinha tempo. Além do mais, não ia precisar de roupas mesmo.

13

Brian tomou um banho rápido no banheiro apertado do ônibus da turnê. Mal podia esperar para ver Myrna. Não acreditava que ela tinha concordado em vê-lo. Não pensava em mais nada além de pegá-la em seus braços. Abraçá-la. Tocá-la. Olhar para ela. *Cara, que retardado.* Sabia que aquela mulher ia esmagar seu coração, mas não ligava. Depois do banho, correu para o quarto para se vestir.

“Não sabe bater à porta, não?”, disse Trey.

Brian parou na entrada, a toalha enrolada na cintura. Trey estava de pé diante da cômoda comprida, abraçando um rapaz magro pelas costas, a mão dentro de sua camiseta.

O garoto arregalou os olhos e segurou a mão de Trey. “Oi... Mestre Sinclair, hum... Brian. Posso chamar você de Brian?” Brian deu de ombros, e o rapaz corou. “Não é o que você está pensando. Não gosto de homens nem nada assim.” Negou vigorosamente com a cabeça.

“Você vai aprender”, murmurou Trey, levantando a camiseta dele.

“Trey, você está desvirginando menininhos de novo?” Brian riu diante da última conquista do melhor amigo.

“Ele se chama Mark. E você sabe que adoro um pirulito de cereja.”

Brian riu consigo mesmo. Trey lambeu o pescoço de Mark devagar. O garoto tremeu e virou o rosto, fitando o guitarrista por cima do ombro.

“Você sabe que esse quarto é meu assim que eu pegar Myrna no aeroporto, né?”

“Sei, sei”, murmurou Trey. “Não preciso de mais que umas duas horas.”

Mark se retesou.

Brian revirou os olhos. “Preciso me vestir. Não vou demorar, aí vocês podem continuar o que estavam fazendo.”

“Hum, espere. Eu...” Mark soltou-se das mãos de Trey e tirou uma folha dobrada de papel do bolso. Ele a abriu sobre a cômoda. Era um desenho das guitarras de Brian e de Trey, cruzando-se pelo braço, abaixo do logo do Sinners. “Vou tatuar isso nas costas e queria incluir as assinaturas debaixo das guitarras. Um tributo aos meus guitarristas preferidos.” Ele fitou Trey de relance, nervoso, e então concentrou o olhar em Brian. “Vocês são o máximo. Meus ídolos. Quero *ser* vocês.”

“E eu quero *comer* você”, disse Trey, brincando com o cabelo na nuca de Mark.

Brian coçou a cabeça atrás da orelha, forçando-se a olhar para o papel para não ter que ver o que Trey estava fazendo. “Bonito desenho”, disse. “Claro que eu assino. Você quer o nome de verdade ou o artístico?”

Mark abriu um amplo sorriso e entregou-lhe uma caneta-tinteiro. “Só Sinclair está perfeito.” E voltou-se para Trey, que fitava o desenho por cima de seu ombro. “E Mills.” O garoto engoliu em seco. “Por favor.”

Brian assinou o sobrenome sob a guitarra preta e branca. “Depois mande uma foto para o site do Sinners. Tem uma sessão de tatuagens dos fãs.”

“Sou eu que administro o site”, murmurou Trey. “Exijo uma foto de você pelado.”

Mark riu, nervoso.

Brian entregou a caneta a Trey, mas ele a depositou na cômoda e envolveu a barriga do jovem fã com ambas as mãos. Os mindinhos desciam pela barra da calça de Mark. “Depois eu assino.”

Brian começou a se vestir, tentando ignorar a movimentação dentro do quarto. O que era pior do que ignorar uma corneta.

“Você é tão gostoso”, murmurou Trey enquanto chupava o pescoço e a orelha de Mark.

“Não...”

“Shhhh. É sim.”

Uma camiseta preta caiu aos pés de Brian. Ele passou a se vestir mais depressa. Fechou o zíper da calça e ouviu o zíper de alguém sendo aberto.

“Não gosta de homens, é? Então o que é isso no seu bolso?”

“Não...”, arfou Mark. “Ahhhhh.”

“Me esperem sair!”, gritou Brian. “Por favor!”

Trey riu. Mark prendeu a respiração e gemeu de prazer.

Brian pegou as botas, as meias e a camiseta e seguiu na direção da porta, tentando não olhar para a violação de Mark. Só então se lembrou de seu chapéu da sorte.

“Merda”, murmurou consigo mesmo. Tinha guardado na gaveta. A mesma gaveta diante da qual Trey afagava o pau

daquele cara. Esfregando. Apertando. E virando a mão de leve no final do movimento. E...

Por que olhar para Trey fazendo aquilo o estava deixando excitado? Precisava de sexo, e logo. Fazia quase um mês desde que vira Myrna, e não estava acostumado com tanto tempo de abstinência. Tomara que ela fosse tão desinibida sexualmente quanto ele lembrava.

Trey olhou para Brian, abrindo um sorriso travesso. Sob a sombra dos cabelos pretos, o verde dos seus olhos brilhava com mais malícia do que o normal. “Precisa de alguma coisa, cara?”

“Preciso abrir essa gaveta.” Apontou para ela, envergonhado.

“Qual é o problema? Está com medo que Mark goze em você?”

Na verdade, estava. O cara parecia pronto para explodir nas mãos experientes de Trey. Mark olhou para o pau, a respiração entrecortada, e jogou a cabeça para trás no ombro do guitarrista, os olhos apertados. “Ah, meu Deus. Eu vou gozar. Daqui a pouco.”

Trey riu e soltou o pau de Mark. Então o apertou contra suas costas para que Brian pudesse alcançar a gaveta.

“Está sentindo como você me deixa?”, perguntou Trey ao pé do ouvido de Mark. “Isso vai entrar na sua bunda assim que o Brian sair daqui.”

Mark gaguejou e tentou se afastar. “Não, eu não quero... Vai doer. Vai doer, não vai?” Olhou para trás, na dúvida. Brian podia ver que não estava protestando muito.

“Não do jeito que eu faço.”

“Troque a roupa de cama quando vocês acabarem.”

Brian tirou o chapéu da gaveta e correu para fora do quarto. Terminou de se vestir no corredor, fingindo não ouvir os gritos de êxtase do mais novo amante de Trey do outro lado da porta fina. Colocou o chapéu da sorte na cabeça — um fedora mole, de couro. Não tinha tempo para ajeitar o cabelo do jeito despenteado e espetado de sempre. Tudo o que queria era que o voo de Myrna chegasse mais cedo.

“Então, ela está vindo?”, perguntou Eric.

Brian conferiu o relógio. “Deve chegar em duas horas. Faz um favor?”

“Depende.”

“Dá uma arrumada aqui. Esse lugar está uma vergonha.”

Eric olhou ao redor como se estivesse vendo as condições em que dormiam pela primeira vez. “Tem razão. Nossa, como a gente pode viver desse jeito?”

“Somos um bando de porcos. Mas duvido que a Myrna vá gostar de ficar nessa sujeira. Sabe do Jace? Queria pegar a moto dele emprestada.”

“Não faço a menor ideia.”

Brian saiu à procura de Jace, conferindo a hora a cada instante. Não queria chegar atrasado. Dirigiria o ônibus até o aeroporto se fosse preciso.

Durante a primeira hora do voo, Myrna não podia pensar em nada além de Brian e das coisas que queria fazer com ele quando se encontrassem. Nunca um voo demorou tanto. Por fim, cansou de olhar o relógio e resolveu abrir a correspondência. Entre as propagandas de livros escolares e os comunicados internos da faculdade, achou uma carta de uma agência de financiamento de pesquisa. A última verba! Quase perdera o prazo de inscrição e sabia que o trabalho que submetera não era dos melhores, mas, sem uma bolsa de pesquisa, não teria emprego na universidade por muito tempo. Ainda não tinha um cargo com estabilidade.

Myrna hesitou por um instante, com medo de abrir a carta. Inscrevera-se naquela agência num impulso impensado, um dia depois de ter deixado Brian em Des Moines. A inspiração viera das groupies. E, agora que sabia que a verba do governo não seria mais renovada no ano seguinte, não pensava mais naquele projeto como uma diversão paralela para as férias. Precisava dele para pagar as contas. Será que daria uma boa pesquisa? Alguém no mundo se importava com o porquê de as mulheres se tornarem promíscuas na companhia de roqueiros famosos?

Com o coração pulando dentro do peito, rasgou o envelope e passou os olhos pela carta. Bolsa completa! Seria o suficiente

para bancar as férias de verão e, quem sabe, assegurar seu emprego na faculdade por mais um ano.

“Que ótimo!”, comemorou, assustando o homem na poltrona ao lado. Ele roncou e dormiu novamente.

Poderia fazer a pesquisa de campo durante as férias. Teria bastante tempo para coletar os dados fora do período de aulas. Será que o Sinners concordaria em deixar que acompanhasse a turnê? Não custava perguntar. Ficaria magoada se eles recusassem. Gostava deles. Como amigos. Mas, se passasse cada segundo dos próximos três meses junto de Brian, como ia evitar que as coisas se tornassem sérias? E era isso que queria? A felicidade que sentira com a ligação dele indicava que se importava mais com o guitarrista do que gostaria de imaginar. Afinal de contas, estava num avião a caminho de Oregon por causa dele.

Respirou fundo. A única razão por que queria ver Brian tão desesperadamente era porque era bom de cama. Aberto a novidades. Tão cuidadoso. Nunca a fazia se sentir como uma puta. Com ele, podia ser ela mesma. Isso, *esse* era o motivo por que seu coração ainda não voltara à velocidade normal desde que ele telefonara. Passar três meses junto dele não seria problema.

Mas e se ele não quisesse que ela acompanhasse a banda? Como se sentiria se Brian dissesse não?

Talvez devesse perguntar a outro membro. Não podia se arriscar daquele jeito. Mal sobrevivera ao casamento e ao divórcio. Emocionalmente. Mentalmente. Fisicamente. Jeremy por pouco não a matara. Myrna correu os dedos por entre os cabelos, tocando distraída a cicatriz atrás da cabeça. Não, ela

jamais se entregaria àquele tipo de devastação de novo. Nem mesmo com um cara legal como Brian. Jeremy também era legal no começo. Não podia se esquecer disso.

Myrna guardou a carta com a resposta sobre a verba na bolsa. Era uma novidade boa demais para perder tempo pensando em possíveis desdobramentos negativos. No final da viagem decidiria se perguntaria ao Sinners o que achavam de participar do estudo. Por enquanto, ia apenas aproveitar suas horas com Brian sem pensar na vida lá fora. Ou em seu ex-marido.

Perto do fim do voo, foi ao banheiro, tirou a calcinha e guardou no bolso do paletó. Um presentinho para Brian entrar no clima e colocar aquele encontro no caminho certo. Não que ele precisasse de incentivo, mas ela estava competindo com meninas bem mais novas implorando por um autógrafo nos seios. Se quisesse mantê-lo interessado em seu corpo, teria que surpreendê-lo de vez em quando. Com tanta disponibilidade à sua volta, era uma questão de tempo até ele enjoar dela.

Quando o avião sobrevoou o monte Adams e pousou em Portland, Myrna sentiu uma onda de nervosismo. E se ele tivesse mudado de opinião a respeito dela desde a última vez que a vira? E se aquela chama tivesse se apagado? E se não sentisse mais atração por ela? E se...

“Nervosa?”, perguntou o homem na poltrona ao lado.

Ela balançou a cabeça, embora estivesse. Precisava se controlar.

“Primeira vez em Portland?”

“Vim há alguns anos, a trabalho.”

“É uma cidade muito bonita. Espero que aproveite.”

Ela corou. Com Brian entre as pernas, ia aproveitar bastante. “Eu também.”

Ao descer a rampa do desembarque, olhou ao redor, à procura de um rosto conhecido. De couro da cabeça aos pés, incluindo o chapéu, Brian a esperava ao final da rampa. Reconheceu-o imediatamente, apesar dos óculos escuros que usava para se disfarçar. Todas as sombras de dúvida anuviando sua cabeça evaporaram no exato instante em que ele sorriu para ela. Brian abriu caminho por entre os passageiros e a pegou nos braços, num beijo apaixonado. Os joelhos de Myrna fraquejaram. Meu Deus, que beijo. Ele a afastou e olhou-a de cima a baixo.

“Você está linda”, disse, beijando-a de novo.

“Você está... com um ar misterioso.” Ela tocou a aba do chapéu.

“Portland está infestada de fãs.” Ele riu. “Passei o dia fugindo delas. O pobre do Sed teve a camiseta rasgada essa manhã.”

“Sério?”

“É.”

“Então meu plano de rasgar sua camiseta não é muito original.”

Ele riu e a beijou com ternura. “Eu provavelmente não deveria dizer isso, mas faz um mês que não consigo parar de pensar em você. Senti saudade.”

O coração de Myrna bateu apressado. “Eu também. Não tinha me dado conta de quanta falta senti até ouvir sua voz.”

Ele tirou uma mecha de cabelo da bochecha dela e ajeitou atrás da orelha. “Então você está considerando as possibilidades entre nós?”

Ela abriu um sorriso. “As possibilidades sexuais.”

Ele sorriu em resposta e a beijou novamente. “Vou ver o que posso fazer. Onde está sua bagagem?”

“Que bagagem?”

“Você não trouxe nada?”

“Não tive tempo de fazer a mala.”

Ele riu, convencido. “Entendi.”

“Mas trouxe um presente.” Tirou a calcinha de cetim branca do bolso e entregou a ele. “Ficou molhadinha só de pensar em você, tirei dentro do avião.”

Ele levou a calcinha até o nariz e inspirou profundamente. “Você quer me matar?”, murmurou. “Meu Deus, Myrna.”

Ela riu.

“Então quer dizer que você não está usando nada por baixo dessa saia?”, sussurrou ele junto à sua orelha.

“Exatamente”, respondeu ela, com um sorriso travesso.

“Ah, Myrna. Você quer mesmo me matar!”

Brian segurou sua mão e a puxou pelo aeroporto. Foi difícil acompanhá-lo naqueles saltos. Ele achou um saguão vazio e entrou com ela no banheiro masculino.

“Brian? O que está fazendo?”

“Você acha que aguento esperar até a gente chegar ao ônibus?”

Ele abriu uma das cabines e a puxou para dentro, esmagando-a contra a porta. Envolveu sua boca com a dele. Correu as mãos pelos quadris e levantou a saia até a cintura. Ela se contorceu sob o toque daqueles dedos no meio de suas pernas.

“Você está pingando”, disse ele, como se impressionado pela descoberta.

“Você achou que eu estava brincando?”

Ela abriu a calça de couro dele, liberando o pau. Quando o tocou, ele arquejou. “Abstinência não é minha praia.”

Myrna não registrou aquelas palavras até ele envolver sua perna no quadril dele e penetrar seu corpo. Ela se segurou em seus ombros, gemendo a cada movimento.

“Cinta-liga por baixo desse terninho cinza, professora?”, murmurou, os dedos acompanhando os elásticos que prendiam a meia. “Tem ideia de como isso é sexy?”

“Gosto de manter minha depravação escondida do resto do mundo.”

“Você não me engana”, sussurrou.

“Não estou tentando, mas você é o único que sabe.”

“O que torna tudo muito mais sensual.”

Ele a apertou contra a porta, entrando cada vez mais fundo, do jeito que sabia que ela gostava. “Brian. Brian! Ah, Brian!”

“Shh, alguém pode entrar”, disse ele. “A última coisa que preciso é de uma prisão por atentado ao pudor.”

Ela se retesou. “Desculpe”, sussurrou. “Não quis ser indecente.”

“Ei, não tem nada de indecente em você, querida.” Ele segurou o rosto de Myrna, beijando-a com delicadeza. “Pode gritar meu nome o quanto quiser.”

Myrna abriu os olhos e viu que ele ainda estava de óculos escuros. Tirou-os e guardou no bolso da jaqueta dele. Queria ver seus olhos. Castanhos. Intensos. Cobertos de desejo. Por ela.

Brian sorriu. “Vamos mudar de posição? Minhas costas estão doendo.”

“Está ficando velho?”

“É, deve ser.”

Ele saiu dela e a virou de frente para a parede do fundo da cabine. Debruçou-a por cima da privada, fazendo-a apoiar as mãos na parede. Não era a visão mais romântica. Ergueu a saia acima da cintura e enterrou o rosto em sua bunda, lambendo o líquido que escorria por entre suas pernas.

“Humm”, murmurou ele, abrindo os grandes lábios com os dedos para facilitar o acesso. “Senti falta disso também.” Ele lambia e chupava, subindo e descendo as mãos ao longo das coxas, fascinado pela visão do corpo nu acima das meias. A respiração de Myrna começou a ficar entrecortada à medida que o orgasmo se aproximava.

Ele ficou de pé e se debruçou em cima dela, possuindo seu corpo com o pau grosso mais uma vez. Myrna gritou, estremeendo por inteiro.

Ela achou ter ouvido uma porta se abrindo, mas não ligou a mínima. Movia-se para trás, no ritmo das investidas de Brian.

“Gata, que falta senti de você. Estou ouvindo de novo.”

“Música?”

“É.”

Na cabine ao lado, alguém abria o zíper de uma calça. Brian moveu-se mais rápido, surpreendendo-a, tentando gozar. “A gente tem que sair daqui”, sussurrou ele em seu ouvido. “Temos que fazer amor devagar. Com um monte de papéis em branco e canetas à nossa volta.”

Ela moveu o quadril, e ele arfou.

“Faz isso de novo.”

Ela obedeceu. Brian soltou um gemido.

O cara na cabine ao lado pareceu imitar Brian e soltou um gemido, seguido de um pum barulhento.

Myrna cobriu a boca com a mão para conter o riso.

Outro gemido, seguido de um barulho de água e... o cheiro mais medonho possível.

Myrna quase engasgou.

“Tá legal, nem eu consigo gozar nessas condições.” Brian saiu de dentro dela e enfiou o pau duro na cueca. Ela ficou de pé e ajeitou a saia.

“Vamos embora daqui, meu bem”, disse ele.

Ela sorriu e assentiu, doida para presenciar o momento em que ele também poderia gozar, pobrezinho.

Os dois saíram da cabine, e Brian bateu à porta ao lado. “Ocupado”, respondeu uma voz assustada.

“Eu sei, cara. Eu ouvi. Péssima hora pra cagar, viu? Bom dia para o senhor.”

Myrna caiu na gargalhada e correu para fora do banheiro, abrindo a porta depressa e assustando um rapaz que tentava entrar.

“Desculpe”, disse ela.

Ele olhou para a placa que dizia “Homens” e então olhou de novo para Myrna, confuso. Brian parou logo atrás dela. O rapaz pareceu ainda mais confuso ao vê-lo, mas subitamente entendeu o que tinha acontecido.

“Não, *eu* que peço desculpas”, disse o homem, e deu um passo para o lado para que Myrna pudesse sair. Então ergueu a

mão para bater na palma de Brian quando ele passou pela porta.

“Não sei o que ele está comemorando. Pra mim foi um fracasso.”

“Ei, eu gozei bem forte, não tenho do que reclamar.”

Ele a abraçou pelos ombros enquanto caminhavam na direção do estacionamento. “Se você não tem do que reclamar, então também não tenho. Mas você está me devendo uma.”

“Pode deixar que vou dar um jeito de recompensar você.”

Brian a beijou na cabeça e colocou os óculos escuros. “Não tenho dúvidas.”

Eles saíram no primeiro andar do estacionamento. Perto da escada havia uma Harley Davidson vermelha enorme. Ele enfiou a chave na ignição e entregou um capacete reserva para Myrna.

“Uma Fat Boy! Uau. Não sabia que você tinha uma moto”, disse ela. “Parece novinha.” Vestiu o capacete, ajustando a tira do queixo.

“Não é minha. Jace me emprestou. Ele comprou há algumas semanas.”

“Preciso me lembrar de agradecer a ele. Motos me deixam doidinha.”

“Tem alguma coisa que não deixa você doidinha?” Ele ergueu o visor do capacete dela e lhe um beijo.

Ela pensou por um instante. “Impostos e política?”

Brian riu. “Apenas diga a ele que você andou nessa moto sem calcinha que vai ser melhor do que qualquer agradecimento.”

Ela olhou para a saia cinza de risca de giz e os saltos de sete centímetros. “Não estou vestida para isso, né?”

Brian tirou a jaqueta de couro e entregou a ela. “Coloque isso.”

Ela vestiu a jaqueta e inspirou profundamente. Tinha cheiro de couro e de Brian — as duas coisas mais excitantes na face da terra. Será que estavam muito longe do ônibus da turnê?

A jaqueta era grande demais para ela e sobrava nas mãos. Quase podia usá-la como um vestido. Fechou o zíper até o queixo.

Brian riu. “Você está linda.” E deu um tapinha gentil com o indicador na ponta do seu nariz.

Enfiou a bolsa dela no pequeno compartimento sob o assento e tentou amassar o chapéu dentro do capacete. Não coube.

“Pode levar meu chapéu enquanto eu dirijo?”

“Claro.”

Ele o entregou a ela.

“Ainda bem que não trouxe mala.”

Brian riu e coçou a cabeça, olhando para ausência de bagageiro na motocicleta. “Verdade. Estava com tanta pressa para chegar que não pensei direito. A moto do Jace parecia mais prática do que o ônibus.”

“Vai ser divertido.” Ela sorriu para ele e fechou o visor.

Brian colocou o capacete e montou na moto. Ficava ainda mais gostoso em cima dela. O motor da Harley soou, fazendo todo o corpo de Myrna vibrar. Ele segurou sua mão, e ela sentou atrás dele. Teve que puxar a saia até o alto da coxa, deixando a liga à mostra nas duas pernas, mas não havia nada que pudesse fazer. Brian apertou a pele nua acima da meia rendada.

“Devia ter chamado um táxi!”, gritou por cima do barulho do motor.

“Não! Vai ser divertido! Vamos lá.”

“Você que sabe.”

Manobrou e acelerou em direção à saída do estacionamento feito um raio. Ela segurou firme, colando o corpo nas costas dele com um suspiro satisfeito. Pousou a mão livre no peito de Brian e sentiu os músculos rígidos sob a camiseta. Não podia pensar em lugar nenhum do mundo em que preferisse estar naquele momento.

Deixaram o aeroporto e pegaram uma rampa de acesso a uma rua local. Myrna imaginou que ele estava evitando a rodovia por causa dela. O sol se punha no horizonte, a oeste, numa bola laranja. As luzes nos postes piscavam à medida que eles desciam a rua principal.

A brisa fazia Myrna sentir frio nas coxas expostas, mas o quadril de Brian entre suas pernas a esquentava por dentro. Os carros reduziam a velocidade para olhar para eles. Com a cabeça para fora da janela de um carro compacto, um grupo de rapazes assoviou para as ligas de Myrna. Quando eles buzinaaram, acenando, ela acenou de volta.

As mulheres na rua a encaravam. Não ligava a mínima.

Brian parou no sinal. “Falta pelo menos uns vinte e cinco quilômetros”, disse. “Tudo bem aí atrás? Podemos parar em algum lugar pra você comprar roupas mais quentes.”

“Estou bem. E você?”

“Sofrendo aqui, gata. Minhas bolas estão sofrendo.”

Pousando o chapéu no colo dele, ela descansou a mão sobre sua virilha. O pau cresceu no mesmo instante, e ele enrijeceu

o corpo. O sinal ficou verde. Brian pisou fundo, a moto rosnando sob eles.

“Não corra. A gente vai acabar sendo parado pela polícia!”, gritou ela. “Aí vai demorar ainda mais.”

Ele reduziu, permanecendo dentro do limite de velocidade. Myrna continuava a acariciá-lo por cima da calça de couro. Brian tirou uma das mãos do guidão rápido o suficiente para abrir o zíper e liberar o pau. Myrna o envolveu por baixo do chapéu, roçando-o ritmicamente. A pele macia parecia de cetim. Não sabia como ele conseguia se concentrar na direção.

Outro sinal vermelho.

Ele parou e pousou o pé no asfalto. Ela mal ouvia seus gemidos de prazer, abafados pelo barulho do motor enquanto o apertava mais e mais rápido. Mais rápido. Mais rápido. Ele jogou a cabeça para trás e seu corpo se retesou diante dela. Sentiu o líquido quente escorrendo por entre os dedos dentro do chapéu. O motor roncou e Brian soltou um grito do fundo da garganta.

O sinal abriu. Apesar de um ou outro espasmo, Brian não se movia. Alguém atrás buzinou. Ele respirou fundo várias vezes. “Guarda esse negócio pra mim, Myr, por favor?”

“Ah, mas é tão divertido brincar com ele.” Ela riu e guardou o pau dentro da calça.

“Obrigado, gata. Estou muito melhor agora.”

“Pois eu não. Já fiquei cheia de tesão de novo. A gente vai ficar sentado aqui o dia inteiro?”

Ele olhou para o sinal verde. Tinha acabado de ficar amarelo. Acelerou, rindo. “Isso vai ensinar essa gente a não buzinar quando eu estiver me divertindo num sinal vermelho.”

“Acho que você vai ter que jogar esse chapéu fora”, disse ela, limpando os dedos no tecido interno.

“Fala sério. Vou emoldurar e pendurar na parede. Do lado do meu disco de ouro.”

Quando chegaram ao estádio, Myrna estava tremendo. Brian tinha feito bem em lhe emprestar a jaqueta. Teria congelado sem ela.

Ele contornou o estádio até o local em que havia dois ônibus pretos e prateados estacionados. Parou a moto ao lado de um deles, desligou e subiu o zíper da calça.

“Você está com frio, não está?”

Ela não podia mentir com os dentes batendo.

Ele correu a mão quente pelas coxas frias. “Você está gelada!”

Ajudou Myrna a saltar da moto. Ela ajeitou a saia, o que a esquentou um pouco. Tirou o capacete e passou para Brian. Ele retirou a bolsa do compartimento e guardou o capacete. Então tirou o próprio capacete e a fitou com um olhar consternado.

“Desculpe. Sou um idiota. Devia ter chamado um táxi.”

Myrna sorriu e balançou a cabeça. “Mas eu me diverti. Sério.”

“Não tanto quanto eu.” Ele trocou a bolsa pelo chapéu e quase o botou na cabeça.

“Não!”

Então abriu um sorriso malicioso. “Brincadeira.”

Ela riu e deu um tapa de leve em Brian.

“Vou dar para o Eric. Shhhhh...” Ele ergueu o indicador sobre os lábios, de um jeito travesso. E lindo. Myrna riu, mergulhando no abraço de Brian. “Você é demais, sabia?”

Ela fez que não com a cabeça. “Sou uma velha.”

“Minha velha.”

Brian a beijou, e Myrna se esqueceu de negar que era dele.

A porta do ônibus se abriu. “Conseguiu encontrá-la?”, perguntou Jace dos degraus na entrada.

“Não, tive que me contentar com essa velhinha que achei no aeroporto.”

Myrna deu um soco na barriga dele. “Oi, Jace. Adorei a moto.”

“Você veio nela?”, perguntou ele, olhando assustado para as roupas de Myrna.

“Ela ficou um tesão!”, disse Brian, envolvendo seus ombros.

“Mas agora está morrendo de frio.”

“Vamos dar um jeito nisso”, murmurou Brian em sua orelha. Em seguida, entregou o chapéu para Jace. “Pode dar isso para Eric?”

“Seu chapéu da sorte?”

“Está ainda mais mágico agora.”

“Vou pegar pra mim.” E foi virando-o sobre a cabeça, mas Myrna deteve-o bem em tempo.

“Você não quer usar esse chapéu, Jace. Vai por mim.”

“Por que não?”

Brian deu um tapinha na bochecha de Jace. “Escute o que a Myrna está falando, cara. Você é um sujeito legal. Tem ideia de como é difícil tirar porra de um chapéu da sorte?”

Jace fez uma careta. “Por que tem... Deixa pra lá, melhor não saber.”

“Brian disse que contar que estou sem calcinha é mais do que suficiente para agradecer pela moto”, completou Myrna.

Jace arregalou os olhos mais do que parecia possível.

“Mas eu não concordo.” Ela deu um beijo em sua bochecha. Jace era pelo menos cinco anos mais novo do que Brian e os outros membros da banda. Em geral ela não se interessava por homens que estavam no jardim de infância quando ela já estava terminando o ensino médio. Torceu para que aquele beijo não lhe desse pesadelos.

“Disponha”, respondeu Jace, engolindo em seco.

“Você é um amor.”

“É o que todas as mulheres acham.” Ele riu. “À primeira vista.”

Brian puxou-a na direção do ônibus. “Não caia nesse papinho dele, Myrna. Você pode não viver para contar a história.”

Ela subiu os degraus e entrou no ônibus. A área comum era bem confortável. E uma bagunça. Um típico apartamento de solteiro sobre rodas.

“Eric”, exclamou Brian, “era pra você ter limpado esse lugar, seu inútil.”

O baterista colocou a cabeça para fora de uma porta no final do corredor. “Estou lavando o banheiro, cara. Ela já chegou?”

Myrna colocou a bolsa numa bancada e olhou para a jaqueta de couro de Brian, abrindo o zíper com mais concentração do que o necessário. Sentia o rosto quente. Não conseguia encarar Eric. Será que algum dia seria capaz de olhar para ele sem morrer de vergonha? Ele nunca tocara no assunto de que a assistira fazendo amor com Brian. Provavelmente não via nada demais naquilo, mas para ela era diferente. Tirou a jaqueta e entregou para Brian. Ele a jogou no sofá.

“Ela chegou!” Eric correu pelo corredor e a abraçou animado, girando-a no ar até ficar tonta. “Você está linda, professora do sexo.” E deu dois beijos estalados em sua bochecha.

Myrna riu. “Você parece de bom humor.”

“Estamos todos felizes”, disse ele junto à orelha dela. “Talvez agora que você está aqui Brian pare de resmungar. Ele está um saco desde que você foi embora.”

“Eu ouvi isso, Sticks”, disse Brian.

Jace entrou no ônibus e fechou a porta. “Ei, Eric. Brian disse que você pode ficar com o chapéu da sorte dele por arrumar nossa bagunça.”

“Irado!”

Eric se espremeu entre Myrna e Brian e tomou o chapéu da mão de Jace. Colocou-o na cabeça, e os três desataram a rir.

Ele olhou de um para o outro. “O que foi?”

“Você ficou ridículo”, disse Brian.

“Você fica bem, mas eu fico ridículo?”

Brian fez que sim, espremendo os lábios. “É, por aí.”

Jace desabou no sofá, apertando a barriga de tanto rir.

Eric pulou em cima dele, envolvendo seu pescoço numa chave de braço. “Qual é a graça?”

Jace engasgou, tentando se livrar do golpe.

“Quer morrer, baixinho?”, perguntou Eric. “Do que você está rindo?”

“Não estou... rindo...”, gaguejou Jace, “... de você.”

“Acho bom.”

Eric soltou Jace, que sentou no sofá, tossindo e coçando o pescoço. Devia ser um inferno ser o menor e mais novo de um

grupo com tanta testosterona. Myrna piscou para Jace, e ele escancarou um sorriso com a língua para fora, apontando o chapéu pelas costas de Eric.

“Onde está Sed?”, perguntou Brian.

“Acabou de levar duas garotas para o outro ônibus”, respondeu Eric.

“E você não está lá, filmando?”

“Estava lavando o banheiro.”

“Ah é. E Trey?”

“Acho que foi até um estúdio de tatuagem.”

“Então o quarto está vazio.” Brian puxou Myrna pelo braço na direção dos fundos do ônibus. “Até mais tarde. E não perturbem.”

“Não me deixe aqui sozinho com Sticks!”, reclamou Jace.

Eric o agarrou em outra chave de braço. “Divirtam-se, meninos. Vou dar uma coça nesse baixinho agora.”

“Eric”, disse Myrna, assim que Brian abriu a porta ao final do corredor. “Você fica ótimo nesse chapéu. E, sabe... vingança é um prato que se come frio.” O baterista provavelmente jamais entenderia que ela estava se referindo ao fato de ele ter ejaculado no cabelo dela.

“O quê?”, perguntou, com um olhar estranho, mas Brian a puxou para dentro do quarto minúsculo e fechou a porta antes que Myrna pudesse responder.

“Jace vai ficar bem?”, ela perguntou.

“Vai, ele está acostumado.”

Myrna fez uma cara feia. “Isso não é legal.”

“Sed em geral segura a onda do Eric, mas Jace está tão feliz com essa turnê que aguenta de tudo. Acho que é porque não

está com a gente desde o início.”

“Isso não devia fazer diferença. Ele é um ótimo baixista. Não consigo entender a forma como pensam.”

“Ninguém nega que ele seja um excelente músico, mas precisa ganhar o respeito dos outros. Isso não vem de graça. Eric vai continuar enchendo o saco até ele aprender a se defender. É o jeito dele.” Brian soltou o grampo do cabelo de Myrna, fazendo que seus cachos caíssem sobre os ombros. “Mas por que a gente está falando disso?”

Ela não tinha a menor ideia. Sentia uma estranha necessidade de proteger Jace.

“A gente deveria falar de como suas pernas estão frias.”

Myrna observou enquanto ele desabotoava seu paletó. Ele a beijou no rosto, no queixo, no pescoço, deslizando-o pelos ombros. Ela fechou os olhos. Já se sentia aquecida.

Brian acariciou os braços nus com as costas dos dedos, sugando a pele abaixo da orelha. Ela tirou a camiseta dele de dentro da calça, e ele a ajudou a puxá-la por cima da cabeça. Myrna manteve os olhos fechados à medida que explorava com as mãos os músculos rígidos do peito e dos braços dele. Envolveu-o num abraço. Brian a apertou junto de si, alisando suas costas com carinho. Então ela deitou a orelha contra o peito dele e ficou ouvindo seu coração bater forte e ritmado. Brian a manteve em seu abraço por bastante tempo, acariciando com uma das mãos suas costas, por cima da blusa branca de cetim, e massageando a cabeça com a outra.

Myrna sentiu o coração dele acelerar em seu ouvido. Sorriu. “No que você está pensando?”

Ele a apertou com força. “É emocional. Você não aprovaria.”

“Não fale assim. Quero saber.”

“Depois eu conto.” Levou as mãos até o zíper da saia dela, que caiu num montinho ao redor de seus pés. Myrna a chutou para um canto.

Brian tirou sua blusa, deixando-a apenas de sutiã, cinta-liga, meias e saltos. A calcinha ainda estava no bolso da jaqueta dele. Ele pegou as mãos dela e estendeu os braços, dando um passo para trás para vê-la por inteiro.

“Você sabe mesmo como excitar um homem, professora”, disse, com um sorriso travesso nos lábios. “Estava me perguntando o que havia debaixo desse seu terninho. Muito melhor do que imaginei.”

Ela corou de satisfação. “Sempre me perguntei qual é a utilidade de comprar lingerie de renda, se ninguém vê mesmo.”

“Eu estou vendo. E gostando. Muito feminino. Sensual.”

Ele a levantou nos braços, e ela arfou de surpresa. Ajoelhando-se na cama, moveu-se ao longo do colchão, carregando-a consigo. Os sapatos dela caíram no chão com um baque. Brian a pousou com cuidado sobre o edredom e deitou ao lado dela, massageando a parte de baixo da barriga de Myrna com as costas da mão. Ela tremia.

Acompanhou então com o dedo a curva do sutiã branco de renda. “Quer dizer que ninguém vê sua lingerie?” Ele sorriu, convencido.

“Não recentemente”, respondeu ela. “Exceto você.”

Brian a beijou apaixonadamente, envolvendo o seio dela por cima do sutiã. Quando suas bocas se separaram, ele sussurrou: “Vamos manter as coisas assim”.

Como ela não contestou, ele sorriu.

“Claro que a banda inteira já me viu pelada”, lembrou ela.

“Mas não significou nada.”

Myrna sentiu as pernas pinicarem à medida que o calor retornava ao seu corpo. Pegou a ponta do edredom e dobrou sobre si.

“Ainda está com frio?”

Ela fez que sim, tiritando. Ele saiu da cama, tirou as botas e a calça e entrou debaixo do lençol de cueca e meias. Então levantou o edredom para que ela deitasse junto dele. Abraçou-a pelas costas e passou uma perna por cima das suas, abrigando-a com seu calor. Ela continuava tremendo, e Brian puxou o edredom até seu queixo.

“Você está congelando”, sussurrou ele, o nariz junto de sua orelha.

“Eu sei. E você está tão quente.” Aninhou-se ao corpo dele.

Ele a apertou com força. “Você gosta de mim, não é?”

“Por que está dizendo isso?”

“Quando liguei, achei que ia desligar na minha cara. Ainda mais com aquelas meninas gritando para eu assinar os peitos delas. Pior momento possível. Levei duas semanas para criar coragem e telefonar.”

“Se eu tivesse alguma coisa na cabeça, teria desligado.”

“E agora você está aqui. Disposta a largar tudo e entrar num avião para me ver.”

“Por motivos absolutamente egoístas. Vai por mim.”

“Disposta a congelar de saia numa moto só para estar aqui.”

“Ei, foi muito legal andar de moto.”

“Você gosta de mim. Admita.”

“Um pouco”, disse ela, rindo para si mesma.

Ele a apertou mais forte. “Quer ir pra Las Vegas se casar comigo?”

Myrna franziu a testa. “Não. Por que você fica me perguntando isso?”

“Porque quero me casar com você, ora!”

“Casamento não é minha ideia de diversão.”

“Como você pode saber disso?”

“Já tentei. Não gostei.”

“Você já foi casada?” Brian se afastou dela, que o olhou por cima do ombro.

“Já. Faz uns cinco anos que me divorciei. E gostaria de permanecer desse jeito.”

“Bem, isso explica algumas coisas. Ele magoou você, não foi?” Tirou o cabelo do rosto dela para beijar seu rosto.

“Para falar a verdade, sim, foi isso que ele fez.”

“Eu nunca machucaria você, Myrna.”

Ela riu, com desdém. “Quantas vezes já ouvi esse refrão?”

“Nunca.” Ele deu um beijo gentil em sua bochecha. Em seu queixo. “Ninguém jamais ouviu os refrões que a gente faz. A gente vai compondo juntos. Não escrevi mais que três notas desde a última vez que fizemos amor.”

“Então acho que é hora de escrever outra música.”

“Também acho. Mas primeiro preciso fazer umas perguntas.”

Ela virou-se para fitá-lo. “Parece coisa séria.”

“Bom, agora que sei que você não está dormindo com outros caras...”

“Humm, tem o Bob.”

Ele ficou lívido. “Bob?”

“É, mas ele não chega a dormir comigo. Só me dá orgasmos maravilhosos, aí eu guardo de volta na gaveta. De vez em quando tenho que trocar as pilhas, mas é bem fácil de manter.”

Ele fez uma cara feia. “Um vibrador?”

Myrna riu. “Multifuncional com acessórios. Bob: Bofe Operado por Bateria.”

“Meu Deus, não me assuste assim. Meu coração quase pulou para fora do peito.”

“Ah, desculpe.” Ela tirou o cabelo dele do rosto. “Não estou dormindo com ninguém.”

“Então você não usa nenhum método contraceptivo?”

“Tenho um DIU. Espere aí. Você está querendo me pedir para parar de usar camisinha?”

“Fico sonhando que gozo dentro de você.”

“Você sonha com isso?”

“O tempo todo. Em geral estou acordado, mas...”

Ela riu e deu um beijo nele. Brian parecia tão esperançoso. “Gravidez não é o único problema, Brian. Tem um monte de doenças...”

Ele se esticou por cima dela, abriu uma gaveta da mesinha de cabeceira e tirou uma folha de papel. “Já fiz o teste. Está vendo? Tudo certo comigo.” E entregou a ela o documento da clínica.

“Mas e se não estiver tudo certo comigo?”

“Existe essa possibilidade?”, perguntou ele, angustiado. “Já entrei em você sem proteção mais de uma vez.”

“Foi tudo bem na minha última consulta.”

“E?”

“E não dormi com mais ninguém além de você desde então.”

“Maravilha.” Ele jogou o papel num canto e subiu em cima dela. Desceu a cueca até a coxa e beijou-a no pescoço.

“Brian?”

“O quê?”

“Você planejou isso tudo? Por que esse exame estava nessa gaveta do lado da cama?”

Ele ergueu o rosto para olhar para ela. “Myrna, você me enfeitiçou. Estou planejando sua volta desde o momento em que você foi embora, em Des Moines. Na verdade, tenho um monte de surpresas para você.”

“Um monte de surpresas?” Ela ergueu uma sobrancelha para ele.

“Se eu contasse, não seriam surpresas.”

“É verdade.”

“Então posso gozar dentro de você?”

“Não existe nenhum motivo pelo qual não poderia.”

“Aê!” Ele fechou o punho, comemorando, e saiu da cama para alcançar algo numa das gavetas. “Agora, a primeira surpresa.”

Brian abriu um pacotinho com os dentes. Parecia muito com uma camisinha. Ele jogou alguma coisa na palma da mão. Ela olhou, surpresa. Não era uma camisinha. Era um anel de borracha cor-de-rosa mais ou menos do tamanho de uma camisinha com uma pontinha comprida.

“Isso é...”

“Um anel peniano, para seu prazer.”

Ela balançou a cabeça. “Você não precisa disso.”

Ele abriu um sorriso travesso e apertou o anel, que começou a vibrar. “Acho que você vai gostar.”

Então jogou as cobertas para um canto da cama, colocou o anel, deslizando até a base, e estremeceu. “Eu estou gostando.”

“Tudo bem, vamos experimentar. Só acho que a gente já é quente o suficiente para precisar de brinquedinhos.”

“Você está reclamando?” Subiu em cima dela, emitindo um zumbido persistente da virilha.

“Não. Só acho que...”

Brian penetrou-a, saindo algumas vezes para umedecer o pau com os líquidos dela. Ao senti-lo dentro de si, Myrna esqueceu o que estava dizendo. Quando ele entrou completamente, o vibrador esfregou o clitóris. Ela se contorceu. “Nossa.” Era como se ele a estimulasse em todas as suas terminações nervosas.

“É, era disso que eu estava falando”, murmurou ele.

Logo achou um ritmo que excitasse os dois.

Myrna estava certa de que o pau dele estava maior do que o normal. O Monstro abria-a mais do que parecia ser possível, e aquele aparelhinho maravilhoso tremia no clitóris dela a cada investida.

“Deus do céu”, ela arfou, estremecendo sob ele.

Brian entrou fundo e ficou assim enquanto Myrna gozava, estimulando o clitóris até ela gritar.

“Gostou?” E beijou o pescoço de Myrna, que continuava trêmula.

O corpo dela se arqueou, fazendo-o penetrar ainda mais fundo. Ele tirou o pau e entrou de novo com força. Ela não conseguia parar de tremer. Tinha que contrabalançar o prazer que sentia entre as pernas com alguma coisa. Abriu o sutiã e o jogou num canto, impaciente. Segurou os seios e, rangendo os

dentes, apertou os mamilos enrijecidos o mais forte que pôde. Um pouco de dor equilibrava muito bem o prazer. Estremeceu ainda mais. Brian tirou uma das mãos dela e chupou o mamilo.

“Ah”, exclamou ela.

Ele acariciava seu cabelo ao mesmo tempo que puxava o seio com a boca. Aquilo era ainda melhor do que a dor que ela produzira. Podia jurar que o pau dele estava aumentando. Ou talvez ela estivesse mais inchada que o normal. Qualquer que fosse a causa, a cada investida a cabeça do pau tocava o ponto G. Myrna já tinha ouvido falar em ejaculação feminina, mas nunca experimentara aquilo ao fazer amor. Com um vibrador sim, várias vezes, mas homem nenhum chegara nem perto de conseguir aquilo. Até agora.

“Brian”, sussurrou ela, ofegante.

Ele soltou o seio dela e a beijou nos lábios. Gemeu, rangendo os dentes, contraindo os lábios. “Meu Deus, isso é demais”, murmurou. “Pele com pele. Esse calor macio me apertando. Quero ficar dentro de você para sempre.”

Essa era a diferença. A ausência da camisinha.

“É”, concordou ela. “Ah. Brian. Brian? Eu... acho que vou...”

“Se entrega, gata. Depois você goza de novo. Não segura.”

“Você não está entendendo... Isso...”

Ela contraiu os músculos ao redor do pau dele, como se estivesse tentando fazer xixi, e não se decepcionou. Um orgasmo forte e pulsante a tomou por dentro. Gritou. Tão diferente do orgasmo no clitóris. Primitivo em intensidade. Todos os órgãos da parte inferior de seu corpo se contorceram num espasmo violento para relaxar em seguida e então se contrair novamente. Simplesmente maravilhoso.

Enterrou as unhas nos ombros dele, erguendo as costas da cama. Ele a segurou com um braço até o orgasmo se dissipar.

“O que foi isso?”, sussurrou.

Quando parou de tremer, ela abriu os olhos para encarar o rosto preocupado.

“Isso foi diferente, Myrna. Tudo bem?”

“Estou melhor do que bem.” E sorriu. “Já ouviu falar em ejaculação feminina?”

Ele ergueu uma das sobrancelhas. “Achei que era mito.”

Ela soltou uma risada entrecortada, quase louca. “Pareceu mito pra você?”

Brian abriu um sorriso. “Na verdade, não...”

“Sem camisinha, a cabeça do seu pau esfrega meu ponto G toda vez que você entra. É como se a gente...”

“Tivesse sido feito um para o outro.”

“É.” Ela riu. “Não é a coisa mais ridícula que você já ouviu?”

E Brian fez uma careta. “Não acho ridículo.”

Ela fez um carinho no rosto dele. Tão romântico. “Por que você parou, Brian? Achei que queria gozar dentro de mim.”

“Já gozei.”

“Já?”

Ele riu. “Não, meu bem. Foi tudo você. Quer ficar por cima um pouco? Estou ficando meio tonto.”

Por cima? Toda vez que ficava por cima, gozava em dobro. Não sabia se ia aguentar o vibrador naquela posição. Mas queria tentar, por ele.

“Tá, tudo bem.”

Ele saiu devagar, contraindo-se ao sentir o pau fora dela, e deitou de costas. Ela não imaginara coisas, o pênis dele estava

de fato maior do que o normal. Pulsando. A pele esticada cheia de veias, a cabeça quase roxa.

“Esse Monstro vai me abrir ao meio hoje. Por isso você está tonto.”

Ela chupou a cabecinha e envolveu os testículos com a mão, massageando com carinho. Ele gemeu. Então se moveu na direção da gaveta ao lado da cama e tateou em busca de algo. Depois de um instante, colocou uma coisa na mão dela. “Enfie isso em mim.”

Myrna olhou o pequeno objeto. Preto. Mais ou menos do tamanho de um polegar. Liberou o pau dele da boca e apertou os testículos até ele arfar de dor. Quando o soltou, ele gemeu.

“Um plugue anal? Você está meio devasso hoje, hein, Mestre Sinclair?”

Ele hesitou e ergueu a cabeça para olhar para ela. “Você se incomoda? Posso guardar.” E estendeu a mão para pegar o plugue.

Myrna revirou os olhos para ele e deitou-se de bruços na cama, entre as pernas de Brian. Enfiou a língua nele, e ele se contorceu. Lambeu avidamente, molhando bastante a área até que ele estivesse pingando de saliva.

“Ah, Myr”, arfou ele. “Meu pau está desesperado pela sua atenção.”

Ela apertou os testículos de novo, mas ignorou aquele membro pulsante enquanto enfiava e tirava a língua de dentro dele. Se tocasse o pênis, ele gozaria, e ela havia prometido deixá-lo gozar dentro dela — e não na própria barriga. Quando viu que as coxas dele começaram a tremer, decidiu que já era o

bastante e enfiou o plugue. Ele se retesou. Gemeu. Tremeu. Deus, como ela queria cavalgar aquele homem.

Sentou em cima e conduziu aquele pau imenso para dentro de si. Rangeu os dentes e desceu, envolvendo-o por inteiro. Ele arqueou as costas e cobriu os olhos com a palma das mãos.

“Caralho, Myrna. Puta merda.”

Ela subiu, liberando seu pau.

Ele arqueou mais as costas. Todo o seu corpo tremia. Ela desceu sobre ele novamente, o vibrador do anel peniano estimulando o clitóris. Myrna também se contorcia, subindo e descendo mais depressa. Arranhou a barriga dele com as unhas. Ele teve um espasmo. Gritou o nome dela. Retorceu-se de êxtase. Nunca vira um cara gozar tão forte. Aquilo a excitava mais do que qualquer coisa. Ele começou a meter nela, erguendo os quadris do colchão como se não conseguisse ficar parado. Enfiou de novo. E de novo. Metendo nela feito um animal.

Cada investida era pontuada por um gemido, e os dois se esfregavam, já perto do orgasmo. Quando sentiu que o corpo dela tremia de alívio, Brian agarrou-a pela cintura e forçou-a para baixo, gozando dentro dela, o corpo tenso, o rosto contorcido de prazer.

Esqueceu-se de respirar.

Ela não conseguia parar de olhar para ele.

Depois de um longo instante, Brian inspirou fundo e relaxou na cama, ainda tremendo. Ela desabou no peito dele, que a envolveu com um braço.

Myrna virou o rosto para olhar para ele.

Brian ofegava, tentando recuperar o fôlego, com um sorriso bobo no rosto. “Isso... foi...”, murmurou.

“Fantástico.”

“Não tenho palavras.”

“E aí? Foi o que você tinha imaginado? Gozar dentro de mim?”

Ele abriu os olhos. “E precisa perguntar? Acho que criamos nossa própria supernova com aquela explosão.”

Myrna sorriu. “Mas dessa vez você não ouviu música?”

“Ouvi uma sinfonia inteira.” Ele riu. “Mas não sei se consigo usar para alguma coisa. A gente vai ter que pegar leve se eu quiser compor para a banda.”

Ela ergueu a cabeça e fez um beicinho amuado. “Você não está falando sério, está?”

“Estou. Não acho que aguento gozar assim tão forte mais do que uma ou duas vezes por dia.”

Myrna suspirou. “Acho que vou ter que me contentar com isso então.” Ela baixou a cabeça para esconder o riso e beijou-o com carinho no ombro.

Ele a virou de costas na cama e saiu de dentro dela, jogando os brinquedos de volta na gaveta. Então ajeitou-se nos travesseiros e abriu os braços. “Venha aqui”, sussurrou, quase dormindo. “Quero abraçar você.”

Se a intenção dela era manter as coisas exclusivamente no território do sexo, sabia que não podia se entregar às vontades dele, mas acabou cedendo àquele abraço. Ele ajeitou as cobertas em cima dos dois. Myrna estava finalmente com as pernas aquecidas, mas aninhar-se nele esquentava mais do que

somente seu corpo. Ela suspirou e relaxou, descansando a cabeça no ombro dele.

Ele a beijou no alto da cabeça e cantarolou baixinho um riff de guitarra, adormecendo.

Myrna pensou que poderia muito bem passar três meses do lado daquele cara e de seus amigos. Isso se eles concordassem.

15

Brian observou Myrna abotoar a blusa, escondendo o sutiã sexy de renda de seus olhos. Aquela mulher deveria ser obrigada a ficar nua e na cama dele o tempo todo. Cobrir aquele corpo era um pecado. Sua mente anuviada pelo sono começou a entrar em foco. Ela tinha acabado de convocar uma reunião com a banda?

“Reunir a banda?”, perguntou Brian.

“É. Tenho uma coisa importante para conversar com vocês. Acha que a gente pode juntar todo mundo rapidinho? Prometo não demorar.”

Ele sentou na beirada da cama, deixando as pernas penduradas para fora, e esfregou o rosto diversas vezes. “Que horas são?”

“Umas sete, acho.”

“Sete? Da manhã?” Deitou de novo e cobriu-se com o edredom. “Volte para a cama, Myrna. Faz uns três anos que não sei o que é isso.”

“Cedo demais?”

“Ah, sim. Está muuuito cedo.”

“Durma, então. Que horas vocês acordam normalmente?”

“Lá pelas dez. Ou, no caso do Jace, lá pelo meio-dia.”

“Mas já vai ter passado a maior parte do dia.” Ela fechou a saia e cruzou o quarto para sentar na cama ao lado dele. “Achei

que íamos passar o dia juntos.”

Ele sorriu para ela, sonolento. “Então por que você está fora da cama e toda vestida?”

“Estava pensando em levar você para tomar café da manhã, já que estou morrendo de fome. Também tinha pensado em comprar uma escova de dente e umas roupas. Estou me sentindo meio largada aqui, sem nada.”

“Ah, entendi. Estou sendo um babaca.”

“Não foi o que eu falei.”

“Já levantei!” Ele jogou o edredom de lado e pulou da cama. Vasculhou o chão em busca das roupas. Achou a cueca na beirada da cama, vestiu e ficou de pé, batendo com as palmas na cara para acordar.

Myrna abraçou-o pela cintura, deitando o rosto nas costas dele. Então deixou um caminho de beijos de um ombro ao outro. Ele parou. Carinhosa pela manhã? Bom saber.

Quando ela pousou as mãos na barriga dele, Brian se enrijeceu. Os beijos dela subiam e desciam ao longo de sua coluna. Então ela deitou o rosto novamente em suas costas e suspirou.

“Se você está tentando me deixar no clima, está funcionando.”

“Não estou tentando seduzir você. Acordou agora?”

“Ah, então essa era sua intenção?”

“Desculpe, Brian, mas estou morrendo de fome.” A barriga de Myrna roncava. “Meu jantar ontem foi uma balinha de hortelã no avião.”

“Convido você para vir e nem ofereço um jantar. Será que tem alguma coisa na geladeira além de cerveja?”

Ele a empurrou pela porta, e eles passaram pelo corredor. Dos beliches à esquerda podiam ouvir os roncos baixinhos dos outros membros da banda. Brian bateu no braço de Trey, que tentou acertá-lo na cabeça, mas errou, caindo de volta no sono imediatamente.

“Conheço Trey desde o quinto ano. Tenho que sacanear o cara de vez em quando.”

Ela revirou os olhos para ele, balançando de leve a cabeça.

Brian não conseguia tirar os olhos dela. Myrna estava com um ar de quem tinha gozado havia pouco tempo. Como conseguira tirá-lo da cama tão cedo? Será que não tinha o direito de se deleitar com o fato de que tinha sido ele que a deixara com aquela cara?

Brian forçou-se a olhar para o frigobar. Havia pacotes de comida pronta de sabe-se lá quando. Latas de cerveja. Garrafas de cerveja. E meio litro de uma coisa que já não era mais leite. Fechou a geladeira. “O negócio está feio.” Abriu o armário. Havia uma caixa vazia de cereal para comer com o leite sólido. Pirulitos de cereja. Uma meia. Fechou o armário e olhou para ela por cima do ombro. “Quer comer na rua?”

“Se eu quiser sobreviver, acho que é a melhor ideia.”

Ele a abraçou e deu um beijo em seu rosto. “Vamos pegar a moto de Jace de novo.”

Myrna riu. “Será que Eric ainda está com seu chapéu da sorte?”

“Provavelmente dormiu com ele. Isso se Jace não tiver contado o que havia dentro. Vamos arrumar umas roupas quentes para você. Por mais que tenha gostado de esquentar

seu corpo ontem, eu ia morrer de remorso de fazer você andar de moto com essa saia de novo.”

Ela o seguiu de volta até o quarto, e ele lhe ofereceu uma calça jeans de Jace e uma de suas próprias camisetas com o logo da banda. A calça ficou larga na cintura, mas justa no quadril, envolvendo a bunda de um jeito muito sedutor.

Myrna calçou os sapatos de salto. “Estou ridícula.”

“Você está linda, como sempre”, disse ele, abraçando-a e beijando-a apaixonadamente.

Ela ficou mole nos braços dele, totalmente submissa à avidez de sua boca e aos carinhos de sua língua. Ele deu uma olhada para a cama, mas decidiu que era melhor dar alguma coisa para ela comer. “Vamos antes que eu jogue você de volta na cama”, disse, puxando-a consigo.

“Eu não ia reclamar”, murmurou ela, com uma voz rouca.

Seu estômago roncou. Myrna arregalou os olhos e cobriu a barriga com uma das mãos.

“Mas sua barriga ia.”

Brian pegou a mão dela, e os dois foram até a frente do ônibus. Entregou a Myrna a jaqueta de couro de Jace e vestiu a sua antes de pegar as chaves no porta-luvas.

Pensou em se disfarçar. “Você acha que alguém vai me reconhecer?”

Myrna correu os dedos pelo cabelo dele, analisando-o com cuidado. “Você está uma bagunça, Brian. Nem eu te reconheço.”

Ele se olhou no retrovisor, esticando a pele da bochecha com os dedos. “Sério? Dormi de cara no travesseiro de novo?”

Ela riu. “Brincadeira. É impossível não reconhecer você. A gente entra no primeiro lugar que encontrar e volta para cá. Assim podemos comer sem um monte de fãns no nosso pé.”

“Só se eu puder usar sua barriga de prato e pingar ketchup no seu umbigo.”

Ela o fitou, semicerrando os olhos. “Deixe eu contar o que quero que você pingue em meu umbigo.”

Brian repassou todos os fluidos possíveis que poderia derramar na barriga dela.

Cobriu a boca dela com a mão. “Não diga uma coisa dessas, Myrna.” Segurando-a pelo braço, levou-a para fora do ônibus. Ela tropeçou no salto alto, e ele a segurou. Myrna riu, abraçando-o pelo pescoço enquanto ele a girava no ar. Estava linda naquela luz da manhã — definitivamente valia a pena perder três horas de sono por aquilo. Colocou-a na moto e girou a chave. Entregou um capacete a ela e vestiu o outro.

Myrna aninhou-se nas costas dele, envolvendo os braços em sua cintura. Ele segurou uma das mãos dela e sorriu. Por mais que ela o excitasse, apreciava aqueles acessos esporádicos de carinho. Com a mão livre, Myrna abriu o cinto dele. O sorriso de Brian ampliou-se ainda mais. Então os acessos de carinho dela eram extremamente esporádicos. E daí?

Ele dirigiu até a saída do estacionamento e virou à esquerda no centro de convenções, ficando na rua principal.

Quando eles passaram por um mercado, Myrna gritou: “Pare aqui!”.

“Por que aqui?” Ele entrou no estacionamento.

“Posso comprar tudo o que preciso aqui. Me deixe na entrada.”

“E o café da manhã?”

“Você pode escolher alguma coisa enquanto eu pego uns itens básicos. Não vou demorar.”

Ele parou diante da porta principal. “Vou com você.”

“Vai ser mais rápido se a gente se separar.”

“Você está sempre com tanta pressa?”, perguntou ele.

“Quero voltar logo para o ônibus para brincar com ketchup.”

Isso o convenceu. Myrna apoiou-se no braço dele para saltar da moto. Ergueu o visor do capacete e enfiou as mãos nos bolsos da calça. “Merda, esqueci minha bolsa.”

Brian abriu a carteira. “Aqui”, disse estendendo um maço de dinheiro na direção dela.

Ela fez que não com a cabeça. “Não posso aceitar dinheiro seu.”

“Por que não?”

“Não posso. Você já comprou uma passagem de avião e...”

Ela estava com aquela expressão de “me sinto uma puta” que às vezes tomava seu rosto.

“Se você quiser, pode me pagar depois. Mas, sério, Myr, não precisa. Está sobrando.”

Myrna pegou o maço de notas. “Depois eu pago.” Então olhou para o dinheiro nas mãos. “Tem mais de mil dólares aqui! Por que você anda com tanto dinheiro?”

Ele deu de ombros. “Acho que quando você sobrevive vários meses com apenas cem dólares aprende a nunca mais deixar isso acontecer.”

“Não preciso de tanto dinheiro”, disse ela, tentando devolver algumas notas.

“Pode ficar. Compre o que quiser. Mas ande logo. Volto para pegar você aqui com sachês de ketchup extra em menos de meia hora.”

Ela enfiou o dinheiro no bolso da calça de Jace e levantou o visor de Brian. Os capacetes dos dois se chocaram numa tentativa frustrada de um beijo de despedida. Myrna riu, beijou a ponta dos dedos e apertou-as contra os lábios dele.

“Não vou demorar”, prometeu ela.

Então correu para dentro da loja como uma mulher com uma missão. Brian esperou até que ela tivesse cruzado o portão e foi até a lanchonete no final da rua. Pediu um monte de comida, pensando em quem poderia estar acordado quando eles voltassem.

“Posso pegar um pouco mais de ketchup?”, perguntou à moça na janela do fast-food, agradecendo o fato de o visor do capacete cobrir seu rosto.

“Claro. Quanto?”

“Uns dois punhados.”

Ela fez que sim e lhe entregou diversas sacolas de comida. Brian guardou tudo no compartimento da moto.

Ao voltar para o estacionamento do mercado, parou diante do portão e ficou esperando por Myrna. As pessoas o olhavam desconfiadas. Ele estalou os dedos, impressionado com a volta que davam para contorná-lo. Uns dez minutos depois, Myrna apareceu, carregando duas sacolas grandes.

“Esperou muito?”, perguntou, sem fôlego. “Tentei ir o mais depressa possível.”

“Acabei de chegar.” Ele estava esperando fazia uma eternidade.

Ela subiu na moto atrás dele, arrumando as sacolas entre os dois. No caminho de volta, Brian odiou que seus corpos não estivessem se tocando.

Assim que entrou no ônibus, Myrna correu para o quarto. Brian jogou uma sacola de comida no beliche de Trey e outra no de Jace.

“Está cedo demais para essa merda”, resmungou Jace.

Brian deu um tapa na cabeça dele. “Acho que você quis dizer ‘obrigado por pensar na minha barriga vazia’.”

Quando entrou no quarto, Myrna já estava devorando um cachorro-quente.

“Não consegui esperar”, explicou ela, falando de boca cheia. “E por que esse ketchup todo?” Apontou para a sacola aberta sobre a cômoda.

Ele abriu um sorriso travesso. “Não consigo comer batata frita sem ketchup. Antes que eu tire a roupa, você vai querer uma cerveja?”

Myrna apontou para suas sacolas de compras. “Trouxe suco.”

Ele preferia cerveja, mas Myrna não bebia, e, de qualquer forma, era cedo demais. “Ótimo.”

Brian vasculhou as compras dela e achou várias garrafas de suco e um frasco grande de calda de chocolate.

Ergueu o frasco e olhou para ela, deitando a cabeça de lado. “Acho que aquele leite na geladeira azedou.”

Ela ficava linda quando corava. “Não estava pensando em tomar com leite.”

Brian sorriu. “Ketchup não serve?”

Ela baixou os olhos. Brian se perguntou por que aquela timidez súbita. “Prefiro chocolate.”

“Acho que você vai gostar de ketchup também.”

Entregou a ela uma garrafa de suco e pegou um sanduíche nas sacolas de comida. “Por que você ainda está vestida? Achei que ia usar sua barriga de prato.”

Ela ergueu o indicador, comendo o último pedaço do cachorro-quente, e abriu a garrafa de suco, bebendo um longo gole.

Tirou o dinheiro do bolso e entregou a ele. “Estou te devendo uns cento e vinte dólares”, disse. Ele jogou o dinheiro na cômoda.

“Myr, você realmente não tem que fazer isso.”

“Por que não? Acha que não posso pagar?”

Brian nunca a tinha visto nervosa antes. Gostava do jeito como apertava os olhos e abria as narinas.

“Sei lá”, brincou ele. “Você é professora. Não deve ganhar bem, né?”

Ela ficou boquiaberta. “Não acredito que você acabou de dizer isso.”

“Vai bater em mim?”, perguntou ele, esperançoso.

“Você bem que ia gostar, não é, seu safado?”

Brian baixou os olhos para a cintura dela. “Vai usar esse cinto?”

“Achei que o Jace era o masoquista da banda.”

Ele a fitou, surpreso. “Como você sabe disso?”

“As groupies falam.”

“Ah, é? E o que elas falaram de mim?”

Myrna riu. “Que você é um chato e só pega uma mulher de cada vez.”

Ele fez uma careta.

“Só concordo com a segunda parte”, acrescentou ela.

“Então não sou um chato?”

“Não sei direito. Sou cética, preciso de muitas evidências para me convencer.”

Ele ergueu uma sobrancelha para ela. “Sei. Então tenho que provar que sou divertido.”

“Acho melhor.”

“Posso comer primeiro?”, perguntou ele, olhando para o sanduíche nas mãos.

“Por favor.” Ela deu outro longo gole no suco e pousou a garrafa na cômoda.

Tirou os sapatos e o cinto. A calça de Jace deslizou pelo quadril. Abriu o botão e a deixou cair no chão. Tirou a camiseta emprestada de Brian. Ele a usaria no show aquela noite, para senti-la perto de si.

“Preciso estar completamente nua para servir de prato?”, perguntou.

Ele se deu conta de que estava segurando o sanduíche na frente da boca aberta, mas ainda não tinha dado uma mordida sequer.

“Precisa. Nunca vi prato de calcinha antes.”

Ela tirou o sutiã e jogou num canto. Então apertou os seios com as palmas das mãos. “Já foram mais interessantes, sabia?”, disse, olhando para o tanto escapando às mãos.

Brian não poderia explicar, mas, ao tentar não ser atraente, ela o excitava ainda mais. “São perfeitos.”

A calcinha dela juntou-se à calça jeans no chão. Olhou por cima do ombro, esticando o pescoço para ver o próprio corpo. “Acho que minha bunda também já foi mais interessante.”

Brian deu uma mordida no sanduíche, mastigando devagar.

“A gravidade é o pior inimigo de uma mulher”, ela continuou, e ergueu o rosto para ele, meio na dúvida.

Brian engoliu. “Você é linda, Myrna.”

“Você não se importa que eu seja mais velha?”

“Tipo uns seis meses?”

“Tenho trinta e cinco anos.”

Ele não esperava ouvir que ela era sete anos mais velha do que ele, mas, para falar a verdade, não ligava a mínima. Era a mulher mais sensual que já conhecera. “Você está no seu auge sexual, Myrna. E, acredite, isso não me incomoda nem um pouco.”

“Você poderia ter a mulher que quisesse, uma mais nova e mais bonita...”

“Aonde quer chegar com isso?”

“Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Mestre Sinclair!”, guinchou Myrna, tremendo da cabeça aos pés de empolgação. “Ai, meu Deus! Assina meus peitos? Por favor. Por favor. Você é tão gostoso!”

Ele deixou o sanduíche de lado, pegou um punhado de sachês de ketchup e a jogou na cama, sentando-se em cima do seu quadril para mantê-la firme no lugar.

“Claro que eu assino seus peitos, mocinha. Tudo pelos fã.” Abriu o sachê com os dentes. Ela ria sem parar, contorcendo-se embaixo dele. “Fique quieta.”

Myrna parou de se sacudir e olhou para Brian, os olhos castanhos bem abertos. Ele começou a escrever no peito dela com ketchup.

“P, R”, soletrou em voz alta. “O, P.” Jogou o sachê vazio no chão e pegou outro.

“Prop?”

“Ainda não terminei.”

“Faz cócegas.” Ela riu.

“R, I, E, D, A, D.”

“O que você está escrevendo?”

Abriu outro sachê e escreveu no meio da barriga. “E, D, E.” Então acrescentou abaixo do umbigo. “B, R.”

“Propriedade de brrrrr?”

“É, propriedade de brrrrr. Isso mesmo.” E abriu outro sachê, terminando de escrever seu nome na barriga dela. “Perfeito. Propriedade de Brian. Só falta o pingo do I.”

E pingou uma bolinha de ketchup no mamilo. “Droga. Errei.”

Ele lambeu o ketchup, e ela riu, correndo os dedos por entre os cabelos dele.

“Vou tentar de novo.” E pingou mais uma bolinha, dessa vez no outro mamilo. “Nossa, como sou ruim de mira.”

Chupou o ketchup picante do mamilo, adorando o jeito como ele se enrijecia ao toque de sua língua. Acariciou com força, usando o centro da língua, e ela soltou aquele gemido sensual do fundo da garganta. Ficou duro na mesma hora.

Estava perdido. De novo.

Ergueu a cabeça e colocou ketchup no lábio inferior dela, que passou a língua por entre os lábios.

“Espere aí. Eu que fiz besteira. Pode deixar que eu limpo.” Brian se aproximou e beijou-a profundamente.

Seus lábios tinham um gosto apimentado, parecido com linguiça. O que o fez se lembrar. Não tinha terminado o café da manhã. Interrompeu o beijo esfomeado e olhou para ela. “Quer um pouco de batata?”

Myrna riu. “Você sabe o que eu quero, Brian.”

“Batata.” E pulou da cama para buscar a comida da cômoda.

“Sabe, estou começando a achar que você é mesmo meio chato”, brincou ela, observando-o da cama.

Ele olhou de volta, gostando que tivesse “Propriedade de Brian” escrito no corpo. Pensou se podia convencê-la a fazer uma tatuagem para marcá-la para sempre como sua. Subiu na cama de novo e cobriu o ketchup com fileiras de batata frita. Depois de espalhar todas a seu contento, baixou a cabeça e comeu uma.

“É verdade, batata frita é um negócio realmente muito chato”, disse.

Ela abriu um sorriso. “Acho que gostei de servir de prato para você.”

Ele mastigou e engoliu a batata coberta de ketchup. “Não se importa com a bagunça?”

“Achei que você ia limpar o prato depois de comer.”

“Você confia muito no meu autocontrole.”

Ela correu o dedo pelo queixo dele. “Confio. Aposto que você é capaz de resistir a fazer amor comigo por pelo menos dez minutos.”

Brian comeu outra batata do peito dela. “Você confia mais em mim do que eu mesmo.” E enfiou mais um monte de batatas na boca. Dez minutos? Queria estar dentro dela naquele exato instante. Deu algumas batatas a Myrna, uma atrás da

outra, e engoliu ele próprio mais do que poderia aguentar. Estava realmente com pressa.

Ela ria à medida que Brian lambia a comida em sua barriga. “Acho que você estava com fome.”

“Morrendo!”

Depois de terminar as batatas, Brian limpou o restante de ketchup da pele de Myrna com a língua. Ela se contorceu embaixo dele e puxou seu cabelo.

“Você está me deixando louca”, sussurrou, a cabeça jogada para trás, as costas arqueadas.

Encorajado, ele moveu a língua até um dos seios e então o ombro e o pescoço.

Desenhou com a ponta da língua o contorno da orelha. Ela gemeu, os dedos apertando seu cabelo com força. Brian deitou em cima dela, odiando que estivesse de roupa, e chupou sua orelha, acariciando-a com a língua e chupando de novo. Myrna abriu as coxas, e ele afundou no meio daquelas pernas compridas e curvilíneas. Levou a boca para o ponto entre a orelha e a mandíbula. Ela tremeu. Correu as mãos pelos braços dela, pelos ombros, deliciando-se com a sensação dos seios macios apertados contra seu peito e do calor do sexo dela atravessando sua calça jeans.

Beijou-a ao longo da mandíbula até o queixo e, enfim, a boca. Ela chupou os lábios dele, enfiando a língua avidamente. Sentia o pau pulsar. Levantou o quadril e abriu a calça. O Monstro, como ela chamava, saiu em busca daquele lugar quente. Sabia que tinha que ir devagar com ela, fazê-la entrar no clima e implorar que a possuísse, mas só conseguia se concentrar na sensação de estar dentro dela sem camisinha.

Segurou o pau com uma das mãos e o enfiou naquela entrada molhada para o paraíso. Myrna relaxou embaixo dele com um suspiro. Ele a fitava nos olhos enquanto entrava — enchendo-a devagar num movimento dolorosamente vagaroso. Ela arqueou as costas de prazer, mas não desviou os olhos. Ficaram olhando um para o outro, deliciando-se com aquela conexão entre eles. Brian saiu devagar, não querendo gozar ainda, desejando apenas experimentá-la. Tornar-se uma parte física dela. Senti-la. Conhecê-la.

“Myrna”, suspirou ele.

“Brian.”

Isso, Brian. E não Mestre Sinclair. Brian.

Tinha tudo o que queria. Tudo de que precisava. Bem ali. Aquela mulher. Sabia que ela não gostaria de seus pensamentos sentimentais. Não queria ouvir que ele a amava, não importava quão claramente ele o sentisse. Então ficou apenas olhando nos olhos dela enquanto seus corpos se uniam, se separavam e se uniam de novo, e engoliu as palavras até elas se transformarem num nó em sua garganta.

Myrna virou-se de lado, pousando um braço na barriga de Brian. As folhas de papel amassaram sob seu corpo. Ela sorriu. Tinha sido um dia muito produtivo escrevendo músicas. Nunca mais conseguiria andar direito novamente. Brian a envolveu pelas costas, puxando-a para junto de si.

“Nesse ritmo, no final da semana já vou ter composto um disco inteirinho.” Ele então parou. “Só que você vai embora daqui a dois dias.”

Não parecia muito feliz diante da ideia. Fechou a cara. Mas ela sorriu. Estava torcendo para que a banda topasse que os acompanhasse durante a turnê. E queria muito passar mais tempo com Brian. Ele mexia com ela de maneira que não conseguia entender.

“Você acha que os outros já acordaram?”, perguntou.

Ele virou a cabeça para conferir o relógio digital na cabeceira da cama. “Duas da tarde?” Sentou-se. “É, acho que já devem estar de pé.”

Pegou as folhas de papel com as músicas que havia acabado de compor, desgrudando uma das costas de Myrna. Ela precisava de um banho. E de um litro d’água. As últimas cinco horas tinham sido uma malhação e tanto. Esteiras não chegavam nem perto daquele homem.

“Mal posso esperar para mostrar essa para Trey”, disse Brian, olhando umas das páginas que ele tinha escrito comendo-a no chão do quarto. “Ele vai ficar louco.”

“Mal posso esperar para ouvir. Pareceu fantástico quando você gritou para mim.”

Ele abriu um sorriso de criança no dia do Natal. “Pois é, ficou bom, acho.”

Myrna pulou para fora da cama, cambaleando de leve. “Preciso falar com a banda. Será que é melhor esperar você mostrar todas essas músicas novas?”

“O que você quer falar com eles?”

“Envolve você também”, disse ela.

“O que tem eu?”

“Quero que a banda toda decida junto. Então, quando vocês conversarem a respeito, não quero que pense em mim como sua amante.”

“Tá, sem problemas.” E riu. “Só que não!”

Deixou as folhas de papel na cômoda perto da porta e voltou para a cama. Então a puxou para junto de si, descendo a mão ao longo da curva de sua bunda. “Ande, conte que história é essa.”

Ela o beijou no queixo. “Tenho que falar com vocês todos ao mesmo tempo”, insistiu.

Ele fez um beicinho. “Não sou especial?”

“Nesse caso, não.”

Brian suspirou. “Tudo bem, vou convocar uma reunião pra você.” Pegou a calça do chão e vestiu, abotoando-a sobre os quadris magros. “Ponha uma roupa. Já volto.”

Então catou as folhas e saiu do quarto descalço e sem camisa.

Myrna pegou a sacola com as compras daquela manhã e vestiu as roupas novas. Baratas, mas funcionais. Melhor do que um terninho. Um terninho, no entanto, seria mais profissional quando pedisse aquele favor à banda. Catou o terninho do chão e o ergueu diante de si, tentando se decidir se deveria vesti-lo ou não. Estava completamente amarrotado. A porta se abriu. Brian enfiou a cabeça pela fresta.

“Já juntei todo mundo. Pronta para falar com a gente?”

Ela sorriu e jogou o terninho em cima da cama. Calçou as sandálias que comprara e procurou a bolsa, para pegar a carta com a aprovação da verba de pesquisa. “Você viu minha bolsa?”

“Acho que está aqui fora.”

“Ah, é. Obrigada.”

Então passou por ele, dando um beijo rápido no canto da boca. Brian fechou a porta e a seguiu. Myrna encontrou a bolsa na bancada e tirou a carta de lá. “Onde eles estão?”

Brian olhou para o pescoço nu dela e a camiseta verde que estava usando. “Você está tão gostosa”, disse, com os olhos vidrados.

“Terra para Brian”, chamou Myrna. “Onde estão os outros?”

Ele fechou os olhos e sacudiu de leve a cabeça. “No outro ônibus.”

Da porta, eles podiam ouvir uma conversa animada abafada pelo som de um violão. Myrna subiu os degraus, nervosa por algum motivo, e entrou. Deparou com um grande grupo de homens, alguns de pé, outros sentados em círculo no salão principal. Viu os músicos e mais alguns rostos conhecidos do show de Chicago. Roadies. Trey dedilhava no violão as notas de uma folha de papel manchada com calda de chocolate.

De repente, parou de tocar. Todos ergueram o rosto na direção dela. Myrna corou. “Oi.”

“Myrna!”, disse Eric, envolvendo-a pelos ombros. Ainda estava usando o chapéu de Brian. Ela mordeu o lábio para não rir.

Então olhou para Sed, sentado numa cadeira observando-a. Era obviamente o líder da banda. Irradiava sua presença como se fosse um rei. Se dissesse não, Myrna tinha certeza de que o restante da banda o obedeceria. Sed era o cara a convencer.

“Você está com o cheiro do Brian”, sussurrou Eric na orelha dela.

Ela sentiu o rosto queimar e se afastou. Eric se espremeu para deixá-la passar e sentou ao lado de Jace no sofá de couro.

“E aí? O que está pegando?”, perguntou Trey, pousando o violão no chão à sua frente. Ele estava sentado no sofá do outro lado de Jace, diante de Sed. Todos os roadies fitavam Myrna, curiosos. Brian passou um braço ao redor de sua cintura, e ela se recostou nele, tentando reunir forças.

Apertou a carta em suas mãos. Por que estava tão nervosa? Não queria que Sed dissesse não, era isso. Queria um motivo para... E olhou Brian de relance. Ele sorria carinhoso, transmitindo-lhe coragem. Talvez fosse melhor se eles a mandassem se catar. Seria muito mais fácil não se apaixonar pelo guitarrista do Sinners.

Myrna se concentrou em Sed. “Tenho um favor para pedir a vocês.”

“Qualquer coisa, Myrna.” Ele parecia sincero.

“Preciso de um milhão de dólares para pagar o resgate do meu poodle que foi sequestrado.”

Sed ficou boquiaberto.

Ela riu. “Brincadeira.”

Brian caiu na gargalhada. “Ai, meu Deus, você viu a cara dele?”

“Vá à merda, Sinclair”, resmungou Sed.

“Foi mal, Sed, não resisti”, disse Myrna. “Você estava com uma cara tão séria.”

“Respeito você, Myrna”, disse ele. “Ou melhor, respeitava.”

Todos os homens na sala fitaram Sed, abismados. Myrna não sabia por que estavam tão chocados com a afirmação dele, mas seguiu em frente. “Na verdade, é uma questão de trabalho. Minha pesquisa.”

“E que parte de mim você gostaria de pesquisar?”, perguntou Sed, abrindo um sorriso.

Ela corou mais uma vez, assustada. O cara era um macho alfa. Não conhecia mulher alguma que pudesse ficar indiferente a ele.

“Suas groupies.”

“Não sabia que você tinha essa inclinação, Myr”, disse Eric. “Posso ver?”

“Você quer estudar minhas groupies?”, perguntou Sed.

“Bem, não só as suas.” E olhou para os outros músicos, um de cada vez. “As de Trey, Jace, Eric.” E voltou-se para Brian. “E as suas também.”

“Não entendi”, comentou Jace.

“É porque você não tem groupies”, respondeu Eric, socando-o com força no braço. Jace o empurrou, e Eric ficou de pé, fechando as mãos em punhos. Myrna apertou os olhos.

“Fique quieto, Eric”, exigiu Sed.

Eric hesitou, deu uma olhada na direção de Sed e se jogou no sofá, rangendo os dentes.

“Myr, o que você está pedindo?”, perguntou Brian. “Especificamente. Quer dizer, por que você precisaria da nossa permissão para estudar as groupies? A gente não é dono delas.”

Na verdade, de certa forma, eles eram, e era isso que ela tinha a intenção de estudar. “Bem... Eu estava pensando se eu podia passar o verão acompanhando a turnê de vocês.” E forçou-se a olhar de Brian para Sed. “Eu sei que vou ser um pé no saco, mas vou tentar ficar na minha. A verba da pesquisa inclui uma comissão para a banda por me permitir viajar com vocês e para cobrir minhas despesas. Dez mil dólares. Vocês podem ficar com tudo.”

Sed jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada que ressoou por todo o seu peito. “Você só pode estar zoando com a minha cara.”

Suas esperanças se evaporaram. Ela mordeu o lábio e olhou para o chão. Por que sentia aquele bloco de gelo no peito? Não era nada demais. Podia achar outra banda. Um grupo menos famoso que precisasse do dinheiro. Virou-se para correr e bateu no peito de Brian.

Ele a envolveu nos braços e a apertou. “Eu digo que ela vem com a gente.”

Sed interrompeu a risada. “Ora, claro que ela vem com a gente. Ela é sua musa, Brian. Só não estou acreditando na nossa sorte. Ela quer nos pagar para ajudar você a escrever suas músicas.”

Myrna virou-se para encarar Sed. “Não, você não entendeu nada. Não estou fazendo isso para ficar com Brian. É pelo meu

trabalho.”

Sed abriu um sorriso malicioso. “Como se o motivo fizesse diferença. Bem, por mim você é muito bem-vinda. O que acham?”

Trey soltou uma baforada de ar. “Vocês já viram as melodias que esse cara está escrevendo?” E gesticulou na direção da pilha de papéis em cima da mesa. “Por mim eu sequestrava essa mulher e o cachorro dela. Ela fica. Claro que fica.”

“Nada contra”, disse Jace.

“Eu tenho uma condição”, disse Eric, erguendo o indicador.

“O que quer que diga, a resposta é não”, afirmou Brian.

“Merda.” Ele fez uma careta. “Mas...”

“Não.”

“Tá legal, já que você insiste, ela pode dormir no meu beliche. Os sacrifícios que eu faço por essa banda...”

Myrna balançou a cabeça para Eric, sem acreditar no que ouvia.

Brian segurou o queixo dela entre o polegar e o indicador e ergueu sua cabeça para que olhasse para ele. Fitou-a nos olhos por um instante e beijou-a. Myrna tocou seu peito nu, deixando a carta cair no chão. Três meses com Brian? É, ela poderia dar conta daquilo.

“Só mais alguns dias, Brian”, disse ela ao celular, a caminho do carro depois do trabalho. “Tenho um monte de coisas para resolver aqui antes. Tenho uma vida, sabia?”

“É só que... Estou ficando louco de saudade.”

Ela sorriu. “Eu também. E obrigada pelas flores.”

“Flores?”

“Não dê uma de engraçadinho. O cartão dizia *Até breve*, então foi você. E como sabia qual era minha flor preferida?”

“Eu deveria ter mandado flores, mas não fui eu. Quem mandaria flores para você?”

“Não são suas?” Ela mordeu o lábio. Quem mandaria flores para ela? Seus pais, talvez? Ou uma de suas irmãs.

“Não, não são minhas. Tem algum babaca dando em cima de você?” Ele parecia mais chateado do que deveria.

“Não. Devem ter sido meus pais. Então, onde você vai estar no sábado? Acho que consigo me livrar daqui até lá.” Ela abriu o carro e largou a pasta no banco do carona.

“Sábado? Isso é daqui a cinco dias!”

“Sexta à noite? Talvez eu consiga, mas não posso garantir. Ainda tenho que fazer minha mala. Deixar tudo arrumado. Trabalho até sexta-feira e preciso entregar as notas dos trabalhos finais amanhã. Vou virar a noite corrigindo provas.” E sorriu consigo mesma, sabendo que o motivo por estar

atrasada no trabalho estava do outro lado da linha. Cada minuto passado com ele valia uma noite de sono. “Tenha só um pouquinho de paciência. Prometo que vou recompensar você.”

“Estou com saudade.”

“Brian, a gente se viu ontem.”

“Eu sei, eu sei.” Ele suspirou. “Vou dar uma olhada na nossa agenda.”

Ela entrou no Thunderbird e esperou que ele respondesse.

“Sexta. Humm... Vamos estar no Nebraska. Acho que em Lincoln.”

“Fica a quatro horas daqui.”

“Não é longe”, disse ele, parecendo mais animado.

“Que horas é o show?”

“Começa às seis e meia, mas tem três bandas de abertura. A gente entra só às dez.”

“Bom, provavelmente vou perder, mas vou tentar chegar. Vejo você depois. Prometo.”

“Ou a gente pode pular o show, se encontrar em Las Vegas e casar.”

“Não, não pode.”

“Tem certeza de que não tem ninguém dando em cima de você?”

“Tchau, Brian.”

Ele suspirou. “Ligo mais tarde.”

Ela desligou o telefone e jogou dentro da bolsa. Saiu da vaga de ré e seguiu em direção ao seu apartamento, no norte da cidade.

Brian estava agarrado demais a ela. Pegajoso. Não curtia caras pegajosas. Ficava nervosa. E o ciúme? Ciúme torna os homens superprotetores. E isso a deixava maluca. Gostava dele, provavelmente mais do que deveria, mas não estava preparada para um namoro. E toda hora aquele papo de casamento. Sabia que era brincadeira, mas ainda assim...

Casamento? Myrna sentiu um arrepio.

18

Myrna estacionou atrás do Lied Center, em Lincoln, Nebraska. Podia sentir a vibração da música no painel do carro. A viagem tinha sido longa e tranquila, mas estava cansada. Dirigir quatro horas depois de um dia cheio trabalhando e arrumando malas não era aconselhável. Saltou do carro e seguiu na direção da barreira de metal. Teria que esperar a banda no ônibus e pedir que um roadie buscasse sua bagagem.

Um segurança numa camisa amarela a impediu de entrar na área em frente aos ônibus estacionados.

“Estou com a banda”, disse Myrna. O segurança tinha uma barriga avantajada de cerveja.

“Já ouvi essa antes. Você não pode passar da barreira.”

“Então tenho que ficar aqui e esperar até eles saírem para confirmar minha história?”

“É o único jeito de passar por mim.”

Ela suspirou profundamente, cansada demais para ser paciente. “Tem algum roadie por aí? Eles me conhecem.”

“Prometer favores aos roadies não vai levar você a lugar nenhum.”

“Argh! Eu podia estrangular você aqui mesmo. Quando o show acaba?”

Ele conferiu a hora. “Daqui a uns quarenta minutos.”

Melhor esperar no carro. “Quando Brian ou algum dos outros aparecer, diga que Myrna Evans está esperando no carro. E que ela não está feliz depois de dirigir quatro horas.”

“Você é a Myrna?”

“Sou.”

“Mostre a identidade.”

Ela vasculhou a bolsa, pegou a carteira de motorista e entregou a ele. O segurança analisou cuidadosamente como se fosse uma adolescente de quinze anos tentando entrar numa boate.

“Tudo bem”, disse ele afinal, devolvendo a carteira a ela. “Aquele guitarrista ficou vindo aqui a noite inteira antes de o show começar para perguntar se você já tinha chegado.”

Ela sorriu. Estava ansioso para encontrá-la? O segurança arrastou a barreira de metal o suficiente para que pudesse passar. “Obrigada por cuidar dos meus meninos.” Deu uma palmadinha de leve no rosto dele e seguiu em direção ao prédio. Várias fãs se amontoavam na porta dos fundos, esperando a banda sair. Talvez fosse um bom momento para começar a pesquisa.

Nada formal. Ainda não tinha preparado o questionário, mas podia fazer algumas perguntas banais para ter uma ideia de como organizar as entrevistas. A parte mais difícil no estudo da psicologia era formular as perguntas corretamente para evitar influenciar o sujeito da experiência ou deixar transparecer seu ponto de vista.

Aproximou-se de uma moça com pouquíssima roupa.

“Oi”, disse Myrna. “Posso falar com você um segundo?”

“Como chegou aqui?”, perguntou ela.

“Estou com a banda.”

Ela olhou para o segurança e sussurrou para Myrna. “Pode me ajudar a entrar nos bastidores?”

“Não. Sinto muito. Por que você quer chegar aos bastidores?”

“Para falar com Trey Mills. Por que mais?”

“Ele é demais. Incrivelmente talentoso”, disse Myrna. “O que você sabe sobre ele?”

“Ah, tudo. Faz aniversário no dia nove de junho. Tem dezessete tatuagens e doze piercings. Seu nome verdadeiro é Terrance, e ele odeia. Por isso prefere ser chamado de Trey. O nome do meio é Charles. Nasceu e cresceu em Los Angeles. Seu melhor amigo é Brian ‘Mestre’ Sinclair, que conheceu aos onze anos. Eles formaram uma banda chamada Crysyst no oitavo ano da escola. Ele teve um cachorro chamado Sparky quando era criança. Morreu atropelado por um carro. Sabe a música ‘Good-bye Is Not Forever’? Trey compôs para o cachorro. Ele...”

“Certo, você realmente parece saber tudo sobre Trey. Por que quer encontrar com ele?”

“Dã. Porque é Trey Mills.”

“Sim, eu sei quem ele é. Por que você quer encontrar com ele?”

“Amo Trey. Quero aquele cara. Preciso dele.” E apertou as mãos na frente do peito, revirando os olhos para enfatizar sua necessidade.

“E o que você espera de um encontro com ele?”

Ela riu. “Um bebê. Você é jornalista ou algo assim?”

“Não, só sou curiosa. Então você gostaria de fazer sexo com Trey Mills?”

“Gostaria, claro. Você não?”

Myrna riu, sem jeito. “Tenho outros interesses. Você se sente assim por outros homens? Estuda a vida deles em detalhes, pensa que os conhece pessoalmente, afirma que os ama, tenta estabelecer uma relação sexual com eles?”

Ela deu de ombros. “Só os outros caras da banda.”

“Digamos que Trey não esteja interessado em você, mas Jace Seymour a convida para ir até o ônibus da turnê para fazer sexo, você iria?”

Ela franziu o rosto. “É, iria. Jace é gostoso. E talvez me apresentasse ao Trey. Eu só teria a ganhar. Sabe o que seria demais? Sexo a três com Trey e Mestre Sin...”

Myrna ergueu a mão para interrompê-la. “E como você interage com homens normais? Que não sejam famosos?”

“Como assim?”

“Você em geral se envolve em sexo promíscuo?”

A garota a encarou por um longo instante. “Você está me perguntando se sou fácil?”

“Você é?”

“Acho que sim.” Ela deu de ombros. “Algum problema?”

“Desde que você esteja bem com isso, não. Já transou com um cara que acabou de conhecer?”

Ela pareceu confusa, como se pensar doesse. “Você quer dizer no primeiro encontro?”

“Não, quer dizer, se um cara gostoso qualquer saísse daquela porta, viesse na sua direção e dissesse ‘Vamos transar’, você iria?”

Ela fez uma careta. “Não, que horror.”

“Vamos supor então que Trey Mills saísse daquela porta, viesse na sua direção e dissesse ‘Vamos transar’. Você iria?”

“Iria. Já falei que sim.”

“E qual é a diferença entre o primeiro cara e Trey?”

Ela pensou e deu de ombros. “Eu conheço Trey.”

“Você conhece fatos sobre a vida de Trey, mas não o *conhece*. Você nunca foi apresentada a ele, foi?”

“*Conheço* sim”, revidou ela. “Eu amo Trey. E, assim que me conhecer, ele vai me amar também. Entendeu?”

“É, acho que estou começando a entender. Obrigada por falar comigo.”

“Você pode me apresentar a ele?”

“Vou falar sobre você.”

Ela sorriu. “Ah, isso ia ser o máximo!” Pegou o gloss da pequena bolsa e passou diversas camadas na boca.

Myrna falou com outras meninas enquanto esperava o final do show. Notou um padrão entre elas. Todas tinham atitudes parecidas. Achou até uma menina apaixonada por Brian. Foi estranho falar com ela.

“Há quanto tempo você está apaixonada por Brian?”

“Na verdade, ele prefere ser chamado de Mestre Sinclair”, disse ela, revirando os olhos carregados de delineador.

Na verdade, Myrna sabia muito bem que não, mas a fã podia pensar o que bem entendesse.

“Humm”, continuou ela. “Eu o vi há alguns anos atrás, antes de a banda ficar famosa. Você já assistiu a um show deles?”

“Já.”

“Não é a coisa mais sexy?”

“É, sem dúvida.”

“E quando ele toca aquela guitarra...” Ela moveu os dedos depressa. “É como se, meu Deus, eu preciso dele, sabe?”

“É. Entendo totalmente. Como você sabe que está apaixonada por ele?”

“Penso nele o tempo todo. Tenho todas as fotos que já tiraram dele na minha parede. Vejo os vídeos em câmera lenta.”

Incomodada com a resposta, Myrna não disfarçou seu desdém. “Isso não seria obsessão, em vez de amor?”

“Não, definitivamente é amor. Faria qualquer coisa por ele.”

Não aguentava mais falar sobre Brian com fãs obcecadas. “Obrigada por falar comigo.”

“Você pode falar de mim pro Brian?”

Claro que não. Ela sorriu para a menina. “Não acho que ele esteja interessado, meu bem.”

Talvez devesse se ater a estudar as groupies dos outros membros da banda e evitar as de Brian.

A porta dos fundos se abriu, e Brian apareceu. No ar frio da noite, seu corpo encharcado de suor exalava vapor. Ele correu na direção dela e a envolveu em seus braços, procurando sua boca para dar um beijo de boas-vindas. Vários flashes dispararam. E algo acertou a cabeça de Myrna. Forte.

Ela se afastou de Brian, esfregando o lugar. “Ai.”

Brian olhou para ela. “O que foi?”

“Alguma coisa me acertou”, disse, com os olhos cheios de lágrimas. “Está doendo.”

Ele pegou uma bota do chão. “Quem jogou isso?”, perguntou, conferindo o grupo de fãs.

Viu uma garota na primeira fila com um pé descalço. Brian se aproximou dela e quase esfregou a bota na sua cara. Ela se contraiu. Era a mesma menina que jurara estar apaixonada por Brian poucos minutos antes. “Você jogou isso na minha namorada?”

“Sua namorada?”, choramingou ela.

“Sua namorada?”, murmurou Myrna.

Ela esfregou o galo na cabeça, mais atordoada com as palavras do que com a dor.

“Desculpe, Mestre Sinclair”, disse a garota. “Eu te amo. Eu te amo.”

“E você acha que acertar uma pessoa que eu gosto na cabeça vai atrair minha atenção?”

“Foi sem querer”, queixou-se ela, as lágrimas escorrendo. “Desculpe. Por favor, não fique com raiva de mim.”

Ele empurrou a bota na direção dela. “Suma daqui!”

Então examinou a cabeça de Myrna, passando o dedo no galo. Ela prendeu a respiração para conter a dor.

“Está tudo bem, gata? Acho que está sangrando.” Procurou traços de sangue na ponta dos dedos.

O restante da banda começou a sair do prédio. Sed parou na frente de Myrna, que ergueu os olhos para ele, o rosto contorcido numa careta de dor.

“O que aconteceu?”, perguntou ele.

“Uma maluca jogou uma bota na cabeça dela”, disse Brian, tocando o galo novamente. Myrna gostaria muito que ele parasse com aquilo.

“O que é isso?”, perguntou ele. “Uma cicatriz? O que...”

Ela se afastou. “Não é nada.”

“Andem, vamos sair daqui”, disse Sed. Eles ignoraram o grupo de fãs, que crescia a cada minuto, e seguiram direto para o ônibus. Sed pediu às meninas que o seguissem que o esperassem do lado de fora.

Brian levou Myrna até uma cadeira da mesa de jantar e cuidou do corte com a água oxigenada do kit de primeiros socorros. A banda inteira olhava para ela como se tivesse sofrido um acidente terrível e pudesse morrer a qualquer momento.

“Estou bem”, insistiu ela.

“Você tem que tomar mais cuidado, Brian”, disse Sed. “Sabe como algumas dessas malucas são.”

“Na hora eu não pensei.” Brian jogou uma gaze molhada na mesa e beijou a cabeça de Myrna. “Só estava feliz de vê-la.”

Sed fez uma careta. “É, já entendi. Mas fique feliz em particular, tá legal? A gente não quer que ela receba nenhuma ameaça de morte.”

“Não sei como vocês aguentam”, disse Myrna.

“O quê?”, perguntou Brian.

“As fãs. Elas acham mesmo que conhecem vocês. Aquela menina que me acertou sabia mais sobre você do que eu. Elas dizem que amam vocês e estão falando sério. É tudo muito louco. Nunca nem viram vocês de perto.”

“Pelo menos a gente pega geral.” Sed deu uma gargalhada.

Myrna riu. “É, acho que sim.”

“Você vai à festa com a gente, Myrna?”, perguntou Eric.

“Hoje não, Eric. Tive um dia cheio. Acho que preciso dormir.”

“Eu também”, concordou Brian.

“Bem, então vamos deixar os dois pombinhos em paz.” Trey puxou Eric pelo braço e saltou do ônibus.

“Cuide dela, Brian”, disse Sed. Jace assentiu com a cabeça, e os dois foram atrás de Trey e Eric. As fãs gritaram em êxtase.

“Sinto muito por isso, Myrna.”

“Não é sua culpa.”

“Não devia ter beijado você.”

“Valeu a pena. O que eu queria fazer era dizer àquela garota que você é meu e que é melhor ela deixar a obsessão dela pra lá.”

Ele abriu um sorriso enorme. “Ah, é?”

“É. Faz um favor para mim?”

“Qualquer coisa.”

“Vai tirar essa maquiagem do olho. Quero estar com Brian agora. E não com Mestre Sinclair.”

“E Mestre Sinclair tem direito a um beijo antes?”

“Não sei. Acho que meu *namorado* pode ficar com ciúme.”

Ele sorriu e a beijou. Myrna agarrou-se aos ombros de Brian enquanto ele a devorava com a boca. Quando se afastou para fitá-la, ela estava com o coração aos pulos. “Tem razão, Brian é um pouquinho ciumento”, disse. “Mas ficou louco de ouvir você o chamar de namorado.”

Ela deu de ombros. “Namorado tudo bem. O problema é aquela palavra com M.”

“Magia?”

“Não, um pouco de magia não faz mal. A outra palavra com M.”

“Ah, tá. Brian promete não pedir uma massagem depois do show, embora goste muito de massagens e esteja louco para

ganhar uma em alguns minutos.”

“Você sabe do que estou falando. Por que fica me pedindo em casamento? Não quero um *marido* e me incomoda muito que brinque com isso.”

“Quem está brincando?”

Myrna sentiu o coração pular apressado. “Realmente espero que você esteja.”

Brian baixou os olhos para o chão. “Quer dizer então que a primeira mulher que peço em casamento acha que estou brincando?”

Ela ficou sem fôlego. “A primeira?”

“É, a primeira. A única.”

Ele se afastou da mesa e foi até o banheiro. Myrna ouviu o barulho da torneira. Respirou fundo e ficou de pé. Achava que ele era do tipo que pedia qualquer uma em casamento. Era mesmo a primeira? Não queria se casar — nunca mais —, mas sabia que devia ter mais cuidado com os sentimentos dele. Brian não sabia por que ela só dizia não. Talvez devesse explicar. Correu o dedo no galo em sua cabeça e então na longa e grossa cicatriz logo abaixo.

Seguiu-o até o banheiro e parou na porta, observando-o tirar a maquiagem.

“Desculpe”, disse ela.

“Pelo quê?”

“Não queria magoar você. Achei... Não entendi que era algo especial.”

Ele olhou para ela. “Por que não seria? Você é especial.”

Myrna riu com desdém. “Brian, você poderia ter qualquer mulher que quisesse. Não tem nada de especial em mim.”

Ele negou com a cabeça. “Você se subestima, Myr. Você é maravilhosa. E não quero qualquer mulher. Quero você, mas acho que é absolutamente contrária à ideia de se casar comigo.”

“Brian, não sou contrária à ideia de me casar com você. Sou contrária à ideia de me casar com qualquer pessoa. Além do mais, a gente mal se conhece, como pode ser tão doido?”

“Tem horas que a gente simplesmente sabe.”

“Sabe o quê?”

“Quando uma coisa é de verdade. Isso aqui. Eu e você. Isso é de verdade. Nunca senti algo tão verdadeiro.”

“E, no entanto, para mim não parece verdade. Parece uma fantasia.”

Ele fitou a pia. “Uau, essa doeu.”

“Desculpe.”

Brian olhou para ela e sorriu tristonho. “Não se desculpe por seus sentimentos, Myrna.” Ele se aproximou e a tocou na bochecha. “Acho que sei qual é o problema. Conte do seu ex-marido.”

Ela estremeceu e se afastou. Ele a seguiu e a envolveu pela cintura, puxando-a para junto de si. Myrna não tinha reparado que estava tremendo até sentir o corpo dele estabilizando-a por trás.

“Não quero falar disso.” As memórias do casamento a fizeram tremer ainda mais.

“Estou aqui”, murmurou ele. “Você está segura.”

Segura.

Brian realmente a fazia se sentir segura. E, por causa disso, falaria um pouco, para que entendesse que não havia nada de

errado com ele. O problema era ela. “Jeremy era um cara legal quando casei com ele. Só bebia um pouco e, quando ficava bêbado, se tornava outra pessoa. No início, era violento a cada dois meses. Depois, a cada duas semanas. No final, estava bêbado todas as noites. Me acusava de tudo, coisas que nunca fiz, nunca pensei em fazer. Achava que eu o estava traindo. Era paranoico. Cruel. Quando eu negava, ele...” Um soluço interrompeu suas palavras.

Myrna limpou depressa as lágrimas. Por que estava chorando? Fazia anos que não chorava por causa de Jeremy. Ele estava no passado. Não podia mais machucá-la. Mas até ela sabia que aquilo era uma mentira. Ele a machucava todos os dias.

Brian a virou e a apertou contra o peito.

Ela o envolveu com os braços, tentando extrair forças dele. “Ele me ameaçava até eu admitir que tinha razão, que eu tinha feito o que quer que me acusava de fazer. Dormir com alguém. Tocar, flertar ou até olhar para um cara com interesse demais.” Myrna ergueu os olhos para Brian. O rosto dele estava fora de foco por causa das lágrimas. “Você tem que acreditar em mim, Brian. Eu nunca, *nunca*, nunca traí ninguém. Jamais. Nunca pensei na possibilidade.” Ela torceu os dedos na camiseta dele.

Brian apertou-a com força. “Eu acredito.” Beijou sua cabeça. “Ele batia em você?”

Ela fez que não com a cabeça. “Não, não enquanto estávamos casados. Por mais estranho que pareça, às vezes queria que tivesse batido. Teria sido mais fácil ir embora. Na maior parte das vezes ele gritava. Me fazia duvidar de mim mesma. Ainda ouço a voz dele de vez em quando, gritando comigo, me

chamando de puta. Se os problemas tivessem ficado só entre a gente, eu teria conseguido lidar com a situação, mas Jeremy confrontou um monte dos meus colegas de trabalho e os acusou de tentar me seduzir. Envolveu várias esposas na história. Tive que sair do meu primeiro emprego numa faculdade por causa dele.”

“Por que você continuou com ele?”

“Porque eu era uma idiota e acabava perdendo. Ele dizia: ‘Eu te amo, Myrna. Eu te amo. Eu te amo. Isso é o que importa. Eu te amo’. E eu acreditei por tempo demais. Não sei quantas vezes dei uma segunda chance a ele por causa dessas três palavras. Centenas. Não suporto ouvir isso agora. Me dá nos nervos. Me lembra da minha fraqueza. Da minha idiotice. Acho que a pior parte era que, como psicóloga, sabia o que ele estava fazendo comigo. Eu *sabia*. E me odiava por aceitar Jeremy de volta de novo e de novo, mas não conseguia quebrar o ciclo. Eu queria que funcionasse. Mas...”

Tendo dito mais do que gostaria, ela mordeu o lábio e ficou em silêncio.

Brian acariciou seu cabelo e beijou sua testa. “Mas você terminou com ele, não é? Então não é fraca. Você conseguiu se desvencilhar.”

“É, eu finalmente consegui terminar com ele, mas não adiantava mais. As coisas só pioraram. Jeremy começou a me seguir. Achei que fosse me matar. Consegui uma medida judicial para mantê-lo longe de mim. Ele ignorou. Era preso e saía da prisão logo em seguida. Era um cara respeitado na comunidade. Rico. Família importante. Educado. Sedutor. A maior parte das pessoas não tinha ideia de como ele era. E as

que tinham morriam de medo do dinheiro da família dele. Depois que eu o deixei, ele me seguiu por todo canto durante meses; seus passos sempre ecoando os meus. Às vezes eu o encontrava do lado de fora de casa. Me vigiando. Deixava bilhetes em lugares que sabia que eu encontraria.” Ela estremeceu. “Mas, como ele nunca me machucava fisicamente, ninguém fazia nada. Assédio verbal e emocional não têm o mesmo peso de abuso físico. Entendo por quê, mas isso nunca facilitou minha vida.”

Brian fez um carinho nas costas dela, e Myrna sentiu novamente aquela dormência gostosa. Por que estava contando aquilo tudo? Nunca tinha exposto toda a extensão do seu terror a ninguém.

“O divórcio”, suspirou ela. “O divórcio foi horrível. Ele se recusou a assinar os papéis, então tive que abrir um processo e reviver todo aquele sofrimento na frente de um juiz. As acusações. As coisas que ele disse para mim. Como me humilhou na frente de pessoas que eu queria que me respeitassem. Graças a Deus o juiz acreditou em mim e foi em frente, apesar de Jeremy ter contestado o divórcio. O dia em que finalmente fiquei livre dele, o dia em que nosso casamento acabou oficialmente, foi o melhor dia da minha vida. Nunca mais quero ficar presa assim de novo. Seja à palavra amor ou à instituição do casamento.”

“Mas depois do divórcio ele deixou você em paz?”

Ela fez que não com a cabeça. “Ele se recusou a aceitar. Ficava me seguindo. Continuava a se referir a mim como sua esposa. Quando comecei a sair com outros caras, ele pirou. Na cabeça dele, eu estava traindo. Tenho certeza de que foi ele

quem furou o pneu de um cara com quem saí para jantar um dia. Depois, uma noite, ele arrombou meu apartamento e ficou esperando por mim. Não me lembro muito do que aconteceu, só de acordar no hospital dois dias depois.” Ela segurou a mão dele e a levou até a linha irregular atrás da cabeça. “Esta cicatriz. Foi ele que fez. Me bateu com uma pá de ferro da lareira, me derrubou no chão e me espancou até quase me matar, depois chamou uma ambulância.”

“Meu Deus.” Brian pressionou os lábios contra o rosto dela.

“Ele confessou tudo e foi preso. Eu mudei de sobrenome, de cidade, me escondi para que ele nunca mais me achasse de novo.” Era por isso que tinha ficado tão assustada que Brian a tivesse encontrado tão facilmente. Ela lembrou que ele sabia que deveria procurar em Kansas City. Jeremy não. Não tinha como encontrá-la. Não *podia*. Não sabia nem o nome dela. Mas as flores... Jeremy sabia que eram suas preferidas.

“Obrigado por me contar”, disse ele. “Agora entendo algumas coisas que estavam me incomodando.”

Incomodando? “Que coisas?”

Ele gaguejou. “Bem eu... Reparei que em geral você hesita por alguns segundos toda vez que a gente tenta algo um pouquinho mais ousado.”

“Você percebeu, é?”, perguntou ela, corando.

“É como se você, a você de verdade, fosse essa pessoa desinibida, aberta e sexual, mas alguma coisa faz você achar que isso é errado. E não é errado, Myrna. É maravilhoso.”

“Em algum lugar lá no fundo, Brian, eu sei que sou problemática.”

Ele a apertou. “Não. Você é perfeita.” Beijou sua testa novamente. “Perfeita.”

Myrna expirou, exasperada, e tentou se soltar dele, mas Brian a segurava com força. “Por favor, não crie expectativas impossíveis para mim. Isso tudo é demais para mim. Está indo muito rápido. Não sou capaz de lidar com isso. Me sinto... presa. Não...”

Brian virou o rosto de Myrna para o dele e fitou-a nos olhos. Então beijou uma lágrima perdida em sua bochecha. “Não sou aquele cara, Myrna. Aceito você por quem é.”

“Eu sei”, suspirou ela.

“Mas, se pudesse, mataria Jeremy. Você tem o endereço dele?”

Ela fez que não com a cabeça. “Não tenho nenhum contato com ele. Faz quatro anos que não o vejo.”

Brian a segurou em silêncio por um longo tempo, e ela se aninhou naqueles braços fortes. Tão seguro.

Ainda assim, assustador.

Ele a afastou pelos ombros para olhar em seus olhos mais uma vez. “Então acho que o que você precisa de mim é espaço emocional.”

“É.”

“E tempo.”

“E paciência”, acrescentou ela.

Ele fez que sim. “Vou tentar dar o que você precisa, mas não vai ser fácil. Estou completamente enfeitiçado, Myrna.”

Ela sorriu, fitando aqueles cálidos olhos castanhos. “Você também é altamente enfeitiçante, Brian.”

“Mas acho que você não ia gostar que eu dissesse aquela palavrinha que começa com A.”

“Não, a menos que você esteja falando de abraço.” Ela envolveu os braços no pescoço dele e o beijou avidamente.

“Abraço é uma boa palavra”, murmurou Brian.

“É, atração também.” Tirou a camiseta dele, correndo as mãos pelos músculos do peito. “E acariciar.”

“Gosto muito de ‘agora mesmo’.” Segurou a mão dela e a puxou na direção do quarto.

Myrna riu, seguindo-o. “Mas são duas palavras.”

“Um detalhe irrelevante.”

Myrna saiu da cama, botou um vestido branco de verão que achou no chão e cambaleou até o banheiro. Estavam dirigindo havia dois dias para tocar na Flórida. A banda se apresentaria por uma hora, então a equipe ia desmontar o palco, e eles iam pegar a estrada de novo à meia-noite para dirigir até a costa leste. Ela realmente não entendia como conseguiam manter a sanidade. Tudo o que faziam era passar dias e noites inteiros dentro do ônibus, movendo-se constantemente de uma cidade para a outra sem aproveitar os lugares pelos quais passavam.

Depois de usar o banheiro, pensou em voltar para a cama, mas imaginou que, se acordasse Brian, ia passar várias horas com o quadril dele encaixado entre suas coxas. Não que achasse aquilo ruim, mas tinha muito trabalho a fazer, e andava absolutamente distraída.

Empurrou uma pilha de papéis para um canto da mesa quadrada de jantar, sentou no sofá, tentando não se perguntar por que o estofado parecia tão grudado, e ligou o computador. Agora que já havia desenvolvido um questionário decente, passava as noites entrevistando groupies. O projeto estava andando muito mais rápido do que poderia imaginar, e ela já tinha uma quantidade enorme de dados. Enquanto esperava a conexão de internet extremamente lenta, separou pautas musicais de questionários de fãs manchados de cerveja,

desgrudou um palito de pirulito de um dos papéis e examinou apreensiva uma manchinha marrom em outro. Os caras eram uns desleixados, não tinham nenhum respeito pelas coisas dela. Só tolerava aquela bagunça porque não se achava no direito de repreendê-los ali.

Conferiu o e-mail e respondeu meia dúzia de mensagens consternadas de seus alunos de graduação. Myrna estava trabalhando numa planilha para organizar as informações que havia coletado quando o ônibus reduziu a velocidade e parou. Esticou o pescoço para olhar através do vidro escuro da janela do ônibus. Outra lanchonete? Cruzes!

Jake levantou do banco do motorista e se espreguiçou, bocejando amplamente. Mal tinha aberto a boca quando notou Myrna sentada à mesa.

“Achei que estavam todos dormindo”, disse ele. “Quer alguma coisa?”

“Café seria perfeito.”

“Um café fresquinho saindo. Ou melhor, dois. Estou prestes a desmaiar.”

Jake saltou do ônibus, deixando a porta aberta para circular um pouco de ar fresco. Myrna ouviu o barulho inconfundível dos pneus de seu Thunderbird cantando no asfalto ao lado do ônibus. Os roadies estavam abusando do carro dela, e a quilometragem estava aumentando vertiginosamente. Por mais conveniente que fosse ter o carro à disposição, em algum momento teria que deixá-lo estacionado num canto. Ter um carro a mais para dirigir estava acabando com a escala de sono dos roadies, o que era um risco considerável.

A porta do quarto se abriu, e Brian saiu. Ele piscou diante da luz ofuscante da manhã e sorriu para Myrna quando conseguiu focalizá-la. “Aí está você. Fiquei mais de uma hora na cama, esperando você voltar.”

Brian nem sequer tentava esconder sua nudez ou o pau duro sacudindo. Fora exatamente por causa daquilo que ela não retornara para a cama. Ele nunca dava um tempo para ela se concentrar no trabalho. E a distração que representava era sempre tão espetacular que Myrna era incapaz de dizer não. Não queria dizer não. Seu corpo reagia ao dele num nível inconsciente, primitivo. Achou que ficar constantemente ao lado dele faria aquele delírio mútuo se aplacar, no entanto ele apenas se intensificava a cada dia. Nunca experimentara nada parecido com aquilo. Estava perdida e profundamente atraída por ele.

“Estava tentando trabalhar um pouco”, disse ela.

“E já terminou?”

“Humm...” Sabia que não ia conseguir se concentrar com a imagem de Brian nu gravada em suas retinas. “Posso fazer uma pausa. Na verdade, a gente precisa fazer uma coisa no meu carro.”

Ele ergueu as sobrancelhas e abriu um sorriso. “Boa ideia. No seu carro. Vou vestir alguma coisa.”

“Não, espere, você entendeu errado.”

Mas ele já havia desaparecido dentro do quarto.

Voltou alguns minutos depois usando uma calça jeans e uma camiseta. O coração de Myrna disparou de ansiedade. Ela levantou do sofá e foi buscar um par de sapatos enquanto ele

usava o banheiro. Antes de saírem, esperaram Jake subir os degraus do ônibus com dois cafés.

“Ah, Brian, você já acordou. Aqui, pode ficar com meu café.” Jake tentou colocar um dos copos na mão do guitarrista.

“Não precisa”, respondeu Brian. “Myrna e eu vamos pegar o Thunderbird. A gente se encontra à noite em Tampa.”

“Acho que não é uma boa ideia, Brian. Você é capaz de se perder no quintal dos seus pais.” Jake entregou um dos copos de café para Myrna.

Ela deu um gole e fez uma careta. Forte e preto demais.

“O quintal dos meus pais é enorme. Mas pode ficar tranquilo, a gente chega lá.”

Jake deu de ombros. “Acho que a chave está com Dave. Acabei de vê-lo entrando no outro ônibus.”

“Valeu, Jake. Ah, e você está com uma cara péssima. Por que não acorda Sed e o bota para dirigir um pouco?”

“Estou bem. Vejo vocês em Tampa.” Jake virou o café e foi até o banheiro nos fundos do ônibus.

Brian levou Myrna até o carro, onde ela ficou esperando e bebendo o café enquanto ele buscava as chaves.

Depois de um tempo, ele apareceu ao lado dela, olhando para o carro. “Eu disse bom dia?”

Ela fez que não com a cabeça. “Você não pensa direito quando seu sangue desce todo para a cabeça menor.”

“Menor?”

Ela riu. “O que eu queria fazer, antes de você chegar às suas próprias conclusões, era achar um lugar para deixar o carro estacionado durante a turnê.”

“Então você não queria chupar meu pau enquanto eu dirigia?”

“Bem, agora eu quero, mas não foi por isso que toquei no assunto.”

Brian tirou o carro da vaga, deixando os ônibus para trás. “Mas é bom ter o carro com a gente. É útil para resolver alguma coisa, além de ser sempre bom poder escapar dos caras por alguns minutos. Talvez a gente devesse arrumar um reboque e prender o carro na traseira do caminhão.”

Ela sorriu. “Seria ótimo.” Esticou-se para beijá-lo na bochecha. “Os roadies também iam gostar. Parecem exaustos.”

“Eles vão poder descansar em breve. Só mais dez dias de estrada e vamos tirar uma semana de folga. Você vem para Los Angeles com a gente, não é?” Ele pegou o copo da mão dela e deu um gole. Fez uma careta, deu outro gole e devolveu.

“Los Angeles? Não sei, Brian. Talvez devesse usar esse período para trabalhar. A turnê continua depois dessa semana de folga, não?”

“Continua”, disse ele, baixinho.

“Qual é o problema?”

“Nada. Fui apunhalado de novo.” E fez um gesto de uma faca acertando seu coração.

“Você está fazendo beicinho porque eu tenho que trabalhar?”

“Não estou fazendo beicinho.”

Para ela aquilo parecia muito com um beicinho. “Você está *choramingando* porque eu tenho que trabalhar?”

“Não, estou choramingando porque você prefere trabalhar a passar uma semana em Los Angeles comigo.” E resmungou

consigo mesmo: “Por que sempre pareço a mulher desse relacionamento?”.

“Você também não vai trabalhar no disco novo?”

“Vou. E daí?”

“E daí que vai ser bom para nós dois tirar uns dias para organizar as ideias na cabeça e trabalhar. Tenho muita dificuldade de me concentrar quando estou do seu lado. E essa moleza toda me incomoda.”

Ele pegou a mão dela e pousou em sua virilha. “Isso parece mole para você?”

“Ninguém chamou você de mole. Está compondo e fazendo shows maravilhosos, um atrás de outro.” Myrna gostava de olhar para seu rosto quando ele não estava vendo. Podia cobiçá-lo sem ser tão óbvia. Sempre se impressionava com o tamanho de seus cílios. Quando ele piscava, voltava a atenção para a linha marcada das maçãs do rosto levemente cobertas por uma barba por fazer.

“Você também não está de bobeira”, disse ele. “Está fazendo essa pesquisa aí com as groupies.”

“Estou, mas coletar dados é só a ponta do iceberg. Tenho que analisar tudo. Fazer estatísticas. E, talvez, se tiver alguma sorte, descobrir um padrão interessante nos resultados e escrever artigos para alguma publicação acadêmica. Esse projeto é muito importante para meu futuro, e tenho muito trabalho a fazer.”

“E eu interrompi esse trabalho de novo hoje de manhã.”

“Eu queria poder dizer que sua distração é irritante.” Ela sorriu e apertou seu pau com carinho. Ele retesou o corpo. “Mas seria mentira.”

Myrna deu um beijo molhado em seu pescoço, chupando de leve a pele. O gemido de Brian fez os mamilos dela enrijecerem.

Ela abriu a calça dele e descobriu que não estava de cueca. Então envolveu o membro junto da base.

“Você consegue dirigir?”, ela perguntou.

“Estou dirigindo.”

“Com o pau na minha boca?”

Ele sorriu. “Só tem um jeito de descobrir.”

Myrna lhe deu um beijo no canto da boca e baixou a cabeça. Ela o lambeu por inteiro, deslizando a língua de forma ritmada ao longo da pele macia e soprando de vez em quando, o que produzia arrepios por todo o corpo dele. Brian pousou a mão atrás da cabeça dela, tentando fazer que envolvesse seu pau com a boca. Ela resistiu, provocando-o. Apertava e relaxava a mão junto da base, enquanto brincava com a língua. Ele ficou mais duro. E mais duro. Myrna também foi tomada pela excitação. Uma pena desperdiçar aquele pau duro na boca.

Uma buzina soou bem alto. Um dos ônibus da turnê havia emparelhado com eles na rodovia de pista dupla. Myrna enfiou o pau de Brian na boca.

“Ah, meu Deus”, exclamou ele, pisando no freio.

Brian virou o volante e Myrna teve que puxar a cabeça para não mordê-lo. Eles pararam abruptamente no acostamento, com duas rodas no asfalto, duas na grama. Ele botou o câmbio em ponto morto e virou-se para ela. “Parece que não, não sou capaz de dirigir com o pau na sua boca.”

Deslizou para o meio do banco e a colocou no colo. Com a mão por baixo do vestido, puxou a calcinha dela para o lado,

então a segurou pelo quadril, trouxe-a para a frente e penetrou o corpo dela com o seu. Brian mantinha os dedos na cintura de Myrna, encorajando-a a cavalgá-lo. A cada movimento, o elástico da calcinha a apertava, aumentando ainda mais sua excitação.

Os carros passavam a toda a velocidade. Myrna se perguntava se as pessoas podiam ver o que eles estavam fazendo no banco da frente. Talvez estivessem tornando a manhã de algumas delas um pouquinho mais interessante.

Brian baixou as alças do vestido dela, expondo os seios. Inclinou-se para a frente para chupar os mamilos, apertando os seios um contra o outro, como se pudesse encher a boca com os dois ao mesmo tempo.

“Nossa, como você é gostosa”, gemeu. Mordeu um dos mamilos, e ela se contraiu, para então estremecer com um orgasmo. Myrna comprimiu os músculos da vagina e subiu o corpo para excitá-lo com movimentos rápidos e curtos. Ele jogou a cabeça para trás, a respiração entrecortada.

“Myrna. Myrna. Assim você vai me fazer gozar.”

Foi então que ela reparou numa lâmpada azul e vermelha piscando através do vidro traseiro. “Melhor ir depressa, então. A polícia acabou de nos ver.”

“Merda!”

Ele ajustou o vestido dela para cobrir seus seios e tirou o pau, que amolecia rapidamente, de dentro dela.

“Você podia ter terminado”, disse ela. “Ele vai ter que conferir a placa no registro de veículos de fora do estado antes de vir falar com a gente.”

“Não dava para terminar. Minhas bolas resolveram se esconder debaixo da minha barriga.”

Ela riu e saiu do colo dele. Então ajustou a calcinha e sentou ao seu lado. Brian voltou para trás do volante e abotoou a calça.

“Não tem graça.”

“Você tem medo de policiais?”

“Não, tenho medo de ir preso.”

“Ah, meu bem”, disse ela, dando um beijo em sua bochecha, “eu pagaria sua fiança. De preferência antes de um cara chamado Big Bart comer você.”

“Ah, que boazinha. E quem pagaria sua fiança?”

“Tenho certeza de que Sed pagaria em troca de um favorzinho.”

Brian fulminou-a com os olhos. “Nem brinque com isso.”

“Ficou bravinho, é? Já falei que você pode confiar em mim. Não tenho interesse nenhum no Sed.”

“Pois é, isso era exatamente o que Angie dizia. E Kristie. E Jenna. E Bethany. E Samantha. E...”

Myrna estreitou os olhos. “Você não precisa listar o nome de todas elas. Sei que você já comeu um monte de mulher.”

“O que foi agora? Está com ciúme?”

“Por que eu teria ciúme? Não temos nada sério. Estamos só nos divertindo.”

“Claro.” Ele deu um soco no painel do carro.

Alguém bateu à janela do carro. “O que foi?”, gritou para o vidro. Em seguida respirou fundo e abriu a janela. “Pois não?”

O motor do carro ainda estava ligado, mas o policial, um sujeito magricela, perguntou: “Algum problema com o carro? Precisa de um reboque?”.

“Está tudo bem, senhor”, respondeu Myrna.

Brian apertou o volante com força. “Pode deixar que eu lido com isso”, resmungou para ela. Então se virou para o policial. “Está tudo bem, senhor.”

Ele examinou Brian cuidadosamente, a mão pousada no coldre em sua cintura. Então se voltou para Myrna, que permanecia perfeitamente composta, em seu vestido branco de verão.

“Está tudo bem, senhora? Ouvi uma discussão no caminho do carro de vocês.”

“Tudo bem.” Ela abriu um sorriso tranquilizador.

“Então por que vocês estão parados no acostamento?”

Myrna virou-se para Brian com um ar de malícia no sorriso. “Meu companheiro estava tendo dificuldade de dirigir, então a gente teve que encostar.”

“O senhor andou bebendo?”

“São sete da manhã!”

“Ou usando drogas?”

“O quê?” Brian acalmou o tom de voz. “Não, não andei bebendo nem usando drogas. Estava com dificuldade de concentração por... *outros* motivos.”

“Entendi.” O policial não parecia convencido. “Então vocês encostaram o carro para trocar de motorista?”

“É”, respondeu Brian. Até então, Myrna não sabia que ele podia corar.

“Vocês deveriam fazer isso numa área de descanso. Não é seguro parar o carro na beira de uma rodovia.”

“Tem razão”, disse Brian. “Podemos ir agora?”

“Primeiro preciso conferir se está tudo certo com a carteira de motorista, o documento do carro e o seguro.”

Brian puxou a carteira do bolso de trás e entregou a carteira de motorista ao policial. Myrna pegou os documentos do carro e do seguro no porta-luvas e passou para Brian, que os entregou.

“Carteira da Califórnia. Documentos do Missouri.” O policial balançou a cabeça e levou os documentos até a viatura.

“Ele suspeita de alguma coisa”, disse Brian.

“Você realmente parece meio suspeito com todas essas tatuagens de caveira e demônio.”

“Então você não gosta das minhas tatuagens?”

“Não falei isso. Só falei...”

“Eu ouvi o que você disse. Tatuagens são suspeitas.”

“Não, eu disse que elas fazem você *parecer* suspeito.”

“Mesma coisa.”

“Não, não é. Nem um pouco.”

“Você está um pé no saco, hein?”, murmurou ele.

Myrna inflou as narinas de raiva. “Como é que é? Você acabou de dizer que eu sou um pé no saco?”

“Não, eu disse que você *está* um pé no saco.”

“Mesma coisa.” Percebendo que havia usado as palavras dele, Myrna riu.

Ele abriu um sorriso para ela. “A gente devia discutir mais vezes.”

“Me deixe adivinhar. Você está ficando com tesão.”

“É, minhas bolas estão voltando ao normal, e o Monstro está pronto para entrar em ação.”

Ela ergueu as sobrancelhas com um sorriso sugestivo no rosto. “E eu posso brincar no Monstro?”

Brian levou o indicador até a testa dela e respondeu: “Você tem que ter pelo menos essa altura para brincar no Monstro”.

“Então parece que posso.”

“Mantenha seus pertences seguros e as pernas e os braços o tempo todo à minha volta.”

O policial pigarreou do lado de fora da janela de Brian, que se virou para ele como se estivesse discutindo o tempo com Myrna.

“Está tudo certo”, disse o policial. “Não tem nenhuma pendência, sr. Sinclair. E o carro não foi registrado como roubado.”

Brian franziu a testa. “Parece surpreso.”

O policial deu uma risada nervosa e entregou os documentos. “Da próxima vez, vá até uma área de descanso.”

“Uma área de descanso?” Brian baixou o rosto para encobrir o sorriso. “Pode deixar, da próxima vez vamos fazer isso numa área de descanso.”

Myrna riu histericamente, recostando-se na porta do carona e apertando a barriga.

“Perdi alguma coisa?” O policial coçou a cabeça, confuso.

“Não, senhor.” Brian guardou a carteira de motorista. “Ela se esqueceu de tomar o remédio de novo.”

Myrna deu um tapa nele e enxugou as lágrimas do canto dos olhos. “Obrigada por vir conferir se estava tudo bem com a gente, senhor”, disse para o policial.

“É, obrigado mesmo”, completou Brian.

Myrna caiu na gargalhada de novo, lutando para conter a histeria. Os dois homens ficaram olhando para ela.

“Melhor a gente trocar de lugar agora”, disse Brian.

Ele escorregou para o meio do assento, e Myrna passou pelo colo dele para sentar atrás do volante, aproveitando para amassar bem a virilha de Brian durante o procedimento. Ela deu um tchauzinho para o policial, fechou a janela, engatou a marcha e voltou para a rodovia. Brian deslizou para junto dela e apertou sua coxa.

“Agora”, disse ele, “vamos ver quão bem você consegue se concentrar com minha cabeça dentro do seu vestido.”

Ela sorriu para ele e segurou sua mão. “Espere até a gente chegar numa área de descanso. Já sei muito bem que não consigo me concentrar com parte nenhuma de você dentro do meu vestido. Nem isso”, disse, apertando a mão de Brian. “Ou isso.” E levou os dedos aos lábios dele. “E muito menos isso”, completou, descansando a mão sobre o volume dentro de sua calça.

“E isso?”, perguntou ele, tirando a bota e balançando os dedos do pé por debaixo da meia.

“Hum”, disse ela, mantendo os olhos na estrada. “Isso eu não sei.”

20

Tampa, 125 quilômetros. Brian olhou da placa verde para seu relógio. Onze da manhã.

“Temos bastante tempo antes da hora em que precisamos estar em Tampa”, disse. “Vamos fazer um desvio.”

Myrna moveu os olhos da estrada o suficiente para fitá-lo. “Que tipo de desvio?”

“Não sei. Do tipo espontâneo.”

“Gosto de desvios espontâneos. Mas a gente tem que tomar cuidado para não se perder. Sem Mestre Sinclair, não tem show do Sinners.”

“A gente não vai se perder. Na próxima saída, siga para oeste.”

“Isso não pode levar a gente muito longe. A oeste só tem o golfo do México.”

“Exatamente.”

Ela sorriu. “Oeste, aí vamos nós.”

Dez minutos depois, estavam fora da estrada principal, seguindo para oeste. “Parece que vai chover”, comentou ela, olhando para o horizonte à sua frente.

Brian franziu a testa para as nuvens pretas à distância que se aproximavam. Então o tempo não ia colaborar no primeiro encontro de verdade dos dois. Estava tentando conter as mãos e criar uma atmosfera romântica. Tinha dez dias para

convencê-la a ir com ele a Los Angeles. E, para conseguir isso, precisava seduzir mais do que o seu corpo.

“Uau”, disse ela. “Olhe só essa água. Que lindo!”

“Nada mau. Mas as praias da Califórnia são mais bonitas.”

Ela o fitou de relance. “De Los Angeles?”

Myrna já tinha entendido tudo. “San Diego é melhor, mas as praias de Los Angeles não são de se jogar fora.”

“Achei que as praias da Califórnia fossem poluídas.”

“Nem todas. Você já foi para lá?”

Ela hesitou. “Bem, não, mas tenho certeza de que um dia vou.”

Será que isso significava que estava considerando ir com ele? Pouco provável.

Eles entraram numa pequena cidade do golfo. Todas as placas por que passavam tinham desenhos de mariscos. A barriga de Brian estava roncando. “Gosta de frutos do mar?”

“Gosto. Não sou muito fã de peixe, mas amo sopa de mariscos.”

“Ao estilo de Manhattan ou da Nova Inglaterra?”

“Nova Inglaterra. Quanto mais grossa melhor.”

“Está com fome?”, perguntou ele, vendo os pequenos restaurantes por que passavam.

“Faminta. Para variar.”

“Vamos achar um lugar para comer.”

“Nada de lanchonete. Acho que prefiro morrer a ter que comer outra porção de batatas fritas.”

“Pare ali.” Ele apontou para um estacionamento no final do quarteirão. “A gente pode dar uma volta e procurar um lugar bom.”

“E como a gente vai saber que é bom?”

“É só seguir os locais.”

“Boa.”

Assim que Myrna estacionou na vaga mais próxima, Brian pulou para fora do carro e correu para abrir a porta para ela. Observou enquanto ela tentava ajeitar o cabelo no retrovisor. Gostava do estilo “acabei de dar uma rapidinha”. Combinava com ela. E com ele.

Abriu a porta, e ela ergueu os olhos para ele.

“Estou um lixo”, disse.

“Sua mãe não ensinou você a não mentir?”

“Nunca minto.”

“Pois acabou de mentir.” Ele pegou a mão dela e a ajudou a saltar do carro.

“Tenho olhos, sabia?”

“Só que eles não devem funcionar muito bem. Você está linda. Está sempre linda.” Brian levou a mão dela até os lábios e beijou as costas dos dedos com carinho.

Ela o surpreendeu com um sorriso, em vez de começar uma discussão. “Obrigada. Você é muito bom para minha autoestima.” Então olhou para o chão, enquanto caminhava ao lado dele. “Mesmo sendo cego.”

“Está querendo se aproveitar de mim para arrancar mais elogios, professora Evans?”

Ela apontou para si mesma. “E eu tenho cara de aproveitadora?”

Ele deu de ombros. “Um pouco.”

“Ah, é?”, perguntou Myrna, boquiaberta.

“Não, claro que não. Na verdade, todo mundo vai ficar se perguntando o que você está fazendo com um marginal como eu.”

“Vou dizer que você me sequestrou.”

“E na certa vão acreditar.”

Ela segurou a mão dele. Brian sorriu, sentindo o calor envolver seu coração. Myrna podia negar o quanto quisesse, mas ele sabia que ela se importava. “Você ficou chateado com o policial, não ficou?”

Na verdade, depois de usar os dedos do pé de formas que nunca havia imaginado, não pensara mais no policial. Ele deu de ombros. “Nah, estou acostumado.”

Ela apertou sua mão. “Fico muito triste de ouvir isso. Ninguém deveria ser julgado pela aparência.”

Eles pararam na esquina e esperaram o trânsito diminuir para atravessar a rua. Brian observou os clientes chegando aos restaurantes. Operários de uma obra, funcionários de escritório e três executivos bem vestidos entraram num pequeno estabelecimento no meio do quarteirão. Não parecia sofisticado, então a comida devia ser boa. *Mariscos da Pam*. Myrna não olhava para as pessoas na rua. Olhava para ele. Brian gostava da ideia de que não conseguia tirar os olhos dele. Fingia não notar, mas ela o observava bastante.

“Mariscos da Pam?”, perguntou ele.

“O quê?”

“Você quer comer aqui?” Ele a puxou pela rua, e os dois atravessaram correndo.

“Por mim, tudo bem.”

Do momento em que entraram no lugar até se sentarem, absolutamente todas as pessoas olharam espantadas para Brian pelo menos uma vez. Era uma cidade pequena, na certa não estavam acostumadas com homens usando correntes, tatuagens, cabelo pintado e roupas de couro. Pelo menos não estava com sua maquiagem de palco. Se estivesse bêbado, provavelmente teria xingado todo mundo, mas a presença tranquilizadora de Myrna esvaziava a importância daquilo.

“O que você vai querer?”, perguntou, examinando o pequeno cardápio plastificado. Ele queria uma cerveja. Uma cerveja e mariscos com batata frita. Ao contrário de Myrna, nunca se cansava de batata frita.

“Eles têm uma sopa de mariscos servida no pão caseiro.” Ela parecia em êxtase.

“É isso que você quer?”

“É, e uma salada. Uma salada enorme. Que saudade de verduras.”

A garçonete apareceu. “O que vocês vão querer pra beber?”

“Vocês têm limonada?”, perguntou Myrna, virando o cardápio para procurar a sessão de bebidas.

“Temos.” Ela anotou o pedido. “E você, gracinha?”, perguntou apontando a caneta para Brian.

“Uma Corona. E já escolhemos a comida.”

Ele fez o pedido pelos dois, e a garçonete saiu, levando os cardápios.

“A gente devia fazer isso mais vezes.” Myrna esticou o braço ao longo da mesa e fez um carinho nas costas da mão dele.

Brian sorriu. “O ônibus às vezes é um tédio.”

“Não sei. Você nunca me dá tempo de ficar entediada.”

“Esse era o plano desde o início.”

“Quero ver como vai ser quando cansar de mim.”

“Acho que você está garantida por pelo menos uns cem anos.” Ele entrelaçou os dedos nos dela e fez um carinho nas costas de sua mão com o polegar.

“Você é sempre assim tão gentil?”

Brian ergueu uma sobrancelha. “Gentil? Taí uma coisa da qual nunca fui acusado.”

“Sério? Não acredito. Você é sempre tão atencioso, generoso e cheio de elogios.”

“Na verdade, em geral não sou assim. É só porque a...” Interrompeu-se bem a tempo e baixou os olhos para o xadrez vermelho e branco da toalha emborrachada. “Gosto de ver você sorrir.” Quase falara a palavra proibida. Será que ela tinha notado? Como ficou calada por um tempo, ele ergueu o rosto, esperando ver lágrimas em seus olhos provocadas pela memória daquele homem. O filho da mãe que tanto odiava. Como era mesmo o nome dele? *Jeremy*. Mas Myrna não estava com os olhos cheios d’água, estava fitando as mãos dos dois, pensativa.

“Pareço sorrir mais do que o normal quando estou com você”, disse ela, sorrindo, como sempre. “Acho que isso significa que você é encantador.”

Ele riu. “Você esqueceu ‘ másculo e gostoso’.”

“Não esqueci, não.”

“Então quer dizer que não sou...?”

Ela olhou para ele. “Não. Quis dizer que não esqueci. É óbvio. Não precisa nem dizer.”

“Mas você *podia* dizer.”

“Podia.”

A garçonete voltou com as bebidas e a salada de Myrna. Brian deu um gole na cerveja, observando-a afastar os tomates e a cebola roxa para o canto do prato.

“Achei que você estava com saudade de salada.”

“Não gosto de tomate. E acho melhor evitar a cebola, para meu bafo não estragar os amassos que quero dar no homem mais másculo e gostoso do planeta depois do almoço.”

Brian abriu um sorriso diante do elogio. Estava habituado com meninas amaciando seu ego, mas, quando aquilo vinha de Myrna, ficava feliz. Ela tinha um efeito incomum sobre ele. Não tentava lutar contra aquilo. Estava pronto, e esperava que um dia ela também estivesse. Sabia que tinha que segurar a onda na hora de expressar essas emoções na frente dela. A última coisa que queria era assustá-la.

“Você quer?” Myrna espetou um tomate com o garfo e ofereceu a ele.

“Se você puser um pouco de molho.” Impossível comer legumes e verduras sem algum tempero.

Ela mergulhou o tomate no pote de molho e entregou a ele. Brian mastigou devagar, observando-a devorar a salada.

“Quanta informação você acha que precisa digitar no seu computador?”, perguntou ele.

Ela ergueu os olhos, o garfo no meio do caminho entre o prato e a boca. “Por que a pergunta?”

Estava tentando imaginar quanto tempo o trabalho dela levaria. “Só curiosidade.”

“Bem, tenho feito umas vinte entrevistas por noite, cada uma com quarenta e duas perguntas. Foram oito shows, então

são mais ou menos umas seis mil e quinhentas respostas.”

“Caramba! É muita coisa!”, engasgou ele. “E você tem que digitar tudo isso?”

“Pois é. Não tenho um assistente escondido no bolso.” Ela riu. “Mas o problema não é digitar os dados coletados. O que demora é fazer a análise estatística e escrever os artigos com os resultados.”

“Então você vai ficar muito ocupada, né?”

“Foi o que tentei explicar hoje mais cedo. Você acha que não quero ir para Los Angeles porque não quero ficar com você?”

Ele deu de ombros. Será que era tão fácil assim ler seus pensamentos?

“Não quero ir para Los Angeles com você porque quero *demais* ficar com você.”

Quando ele tentou responder, ela enfiou outro tomate em sua boca.

“Então eu queria que você facilitasse as coisas para mim não fazendo esse beicinho.”

Ele engoliu. “Não estou fazendo beicinho. E se você terminasse seu trabalho mais cedo? Ia me encontrar em Los Angeles?”

“Vou pensar, mas não se empolgue muito.”

“Você não quer conhecer meus pais?”

Ela ficou branca. “Seus pais?”

“Você sabe quem é meu pai, não sabe? Você, que adora colecionar riffs de guitarra.”

“Humm.” Ela pensou por um instante. “Não conheço nenhum outro guitarrista de sobrenome Sinclair.”

“Ele usava um nome artístico. Não acredito que você não saiba.” E abriu um sorriso. “Você tem três chances.”

Ela franziu a testa para ele, tentando se concentrar. “É tão bom quanto você?”

Brian soltou um riso de desdém. “Melhor. Muito melhor.”

Myrna balançou a cabeça. “Tá, agora eu sei que você está inventando.”

Ela ia engolir aquelas palavras quando descobrisse quem ele era. Brian vivera sob a sombra de uma lenda a carreira inteira.

“Ele ainda toca profissionalmente?”, perguntou ela.

“Só uma turnê de reencontro de vez em quando, não mais do que isso.”

“É canhoto?”

“Não.”

“Malcolm O’Neil.”

“Ah, então você sabia. Estava me perguntando como podia não saber uma coisa dessas.”

Ela largou o garfo no prato e o encarou, espantada. “Você é filho do Malcolm O’Neil? Deus do céu!”

Se as pessoas não estavam olhando para eles antes, agora estavam.

Ele riu, desconcertado. “Você não sabia.”

“Falei Malcolm O’Neil brincando. Foi o único guitarrista que consegui pensar que era melhor do que você.” Ela segurou a mão dele. “Desculpe.” Em seguida, soltou-a e levou os dedos até a testa. “Quer dizer, acho você melhor do que ele, mas...”

Brian riu. “Tudo bem, Myrna. Isso é incentivo suficiente para você vir para Los Angeles? Bem, na verdade eles moram em Beverly Hills.”

“De jeito nenhum. Eu ia dar uma de idiota completa.”

“Tipo agora?” Ele estava brincando, mas Myrna olhou ao redor e corou de vergonha.

A garçonete chegou com os pratos. “Vocês vão querer mais alguma coisa?”

“Um desfibrilador”, respondeu Myrna, apertando o peito.

A mulher arregalou os olhos. “Está tendo um ataque cardíaco?”

“É brincadeira”, afirmou Brian. “Myrna?”

“É brincadeira”, concordou ela, ainda meio sem fôlego. “Não acredito que você não me contou que é filho do Malcolm O’Neil.”

“Você é filho do Malcolm O’Neil?”, perguntou a garçonete. “Guitarrista do Winged Faith?”

“Pare com isso”, disse Brian.

“Você até parece com ele, sabia? Se tivesse umas costeletas e um rosto mais gordinho”, continuou a moça. “Vi um show deles em Woodstock. Foi logo antes de ficarem famosos. Você também toca guitarra, querido? Bem que tem um jeitinho de astro do rock.”

“Um pouco”, admitiu Brian. Torceu para ela não fazer um alvoroço. Estava gostando de não ser reconhecido, mesmo sendo alvo de olhares curiosos.

“Bem, adoraria conversar um pouco mais, mas estou ocupada”, disse a garçonete. “Vai querer outra cerveja?”

Ele olhou para Myrna, que estava sorvendo cuidadosamente sua sopa fumegante. “Só água.”

Quando a garçonete foi embora, ele começou a comer seus mariscos. Estavam divinos. Macios, e não borrachudos. Feitos

na medida certa, nem um pouco oleosos. O tempero estava perfeito. “Experimente isso aqui, Myrna.” Ele colocou um no prato sob a tigela de sopa dela.

Ela comeu. “Que delícia.” Então serviu uma colherada de sopa e ofereceu a ele. “Cuidado, está quente.”

A sopa também estava boa. “Sei escolher restaurante, não sei?”, disse ele, rindo para si mesmo.

“Então porque sempre acaba comendo essas porcarias de fast-food?”

“Porque é mais rápido.”

“Por isso o nome.” Ela roubou uma de suas batatas fritas. “Isso sim é que é batata.”

Depois de comer, Brian foi até ao banheiro. No caminho de volta, passou pela garçonete e pediu indicação de uma praia bonita e não muito movimentada. Deixou uma gorjeta generosa, o dobro do valor da comida, e voltou com sua namorada para o carro.

“Pode deixar que eu dirijo”, disse ele, abrindo a porta do carona para ela.

Myrna se aproximou e correu os dedos pela nuca dele. Ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo apaixonado. Roçou a língua nos lábios dele, e Brian sentiu o coração acelerar. Sabia fazer seu sangue ferver, mas ele tinha outras coisas em mente para o passeio romântico pela praia.

“Obrigada pelo almoço”, sussurrou ela. “Estamos indo para Tampa agora?”

“Ainda não.”

21

Myrna se inclinou para a frente, olhando pelo para-brisa. Uma vista maravilhosa do golfo do México se estendia diante deles até onde podia enxergar. Palmeiras altas pontuavam a estreita faixa de areia branca que ficava depois das dunas cobertas aqui e ali por uma vegetação rasteira. O mar quebrava em ondas fortes, e as nuvens negras continuavam a avançar sobre a paisagem. Brian havia dirigido uns trinta minutos até o meio do nada, mas aquilo realmente valia a pena. Ali, ela poderia pensar que eram as únicas pessoas no mundo.

“Como você sabia desse lugar?”, perguntou Myrna.

Ele sorriu, cheio de si. “Convenci a garçonete a dividir seus segredos comigo.”

Myrna não podia entender a pontada de ciúme que atingira seu coração. “Convenceu, é? E isso teve alguma coisa a ver com esses seus dedinhos maravilhosos?”

“Nem te conto.”

Ela deu um tapa no ombro dele e abriu a porta. Brian segurou sua mão e a puxou para junto de si, espremendo-a entre o volante e o próprio corpo. “Só perguntei qual era a praia mais romântica da região. Ela disse que você era uma garota de sorte e beliscou minha bochecha como se fosse minha tia-avó Stella.”

“Sou mesmo uma garota de sorte”, suspirou Myrna. Ela o tocou no rosto, mergulhando naqueles olhos profundos. Achou que a beijaria, mas ele apenas sustentou seu olhar até ela desviar o rosto.

“Vamos ver as ondas”, disse Brian.

Ela fez que sim e saiu do colo dele.

Eles caminharam de mãos dadas pela praia. Brian sentou na areia e pediu que ela sentasse na frente dele, entre suas pernas. Apertou-a contra o peito, descansou a bochecha no cabelo dela, e assim ficaram, olhando a água.

“O mar tem alguma coisa de eterno”, murmurou Brian, a respiração fazendo cócegas na orelha dela. “Fico meio desconectado quando passo muito tempo sem olhar para ele.”

“Acho reconfortante”, disse Myrna. “Tendo crescido no Meio-Oeste, nunca via muito o mar.”

“E o que faz você se sentir conectada com o universo?”

Ela pensou por um instante. “Olhar para as estrelas à noite. Não dá pra fazer isso numa cidade grande. Toda vez que vou visitar meus pais, no verão, olho para as estrelas por horas e horas.”

Brian alisou seus braços nus. “Posso olhar as estrelas com você algum dia?”

“Eu gostaria muito disso.”

“E conhecer seus pais?”

“Já disso eu não gostaria.”

“Tem vergonha de mim?”

Ela sabia pelo tom de voz que ele estava brincando, mas não muito. Não tinha vergonha dele, mas eles teriam vergonha dela por estar saindo com ele. Brian não era o genro dos sonhos de

seus pais, ou mesmo um namorado dos sonhos. Os dois, no entanto, adoravam Jeremy, e eram, portanto, péssimos em julgamentos de caráter.

“Claro que não tenho vergonha de você”, respondeu ela.

Não queria falar dos pais. Gostaria que ele parasse de se meter na sua vida pessoal.

Ela tirou as sandálias e enfiou os dedos do pé na areia quente, dando um suspiro satisfeito. Então pegou a bota esquerda de Brian. “Tire isso.” Ele a ajudou a tirar uma bota e depois a outra. Ela tirou as meias dele e enfiou dentro das botas. Brian a puxou para junto de si de novo, e Myrna acariciou o peito do pé dele com a ponta dos dedos — acompanhando a linha dos tendões e brincando com os poucos pelos claros.

“Até seus pés são sexy”, murmurou.

“É a parte do meu corpo que você prefere?”, perguntou ele, a voz grave tão perto de sua orelha que ela sentiu a nuca se arrepiar.

“Você devia saber que parte eu prefiro.”

“É o que você chama de Monstro?”

Ela abriu um sorriso. Achou que ele pensaria naquilo. “Não, mas o Monstro está entre os dez primeiros colocados.”

“Dez primeiros, é?” Ele beijou a pontinha da orelha, fazendo com que ela se arrepiasse. “A boca?”

Ela fez que não. “Não, mas ela também está entre os dez primeiros.”

Brian lambeu a pele atrás da orelha. “A língua?”

“Não. Parece que a lista dos dez primeiros está ficando cheia.”

Ele riu e a abraçou mais forte. “É óbvio que são minhas mãos.” Ergueu-as diante dela, flexionando os dedos.

“Errado de novo. Mas foi um bom chute.”

“Tá legal, desisto.”

Ela virou-se para ele. “Seu cérebro.”

Brian disfarçou a surpresa com uma gargalhada. “Bem, eu realmente posso dizer que essa é a última coisa que achei que você diria.”

“Por quê? Ele controla todas as outras partes. É responsável pelo seu talento magnífico, tanto com a guitarra quanto na cama.” Ele sorriu. Myrna não conseguia entender por que ele precisava dos elogios dela quando tinha tantas groupies berrando com toda a força o quanto ele era perfeito. “Ele faz você dizer coisas que me fazem rir e pensar. E lhe dá esse temperamento gentil e romântico ao qual fico tentando resistir. Sua personalidade, seu talento, sua alma. É ele que faz de você o que você é. Está tudo nessa sua cabeça maravilhosa. Mas não me entenda mal. O corpo que acompanha é maravilhoso também.”

“Acho que fiquei vermelho.”

Ela virou-se, ajoelhando-se entre suas coxas e envolvendo-o pelo pescoço. “É só disso que você precisa para ficar vermelho?”

Myrna deu um beijo carinhoso nele. Brian a beijou de volta, mas não esquentou as coisas como costumava fazer.

Quando ela se afastou e olhou em seus olhos, ele sorriu e disse: “Vamos caminhar um pouco”.

“Você trancou o carro?”

Ele suspirou. “Sempre tão prática, professora.”

“Você quer dizer maçante.”

“É, foi o que eu quis dizer.” Ele revirou os olhos para ela e balançou a cabeça. Ficou de pé e a ajudou a se levantar. Enquanto ela limpava a areia da saia, Brian pegou as botas e as sandálias e guardou no carro, trancando a porta. Ao voltar, segurou a mão dela e caminhou em direção ao mar agitado. O vento frio jogou os cabelos de Myrna em seu rosto e enrolou o vestido em suas pernas.

“Belo dia para uma caminhada!”, exclamou ela por cima do barulho das ondas. “Acho que vai cair um pé d’água.”

Brian olhou para o céu. “É bem capaz.”

Continuou andando, a mão dela presa na sua. A areia molhada fazia um barulhinho a cada passo. Myrna apertava a areia com os dedos, gostando da sensação. Uma onda passou, envolvendo seus pés, e ela cambaleou de lado. “Que gelo.”

“O mar está bem agitado. Se você quiser voltar...”

“Um caranguejo!” Myrna se agachou para pegar da areia um bichinho minúsculo, levantando-o para mostrar a Brian. O animal esperneou, tentando fugir em pleno ar. “Não é bonitinho?”

Ele riu. “Pequeno demais para dar um bom jantar.”

“Eu não comeria.” Ela olhou nos olhos esbugalhados do caranguejo. “Não é, Capitão Gancho?”

“Você deu um nome pra ele?”

Ela pôs o bichinho de volta na areia e deu um empurrãozinho em direção ao mar. “Salve-se, Capitão Gancho. Já vi o jeito como esse homem come.”

“Ei!” Brian a agarrou pelas costas, enterrando os dedos em seus quadris. Ela riu e se contorceu para se soltar, correndo em

direção à arrebentação. Podia ouvir os passos dele logo atrás de si. Diminuiu a velocidade para que pudesse alcançá-la. Ele esbarrou nas costas dela, e ela tropeçou, esticando os braços para se proteger. Mas Brian a segurou nos braços fortes, evitando que caísse no chão.

Ela riu, meio sem fôlego, e olhou para ele.

“Quase dei de cara no chão, ou melhor, na areia. Você me salvou.”

“Isso faz de mim seu herói?”

“Você já era meu herói.”

Ele sorriu e revirou os olhos. “Ah, tá. Nunca conheci uma mulher que precisasse menos de salvamento do que você.”

“Não é verdade. Você me salvou da solidão.” Ela o beijou. “E da frustração sexual.” E já fazia um tempo que não ouvia as acusações de Jeremy em sua cabeça.

Ele riu. “Então você também deve ser minha heroína.”

Myrna o beijou novamente, envolvendo-o pelo pescoço e brincando com os cabelos compridos em sua nuca.

“Não me provoque agora”, murmurou ele, contra seus lábios.

“Por que não? Temos a praia só pra nós.”

Ele gemeu junto à boca de Myrna e a apertou mais forte. Ela intensificou o beijo e ele se afastou. “Chega.”

Colocou-a de pé, e ela cambaleou por um instante. Brian segurou na sua mão e começou a caminhar de novo. Myrna andava ao lado dele em silêncio, tentando entender aquela relutância. Não era o Brian que conhecia. Será que ela tinha feito alguma coisa de errado?

“Já criou coragem para me perguntar?”, disse ele, pegando um pedaço de madeira trazido pelas ondas e jogando de volta

no mar.

“O quê?”

“Por que eu ainda não estou rolando com você na areia?”

“Ah, isso. Não tinha percebido.”

“A gente está aqui para se conhecer melhor. E não quero dizer no sentido bíblico. A gente já se conhece o bastante nesse aspecto. Decidi que vamos ficar sem sexo até depois do show de hoje.”

“Sem sexo?”

“Isso aí.”

“E quem disse que é você que decide essas coisas?”

Ele sorriu. “É mais um desafio pessoal. Você não tem nenhum interesse em me conhecer? Quer dizer, de verdade?”

“Não posso jogar seu nome no Google? Sua vida não está inteira na internet?”

Ele fez uma cara feia. “Provavelmente.”

Myrna estendeu a mão e alisou a testa franzida com os dedos. “Não faça essa cara. Conte como o Sinners começou.”

Brian a fitou de rabo de olho. “Você quer a história verdadeira ou a versão enfeitada da internet?”

“A verdadeira. Posso ler a versão enfeitada na internet depois.”

Ele abriu um sorriso nostálgico. “Trey e eu éramos ovelhas negras em Beverly Hills.”

“Vocês moravam em Beverly Hills?”

“Morávamos, meu pai ficou rico e famoso quando eu era criança, e o pai do Trey é cirurgião plástico, então nós dois morávamos em Beverly Hills.”

“Não brinca? Nunca ia adivinhar.”

“Nenhum de nós se dava bem com os garotos ricos, e os outros garotos nos odiavam por sermos ricos. Então acabamos ficando amigos. E tocávamos guitarra. O tempo todo. No oitavo ano, criamos uma banda fadada ao fracasso...”

“Crysys.”

Ele deu uma risada. “Achei que você ainda não tinha me pesquisado no Google.”

“Uma das groupies de Trey comentou.”

“Ah. Enfim, no décimo ano, um garoto ficou enchendo o saco da gente durante um show numa festinha. Eric Anderson.”

“Eric Anderson?”

“Que hoje é conhecido pelo sobrenome Sticks.”

Myrna riu. “Sempre achei estranho um baterista se chamar Sticks.”

“Pois é, ele é tão idiota que mudou o nome de verdade. Mas, continuando, na hora em que ele veio encher nosso saco, Trey ficou babando de raiva. Nunca o tinha visto daquele jeito na vida. Pulou do palco e caiu de pau em cima do Eric. Trey tinha fama de brigão, mas aquilo foi demais. Sangue para todo lado. Arrebentou a maçã do rosto do Eric. Ainda bem que o pai dele é cirurgião plástico.”

“Trey, brigão?” Myrna achava difícil de acreditar. Não parecia um sujeito que pudesse fazer aquilo com alguém.

“Pois é, eu estava sempre apartando confusão. E várias vezes a raiva dele acabava sobrando pra mim. Trey acalmou muito ao envelhecer.”

“Realmente, vinte e oito já é uma idade bem avançada.” Myrna rolou os olhos para ele.

“Bom, ele tem muito mais do que dezesseis agora. De qualquer forma, depois que ele e Eric se espancaram naquela festinha de aniversário, Trey disse alguma coisa do tipo ‘Ah, é? Então por que você não prova?’. E foi o que Eric fez. O cara era foda.”

“É verdade. Eric é um excelente baterista”, concordou Myrna.

“Isso é o que ele toca agora, mas ele também tocava guitarra. Baixo. Piano. Sax. Violino. Ukulele. Kazoo. Pode falar o que você quiser, o Eric toca.”

“Não sabia disso.”

“E tem uma voz incrível. Cantava e tocava baixo no Crysys até o Sed descobrir a gente, aí passou para a bateria para sempre.”

Myrna franziu a testa. “Por quê?”

“Eric é o melhor baterista do mundo. E... Sed sempre o coloca para baixo.”

“Sed faz isso com todo mundo. O cara tem mais autoestima do que quinze supermodelos juntas. Acho que deve ter sido rei em alguma vida passada ou algo assim.”

“Henrique VIII, provavelmente.” E fez um gesto de quem corta a própria garganta, com efeitos sonoros e tudo.

Myrna riu.

“Sed sempre foi muito seguro”, continuou Brian. “Ele apareceu depois de um show do Crysys e insistiu que era nosso novo vocalista. Dezesseis anos e já sabia o que queria da vida. Disse que estava procurando uma banda para liderar. Falou na cara do Eric que ele não tinha aparência nem

qualidade para ser líder de uma banda e que era melhor se esconder atrás da bateria.”

Myrna se encolheu. “Que pesado.”

“Ele tinha razão. A gente não estava chegando a lugar nenhum. Se não fosse por Sed, ainda estaríamos tocando em festinhas de aniversário de garotas ricas. Ele tinha um plano, sabia onde queria chegar e como, e botou as coisas para funcionar. Para todos nós. Sed mudou o nome da banda para Sinners e a gente saiu à procura de um baixista para substituir Eric.”

“Jace.”

“Não, tivemos outro baixista antes dele. Jace está com a gente só há dois anos. Nosso primeiro baixista foi Jon Mallory, melhor amigo de Eric do colégio. Infelizmente, ele estava sempre chapado demais para achar o palco. Experimentava de tudo, fosse de engolir, cheirar, fumar ou injetar. Tentamos ajudar. Foi para a reabilitação meia dúzia de vezes, mas estava afundando a gente com ele, então tivemos que cortar o mal pela raiz. Foi difícil expulsar Jon da banda. Tomar a decisão foi horrível, mas ver Sed comunicar a ele... Merda. Foi brutal. O cara era quase parte da família, principalmente para o Eric. Às vezes tenho pena do Jace pela responsabilidade de substituir Jon. E Eric realmente não facilita a vida dele.”

“Drogas e álcool destroem a vida de muita gente.” Ela provavelmente ainda estaria casada com Jeremy se não fosse seu problema com a bebida. “E como vocês encontraram Jace?”

Brian sorriu para ela. “Foi altamente recomendado pelo irmão mais velho do Trey”, ele disse, e deu uma piscadinha. “Certo, sua vez.”

“Minha vez?”

“Essa conversa tem que ter dois lados, tá legal?”

“Espere aí. O que você quer dizer com *altamente* recomendado pelo irmão mais velho do Trey? E essa piscadinha sugestiva... Eles eram amantes ou algo assim?”

A expressão de espanto de Brian foi logo substituída por uma gargalhada estridente. Ele parou de andar e apertou a barriga com os braços. Myrna achou que ia cair na areia e rolar de um lado para o outro a qualquer momento.

“Qual é a graça?”

Brian limpou as lágrimas dos olhos. “Ah, Deus. Precisava dessa gargalhada.”

Ele a apertou pelos ombros contra a lateral de seu corpo, ainda rindo de vez em quando.

“Ainda não entendi a graça. Trey é gay, não é? Quer dizer, ele não parece nem age como tal, mas...”

Brian girou-a de frente para ele. “Gay? Não, na verdade não. Trey é aberto a qualquer coisa. Mas o irmão é hétero. E acho que Jace preferiria morrer a ficar com um homem. É hilário imaginar Jace Seymour e Darren Mills juntos.”

Darren Mills? Por que aquele nome lhe parecia familiar?

“O que eu quis dizer”, continuou Brian, “é que Jace se candidatou para a banda de Dare e eles iam contratar o cara, mas depois o baixista original resolveu ficar. Então Dare descobriu que a gente precisava de um baixista para substituir o Jon e nos indicou Jace. A gente teve sorte. Quer dizer, o cara era bom o bastante para conseguir um teste com o Exodus End aos vinte e um. Isso é bem incrível.”

Myrna arregalou os olhos. “Exodus End?” É daí que conhecia o nome de Darren Mills. Ou melhor, Dare Mills. Seus detectores de guitarrista dispararam.

“Por favor, não me diga que você nunca ouviu falar do Exodus End.”

Ela o segurou pelos braços e o sacudiu com força. “Claro que já ouvi falar do Exodus End. De que planeta você acha que eu sou? Você conhece os caras? Pessoalmente?”

“Humm, conheço. Trey é irmão do guitarrista principal deles.”

“Não brinca? Você está de sacanagem, né?” Ela nunca havia associado Trey a Dare Mills, não sabia por quê. “Jesus Cristinho!”

“Jesus *Cristinho*?” Ele riu diante do surto inesperado de fanatismo adolescente dela. “Não. Não estou brincando. A gente vai abrir para o Exodus End no final de junho, em Las Vegas. Quer conhecer o cara?”

O coração de Myrna disparou. “Ah, meu Deus. Eu morri e fui pro céu. Ele é o melhor guitarrista do planeta.”

“Ei!”

Brian estava fazendo beicinho de novo. Myrna deu um tapinha carinhoso na bochecha dele. “Desculpe, Brian, mas ele é.”

Ele riu. “Você podia ao menos fingir na minha frente. Principalmente porque estou com a chave do carro.”

“Você sabe que te acho o máximo.”

“Pensando melhor, não vou apresentar você a ele. Dare não só é melhor do que eu, como é mais bonito, mais alto, mais famoso, mais rico. E vai roubar você de mim.”

“Impossível”. Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo, com uma expressão pensativa nos olhos. “Você falou mais rico?”

“Tá legal, já chega.”

Myrna deu um gritinho de surpresa ao ser levantada do chão. Ele a jogou por cima dos ombros e deu uma palmada em sua bunda.

“Você, srta. Evans, está se comportando muito mal hoje.”

“Nunca me comporto bem.”

“Verdade. Mas hoje sua malcriação está acabando com minha frágil autoestima.”

Myrna riu e enfiou a mão pela parte de trás da calça dele, brincando com a pele macia de sua bunda.

“Pode parar com isso.” Ele tirou a mão dela de dentro de sua calça.

“Desde quando você tem a autoestima frágil?”

“Desde que conheci você.”

“Então é essa a atração?”

“O quê?”

“Bem, não consigo deixar de me perguntar por que você está interessado em mim quando pode pegar uma mulher muito mais bonita e mais nova que faria qualquer coisa por você.”

“Não tem ninguém mais bonita do que você. Embora eu admita que a maior parte das minhas namoradas era mais nova. Tá legal, todas elas. Não tinha ideia do que estava perdendo.”

Myrna enfiou a mão nas calças dele de novo.

“O que você está fazendo?”, perguntou, colocando-a de pé na areia.

“Convencendo você a me botar no chão.” Ela abriu um sorriso malicioso. “Funcionou.”

Ele balançou a cabeça. “Você nunca faz o que acho que vai fazer.”

“Talvez esteja aí a atração.”

“É muito difícil para você acreditar que gosto de você sem nenhum motivo em particular?”

“Preciso de um motivo.”

“O motivo é: não tem motivo nenhum para eu *não* gostar de você. Você é tudo o que eu quero.”

“Acho que não nasci para ser namorada de um astro do rock.” Doía dizer aquilo, mas o pensamento pesava muito em sua cabeça nos últimos dias. Quanto mais falava com as groupies de Brian, mais ciúme sentia. Sabia que ele não tinha o menor interesse nelas, mas aquelas meninas estavam tão disponíveis, e ela própria não se entregava emocionalmente. E se ele decidisse que não via mais graça nela? Que precisava de mais do que ela podia oferecer? E por que aquela possibilidade a incomodava tanto? Não era como se o que eles tinham fosse sério.

Ele a tocou de leve na bochecha. “Então não seja a namorada de um astro do rock. Seja a namorada de Brian Sinclair.”

“Vocês são a mesma pessoa. Sua vida é tão interessante, e a minha é tão comum. Sem graça. Sou uma garota do Meio-Oeste que estudou demais.”

“Sou um garoto da Costa Leste que largou a faculdade.”

“Você fez faculdade?”

“Por um semestre.”

“O que estudava?”

“Mulheres, principalmente.”

Ela o cutucou nas costelas. “Por que largou? Podia ter se formado *summa cum laude*.”

“O Sinners assinou o contrato do primeiro disco.”

“Uau, tão cedo? Seu pai ajudou? Ele deve ter muitos contatos no meio.”

Brian riu. “Ah, meu pai... Ele nunca incentivou minha carreira musical. Lançamos o primeiro disco por um selo pequeno, independente, e saímos em turnê por oito meses. Nunca passei tanta fome na vida. E não ajudava nada que Jon ficasse roubando nosso dinheiro para comprar drogas. Quando finalmente engoli o orgulho e pedi uma ajuda ao meu pai, você sabe o que ele disse?”

“O quê?”

“Se você realmente quiser seguir esse sonho, precisa sofrer. Assim, se chegar ao topo, vai significar alguma coisa pra você.’ Ele não dava dinheiro nem pra trocar as cordas da guitarra. Já tentou tocar um solo faltando a segunda corda? Pois é... Não dá.”

“E você o odeia por isso?”

“Não, achei que odiava, mas percebi que ele tinha razão. Se você não tiver que trabalhar por alguma coisa, simplesmente não dá valor a ela.”

Myrna assentiu. “É, isso eu entendo. Por isso corri atrás do Ph.D. Meus pais não queriam que eu fizesse faculdade. Achavam que eu devia me casar e ter filhos. Ficar em casa e criar as crianças como se fosse um clone da minha mãe. Então, quando entrei, trabalhei feito uma louca enquanto os pais da maior parte dos alunos pagavam a mensalidade e as contas

deles. Ter que me virar fez que eu desse muito mais valor àquilo. Eu ralava para tirar boas notas. Queria provar que era capaz.”

Ele a abraçou. “Está vendo, a gente tem mais em comum do que o sexo bom.”

“Sexo maravilhoso.”

“Sexo transcendental.”

“E a gente bem que podia fazer um pouco agora.”

Ele apertou a bunda dela. “Não até depois do show.”

“Você sabe que adoro um desafio, não sabe?” Ela encostou o corpo no dele, segurando o pau semiereto por cima da calça. “Sou muito determinada quando quero uma coisa.”

“Outra coisa que a gente tem em comum.” Ele tirou a mão dela da virilha. “Vai assistir ao show hoje à noite em vez de ficar entrevistando groupies?”

“Você vai fazer valer a pena?”

“E você precisa perguntar?”

“Brian, estou incrivelmente excitada neste momento.”

Ele grunhiu. “Você não pretende facilitar as coisas, não é?”

“E você precisa perguntar?”

Brian a fitou por um instante, correndo a língua pelos lábios. Parecia prestes a pular em cima dela, e Myrna estava mais do que pronta para recebê-lo.

“Mas quer dizer que você é filha de um fazendeiro, é? Não sei nada de fazenda”, disse ele. “Como é?”

Ela suspirou, exasperada. “Você realmente vai me fazer esperar até de noite, né?”

“Vou.”

Então ela se virou e começou a caminhar de volta por onde eles tinham acabado de vir. Deviam ter andado mais de um quilômetro e meio ao longo da praia. “A vida no campo é um saco”, disse por cima do ombro. “Isso é tudo o que você precisa saber.”

Brian deu uma corridinha para alcançá-la. “Você não vai se safar assim tão facilmente. Conte alguma coisa sobre você.”

Um trovão soou em algum lugar. Myrna olhou para as nuvens negras. “Acho melhor a gente correr.”

“Tarde demais. Nunca vamos chegar a tempo.”

Ela sentiu as primeiras gotas gordas em seu rosto. “A gente vai ficar ensopado.”

E saiu correndo em disparada na direção do carro. Quando chegou ao Thunderbird, puxou a maçaneta. Trancada. Brian estava com as chaves. Virou-se para ele e o viu caminhando tranquilamente ao longo da praia.

“Anda logo!” A tempestade desabou, e Myrna ficou encharcada em segundos. “Anda, Brian!”

Podia vê-lo sorrindo para si mesmo, o cabelo grudado na cabeça pela chuva e a camisa envolvendo o peito. Mas não acelerou o passo. Ela ficou lá, tremendo, esperando que ele abrisse a porta. Quando finalmente chegou, puxou o corpo frio de Myrna contra o seu, as mãos fortes espalmadas nas costas dela.

“Abra a porta.” Ela esticou o braço atrás de si para puxar a maçaneta.

“Não.” Ele enfiou os dedos por entre os fios molhados do cabelo dela, puxando sua cabeça para trás. Olhou fundo nos seus olhos até Myrna soltar a maçaneta e levar as mãos para a

barriga e o peito dele. Então a beijou, abrindo o zíper do vestido, e deslizou as alças pelos ombros, expondo os seios à chuva. Myrna sentiu a pele arrepiar, os mamilos doerem sob o vento frio. A chuva batia em seus ombros e escorria em rios por entre os seios até a barriga. Com a língua quente, Brian bebeu a água em sua pele, que queimava ao toque daquela boca.

Ela gemeu e procurou o botão da calça dele. Se liberasse o Monstro, sabia que Brian acabaria com aquele tormento e a possuiria. Quem sabe não o faria ali mesmo, na capota fria e escorregadia do carro? Mas, antes que pudesse abrir o botão, ele segurou ambos os pulsos com força e manteve os braços dela junto do corpo.

“Não”, disse.

E a encarou, a água pingando do nariz e do queixo.

“Não?”

“Foi o que eu falei.”

Ele chupou um dos mamilos dela. A língua quente em contato com a pele sensível arrancou gemidos de prazer de Myrna. Ela tentou se livrar das mãos dele, doida para enterrar os dedos naquele cabelo, mas Brian não a largou. Contorceu-se, tentando se afastar daquela língua diabólica, então mudou de ideia e ofereceu o outro seio.

Como ele não o aceitou imediatamente, ficou olhando para ele. O sorriso travesso que obteve como resposta fez seu coração bater mais depressa.

“Você quer que eu chupe esse também?” E tocou a pontinha do nariz em seu mamilo.

“Quero.”

“E qual é a palavrinha mágica?”

“Por favor.”

Ele lambeu o mamilo, e ela estremeceu.

“Acho que meu trabalho aqui acabou.” Então se endireitou e soltou os braços dela.

“Ah, não acabou, não.” Myrna se jogou contra ele, agarrando-se aos cabelos molhados, a boca procurando a dele num beijo desesperado. Ele a beijou de volta, subindo a parte de cima do vestido para cobrir seus seios e fechar o zíper.

Então se afastou abruptamente e olhou para o céu, piscando para proteger os olhos. “Acho que essa chuva não vai parar tão cedo.” Tirou a chave do bolso e abriu o carro. Antes que ela entrasse no interior seco e quente, perguntou: “Já mudou de ideia quanto a ir para Los Angeles comigo?”.

“Então é isso?”

“Não. Só quero que você me queira muito, muito mesmo.”

“Missão cumprida.”

“Estamos perdidos”, disse Myrna. “Pare o carro, que vou pedir ajuda.”

“Não estamos perdidos”, disse Brian. “Estamos em Tampa. Isso não é estar perdido.”

“Mas você não está no estádio e o show começa em uma hora.”

“Eu sei disso.”

“Então pare de ser teimoso e entre naquele posto de gasolina. Não vou dizer que estamos perdidos. Vou perguntar como quem não quer nada como se chega ao estádio.”

“Não estou perdido.” Ele expirou exasperado e entrou no posto de gasolina. “Só compre um mapa.” E entregou a carteira a ela.

Ela suspirou. No fundo, no fundo, astros do rock eram homens. Será que havia algum homem na face da Terra capaz de admitir que estava perdido? Correu para a loja de conveniência, não se importando que seu cabelo sugerisse que tinha enfiado o dedo na tomada. Enquanto comprava o mapa, pediu algumas indicações ao vendedor.

Em poucos minutos, estava de volta ao carro com Brian. Entregou o mapa a ele.

Brian começou a desdobrá-lo. “Em que rua a gente está?” Olhou ao redor, como se esperasse ver uma seta de “você está

aqui” em algum lugar.

“Não tenho a menor ideia. Mas o vendedor disse para você descer oito quarteirões naquela direção.” Ela apontou para o final da rua.

Brian abriu um sorriso. “Está vendo? Não estamos muito longe.”

“Aí é só pegar a rodovia no sentido sul. Terceira saída.”

“Ah...”

“Virar à esquerda e seguir as placas. Fica a uns vinte minutos daqui. Se a gente não se perder de novo.”

“Merda.”

Ele deu ré e seguiu na direção que Myrna havia indicado. Quando conseguiu achar os ônibus da turnê, já eram nove e meia.

Os dois subiram os degraus do ônibus às pressas e foram confrontados por Sed. “Onde se meteram? O show começa em meia hora.”

“Sai da frente. Tenho que tomar um banho. Depois você grita comigo.” Brian empurrou Sed para um canto e tirou a camiseta a caminho do banheiro.

“Vê se não demora!”, gritou Sed, inutilmente.

Myrna seguiu Brian até o banheiro. Se ia assistir ao show, também precisava de um banho. Tinha areia nos lugares mais inimagináveis, e o vestido que um dia fora branco estava mais para marrom, de tão encardido. Brian ligou a água do chuveiro minúsculo e abriu a calça.

“Você vai ficar olhando?”, perguntou.

“Vou me juntar a você.”

“Não tenho tempo para tomar banho com você.” Já completamente pelado, ele entrou no chuveiro.

“Também preciso de um banho. Estou imunda.”

Deixou o vestido e a calcinha caírem numa pilha no chão sobre as sandálias e entrou no chuveiro atrás de Brian, que estava passando xampu no cabelo. Não tinha planejado tocá-lo, apenas dividir a água, mas com aquele homem pelado ao seu alcance, não podia evitar. Beijou seu ombro, e todo o corpo de Brian se contraiu.

“Myrna, por favor, não. Já estou cheio de tesão. Não preciso subir no palco de pau duro.”

“É culpa sua! Quem mandou ficar me excitando na praia?” Ela deu um beijo no meio de suas costas, sentindo o gosto desagradável de xampu na boca. “E na capota do carro.” Beijou o outro ombro. “E dentro do carro.” Envolveu a cintura dele, deslizando a mão pela barriga. “E em todo hotel pelo qual passamos nos últimos cem quilômetros.”

“Tenho culpa que minha namorada não consegue ficar sem meu corpo?” Ela podia ouvir o sorriso em sua voz.

“Como se você não contribuísse para meu apetite insaciável e incharacterístico.”

“O que você quer dizer com *incharacterístico*?”

“Você realmente acha que preciso de várias horas de sexo todos os dias? Com qualquer outro namorado, trinta minutos duas vezes por semana era suficiente.”

“Sério?” Ele virou-se para tirar o xampu do cabelo, esfregando a cabeça com ambas as mãos. Ela baixou as mãos para massagear sua bunda e beijou sua clavícula.

“Então eu não satisfaço você ou algo assim?”, perguntou.

Brian sabia que não era nada daquilo, mas aquela autoestima precisava de atenção constante. “Você sempre me satisfaz. E, agora que sei como é bom, quero você o tempo todo.”

Ele sorriu para ela. “Sei exatamente do que está falando.” Ela não acreditava, mas agora não era hora de confrontar a mentira. Ele tinha vinte minutos para subir no palco.

Eles trocaram de lugar para que ela pudesse lavar o cabelo enquanto ele ensaboava o próprio corpo e insistia em esfregar o sabonete nos peitos e na barriga dela. Trocaram de lugar uma última vez para ele tirar o sabonete e ela terminar de se lavar. Brilhando de limpo, Brian deu um beijo em Myrna e a deixou sozinha.

Depois de acabar o banho às pressas, ela se enrolou numa toalha e correu para o quarto. Brian já estava quase vestido. Viu-o escolher uma camiseta e passar um cinto de tachinhas ao redor da cintura.

“O que devo vestir?”, perguntou ela.

“Você está linda nessa toalha.” A voz levemente rouca a fez tremer por dentro. Os dois estavam tão cheios de tesão. Como ela ia aguentar assistir a um show inteiro sem pular em cima dele na frente de um estádio cheio de fãs?

Myrna riu. “Acho que não é uma boa ideia.”

“Coloque uma camisa”, pediu ele. “O resto, não importa.” E sentou na beirada da cama para calçar as meias.

“Meia e cinta-liga?”

Brian ergueu os olhos. “É. Eu gosto.”

“Calcinha? Ou não precisa?”

Com um rosnado, ele a jogou na cama, puxou a toalha e chupou um dos seios, apertando o outro com força e

pressionando sua coxa com o volume que tinha dentro da calça.

“Você não tem que estar no palco em quinze minutos?”, perguntou ela, como quem não quer nada. No entanto, se ele explorasse a parte negligenciada de seu corpo, descobriria que estava quente, inchada e molhada.

Brian afastou-se. “Você está me deixando maluco, Myrna.”

“Você passou o dia me deixando maluca.”

Ele abriu um sorriso. “Acho que meu plano funcionou bem demais.” E saiu da cama, correndo os olhos pelo corpo dela ao ficar de pé. “Tenho que secar o cabelo, me barbear e me maquiar. Coloque a roupa. E tente não ficar gostosa demais. Vou ter que passar uma hora sem tocar você. Se resolver ir sem calcinha, por favor, não me avise.”

Myrna riu e pulou da cama, à procura de roupas. Vestiu-se o mais rápido que pôde. Queria não ter falado da cinta-liga. Demorava horrores para colocar aquilo. Quando achou Brian no banheiro, ele já estava pronto. Em vez do cabelo espetado de sempre, com muito gel e spray, usava uma réplica vermelha do chapéu da sorte. Não tinha tempo de fazer o cabelo. O delineador, no entanto, não podia faltar. Era marca registrada. Ela limpou com o polegar uma manchinha debaixo de seu olho esquerdo.

“Não deu para pintar as unhas.” Ele olhou para as lascas de esmalte preto no indicador.

Myrna o abraçou. Brian tremeu junto ao seu corpo, transparecendo o nervosismo pré-show habitual. “Ninguém vai notar”, disse ela. “Só preciso dar um jeito no cabelo e passar uma maquiagem rápida. Já vou.”

“De terninho, Myrna? Você sabe como fico quando você se veste assim toda formal.”

Ela abriu um sorriso. “Foi por isso que escolhi essa roupa.”

Brian deu um beijo em sua testa e correu para fora do ônibus. “Não se atrase.”

“Não perderia esse show por nada.”

23

A multidão gritava inquieta, a plenos pulmões: “Sinners, Sinners, Sinners”. E, como a Lei de Murphy nunca falha, Brian não precisava ter corrido. Houve um problema com um dos telões atrás da bateria. Os técnicos de efeitos especiais estavam tentando ligá-lo de novo o mais rápido possível, e a cada segundo que passava o público ficava mais barulhento. Brian puxou Jace para um canto, enquanto eles esperavam o sinal para entrar no palco.

“Posso pegar suas amarras esta noite?”, perguntou.

Se Jace ficou surpreso com o pedido, não demonstrou. “Sabe como funcionam? Não devem ficar nem muito apertadas, nem muito frouxas.”

“Se tiver algum problema eu chamo você.”

“A corrente para suspender deve estar dentro da mala. Cuidado para manter os joelhos dela perto da cama, ou vai machucar os ombros.”

“Só ia amarrar ela de costas na cama.”

Jace deu de ombros. “Pode ser também, mas aí você só vai poder usar um lado do corpo.”

Brian olhou por cima do ombro, para se certificar de que Myrna ainda não tinha aparecido. Trey estava se movendo para cima e para baixo na ponta dos pés, o nível de energia nas alturas. Eric girava as baquetas e apontava para as pessoas como

se fossem revólveres. Sed parecia entediado e ligeiramente irritado com a menina que pairava junto dele. Nenhum sinal de Myrna.

“Melhor prender as mãos dela em cima da cabeça? Estava me perguntando por que você tinha instalado aquele gancho no teto, em cima da cama.”

“Vocês dois vão se divertir mais assim. Não se esqueça de vender os olhos dela.”

“Pra quê?”

“Pra ela sentir direito o que você está fazendo com ela. Você nunca tapou os olhos dela?”

Brian fez que não com a cabeça.

Jace girou a argola de prata no lóbulo esquerdo e em seguida fez o mesmo com a do lóbulo direito. “Então você não tem estimulado todos os sentidos dela.”

“Como assim? Visão, tato, essas coisas?”

“É. Paladar, olfato, audição, a sensação de dor, calor, frio, vibração, pressão, texturas. Tudo isso.”

Brian sentiu-se um pouco estranho de pedir dicas sexuais a um cara cinco anos mais novo, mas queria dar a Myrna uma noite que ela jamais esqueceria. “Continue.”

“Minha sugestão é vender os olhos para intensificar os sentidos que ela não usa muito. Ela pode ver você bater uma punheta e gozar na barriga dela, mas deixe os olhos tapados o resto do tempo. E, já que ela curte quando você toca guitarra, eu poria uns fones de ouvido e a faria ouvir sua música o tempo todo. Aí ela também não vai ouvir quando você gozar dentro dela.”

Brian concluiu que Jace sabia do que estava falando. “Que mais?”

“Gelo e cera de vela. Brinque com o quente e o frio.”

Brian começou a se perguntar se deveria estar tomando notas.

“Coloque a camisa que usar no show no nariz dela. Elas adoram o cheiro de homem. Sei que parece esquisito, mas vai por mim, ela vai curtir. E você provavelmente vai querer colocar coisas na boca, pra ela experimentar. Sabores diferentes. Tenho alguns brinquedos lá na mala, palmatórias e tal, mas você provavelmente vai querer usar coisas específicas para ela.”

“Você passa o dia pensando nisso?”

Jace abriu um sorriso diabólico. “Por que acha que sou tão quieto?”

O barulho de saltos contra o piso chamou a atenção de Brian para Myrna. Gelo. Cera de vela. Palmatória. Venda para os olhos. Devia estar com uma expressão suspeita, porque ela o encarou com um olhar de interrogação ao parar ao seu lado.

“Por que você está me olhando desse jeito? E por que vocês ainda não estão no palco? Achei que estava atrasada.”

“Problemas técnicos.”

“Beleza, gente. Já consertamos”, exclamou um dos roadies.

As luzes se apagaram. A multidão gritou.

“Vejo você daqui a pouco”, Brian murmurou no ouvido de Myrna e colocou o protetor de ouvido, para ouvir sua guitarra e o restante da banda sem ficar surdo em frente ao amplificador. Subiu correndo as escadas do palco e ocupou seu lugar de sempre: na frente, à esquerda.

Seu coração pulava como sempre acontecia toda vez que os pés tocavam o palco. Eric abriu a primeira música com várias batidinhas no prato da bateria e entrou numa progressão. Quando Jace começou a tocar e Trey fez o riff de base, a apreensão de Brian já havia desaparecido. Uma luz roxa banhou seu corpo de cima, e ele entrou na música com um solo — sua guitarra parecendo uma velha amiga. O riff principal emendou no solo, a voz de Sed soou em seu ouvido, e o palco todo se acendeu. Brian podia ouvir a plateia enlouquecendo com a música.

Olhou para os fãs, mas só enxergava as primeiras fileiras por causa da iluminação do palco. Uma plateia maravilhosa. Punhos erguidos no ar, cabeças sacudindo, bocas acompanhando a letra. Quando o público estava animado, a banda ficava animada, e o show era muito melhor. Uma pena que ele ficasse se distraíndo com Myrna em sua visão periférica. Talvez devesse ter deixado que ela ficasse entrevistando groupies. Com o tesão que estava seria difícil se concentrar mesmo que ela não estivesse ali. Trey esbarrou nele para chamar sua atenção e apontou na direção oposta do palco à que Brian normalmente tocava.

Brian fez que sim. De lá, não poderia ver Myrna, mas ela ainda poderia vê-lo. Correu pelo palco.

Na hora do solo, Sed virou-se para Trey, balançou a cabeça confuso, então localizou Brian à direita do palco. Olhou com cara de “o que você está fazendo aí?”, deu de ombros e foi para perto de Jace, no fundo do palco. Com a pedaleira, Trey trocou o amplificador de Brian com o dele e entrou na segunda metade do solo, na qual duelavam com as guitarras. Os dois se

encontraram no centro do palco, como faziam em todos os shows, para tocar a guitarra um do outro, o que exigia concentração extrema. Mas, dessa vez, Brian ficou exatamente de frente para Myrna. Quando ela ergueu o punho no ar e gritou animada, ele errou uma longa sequência de notas. Trey riu do amigo e balançou a cabeça. Merda! Com certeza algum fã tinha filmado a gafe e postaria na internet.

Tudo o que Brian tinha que fazer era fingir que ela não estava lá, e então seria capaz de tocar as nove músicas seguintes. O plano funcionou bastante bem até o restante da banda deixá-lo sozinho no palco para que tocasse os solos que acabara de compor. Os solos que escrevera fazendo amor com Myrna. Em geral, ele tentava animar a galera, mas, naquela noite, decidiu simplesmente tocar. Eles que reagissem por conta própria, ou não. Egoísmo da parte dele? Talvez.

Foi até o microfone de Sed no centro do palco. “Tenho escrito muita coisa nos últimos dias”, disse. “Vou tocar um pouco pra vocês agora. Vão ouvir variações desses solos no nosso próximo disco.” Ele fez uma pausa. “Que vamos lançar no começo do ano que vem.”

A multidão foi ao delírio. Brian fechou os olhos e deixou os dedos no comando. Deixou-se levar de volta ao momento em que escrevera aquele solo originalmente. A lembrança era tão vívida que podia sentir o calor de Myrna, o cheiro de seu corpo, ouvir sua respiração entrecortada. Foi só quando chegou ao final e Trey apareceu ao seu lado que Brian ouviu o público.

“Está tentando roubar o show, Mestre Sinclair?”, perguntou o outro guitarrista.

Brian cobriu o microfone. “Na verdade, queria que já tivesse acabado.”

Trey sorriu para o amigo e afastou sua mão do microfone para falar com a plateia. “Acho que esta noite Mestre Sinclair está um pouco mais empolgado do que o normal, vocês não acham? De onde ele tirou isso? Genial.” Então fez uma pausa e passou os olhos pelas pessoas nas primeiras fileiras. “As meninas estão especialmente bonitas esta noite, não acha, Sinclair?”

“As fãs do Sinners são sempre bonitas.”

“Vocês sabem do que ele precisa?”, perguntou Trey. “De uns sutiãs para ficar ainda mais empolgado. O que acham, meninas? Alguém quer ajudar nosso amigo?”

“Eu tô legal aqui, obrigado.” Brian olhou por cima do ombro para Myrna, que estava gargalhando diante dos sutiãs que voavam no palco. Em um minuto, o chão estava coberto de lingerie de todas as cores, tamanhos e estilos.

Nos ombros dos namorados, várias meninas levantavam a camiseta para mostrar os seios. Ele torcia para que Myrna não ligasse, porque tinha que continuar a encenação. Pegou um sutiã vermelho de renda e pendurou na guitarra.

Trey pegou um com estampa de oncinha. “Quem jogou essa coisinha sexy aqui?”, perguntou, girando-o na ponta do dedo.

Uma menina a alguns metros da grade começou a gritar e a pular histericamente. Não podiam ouvi-la do palco, mas os saltos deixavam claro que o sutiã era dela.

“Posso pegar isso emprestado, docinho?”, perguntou Trey. E pendurou o sutiã na guitarra. “Depois do show você pode vir buscar. Ajudo você a botar de volta.”

A menina sumiu de repente no meio da multidão. As pessoas à sua volta a levantaram, inconsciente, e a passaram por cima da grade.

“Cara, você fez a menina desmaiar.”

“Foi mal. Elas simplesmente não resistem ao meu charme.” Ele ajeitou uma das sobrancelhas com a lateral do indicador.

Brian deu uma gargalhada. “É porque nenhuma delas viu você chapado com a cabeça na privada.”

Os homens da plateia urraram em aprovação.

Sed apareceu entre os dois e os abraçou pelos ombros. “Vocês vão ficar falando a noite inteira ou vão tocar alguma coisa?”

“Acho que a gente pode tocar nosso novo dueto”, disse Brian. “Vocês querem ouvir?”, perguntou à multidão. “Vocês é quem sabem. Por mim, posso ficar aqui acumulando sutiãs.”

Olhou de novo para Myrna de relance. Ainda estava sorrindo de suas palhaçadas. Nossa, como a amava. Perfeita. Absolutamente perfeita.

Mais alguns sutiãs caíram no palco. As meninas mostrando os seios estavam deixando os homens da plateia loucos.

Brian se aproximou de Trey para falar fora do microfone. “Espero que você esteja pronto para tocar nosso novo dueto ao vivo.”

Ele deu de ombros. “Não gostaria que você fosse o único a vacilar na frente de dez mil pessoas.”

Brian sorriu para ele. “Tente me acompanhar.”

Sed pendurou vários sutiãs no pedestal do microfone. “Vou guardar esses aqui para depois”, disse o vocalista, e saiu pela lateral do palco, parando ao lado de Myrna. Brian viu quando ele a abraçou pelos ombros e deu um beijo em seu rosto.

Também a viu enfiar um cotovelo bem mirado nas costelas dele. Sabendo que Myrna era capaz de se conter diante de um cara com a libido de Sedric Lionheart, Brian voltou a concentração para a tarefa diante de si.

Deu início ao solo e parou, enquanto Trey ecoava suas notas. Repetiu a sequência mais depressa, uma oitava acima. Trey acompanhou sem problema. Uma oitava abaixo e ainda mais rápido. Trey repetiu sem errar uma nota sequer. Tocou a sequência ao contrário, mais rápido. Trey deu conta, e o barulho vindo da plateia aumentou. Eles duelaram numa velocidade cada vez maior, até as notas da guitarra de Trey estarem misturadas às de Brian. Trey se apoiou nas costas do amigo e, em vez de duelarem, eles começaram a tocar em harmonia. Quando a última nota soou nos amplificadores, a multidão foi ao delírio.

“Acho que deu empate”, disse Brian. Era a primeira vez que aquilo acontecia.

“Acho que você precisa ensaiar mais, Mestre Sinclair. Sempre me deixa comendo poeira nesses duelos.”

“Talvez a gente devesse começar a chamar você de Mestre Mills.”

Trey abriu um sorriso. “Um dia alcanço você.”

Metade da galera estava gritando: “Mills. Mills. Mills. Mills”. E a outra gritava: “Mestre Sinclair. Mestre Sinclair”.

O bumbo de Eric lembrou-os de que era hora de dar continuidade ao show. Quando Jace voltou ao palco, catou vários sutiãs para enfeitar o braço do baixo.

Trey tinha tirado a mente de Brian de Myrna, mas ver Jace o lembrou do que estavam falando havia menos de meia hora.

No futuro, tomaria o cuidado de fazer amor com ela *antes* de subir no palco, e não depois. Todo o seu corpo doía.

Durante as seis músicas seguintes, Brian ficou feliz que seus dedos já conhecessem a música, porque sua cabeça simplesmente não estava mais lá. Ele mal saía de uma área de um metro quadrado. Cruzava o palco de vez em quando para trocar de amplificador na pedaleira no chão perto de sua posição habitual, mas sua presença de palco era praticamente inexistente. Jace preencheu seu lugar, em vez de se esconder perto da bateria, o que era incomum. Chegou até a falar no microfone. O público adorou. Trey e Sed gozaram dele por sair da toca, e o baixista ficou vermelho, mas Brian só tocava o mínimo necessário.

Quando a última nota soou, Brian jogou a palheta para o público e seguiu para os bastidores. Entregou a guitarra para um roadie qualquer, tirou os protetores de ouvido e agarrou Myrna. Ela arfou de surpresa quando ele a espremeu contra um dos autofalantes e cobriu a boca com a sua. Envolveu o seio macio com uma das mãos. Enfiou a outra por dentro da saia para agarrar a pele nua acima da meia de renda. Apertou o pau, duro feito pedra, contra a virilha dela.

“Com tesão, Brian?”, perguntou Trey ao passar por eles. “Pega leve, cara.”

Brian tirou a mão da coxa de Myrna por tempo o suficiente para levantar o dedo médio para o amigo.

Trey o abraçou por trás. “Não me ofereça o que depois vai me negar”, disse no ouvido de Brian, dando uma lambida de leve em seu lóbulo.

Brian acertou uma cotovelada na barriga de Trey, e ele se afastou. Brian tirou os lábios da boca de Myrna e fitou seu rosto corado. Os olhos vidrados. Os lábios inchados. Parecia com tanto tesão quanto ele. Precisavam chegar ao ônibus. Rápido.

“Beleza de show, hein, Jace?”, exclamou Eric ali perto.

Brian olhou por cima do ombro. Jace estava sorrindo de orelha a orelha. “Obrigado.”

“Mas tinha alguém que parecia que estava com a cabeça enfiada na bunda.” Eric virou-se para encarar Brian. “É, estou falando de você mesmo.”

“Acho que a cabeça dele estava em outro lugar”, comentou Trey. “Myrna, você precisa levar Mestre Sinclair para o quarto mais próximo antes que ele passe vergonha e se molhe na frente de todo mundo.”

Myrna segurou a mão que apertava sua coxa e afastou-se do autofalante. “Venha comigo.”

Jace segurou Brian pelo braço. “Bato lá em dez minutos?”

Brian fez que sim com a cabeça e soltou-se da mão de Jace para seguir Myrna até o ônibus. Ela correu a maior parte do caminho. Brian mal conseguiu fechar a porta do quarto, e Myrna já estava em cima dele, beijando-o apaixonadamente.

Seus planos de fazer amor com ela se evaporaram. Só conseguia pensar em uma coisa. Tinha que entrar naquele corpo. Enfiar o pau naquela carne quente e molhada. Não podia esperar. Ela devia estar pensando o mesmo. Suas mãos já estavam abrindo o zíper da calça dele. Quando o pau saiu, Myrna o segurou com uma das mãos e mexeu nele com violência.

“Ah, Brian. Me fode. Com força. Por favor.”

Myrna não precisava implorar, mas ele bem que gostava. Empurrou-a na cama, e ela caiu de costas. Os dois lutaram para subir a saia até a cintura. Ele mal entendeu que ela tinha optado por ir sem calcinha, só agradeceu ao ver sua vida facilitada. Myrna abriu bem as pernas, apoiando-se nos cotovelos para arquear o corpo.

Brian enfiou o pau nela, enchendo-a com um movimento rápido e brusco. Ela tremia por inteiro com um orgasmo. Forte.

“Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!”, gritava Myrna. E continuou a tremer, enquanto ele saía e entrava nela o mais forte que conseguia. Logo ia estar no mesmo êxtase que ela. A necessidade de jorrar seu leite dentro daquela mulher estava cada vez maior.

Sua respiração falhou de repente. Estava mais perto do que tinha imaginado. Não teve tempo de saborear os instantes anteriores ao orgasmo. Seu corpo se enrijeceu, e ele explodiu dentro dela. Moveu-se lentamente com um grito surpreso, e caiu em cima de Myrna. Tremeu incontrolavelmente por alguns minutos até conseguir recuperar o fôlego.

“Ah, Myrna, desculpe. Foram o quê? Trinta segundos?”

Ela tocou sua bochecha com carinho e o beijou. “Você nunca dura muito depois de um show.”

“É, mas deve ser algum recorde mundial.”

Ela balançou a cabeça. “Você durou mais do que eu. Gozei no instante em que entrou.”

Brian riu. “Você sempre faz com que eu me sinta melhor. Mesmo quando sou péssimo.”

Myrna tirou o chapéu da cabeça dele e correu os dedos por entre seus cabelos. “Eu não diria que foi péssimo. Só estava excitado demais antes de começar, mas vai compensar por isso. Vamos começar de novo do início.”

Antes que pudesse beijá-lo, eles ouviram uma batida tímida à porta. Jace. Brian sorriu.

“Vou passar a noite recompensando você”, disse. “Espero que esteja preparada.”

“Para o quê?”

“Uma surpresinha.”

Saiu dela, colocou o pau para dentro da calça e fechou o zíper. Admirou as coxas nuas de Myrna por um segundo e então baixou a saia para cobri-la.

Jace bateu de novo, e Brian atendeu a porta. O baixista entrou com uma mala enorme no quarto, depositou-a no chão e abriu. Então tirou uma corrente.

“Vou arrumar pra você”, disse. “É importante que a altura esteja certinha.”

Brian olhou de relance para Myrna. Estava com os olhos arregalados, esticando o pescoço para ver o que havia dentro da mala.

“Não se preocupe, meu bem. Acho que ele não vai usar metade do que tenho aqui”, Jace disse para ela.

Myrna desviou o olhar apavorado para Brian. “O que você vai fazer?”

“Pedir que confie em mim.”

“E eu confio.”

Jace subiu na cama. “Ajoelhe aqui, Myrna.”

Ela olhou para a corrente nas mãos dele. “O que você vai fazer?”

“Nada.”

Então virou-se para Brian. “O que *você* vai fazer então?”

“Surpresa. Mas prometo que vai gostar. Jace só está me ajudando a arrumar tudo, só isso.”

Ela hesitou, então se ajoelhou ao lado de Jace no meio da cama.

“Levante as mãos acima da cabeça.”

Ela obedeceu.

“Um pouco mais alto.”

Jace passou a corrente no gancho do teto e sussurrou alguma coisa no ouvido de Myrna que Brian não pôde ouvir. Ela pareceu um pouquinho menos pálida ao baixar os braços ao longo do corpo. Jace saiu da cama e se aproximou de Brian.

Tirou da mala um par de algemas de pelúcia. “Tome cuidado para deixar espaço o suficiente para o sangue fluir, e baixe as mãos dela do gancho de vez em quando, ou ela vai ficar sem circulação.” Brian ficou surpreso com a experiência de Jace com aquelas coisas. O baixista pegou então uma mordação — uma faixa de couro com uma bola de borracha — de sua mala de prazeres proibidos. “Quando ela começar a chorar e implorar, você provavelmente vai querer amordaçá-la para não ceder às súplicas dela.”

Brian não ia amordaçá-la. “Começar a chorar e implorar?”

“Em algum momento você vai quebrar a casca dela, e ela vai ser submissa a você pelo resto da vida.”

Brian olhou Myrna de relance, que estava encarando a corrente e roendo a unha. “Gosto que ela não seja submissa.”

“Você não sabe o que está perdendo.” Jace tirou uma vela da mala e acendeu. Deixou-a na cômoda e pegou outra vela. “Lembre-se de apagar a vela antes e deixar a cera esfriar um pouco antes de pingar. Você não quer queimar a pele. Melhor ficar longe dos chicotes. Se não souber o que está fazendo, pode acabar tirando sangue. Mas tem umas palmatórias aqui em algum lugar.” Ele vasculhou a mala. Havia um monte de coisas que Brian nunca tinha visto.

“Estou começando a achar que isso é muito mais do que eu imaginava.”

“Não tenha medo de experimentar, mas cuidado para não afetar a confiança dela. Se ela começar a ficar nervosa, você tem que parar e fazer alguma coisa de que ela gosta por um tempo. Teste os limites dela, mas não exagere. Vocês não estão juntos há muito tempo.”

Brian respirou fundo e assentiu.

“Quando ela estiver amarrada, vendada e só puder ouvir a música pelos fones...” — ele tirou um mp3 player do bolso e colocou nas mãos livres de Brian — “... me chame que eu mostro umas técnicas. Ela nem vai saber que estou aqui.”

“Eu chamo se precisar.”

Jace deu uma piscadinha e olhou para Myrna: “Divirta-se”.

Brian levou Jace até a porta e a fechou atrás dele. Voltou para a cama torcendo que Myrna tivesse a mente tão aberta quanto imaginava que tinha.

24

Desconfiada, Myrna observou Brian se aproximar da cama. Seus olhos baixaram para as algemas nas mãos dele e então para a corrente pendurada no teto. Nunca tinha sido amarrada antes. Tinha certeza de que não gostaria. Era, no entanto, aberta a novas experiências e estava disposta a tentar coisas diferentes com Brian.

“Antes de você começar”, disse, “quero que me prometa que vai parar se eu pedir.”

“Jace falou que eu devia amordaçar você se isso acontecer.”

Ela arregalou os olhos e seu coração acelerou.

“Mas eu não sou Jace”, continuou Brian. “Vou parar na hora que você pedir. Confia em mim?”

Ela hesitou, fitando as algemas de novo. “Acho que sim.”

Ele caminhou ao redor da cama e deixou as algemas e o mp3 player na mesinha de cabeceira. Com as mãos livres, subiu na cama com ela. Eles se ajoelharam no meio do colchão, um de frente para o outro.

Brian segurou a mão dela e olhou fundo em seus olhos. Ainda estava com maquiagem do show, o que a fazia lembrar como ele estava gostoso tocando aquela guitarra. Ele pareceu perceber que ela precisava de um tempo. Aos poucos, à medida que se olhavam em silêncio, o coração de Myrna foi voltando ao ritmo normal. Ela se inclinou para beijá-lo. Ele encarou

aquilo como um sinal para começar seu ataque aos sentidos e transformou aquele beijo casto em algo profundo e apaixonado. O coração dela acelerou novamente, mas não de ansiedade.

Brian desabotoou o paletó dela e deslizou-o pelos ombros. Começou a abrir os botões da camisa. Depois dos dois primeiros, perdeu a paciência e arrancou os outros. Apertou os seios com a palma das mãos e abriu o sutiã. Moveu então a boca para o queixo dela, o pescoço, a orelha. O fato de Brian ainda estar com tanto tesão a deixou surpresa. Ele puxou abruptamente a blusa e o sutiã e os jogou num canto.

Em seguida, tirou a saia e, por fim, a cinta-liga e as meias. Quando ela estava completamente nua, pegou as algemas. A apreensão dela ressurgiu. Talvez não fosse a melhor ideia. Ele seria capaz de fazer qualquer coisa sem que ela pudesse se defender.

“Tudo bem?” Depois de se atrapalhar por um tempo, ele conseguiu fechar a primeira algaema. “Apertado demais?”

Myrna fez que não com a cabeça. “Brian, não estou muito segura disso.”

A segunda algaema não levou muito tempo para ser fechada. “Isso o quê?”

“Ser amarrada.”

“Achei que você confiasse em mim.”

“E confio.”

“Achei que você gostasse de experimentar coisas novas.”

“E gosto.”

“Então qual é o problema?”

Ela inspirou fundo e expirou lentamente. “Nenhum.”

“Que bom.” Ele deu um beijinho em seus lábios, então ficou de pé e ergueu seus braços. Enganchou as algemas na corrente que Jace suspendera no teto. Os joelhos dela tocavam a cama, mas Myrna não podia sentar. Brian saltou da cama e olhou para ela.

“Você está linda.” Soltou o grampo que prendia o cabelo dela num coque. As longas mechas ainda estavam úmidas do banho e pareceram frias contra a pele dos ombros e das costas. Brian ajeitou uma mecha com carinho por cima dos ombros para envolver um seio. Quando os dedos dele roçaram o mamilo, ela apertou as mãos no alto de sua cabeça.

Brian pegou algo na mala aberta de Jace e voltou para junto dela, deslizando uma máscara preta e grossa sobre seus olhos.

Ela se contorceu para tentar fugir da máscara. “Não.”

“Vai ficar tudo bem.” Agora só ouvia a voz dele, a máscara cobrindo inteiramente a visão. “Nossa, isso também ficou lindo. Estou começando a achar que vou me divertir tanto quanto você.”

Myrna não tinha tanta certeza de que ia se divertir com aquilo. Não gostava de se sentir impotente, e era exatamente aquilo que as algemas e a máscara estavam fazendo.

A próxima coisa que percebeu foi quando ele colocou algo em seus ouvidos. A música do Sinners estourou em sua cabeça. Brian tirou um dos fones. “Alto demais?”

“Não. Gosto de ouvir bem alto.”

Ele deu um beijo carinhoso nela. “Não vou machucar você.” Então bateu na bunda dela, fazendo-a se contrair. “Não muito.”

Botou o fone de volta em seu ouvido. Ela ficou esperando, o coração pulando de apreensão. O que ele tinha planejado? Não

podia vê-lo, ouvi-lo ou tocá-lo. E tinha dado uma olhada nos instrumentos de tortura da mala de Jace.

Algo quente e úmido a envolveu pelos ombros, ao redor do pescoço e sob o queixo. Foi invadida pelo cheiro do corpo de Brian. Gemeu e enfiou o rosto na camiseta suada. Ele correu os dedos pelas suas costas, e todo o seu corpo se contorceu. Sem poder ver, seus outros sentidos se intensificavam. A guitarra em seu ouvido nunca soara tão sensual, o cheiro dele a distraía e o toque leve dos dedos disparava uma centena de sensores de prazer em sua pele. Saber que não podia tocá-lo a fazia ansiar por isso ainda mais. Talvez ela acabasse gostando dessa brincadeira, afinal de contas.

Algo roçou a parte de baixo de seu seio. Macio. Leve. Uma pena? Concentrou-se na sensação, tentando entender o que era. A pena alisou suas costelas e desceu pela barriga, para então subir pelo outro lado. Ela estremeceu, um gemido rouco lhe escapou dos lábios. Algo apertou seu mamilo, no limite da dor, mas definitivamente gostoso. O outro mamilo agora. Seu corpo fraquejou com o contraste do toque sutil da pena e a dor nos mamilos. Grampos?

O grampo do mamilo esquerdo foi retirado, deixando-o sensível e excitado. Brian acalmou a dor com os lábios e a língua. Ela gemeu e puxou as amarras sobre sua cabeça. “O outro, por favor, agora.”

Ele prendeu o mamilo esquerdo novamente. Myrna arfou de frustração. Sentiu algo frio e liso mover-se ao longo de suas costas, entre as omoplatas. Um tecido? Cetim, talvez. O material macio desceu ao longo da coluna e de uma nádega. Sentiu uma ardência intensa na outra. Gritou de susto. Ele

bateu de novo. Mas não foi com a mão. Devia estar com uma palmatória. Perguntou-se como podia tirar os itens da mala tão depressa e começou a suspeitar que não estava sozinho. Mas quem?

“Jace?”, perguntou com um suspiro de suspeita.

Brian aproximou-se por trás dela, tocando-a com seu corpo. Podia sentir o peito nu em suas costas e o jeans grosso contra suas nádegas. Ele retirou um dos fones. “Sou só eu. Você está bem?”

“Estou. Isso é divertido. Não pare agora.”

“Não vou parar até você pedir.”

Botou o fone de novo e soltou os mamilos. Alguns segundos depois, algo frio e molhado roçou os mamilos. Água pingava pela lateral dos seios à medida que o gelo derretia entre os dedos dele e a pele dela. Trilhou um caminho com o gelo por seu corpo, circulando o umbigo e descendo um pouco mais. Quando tocou a pele inchada entre as pernas, ela tremeu junto ao corpo dele. Brian esfregou o clitóris rapidamente e então enfiou o gelo na vagina com os dedos. Myrna fechou as pernas, prendendo a mão dele.

Um instante depois, ele bateu nela com a palmatória, e Myrna soltou as pernas. Brian deixou o gelo dentro dela e se afastou. A água fria escorria por suas coxas à medida que o gelo esfriava. Algo quente escorreu pelas costas até a cintura.

“Ah!”, ela arfou, contorcendo-se para longe do calor. Estava muito quente, mas não queimou por muito tempo. O cheiro de vela indicou o que ele estava fazendo. Uma segunda gota de cera pingou em sua coxa.

O ônibus se moveu. Estavam de volta à estrada. Ficou pensando se alguém tinha achado o carro dela, mas esqueceu o Thunderbird assim que sentiu outro cubo de gelo em sua pele, ao lado da cera quente que escorria pela coxa. Brian a segurou pelo queixo com o polegar. Quando ela abriu a boca, ele colocou alguma coisa em sua língua. Um quadradinho de chocolate começou a derreter. Ela virou a cabeça para inalar o cheiro dele da camisa ao redor dos ombros. Um de seus melhores solos tocava em seus ouvidos.

Reclamou quando Brian tirou o fone da orelha dela de novo. Estava gostando da imersão total na genialidade musical dele.

“Seus braços estão cansados?”, ele perguntou, a voz grave em seu ouvido. Sua respiração tocou os pelos na nuca de Myrna, e ela estremeceu.

Na verdade, já não podia sentir os dedos, mas não ligava a mínima. “Se eu pedir, você para?”

“Você quer que eu pare?”

Ela balançou a cabeça com convicção. “Nem um pouco.”

A risada baixa dele fez seus pelos se arrepiarem. Estava tão consciente de sua presença que qualquer coisa que ele fazia era excitante.

“Eu só ia baixar seus braços um pouco para você descansar. Não pretendo parar até o dia amanhecer.”

“Tudo bem.”

Ele passou um braço pela cintura dela e a ajudou a levantar os joelhos. A corrente prendendo suas mãos acima da cabeça se soltou.

“Deite de bruços.”

Desorientada, Myrna tateou o colchão à sua frente para não cair da cama. Quando estava deitada de barriga para baixo, ele puxou seu braço direito para o lado e o prendeu com a algema.

“Não vou a lugar nenhum”, disse ela.

Brian prendeu o outro braço e então passou alguma coisa ao redor do tornozelo dela. Myrna tentou levantar a perna, mas ela mal se moveu. Ele amarrou o outro tornozelo, de forma que ela estava com os braços e as pernas esticados, sem poder se mover.

“Hã, Brian”, disse, o coração retumbando com uma mistura de excitação e medo. “Não posso me mexer.”

“Essa é a ideia.” Ele colocou o fone de volta na orelha dela.

Deixou-a daquele jeito pelo que pareceu uma eternidade, seus nervos à flor da pele. Myrna virou o rosto para a camiseta dele, ainda enrolada em seu pescoço. Inspirou o cheiro de Brian e moveu os quadris, contorcendo-se para tentar aliviar a pulsação no meio das pernas. A palmatória ardeu em sua bunda, e ela ficou imóvel, arfando sem motivo algum.

O colchão cedeu embaixo dela. Podia sentir que estava próximo, muito embora não a estivesse tocando.

Algo molhado pingou no meio das suas costas.

Ela se retesou.

Brian bateu de novo.

Myrna arfou. Tentou relaxar.

As mãos dele se moviam sobre as costas dela, pingando um líquido em sua pele. Com a palma das mãos, ele massageou os músculos, enquanto a acariciava com os dedos. Começou nos ombros dela e foi descendo devagar. Quando chegou à cintura, montou em suas coxas. Myrna podia sentir os pelos da perna

dele roçando a sua. Então estava pelado? Isso significava que ia entrar nela em breve? Por Deus, esperava que sim. As mãos desceram um pouco mais, até a bunda. Depois das palmadas, aquelas mãos eram uma maravilha. Os polegares tocaram o ânus com movimentos circulares. Podia sentir os gemidos animais vindos de sua garganta, mas ela mal os ouvia por causa da música.

Puxou as amarras dos pulsos, tensionando o corpo sob o dele, erguendo os quadris o máximo que podia na esperança de que a penetrasse. Os músculos pareciam manteiga derretida, o que tornava a dor entre as coxas insuportável.

Ele parou de alisá-la. A palmatória ardendo na bunda massageada foi um choque completo. Não podia mais aguentar aquilo.

“Por favor, Brian”, soluçava. “Por favor. Agora.”

Ele se afastou. Ela sentiu o colchão voltar ao normal com a ausência do peso dele.

“Não! Seu filho da mãe, não me deixe aqui assim!”

Puxou as amarras até estar exausta e desistiu, ofegante com o esforço infrutífero. Brian voltou, sentando nas coxas dela. Myrna podia sentir o pau duro no meio de sua bunda. Então torturá-la o deixava com tesão? Vamos ver se ela ia deixar que a fodesse depois disso. Ou melhor, ia fazer o mesmo com ele para ver se gostava.

Provavelmente não ia se divertir nem metade do que ela estava se divertindo agora.

Myrna gemeu.

Sentiu as mãos dele em suas costas. Pelo que podia perceber, estava com duas luvas diferentes. Uma macia como seda, e a

outra grossa como uma bucha. Aquelas luvas dicotômicas moveram-se rapidamente por suas costas e pela lateral do corpo. Um estímulo muito diferente da massagem relaxante. Revigorante. Enlouquecedor. Quando as mãos entraram entre seu corpo e a cama, para massagear a barriga e o osso do quadril, Myrna se contorceu com violência.

“Ah, Deus, você está me deixando doida.”

Sentiu os lábios dele em seu ombro, então Brian começou a esfregar o pau para cima e para baixo entre as nádegas dela, ao mesmo tempo que acariciava sua pele — um toque macio de um lado, áspero do outro. Myrna enterrou os pés no colchão e moveu o corpo com o dele, desejando que parasse de provocá-la e entrasse de uma vez. Estava tão quente e molhada que sabia que gozaria no instante que ele entrasse.

“Entra em mim”, implorou. “Só um pouquinho.”

Ele se afastou de novo.

Myrna rosnou de frustração. Um minuto depois, ilhas geladas surgiram em suas costas. Gelo de novo. Mas dessa vez ele só espalhou os cubos e os deixou derreter. Pôs outros nas costas da coxa, dos joelhos e nas panturrilhas, e então deslizou um por entre as nádegas, esfregando-o sobre o ânus, em volta da entrada da vagina e, por fim, no clitóris. Enfiou-o dentro dela, empurrando com o dedo. Repetiu com um segundo cubo de gelo. E um terceiro. Os que permaneceram em sua pele formavam piscinas frias e pingavam pela lateral do corpo. Os que estavam dentro dela também começaram a derreter, escorrendo gelados sobre o clitóris quente e inchado. De repente, ele se posicionou entre as pernas dela e entrou com um movimento único e selvagem.

Ela gritou e ofegou. “Ah, meu Deus, isso, obrigada.”

Brian então se movimentou mais superficialmente, uma vez, duas, três, e saiu. Um jato de água fria banhou seus genitais doloridos. Ela tremeu. Ele entrou de novo e descansou a cabeça em suas costas, esfregando o rosto como se para manter o controle. Saiu e levantou da cama.

“Tá legal, Brian, a gente pode terminar agora. Me solte.”

Sentiu uma das amarras dos braços se soltar da cama e então a outra. Ficou de joelhos e moveu-se na direção dele. Mas Brian a surpreendeu, prendendo seus pulsos novamente e puxando-os para cima da cabeça dela, para enganchar na corrente do teto.

“Eu disse para me soltar. Você prometeu que pararia se eu pedisse.”

Ele pôs algo com gosto de hortelã na boca de Myrna e então puxou a máscara até a testa. Myrna piscou diante do brilho ofuscante no quarto. Não tinha nem ideia de que a luz estava acesa. Quando seus olhos se ajustaram, concluiu que poderia gozar só de olhar para ele em sua atual condição. Brian tinha os olhos vidrados, o cabelo colado no rosto pelo suor. Ajoelhou-se na frente dela, o pau duro sobressaindo-se no meio dos dois. Myrna abriu as pernas o máximo que pôde com aquelas amarras atando seus tornozelos à cama. Segurou a corrente com as mãos e ergueu os joelhos da cama. Talvez fosse uma posição interessante. Mal podia esperar para senti-lo dentro de si.

Ele lambuzou a mão com óleo e esfregou da base até a ponta. Aparentemente não tinha percebido que ela estava pingando.

Continuou a acariciar o pau, da base para a ponta, da ponta para a base, da base para a ponta. Mais rápido agora. Ela não conseguia desviar os olhos enquanto ele se masturbava. A dor no meio de suas coxas era forte demais. Agonizante. Soltou a corrente e fechou as pernas, contorcendo-se para tentar estimular o clitóris e sentir afinal algum alívio. Não adiantou de nada.

Voltou os olhos para o rosto dele. Estava com a cabeça deitada para trás, a boca aberta, o rosto contorcido. Seu peito subia e descia, acompanhando a respiração pesada.

Brian movia a mão mais depressa agora, cobrindo a cabeça do pau. Mais rápido. Enrijeceu-se e estremeceu com o orgasmo — três jatos gloriosos na barriga e no peito dela. Tinha que ser a coisa mais sensual que já vira na vida. Sentiu o próprio corpo se contrair por dentro num orgasmo menos que satisfatório.

Brian ficou sentado ali por um instante, recuperando o fôlego, então se aproximou dela. Lambeu o líquido na barriga de Myrna e beijou-a profundamente. Ela chupou a língua dele, sedenta por sentir aquele gosto. Ele baixou a máscara, cobrindo seus olhos de novo.

“Brian?”, suspirou ela, quando ele interrompeu o beijo.

Ele tirou o fone de ouvido dela e perguntou: “O quê, gata?”.

“Se eu quisesse amarrar você, você deixaria?”

Ele riu. “Você sabe que sim. Quer trocar de lugar agora?”

Myrna sorriu. Jeremy jamais teria considerado a possibilidade de ela ter controle total. Brian era tão diferente daquele frígido filho da mãe. O fato de estar disposto a se submeter a ela sem hesitar a fazia pensar em todo tipo de coisa que gostaria de fazer com ele. Mas, por enquanto, queria que

ele continuasse. Estava se divertindo demais para querer que aquilo acabasse. “Talvez amanhã.”

“Mal posso esperar”, ele rosnou em sua orelha e pôs o fone de volta no lugar.

O ônibus freou de repente, derrubando latas vazias de cerveja nas sandálias de Myrna. Algo grosso e grudento espirrou de uma das latas e pingou em seus dedos do pé. Ela sentiu uma ânsia e pulou do sofá, escorregando com a primeira passada e firmando-se apenas na segunda. Já chega! Foi pisando duro até onde os rapazes estavam jogavam videogame em meio a uma pilha de roupas sujas na área comum do ônibus.

Myrna pousou os punhos nos quadris e olhou de um para o outro. “Tá legal, meninos. Algumas coisas aqui precisam mudar.”

Quatro pares de olhos se voltaram para Brian. *Controle sua mulher*, pareciam dizer.

Ela apontou para o pé. “Será que alguém pode me explicar o que acabou de escorrer de uma lata de cerveja para os meus dedos?”

“Meleca mole?”, arriscou Trey.

“Você quer dizer catarro?”, esbravejou Myrna. “Ai. Meu. Deus.”

Brian jogou uma camiseta imunda na sua direção, e ela usou para limpar o grude do pé. Não se surpreenderia se visse um dos caras vestindo a mesma camiseta no dia seguinte.

“Este lugar está um lixo”, disse. “Vocês cinco vão limpar este ônibus de cabo a rabo e deixar limpinho, ou vou asfixiar vocês

durante o sono.” Chutou uma lata de cerveja do caminho.

“Myr...”, começou Sed.

Ela ergueu a mão para silenciá-lo. “E vamos começar por aquela geladeira nojenta. Toda aquela comida mofada pode ir pro lixo. E depois vou comprar comida de verdade. Não aguento mais essas porcarias que vocês engolem.”

Ao ouvirem Myrna falar em comida, a expressão no rosto dos cinco passou do mais puro horror para um interesse moderado.

“Comida de verdade?”, sussurrou Jace, como se ela tivesse falado numa língua que nunca tinha ouvido.

“É, comida de verdade. Carne, legumes, macarrão, frutas, leite *líquido*. Não me importo de cozinhar para vocês e para os roadies, mas vão ter que limpar este ônibus e mantê-lo assim. Não aguento mais.”

“Sim, mamãe”, disse Eric. “Você vai me bater no bumbum se eu for um mau menino?”

Ele ficou de pé e virou a bunda para ela.

“Só vou bater no seu bumbum se você for um *bom* menino, Eric Sticks. E acho que isso nunca vai acontecer.”

Eric espichou o lábio inferior num beicinho exagerado.

Myrna tirou um saco preto de lixo de uma gaveta e jogou na direção de Jace. Ele pegou, piscando com força como sempre fazia quando se surpreendia com algo.

“Pode jogar tudo fora”, ordenou ela.

“Tudo menos a cerveja”, disse Sed.

“Coloque sua cerveja no outro ônibus. Vocês podem ficar com suas festinhas imundas lá. Aqui, vamos ter um lar tranquilo e limpo.”

“Fala sério”, reclamou Sed. Virou-se para Brian: “Cara...”.

“Acho que é uma boa ideia”, comentou ele.

“Eu também”, concordou Trey. “Você me bate se eu for bonzinho, Myrna?”

Ela sorriu para ele. “Você é sempre bonzinho, Trey.”

Todos riram com a falsa acusação, menos Jace, que já estava se aventurando diante da geladeira. Sem nenhuma roupa de proteção contra materiais químicos perigosos. Ele jogava as coisas no saco sem sequer olhar. Sed resgatou as cervejas, depositando latas e garrafas na bancada suja e empanturrada de coisas.

Myrna tocou Sed no braço. “Espero que você não se importe que eu dê ordens.”

Ele abriu um sorriso torto, mostrando uma covinha. Ela havia esquecido que ele tinha covinhas. Não sorria com tanta frequência. “Eles sentem falta da mãe, às vezes. E uma comida caseira cairia muito bem, para falar a verdade.”

“Então você escolhe o primeiro prato. Quer dizer, se eu souber fazer.”

“Costeleta de porco”, respondeu ele.

“E purê de batata!”, pediu Trey, ajudando Jace a esvaziar a geladeira. Ele abriu o freezer, fez uma careta e fechou de novo.

“Aspargos?”, perguntou Eric, esperançoso.

“É, aspargos são uma boa ideia”, concordou Sed.

“Isso eu consigo fazer. Vou ao mercado. Quem quer vir?”

Os cinco se alinharam na frente dela. Myrna fez uma careta, imaginando que estavam apenas querendo escapar da limpeza. “No meu carro só cabem duas pessoas. Só posso levar mais um. Os outros vão ter que ficar e limpar a geladeira. Vamos, Brian.”

“Por que Brian ganhou automaticamente o direito de ir?”, reclamou Eric.

“Dã. Sou namorado dela.”

“Posso ir de moto”, sugeriu Jace. “Vou seguindo vocês.”

“Eu vou na garupa”, disse Trey.

“E Myrna pode sentar no meu colo dentro do carro.” Eric a envolveu pela cintura e a puxou para junto de si. “Não me importo.”

“Não vou ficar aqui sozinho de jeito nenhum.” Sed bateu a porta da geladeira.

Todos viraram para ela como cinco cachorrinhos num canil, desesperados para ser adotados. *Me escolha!*

Como se pudesse dizer não para algum deles... “Tudo bem. A gente dá um jeito de levar todo mundo, mas na volta vocês vão arrumar essa bagunça. Todos vocês.” Então olhou para cada um deles. Iam se sobressair mais do que o normal naquele fim de mundo. “Vocês acham que precisam se disfarçar? Se não a gente vai ter que se desvencilhar das fãs.”

“Estamos no Wyoming, no meio do nada”, falou Trey.

“Essa cidade deve ter umas duzentas pessoas”, comentou Eric. “E acho que a maior parte mora em asilos.”

“O quê? Você acha que velhos não ouvem metal?”, perguntou Myrna.

“Vamos arriscar”, concluiu Trey.

Ele sentou na garupa de Jace. O restante se apertou no Thunderbird de Myrna.

Com Brian dirigindo, Eric no meio e Sed no banco do carona, Myrna teve que sentar metade no colo de Sed e metade no de Eric. Passou a maior parte do curto trajeto tirando a mão

de Eric de lugares inapropriados. Sed deu um ou outro tapa na cabeça dele. “Quer deixar a menina em paz?”

“Espero que ninguém nos mande encostar o carro”, disse Myrna. “Parecemos uma gangue pronta pra assaltar um banco.”

Brian riu. “É, só que nosso carro é rosa e custa mais do que o tratamento dentário do Sed.”

O vocalista expôs os dentes como um tubarão, para exibir a arcada perfeita.

Eles acharam um mercado local perto da saída da cidade. Brian entrou no estacionamento, a moto de Jace roncando logo atrás.

Eric puxou Myrna para si enquanto Sed desenrolava seus quase dois metros de altura e saía do pequeno carro. Brian pulou pela porta e estendeu a mão para ajudá-la a sair.

“A gente está bem aqui”, disse Eric, apertando-a um pouquinho mais. “Até daqui a pouco.”

Myrna enfiou a mão no cabelo preto dele, junto da nuca. Tinha o cabelo mais louco que já vira. Era comprido atrás e de um lado, mas raspado do outro. Uma fileira de fios espetados separava no alto da cabeça a parte raspada do restante. A mecha da espessura de um dedo que se enrolava descendo junto ao pescoço mudava de cor de tempos em tempos. Hoje estava azul-escuro. Uma semana antes, era vermelho-vivo. O corte combinava com ele, pensou Myrna, mas devia processar a cabeleireira. Ao sentir os dedos dela entrelaçados junto à nuca, Eric ergueu o rosto, os olhos arregalados de surpresa.

“É, podem ir na frente”, disse ela, fitando seus olhos azul-claros e lambendo lentamente os lábios. “Eric e eu vamos ficar aqui no carro, dando uns amassos.”

Ele a soltou aos poucos, enquanto aproximava o rosto para...

“Peguei você!” Ela empurrou, fugindo do seu colo. “Estava só de troça.”

“Cara”, reclamou Eric. “Isso não se faz.”

“Verdade”, concordou Brian, ajudando-a a saltar do carro e abraçando-a. “Ninguém mais fala ‘troça’.”

“O que eu posso fazer? Sou velha, não tenho nada de descolada.”

Assim que entraram na loja, um homem magro e de olhar ansioso começou a segui-los pelos corredores. Myrna considerou que roqueiros tinham cara de ladrões. Abriu um sorriso reconfortante para o pequeno homem, e ele voltou a arrumar as prateleiras.

Eric parou junto do vendedor, coçando o queixo e examinando os temperos. “A mulher do Brian acha que a gente tem que comer melhor”, disse a ele. “Aquela gatinha com cara de normal ali. Está vendo?”

O gerente olhou para Myrna e assentiu devagar, para então voltar à sua arrumação desnecessária das prateleiras.

“Enfim”, continuou o baterista, “tenho certeza de que ela vai fazer a gente comer salada. Você gosta de salada?”

“Acho que sim.”

Eric deu um tapa no ombro do homem. Ele se contraiu. “Ótimo! Você deve ser um especialista em molhos, já que fica aí só ajeitando esses potes. Então, qual você recomenda para um monte de desajustados feito a gente...” – pegou o crachá do homem e se aproximou muito mais do que o necessário para ler o nome – “... Kevin?”

“Eric, deixe o cara em paz”, disse Sed.

“Por quê? Achei que *Kevin* talvez quisesse ajudar os fregueses. É por isso que ele está seguindo a gente, não é, *Kevin*?”

O homem tirou a mão de Eric de seu ombro. “Vinagrete de framboesa é bom.”

“A gente parece o tipo que botaria vinagrete de framboesa na salada?”, perguntou Eric.

Kevin passou os olhos de um músico a outro. “Humm...”

Myrna agarrou Eric pela orelha. “A resposta para essa pergunta é: cale a boca, Eric.”

“Ai!”

“Eu gosto de vinagrete de framboesa”, disse Trey. E pôs um pote no carrinho. “Eles fazem algum molho de cereja?”

Kevin negou com a cabeça. “Acho que não.”

Trey tirou o pirulito da boca e apontou para o vendedor. “Pois deveriam.”

“Molho de salada de cereja? Eca”, disse Brian, torcendo o nariz. “O melhor é o *ranch*.”

Sem falar uma palavra, Jace pegou vários potes de molho cremoso e pôs no carrinho.

Eric segurou no pulso de Myrna para fazê-la parar de apertar sua orelha. “Meu ponto é que não precisamos de babá, *Kevin*. Obrigado.”

Sed estava na outra ponta do corredor, olhando os temperos. “Ei, Myrna, você sabe fazer frango com limão e pimenta-do-reino?”

“Claro”, respondeu ela. Soltoou o braço da mão de Eric e foi ajudar Sed a escolher os temperos. Os outros a seguiram, Jace levando o carrinho. Aparentemente, já tinha feito compras

antes e, sem que ninguém pedisse, ia acrescentando coisas ao carrinho que a própria Myrna teria escolhido.

“Pegue uns *jalapeños*”, disse Eric para Jace, que tinha acabado de escolher um vidro de picles. “Vou fazer umas omeletes para a gente.”

“Você vai fazer omeletes para você”, disse Brian. “Você cozinha pior do que Trey.”

“É culpa minha que você não gosta de cereja?”, perguntou Trey.

“Ninguém gosta de cereja com legumes salteados.”

“Eu gosto.”

Myrna esfregou a cabeça de Trey, bagunçando seu cabelo. “Faço uma torta de cereja pra você. Pode ser?”

Ele a puxou num abraço e beijou sua cabeça. “Eu te amo. Brian, eu amo sua mulher.”

Brian sorriu de leve, mas não olhou para Myrna ao responder: “Todos nós amamos”.

Eles seguiram para o corredor seguinte, ainda sob o olhar atento de Kevin, embora agora de forma menos óbvia. O gerente os vigiava do outro corredor.

O mercado tinha um bom açougue com cortes de carne fresca. “Vamos ter que limpar o freezer também”, disse Myrna. “Não posso deixar de levar essa carne.”

“O freezer está altamente tóxico”, comentou Trey. “A gente não pode jogar o troço todo fora e comprar outro?”

“É, vamos fazer isso”, concordou Jace. Estava jogando *T-bones* no carrinho como se o mercado estivesse com uma promoção de leve dez, pague um.

“Nossa, Jace, está com fome?”, perguntou Myrna.

“Somos catorze pessoas.”

“É verdade. Pegue carne moída. Vou fazer chili.”

“Você quer mesmo estar presa num ônibus com um bando de homens que acabou de se empanturrar de chili?”, perguntou Brian.

Myrna riu. “É verdade de novo. Bom, então vou fazer lasanha. Amanhã.”

“Agora sim.” Ele a beijou na cabeça. “Adoro comida italiana.”

“Pode pegar bastante costeleta, Jace”, insistiu Sed. “Só eu vou comer umas três ou sete.”

Eles deram mais uma volta pelo mercado para pegar as coisas de que ela precisava para a lasanha. Quando terminaram, tinham enchido dois carrinhos.

“Acho que não vai caber no carro”, disse Myrna. Para um veículo pequeno, até que o Thunderbird tinha um porta-malas grande, mas estavam comprando comida suficiente para abastecer um mercadinho.

“A gente dá um jeito”, disse Brian. “Ou bota tudo em cima do Eric.”

“Ah, não”, reclamou Eric.

Jace começou a organizar as compras na esteira. Myrna não conseguia acreditar no que as groupies diziam sobre ele. Sadomasoquista? Era sempre um doce de pessoa. Quietos. Tímido. Educado. Se não tivesse visto o que ele guardava naquela mala com os próprios olhos, não teria acreditado. Ele nem tentava parecer um louro natural. Cabelo quase branco, a barba por fazer preta, as sobrancelhas escuras. Mas era bonitinho. Não sabia dizer por quê. Com aquela carinha de

criança, parecia o tipo durão obrigatório de uma boy band, e não um integrante de uma banda de metal.

Jace pareceu sentir o olhar dela, porque se virou com uma expressão interrogativa no rosto. “O que foi?”

Ela balançou a cabeça. “Nada.” E passou a ele um pacote de linguiça, que Jace pôs na esteira.

“Nossa, preciso de um cigarro”, disse Trey, fitando a vitrine trancada atrás do caixa. Abriu e fechou repetidas vezes o zíper da manga, então jogou o estoque inteiro de pirulitos de cereja da loja na esteira.

Myrna apertou o cotovelo dele, num gesto de encorajamento, e passou por Jace em direção à caixa registradora.

“Encontrou tudo o que estava procurando?”, perguntou a jovem ao passar os itens pelo leitor.

“Acho que sim.” Myrna avaliou os produtos nos dois carrinhos sendo descarregados por uma linha de montagem de roqueiros e riu sozinha. “Tomara que sim.”

Neste instante, ouviu-se um grito de gelar o sangue vindo do final da fila que aumentava cada vez mais. Sed tombou em cima de Eric. Brian equilibrou os dois.

“Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! Ai, meu Deus!”, uma voz esganiçada berrava mais ou menos na altura do umbigo de Sed. Uma menina, com não mais de treze anos, quase derrubou o vocalista no chão com sua exuberância. “Ai, Sed, eu te amo. Eu te amo!”

“Lá se vai nossa teoria da comunidade de aposentados”, disse Jace, ainda esvaziando o carrinho.

Sed virou-se para Eric com os olhos arregalados. O baterista deu de ombros.

Pouco à vontade, Sed bateu a mão de leve na cabeça da menina. “Oi. Acho que você me confundiu com outra pessoa.”

“Reconheceria você em qualquer lugar”, insistiu ela. “Você é Sedric Lionheart. O vocalista do Sinners.”

Sed tremeu nas bases. Todo mundo na fila começou a esticar o pescoço para ver os roqueiros.

Ele se abaixou e sussurrou alguma coisa na orelha da menina. Seu rosto se iluminou, e ela fez que sim. Então o abraçou e voltou para o final da fila, saltitando animada. Seu corpo tremia dos pés à cabeça.

“O que você falou para ela?”, perguntou Eric baixinho. “É uma criança, Sed. Espero que você não tenha...”

Sed respondeu com um soco no braço de Eric. Forte. “Tenha um pouco mais de confiança em mim, seu idiota.”

Outro caixa abriu, e a menina correu para o início da segunda fila, quase derrubando uma velhinha em sua pressa. Ela manteve os olhos grudados em Sed durante todo o tempo em que permaneceu no caixa. Pagou e correu para fora da loja, onde ficou na frente da vitrine, olhando para dentro.

“O que você disse para ela?”, perguntou Brian.

“Só falei que, se ela ficasse quieta, eu autografava minha camiseta para ela fora da loja. Que tipo de doente vocês acham que sou?”

“Você não quer que eu responda isso”, disse Eric.

“Sticks, você está merecendo uns tapas”, disse Sed.

Brian entregou uma pilha de dinheiro para a moça do caixa, e eles empurraram o carrinho até o estacionamento. A

pequena sombra de Sed os seguiu, tagarelado animada. Enquanto o restante da banda enchia o porta-malas, Sed tirou a jaqueta e a camiseta branca. Vestiu a jaqueta de novo e pegou uma caneta com Myrna. Assinou a camiseta e entregou para a menina. Ela a ergueu até o nariz e inspirou, revirando os olhos de prazer. Sed passou a mão na cabeça raspada, parecendo bastante desconfortável com toda a situação.

“Posso pegar autógrafos dos outros também?”, perguntou ela.

“Claro!”, disse Sed, pegando a camiseta de volta e passando ao redor até que todos tivessem assinado.

O porta-malas ficou empanturrado de compras, mas eles conseguiram fechar na terceira tentativa. Depois de todos se acomodarem em seus respectivos veículos, Brian saiu do estacionamento, com Jace seguindo-o em sua moto. A jovem fã acenou, apertando a camisa de Sed junto ao peito.

“Cara, que desastre. Ainda bem que vocês assinaram também. Quando falei que ela podia ficar com a camiseta, não pensei no que ia parecer. Onde eu estava com a cabeça?”, exclamou Sed. “Posso até ver o pai dela aparecendo do lado de fora do ônibus com uma espingarda.”

“Foi completamente inocente”, disse Myrna.

“É, mas se a sua filha de treze anos aparecesse em casa com a camiseta de um homem, você não ia achar que era inocente. Ia querer dar um tiro nele pelas costas.”

“É, acho que não seria muito legal”, concordou Myrna.

“Acho que você não está exagerando quando diz que daria até a roupa do corpo pelos fãs”, disse Brian.

Eles riram. Sed relaxou, embora conferisse o retrovisor de vez em quando, preocupado que algum pai furioso estivesse na

cola deles com uma espingarda.

Brian parou perto do ônibus e colocou o carro em ponto morto. “O último a sair lava a roupa suja.”

“Eu não lavo roupa”, resmungou Sed. Antes que tivesse terminado de proferir as palavras, Brian já estava fora do carro, e Eric pulava atrás dele.

Sed agarrou Myrna pela cintura e se recusou a soltá-la. “Não vou ser o último a sair desse carro. Não lavo roupa.”

“Então arruma uma groupie para lavar para você. Eu que não vou lavar.”

Ele enterrou a mão no cabelo dela e puxou a cabeça para trás para olhar em seus olhos. “Pode deixar que vou fazer sua espera valer a pena.”

Myrna reclinou-se contra a porta, que abriu inesperadamente. Ela se agarrou ao peito nu de Sed para não bater de cabeça no chão.

O rosto furioso de Brian apareceu sobre o dela. “Que merda vocês pensam que estão fazendo?”

Sed a envolveu com os braços. “O que você acha?” E roçou os lábios no queixo dela. “Ah, isso, Myrna. Assim. Não pare, gata.”

“Não acredito nisso.” Brian desviou a atenção de Sed por tempo o suficiente para fulminar Myrna com os olhos. “Eu deixo os dois sozinhos por dez segundos, e vocês já estão...?”

“Você acha que eu estou *traindo* você?”, explodiu Myrna.

Ela se arrastou por cima do corpo imenso de Sed e pela lateral do carro, caindo deselegantemente diante dos pés de Brian.

“Você estava com as mãos no peito nu dele, toda submissa naqueles braços, e ele estava beijando você. O que quer que eu

pense?”

Ela ficou de pé e balançou a cabeça para ele. “Não acredito nisso, Brian. Você é igualzinho ao meu ex-marido.”

Quando ele tentou segurá-la, ela puxou o braço e saiu pisando duro.

Ainda desorientado por uma visão que achou que nunca mais presenciaria (Sed cheio de mãos para cima de uma mulher de quem gostava), Brian observou Myrna subir os degraus do ônibus furiosa. Não podia acreditar que ela o comparara ao psicótico do ex-marido. Achava mesmo que ele era igual àquele idiota?

Dentro do ônibus, Eric gritou: “Myrna, Jace falou que vai limpar o freezer sozinho. Pra você poder começar a fazer as costeletas. Salvei meu tempero especial de canela com endro do lixo”. Ouviu-se um estrondo de utensílios batendo no chão. “Não chore. Você não precisa usar se não quiser.”

Brian correu atrás de Myrna, mas Sed o agarrou pelo braço. “Cara, aprenda a brincar.”

“Brincar?”

“É, eu estava de onda. Só provocando. Myrna e eu não estávamos fazendo nada. Ela não é como aquelas interesseiras que você chamava de namoradas. Pode confiar nela.”

“Eu confiava nela. E aí você... Você estava tocando ela, e olhando pra ela, e os seus lábios, as mãos dela, e... ela não estava nem tentando impedir você...” Ele olhou para o peito nu de Sed. “Anda, vai vestir uma camiseta!”

Brian respirou fundo. Sabia que tinha exagerado, mas também sabia como Sed era. Transformava meninas boas em meninas ruins. Mas Myrna não era uma menina. Era uma mulher. Lá no fundo sabia que ela nunca o trairia com Sed. Myrna *não era* como as outras. Não era nela que ele não confiava. Era em Sed. “Merda. Tenho que ir lá falar com ela.”

Encontrou-a na área comum com Jace e Eric, enfiando roupas sujas num saco de lixo. Uma linha de delineador escorria do olho. Ele não tivera a intenção de fazê-la chorar.

“Myrna, não quis acusar você...”

“Vá ajudar Trey a tirar as compras do carro, Brian. Não quero falar disso agora.” Ele tocou seu braço, e ela se retraiu, afastando-se dele. “Nem *pense* em tocar em mim.”

“Sed disse que não foi nada.”

“Então nele você acredita, mas pensa automaticamente o pior de mim?”

“Não, eu só... é que pareceu... Sed já fez isso comigo tantas vezes, e...” Ele esfregou a testa. Não conseguia se concentrar. A ideia de perdê-la o corroía por dentro.

Eric agarrou Myrna e a jogou contra o peito de Brian. “Deem um beijo e façam as pazes.”

“Acho que ele tem que rastejar mais um pouco”, disse Myrna, mas não se afastou. Nem quando Brian ergueu os braços para envolvê-la. “Ele sabe como odeio ser acusada falsamente de traição.”

“Não acusei você... Mas não devia nem ter pensado nisso. Desculpe, tá legal?”

“Tudo bem.”

Ele suspirou aliviado. “Tudo bem?”

“É, eu exagerei. Um pouco.”

Brian a beijou na testa e a apertou com força, puxando-a na direção do quarto. “Podemos ir fazer as pazes agora?”

Ela riu e o abraçou. “A gente precisa cuidar dessa roupa suja.”

“A gente sempre pode fazer as pazes em cima da máquina de lavar.”

Ela inclinou o rosto para ele, os lindos olhos verdes cintilando diante da ideia de aventura. “É verdade, a gente pode.”

Deus, como amava aquela mulher. Se Sed a tocasse de novo, mataria o cara.

Myrna balançou a cabeça para Brian. “A gente já discutiu isso uma porção de vezes. Não vou para Los Angeles com você.”

“Você pode trabalhar enquanto a gente estiver ensaiando ou no estúdio”, disse ele. “E a gente tem que gravar um clipe daqui a dois dias. Vai poder trabalhar o dia inteiro.”

Deitado de costas num dos beliches, Brian corria os dedos de leve pelos ombros nus da namorada, brincando com as tiras das alças da camisola de cetim. Myrna estava de bruços, os braços cruzados sobre o peito dele e o queixo descansando em seus dedos entrelaçados. Contemplava suas opções olhando para o rosto de Brian, que estava quase inteiramente coberto pela sombra. Ele insistia havia quase uma semana, mas, ainda que quisesse se divertir com ele, Myrna sabia que precisava da oportunidade para tirar o atraso no trabalho.

“Você sabe que, se eu ficar, vou querer ver tudo o que você faz. É uma distração forte demais. E é só uma semana. A gente não vai morrer por causa de sete dias.”

“Passamos praticamente todos os minutos de todos os dias das últimas três semanas grudados. Sete dias longe vai ser uma eternidade.”

“É como diz o ditado: longe dos olhos, perto do coração.”

“O único jeito do meu coração ficar mais perto do seu é pulando pra fora do peito.”

Myrna derreteu. Ela escalou o corpo dele para beijá-lo. “É a coisa mais bonita que já ouvi.”

“Pois me parece um pouco fatal”, murmurou ele.

“Então não quero que seu coração se aproxime mais.” Ela o beijou de novo e girou o corpo em direção à parede do ônibus.

“E não pense que sendo teimosa você vai se livrar de conhecer meus pais”, disse ele. “Eles vão assistir ao show de amanhã.”

Ela sentou no beliche, quase batendo a cabeça no teto. “O quê?”

“Eles sempre assistem aos nossos shows em Los Angeles. Os pais do Trey e do Sed provavelmente vão estar lá também. Vai parecer uma apresentação de fim de ano do colégio.”

“Eles sabem de mim?”, perguntou ela, a voz mais fraca do que o normal.

“Sabem. Sempre converso com minha mãe quando estou meio deprimido. E, vai por mim, ela ouviu muito naquele mês inteiro que fiquei sem ver você depois de Des Moines.”

“O que contou a ela?” Quando ele abriu a boca para falar, ela a cobriu com a mão. “Não, espere. Não quero saber.”

Myrna passou por cima do corpo dele e pulou para fora do beliche. Brian a segurou pelo braço. “Aonde você vai?”

“Preciso de uma bebida.” Virou-se e deparou com Eric, Sed e Jace olhando para ela da impecavelmente limpa área comum, onde viam televisão. Ela ajeitou a camisola instintivamente sobre as coxas, assegurando-se de que estava tudo coberto, e foi direto para a geladeira. Infelizmente, o que queria estava no outro ônibus.

“Por que não tem bebida nesse ônibus?”, gritou e esmurrou a porta da geladeira.

Os rapazes no sofá riram diante do dilema.

“Não sei, Myr. Por que será?”, perguntou Sed.

Eric ficou de pé, cambaleando de leve com o balanço do ônibus. Foi até ela e tirou uma garrafinha de dentro do colete de couro. “Tequila?” Abriu a garrafa e ofereceu. O cheiro a fez revirar os olhos.

“Ah, sim, por favor.” Ela tomou a garrafinha da mão dele e deu um longo gole. Cuspiu e engasgou, os olhos cheios d’água, o estômago reclamando. Devolveu a bebida a ele, sacudindo a cabeça de olhos fechado. “Esse negócio é do mal.”

“Quanto mais bêbado, melhor.” Deu um gole e fechou a garrafa.

Brian apareceu perto dela. “Você está bebendo?”

“E?”

“Não sei por que conhecer os meus pais é um problema tão grande.”

“A mãe do Brian é a maior gostosa”, disse Eric. “E o pai dele é uma lenda viva. Os dois são irados.”

“Tenho certeza disso, mas conhecer os pais deles seria uma indicação de que esse relacionamento é muito sério.”

“É, e daí?”, perguntou Eric.

“E daí que não é verdade. Brian e eu...”

“...só estamos nos divertindo”, Brian terminou a frase por ela.

“Exatamente”, disse Myrna. “Obrigada.”

“Se você não gosta de pais, pode ‘se divertir’ comigo”, comentou Eric. “Não tenho pais.”

“Não tem?”

Ele fez que não com a cabeça. “Sou um produto da grande rede de orfanatos do estado da Califórnia.”

Myrna o abraçou com carinho. Ele a apertou contra seu peito, descansando o queixo no cabelo dela. “Adoro abraços de pena”, murmurou, então desceu a mão ao longo da camisola de cetim da cintura para a bunda.

Ela se livrou do abraço dele com uma cotovelada. “Será que você não consegue *não* tirar uma casquinha toda vez que estou ao seu alcance?”

“Nunca deixo escapar uma oportunidade.”

Myrna virou-se para Brian, que estava olhando feio para ela.

“Não fique bravo comigo, foi ele.”

“Por que tem que ser você quem decide tudo nesse relacionamento?”, perguntou ele.

“Hein?”

“Porque você é o cachorrinho dela.” Eric saiu da área comum antes que Brian pudesse descontar sua frustração nele.

“Eu sempre tenho que ceder”, disse Brian, levantando a voz com raiva.

“Eu também cedo.”

“Até parece, Myrna. Diga uma coisa que você fez que não queria fazer. Uma vez em que cedeu porque eu pedi.”

“Estou sempre atrasando meu trabalho por sua causa.”

“Eu não peço para você fazer isso.”

“Pede sim. O tempo todo. Toda vez que eu começo a trabalhar, você vem querendo sexo.”

“Você pode dizer não. Não tem ninguém forçando você.”

“E como reagiria se eu dissesse não?”

“Não sei. Nunca tive que lidar com a situação.”

Myrna estava sem palavras. Ele tinha mesmo acabado de insinuar aquilo?

“Isso porque você é a cadelinha dele, Myrna.” Eric se escondeu atrás de uma almofada.

“Bem, e quais as vezes em que *você* cedeu?”, retorquiu Myrna, incapaz de refutar a lógica dele. Ela jamais tinha dito não para ele. Não queria dizer não.

“Todo esse relacionamento é um ato de renúncia da minha parte.”

Sed aumentou o volume da televisão.

Brian falou mais alto. “Eu quero falar o que sinto. Quero que esse namoro seja sério. Quero apresentar você aos meus pais. Quero que isso seja permanente e mais do que só sexo. Eu sei que é difícil pra você, mas é difícil pra mim também. Você não entende? Não sei o quanto mais aguento.”

“Então não aguento”, disse ela. “Vá embora.” E estalou os dedos para ele, como se mostrando a porta.

Nunca imaginou que Brian lhe daria as costas e se trancaria no quarto. A primeira reação foi correr atrás dele. Era o que queria fazer, mas sabia que não podia. Tinha que manter sua posição, ou as coisas iam *mesmo* ficar sérias entre eles, e isso ela não queria. Seria horrível. Não demoraria muito e ele voltaria com aquelas propostas de casamento idiotas.

“Agora você mandou mal, Myr”, Eric berrou por cima da televisão.

“Cale a boca, Eric.” Ela ficou de pé ali por um instante, pensando em por que estava com vontade de chorar. Tudo bem

se o “lance” entre eles não funcionasse, era o melhor para todo mundo. Não era? Sim, era o melhor.

Limpou uma lágrima do canto do olho e sentou no sofá ao redor da mesa de jantar. Fico no lado oposto ao que normalmente ficava, de costas para a área comum e de frente para o quarto. Não queria ser distraída pelos caras vendo televisão enquanto digitava as respostas daquela pesquisa idiota na sua planilha idiota. Pelo menos era o que dizia a si mesma ao ligar o computador idiota, de olho na porta do quarto.

Lá pelas três da madrugada, Brian saiu do quarto para ir ao banheiro. Não tinha dormido muito. Seu cérebro não o deixava descansar, e Trey ficava se aninhando nele, o que tornava qualquer posição muito desconfortável. Parou na porta. Myrna tinha dormido na frente do computador, a cabeça apoiada numa pilha de questionários. Os outros estavam em seus beliches. Não sabia por que se importava se ela estava numa posição ruim, dormindo em cima daquele trabalho tão importante. Obviamente Myrna não ligava a mínima para os sentimentos *dele*. Nem tentara fazer as pazes depois da discussão. Tinha que se conformar com o fato de que ela estava naquela apenas por um motivo. E Brian não achava que era capaz de se contentar somente com aquilo.

Depois de sair do banheiro, voltou para a cama. Mas sua consciência falou mais alto. Foi até o sofá e puxou-a na direção dele. Ia colocá-la no beliche vazio para que não acordasse com o pescoço destruído.

“Não”, gemeu ela, ainda dormindo. “Tenho que terminar de digitar isso para poder ficar com Brian em Los Angeles.”

Ele sorriu e beijou sua testa. Era só encenação, é claro que ela se importava com ele, era só ele ser paciente. Mas era tão difícil ter tudo o que queria bem na frente do nariz e não poder reivindicá-la como sua para sempre.

Ergueu-a no colo, passou pelo beliche vazio e entrou no quarto. Deitou-a ao lado de Trey e subiu na cama atrás dela.

“Festa do pijama”, murmurou Trey e se aninhou em Myrna. Ah, sim, o sr. Conchinha sempre ocupava a cama inteira. Mas precisava mesmo apertar os seios de Myrna daquele jeito? Brian achava que não. Agarrou os dedos de Trey e os dobrou para trás até ele gritar de dor.

Myrna franziu a testa no meio do sono.

“Tire a mão, Mills.”

Trey suspirou pesadamente e virou para o outro lado.
“Estraga prazeres.”

Myrna abriu os olhos e piscou diante da luz ofuscante da manhã. Quando conseguiu enxergar, encontrou Brian dormindo ao seu lado. Não tinha certeza de como acabara na cama com ele, mas agradeceu o fato de estarem tão próximos. Tornava mais fácil pedir desculpas. Não devia ter dito aquilo na noite anterior.

Ergueu a mão para tocar o rosto dele.

Brian abriu os olhos, sonolento, e sorriu. “Bom dia, gata.”

“Ah, Brian”, murmurou ela, os olhos cheios d’água. “Desculpe por ontem. Desculpe por não ser mais disponível. Você é sempre tão bom pra mim, e eu simplesmente não consigo...” Ela balançou a cabeça. “Mas quero me dedicar a você também. Então se você ainda quiser que eu vá a Los Angeles, prometo ficar uns dois dias e fazer tudo o que você quiser antes de ir para casa terminar meu trabalho. O que acha disso?”

Ele a beijou no nariz e sorriu. “Acho que alguém resolveu ceder.”

“Vou tentar achar um meio-termo.”

“E eu vou tentar ser mais paciente.”

“Meu bem, você tem uma paciência de Jó.” Ela tirou uma mecha de cabelo da bochecha dele. “Não sei como me aguenta.”

“Acho que sabe sim, mas fui proibido de dizer.”

O coração dela disparou no peito, e Myrna cobriu os lábios dele com os dedos antes que pronunciasse aquela palavra maldita que começa com A.

Um corpo quente e forte grudou-se às costas de Myrna. Ela se retesou e prendeu a respiração. Não estavam sozinhos? O homem atrás de si passou as mãos pela barriga dela e entrelaçou as pernas nas suas, enterrando o rosto em sua nuca.

Brian riu. “O sr. Conchinha ataca novamente.”

“Que delícia”, murmurou Trey na orelha dela, apertando-a consigo.

Ah, era só Trey. Myrna soltou o ar e relaxou. Trey apertou-a ainda mais.

“Não o deixe asfixiar você”, avisou Brian.

“Acho que não consigo me mexer.”

“Shhhhh”, murmurou Trey, o nariz grudado à orelha de Myrna. “Dormindo.”

Brian riu e balançou a cabeça. “É melhor voltar a dormir. Ele não vai se mexer por um tempo.”

Myrna não tinha certeza de como poderia pegar no sono num sanduíche entre dois guitarristas maravilhosos.

Por que estava tão nervosa? Eram só pais. Sim, e um deles era Malcolm O’Neil, mas isso não deveria causar aquele frio na espinha e o suor em suas mãos.

“Tudo bem?”, perguntou Brian.

“Tudo”, sussurrou ela.

“Não fique nervosa. Eles vão adorar você.”

O clima nos bastidores estava mais calmo do que o normal, com quase nenhuma menina seminua ao redor. Brian abriu a porta do camarim e puxou Myrna para dentro. No instante em que abriu a porta novamente, uma mulher fenomenal o agarrou num abraço opressivo e deu-lhe um beijo na boca.

“Com licença!”, exclamou Myrna.

“Mãe”, Brian arfou. “Preciso respirar.”

“Fico dois meses sem ver você e tudo o que diz é ‘preciso respirar’?”

Brian a segurou nos braços e a levantou no ar, fazendo-a soltar uma gargalhada.

“Coloque sua mãe no chão”, Myrna ouviu uma voz grave dizer atrás de si.

Virou-se e viu Malcolm O’Neil. Sentiu o coração pular dentro do peito. Estava morrendo de medo. Olhou para ele boquiaberta, parecendo um peixe fora d’água — a garganta seca tentando produzir algum som, a boca abrindo e fechando

esporadicamente. Brian a envolveu pelos ombros, transmitindo segurança.

“Bem, aqui está ela”, disse. “Esta é Myrna.”

“Ela parece normal”, disse Malcolm, com um ar suspeito. Ele também parecia normal, o que surpreendeu Myrna por alguma razão. Lendas do rock não deveriam emitir um brilho diferente?

“Não ligue para ele”, disse a mãe de Brian. “Esqueceu os bons modos. Sou Claire Sinclair. Isso mesmo, pode rir. Não percebi como meu nome soaria quando concordei em casar com Malcolm. Não tinha a menor ideia de que ele não se chamava O’Neil até ver os nomes na certidão de casamento.”

“Você nunca perguntou”, comentou Malcolm.

Myrna não ousou rir do nome de Claire. A mulher a intimidava até a raiz dos cabelos. Tinha um jeitão de modelo e uma presença que deixava no chinelo as origens de fazendeira do interior de Myrna. Claire devia ter uns cinquenta anos e era lindíssima. Nenhuma ruga marcava aquela pele perfeita, e não se via fio branco algum naquele cabelo castanho sedoso. Se Myrna a tivesse encontrado na rua, acharia que tinha trinta e cinco anos. No máximo. Parecia biologicamente impossível que fosse mãe de Brian. Ele tinha herdado suas maçãs do rosto esculpidas e pronunciadas, mas os dois pareciam mais irmãos do que mãe e filho.

“Você foi adotado?”, Myrna gaguejou para Brian.

Ele contraiu as sobrancelhas. “O quê?”

“Desculpe.” Isso mesmo, que bela coisa de se dizer no primeiro encontro com a mãe do namorado. “Quer dizer, a

senhora é linda, sra. Sinclair. Não parece possível que tenha um filho de vinte e oito anos.”

Ela abriu um sorriso radiante. “Que gentileza a sua.” Abraçou Myrna pelos ombros, afastando-a do marido e do filho. “Por favor, pode me chamar de Claire. E agora me conte. Brian disse que você é doutora.”

“Bem, não sou médica. Sou professora.”

“Sim, ele me contou, mas não me disse de quê. Estou morrendo de curiosidade.”

Qualquer sombra de respeito que ela ainda tinha estava prestes a evaporar. “Bem... hum... a questão é...”

Brian apareceu junto a ela. “Tenho que me arrumar para o show. Desculpe deixar vocês. Depois a gente vai jantar em algum lugar legal. Papai também.”

Myrna implorou com os olhos para ser resgatada, mas ele apenas sorriu, obviamente feliz que as duas tivessem se dado bem.

“Vamos ficar bem, querido”, respondeu Claire. “Merda pra você, ou sei lá o que tenho que dizer para desejar sorte.”

Myrna viu Brian se afastar na direção do vestiário, desejando poder segui-lo. E não porque ele estava prestes a tirar a roupa.

“E então, Myrna?”, continuou Claire. “Vai me dizer? Em que se formou?”

Eric materializou-se magicamente ao lado de Myrna. Ou isso ou ela estava distraída demais para notar sua aproximação. “Ela é professora de sexualidade humana.”

Claire riu. “Ah, então é por isso que meu filho está tão fascinado.”

Ui.

“Então você é uma espécie de dra. Ruth. Só que mais nova, mais alta e mais atraente”, disse Claire.

“Não, a dra. Ruth é uma psiquiatra sexual”, esclareceu Myrna. “Não trato disfunções sexuais.”

“Bom, isso é um alívio”, disse Malcolm atrás dela, a voz retumbante a fazendo pular de susto. “Achei que meu menino estava com algum problema que não queria dizer para a gente.”

“Não, problema nenhuma.” Myrna sentiu o rosto queimar.

“Acredite em mim, ela saberia”, comentou Eric.

Ele riu. Claire riu. Malcolm riu. Mas Myrna permaneceu séria. Estava ocupada demais procurando uma pedra atrás da qual se esconder.

“A dra. Myrna está acompanhando a turnê com a gente para estudar o comportamento sexual das groupies”, acrescentou Eric.

Claire parou de rir. “Argh! Groupies. Como você as aguenta?” Envolveu o marido para cintura, erguendo o rosto para ele. “Odiava suas groupies.”

“Elas também odiavam você”, disse ele e a beijou apaixonadamente. Ela agarrou-se ao marido como se tivesse perdido os sentidos. Se Malcolm beijava como o filho, Myrna tinha certeza de que Claire acabara de perder os sentidos por completo. Myrna ficou ainda mais vermelha diante daqueles pensamentos. Eram os pais de Brian, pelo amor de Deus. Os *pais* de Brian.

Pare de pensar besteira, Myrna.

Quando Claire e Malcolm se separaram, ele fitou Myrna. Era estranho olhar para uma versão mais velha e não tão bonita de

seu namorado. “E então, o que você aprendeu sobre as groupies de Brian?”

“Que estão profundamente apaixonadas pelo personagem no palco”, respondeu ela.

“Mas você está profundamente apaixonada pelo homem de verdade”, disse Malcolm. Myrna sentiu o sangue fugir da cabeça. “Foi por isso que casei com Claire. Ela conhecia o homem de verdade e me amava assim mesmo.”

Claire abriu um sorriso malicioso para o marido. “O que fez você ter tanta certeza?”

“Com licença”, disse Myrna. “Preciso... hum... ir ao banheiro.”

Ela correu para o vestiário, e só depois de se dar conta de que estava não apenas na companhia de um Brian pelado, mas também de um Sed pelado e de um Trey pelado é que reparou o que aquilo poderia sugerir. Viu de relance três bundas brancas maravilhosas e desviou o olhar à procura de uma cabine. Urinol? De jeito nenhum.

“Não parem por minha causa”, disse ela, localizando a cabine num canto do vestiário. Entrou e trancou a porta. Então ficou ali dentro, tentando organizar as ideias. O que exatamente Brian tinha dito aos pais? *Profundamente* apaixonada? Nunca tinha estado profundamente apaixonada por ninguém.

“Tudo bem aí dentro?”, perguntou Brian do outro lado da porta.

“Você falou para seu pai que eu estava *profundamente* apaixonada por você?”

“Humm... Não, claro que não.”

“Não minta para mim, Brian Sinclair.” Ela abriu a porta. Brian estava de pé enrolado na toalha, a água pingando pelo corpo, parecendo mais irresistível do que nunca. Profundamente *atraída*. Sim, isso ela admitiria.

“Não estou mentindo. Você está se escondendo?”

Ela riu, mas seu riso pareceu falso até para os próprios ouvidos. “Claro que não estou me escondendo.”

“Então está tentando espiar todo mundo da banda pelado?”

“É, era isso que eu estava fazendo.”

“Tá, quem disse o quê?”

Myrna podia perceber que ele estava perdendo a paciência. “Seu pai falou que eu estava profundamente apaixonada por você.” E revirou os olhos.

“Talvez estivesse apenas descrevendo o que via”, disse Brian, as mãos nos quadris e um brilho de desafio nos olhos.

“O que você falou para eles?”

“Não falei nada.” Ele suspirou, parecendo perder todas as forças. “Até porque aparentemente não tem nada para falar.” E voltou para o vestiário.

Myrna ergueu a mão em direção às costas dele. Trey se aproximou, uma toalha na cintura e outra nas mãos, com a qual enxugava o cabelo. Enrolou a segunda toalha nos ombros e a encarou. Ele tinha sempre um ar de quem não ligava, então Myrna não sabia muito bem o que fazer quando era confrontada por aquela versão séria do menino travesso.

“Tento não me meter, porque não é da minha conta”, disse ele, “mas você precisa entender algumas coisas, Myrna. Brian nunca diz nada.”

“Sobre o quê?”

“Sobre os pais.”

Ela arqueou as sobrancelhas, confusa.

“É difícil entender como é pra ele. Crescer sob a sombra de um gênio e acabar na mesma carreira. Brian sempre tentou provar seu talento para o pai, e o cara mal reconhece o filho como músico. Não acho que Malcolm perceba o quanto afeta o próprio filho. Brian dá um duro danado para mostrar a ele que merece sua aprovação, mas não adianta. Nunca é o suficiente. E a mãe?” Trey revirou os olhos. “Tem o número do cirurgião plástico na discagem automática do celular. Eu sei porque é meu pai que cuida das rugas dela. Só se importa com ela e com a própria aparência.”

Myrna balançou a cabeça. “Ela obviamente ama o filho.”

“Sim, agora que ele é famoso. Sempre ignorou Brian quando era criança. Estava preocupada demais com o quanto Kara estava ficando bonita. Sabe quem é Kara? A irmã mais nova de Brian.”

“Ele me disse que ela morreu.”

Trey assentiu, uma sombra de tristeza encobrendo seus olhos. “Quando Kara morreu, a concorrência de Claire pelo posto de mais bonita da família desapareceu. Acho que ficou aliviada porque a filha jamais a ultrapassaria. E Malcolm é do mesmo jeito com Brian. É muito estranho de ver. Ele praticamente come Brian vivo. Nunca deixa barato.”

“Pais em geral não ficam felizes quando os filhos são mais bem-sucedidos que eles?”

“Esses pais não são normais, Myrna. Estamos falando de uma dupla altamente realizada, mas que já passou do auge. Agora, a razão por eu estar falando da bagagem familiar do Brian,

correndo um sério risco de levar uns tapas dele, é porque parece que ele achou uma boa ideia apresentar você. Isso é importante para ele, sabe? Brian nunca expôs um relacionamento à crítica dos pais. E considerou você digna da aprovação deles. Aprovação que ele próprio jamais teve.”

“Você quer dizer que nunca apresentou uma namorada para os pais?”

Trey assentiu. “É.”

“Bem, e por que você não disse logo?”

“Porque, se eu chamasse você de ‘namorada’ dele”, disse ele, desenhando aspas no ar com os dedos, “você provavelmente ia se esconder no banheiro de novo.”

“Eu não estava me escondendo.”

“Ah, sim, claro. Myrna, você não devia estragar o que tem com Brian. Vai chegar a hora em que essa sua fortaleza vai afastá-lo de você. Todo mundo tem um limite.”

Ela fez uma cara feia.

“Sorte sua que o cara gosta de sofrer.” Trey sorriu. Então parou e correu o indicador pela sobrancelha. “E que não curte homens.”

Myrna arregalou os olhos. Ele estava dizendo o que ela achava que estava dizendo?

Trey riu. “Estou brincando, Myrna.”

“Trey, melhor você se vestir”, disse Sed, recostando-se na parede da cabine ao lado de Myrna.

“Se você tolerar os pais dele hoje à noite, vai significar muito para Brian”, completou Trey.

Myrna assentiu. Faria o papel de namoradinha apaixonada na frente dos pais, mas Brian ficaria lhe devendo essa. Trey deu

uma piscadinha e seguiu em direção ao vestiário.

“O que vocês dois estavam falando?”, perguntou Sed. “Parecia sério.”

“Pais.”

Sed suspirou. “Os meus não vieram. Tinham que trabalhar.” Então se aproximou de Myrna e abriu um sorriso. “Todos aqueles agachamentos estão surtindo efeito, não estão?”

“O quê?”

“Não venha com essa de que você não estava conferindo minha bunda no chuveiro. Seria mentira.”

Ela riu com desdém. “É, Sed. Não consigo parar de pensar nisso. A lembrança da sua bunda perfeita vai me perseguir pelo resto da vida, interromper meus sonhos e me encher tanto de luxúria que nem mesmo Brian vai ser capaz de me satisfazer.”

“Posso oferecer meus serviços.” Ele desceu as mãos pela lapela dela, os olhos fixos no decote.

“Só se quiser perder os dentes”, respondeu ela, cerrando o punho para ele.

Sed riu. “Você sabe que gosto quando dá uma de difícil.”

“*Impossível*, é o que você quer dizer.” Myrna deu uma palmadinha no rosto recém-barbeado e caminhou em direção à saída do vestiário, torcendo para que os pais de Brian não reparassem que tinha acabado de passar vinte minutos lá dentro com o filho deles e mais dois caras.

Encontrou Claire rindo histericamente com Eric. Ela limpou as lágrimas do canto dos olhos e o abraçou enternecidamente. “Qualquer dia eu adoto você.”

“Se me adotar, não vou poder casar com você”, respondeu ele, rindo de orelha a orelha.

“Ei, pelo menos espere eu morrer antes de começar a dar em cima dela”, disse Malcolm, puxando a mulher para longe de Eric.

Claire ia começar a falar quando notou Myrna em pé ao seu lado. “Ah, você voltou”, disse. “E então, como conheceu meu filho?”

Myrna se perguntou se Brian já havia contado a ela. Sabia que a última coisa que queria era ser pega na mentira, mas, se já tivesse mentido, então ele é que sairia mal na história. Sorriu, optando por ser o mais vaga possível.

“Num saguão de hotel. Eu estava numa conferência, a trabalho, e ele...” *Por que* a banda estava passando a noite num hotel em vez de no ônibus?

“Estava hospedado no hotel. A organização do show bancou a suíte pra gente”, disse Eric. “Nada melhor do que um longo banho de banheira depois de um mês na estrada.”

Diante da menção de Eric à banheira do hotel, Myrna sentiu os pulmões parando de funcionar.

Claire deu uma risadinha.

“Sei bem como é”, comentou Malcolm.

Myrna decidiu que seria melhor se ela fizesse as perguntas. “Bem, imagino que vocês dois já foram a um show do Sinners antes. Eles são fantásticos no palco, não são? Maravilhosos.”

Eric sorriu amplamente com o elogio de Myrna e moveu-se para perto dela, afastando-se de Claire. Myrna torceu para que ele não viesse com aquela mão boba de sempre. Olhou para ele e notou que pelo menos uma vez na vida estava se comportando. Claire não pareceu muito satisfeita por ter perdido a atenção devotada do baterista. Trey obviamente

entendia aquela mulher muito bem. Myrna fez uma anotação mental para nunca parecer mais atraente do que a mãe de Brian na presença dela.

“Já vimos alguns shows”, respondeu Malcolm. “Estão muito melhores do que quando ficavam só fazendo barulho na garagem na adolescência.”

Claire deu outra risadinha e uma palmadinha no peito do marido. “Eram terríveis, não é?”

“E agora são uma das bandas mais populares e talentosas que existe”, disse Myrna, ainda sorrindo.

Eric levou a mão às costas de Myrna, como se tentando protegê-la da destruição iminente.

“Só porque são famosos não significa que têm talento”, disse Malcolm, franzindo o rosto com desdém.

Se Myrna tivesse um cotonete, teria usado para limpar os ouvidos. Ele não tinha acabado de dizer aquilo, tinha? Eric agarrou o paletó de Myrna em suas costas. Estava tentando impedi-la de esmurrar o pai de Brian? Provavelmente algo muito sensato da parte dele.

“Não se faz mais música como antigamente”, acrescentou Malcolm.

“Ainda bem”, resmungou Myrna.

“Sed, por exemplo, nem canta”, argumentou ele. “Fica só gritando e gemendo.”

Eric apertou ainda mais o paletó de Myrna entre os dedos.

“E Brian não para de solar”, continuou ele, a testa cada vez mais franzida. “Não saberia reconhecer um bom riff nem que desse um pontapé na bunda dele.”

“Malcolm...”, disse Claire, para conter o marido, mas ela própria estava sorrindo como quem concordava com o que dizia.

“E por que diabos você precisa de três bumbos, Sticks?”, perguntou Malcolm. “Você só tem dois pés. E catorze pratos? É brincadeira, né? Qual é a necessidade disso?”

“Sons diferentes”, respondeu Eric baixinho.

“Você é um baterista, porra. Seu trabalho é manter o ritmo, e não fazer *sons diferentes*.”

“Eric é o melhor baterista da atualidade”, disse Myrna, o sangue a ponto de explodir nas veias. “Sed tem uma voz linda, e os solos de Brian são fantásticos!”

“É, bem, mas o resultado é só um monte de barulho. Não é música.”

“E o que você sabe disso, seu dinossauro?”, cuspiu Myrna. “Por que não desce do pedestal e ajuda um pouco seu filho? Não quer que ele seja famoso? Brian acha que você quer que ele aprenda a valorizar o sucesso, mas, na verdade, você não quer que ele seja melhor do que você. Tarde demais, O’Neil. Ele já é.”

“Você acabou de me chamar de ‘dinossauro’?”, perguntou Malcolm.

Myrna duvidou que ele tivesse ouvido todo o resto do que havia acabado de dizer. A parte importante sobre seu filho aparentemente passara batida pelo ego superinflado. Frustrada até os limites de sua própria tolerância, afastou o braço de Eric e deu as costas ao grupo. Sed, que estava logo atrás dela, segurou-a pelos ombros, equilibrando-a. Atrás dele estavam Trey e... Brian.

Merda!

Pela expressão de espanto no rosto do namorado, entendeu que ele tinha ouvido tudo.

“Desculpe.” Ela baixou a cabeça para não ter que ver o rosto dele. O que estava pensando? Chamar uma lenda do rock — o pai de Brian — de dinossauro. Na cara dele. Mas não ia retirar o que dissera. Acreditava em absolutamente todas as palavras. “Depois a gente conversa, Brian. Espero você no ônibus.” Até lá talvez até pudesse pensar na coisa certa a dizer. Agora, estava completamente perdida.

“Por quê?”, perguntou Brian.

“Você ouviu do que ela acabou de me chamar!”, esbravejou Malcolm.

“E eu também ouvi o que você acabou de dizer.” Brian estava com a voz embargada de emoção. Ainda assim, Myrna não tinha coragem de olhar para ele. “Se não quer ver o show, melhor ir embora.”

Malcolm grunhiu.

“É tão difícil assim ter orgulho dele?”, perguntou Trey.

“Trey, fique fora disso”, disse Brian. “Ele não tem que apoiar tudo o que eu faço.”

“Mas deveria”, murmurou Myrna. Ela não sabia de onde tirava forças para pronunciar aquelas palavras.

“Você não quer assistir ao show também?”, Brian perguntou a Myrna.

“Claro que quero assistir ao show.”

“Eu nunca disse que não queria estar aqui”, acrescentou Malcolm.

“Então está combinado. Todo mundo tem que sofrer ouvindo meus solos pela próxima hora.”

Myrna tentou pegar a mão de Brian, mas ele a dispensou e saiu do camarim pisando duro. Antes que pudesse correr atrás dele, Trey a segurou pelo braço. “Obrigado por dizer alguma coisa”, sussurrou ele. “Brian teria me arrancado o couro.”

“Eu deveria ter ficado quieta.” Agora teria que consertar as coisas. Não queria ser lembrada como a ex maluca de Brian que chamara Malcolm O’Neil de dinossauro.

Trey sorriu. “Você acabou de demonstrar o quanto se importa com ele. Brian vai ficar todo atijado quando se acalmar e entender isso.”

“Não acho que vai ficar atijado porque dei uma idiota na frente dos pais dele.”

Olhou de relance para Malcolm e Claire, que estavam falando baixinho um com o outro enquanto seguiam Eric para fora do camarim.

“É, o lance do dinossauro foi meio pesado”, disse Trey.

“E quem instigou tudo?” Ela apunhalou Trey no peito com o indicador. “Você. Eu não teria falado nada se não tivesse me alertado para a situação.”

“Estou louco para falar umas verdades para o pai dele há anos.”

Trey foi atrás dos outros músicos e Myrna o seguiu, a cabeça a mil. “Como vou consertar isso?”

“Quer minha opinião sincera?”

“Não, Trey, quero que você minta pra mim.”

Ele abriu um sorriso travesso. “Se conseguir que Malcolm admita que Brian é um grande guitarrista, acho que ele perdoa

você.”

“Ah, muito fácil. Tudo o que ele tem que fazer é ouvir o filho tocar.”

“Boa sorte com isso.”

“Você acha que consigo convencer Malcolm a subir no palco com Brian no meio de um solo?”

“Duvido.” Trey parou e a pegou pelo braço, um ar pensativo no rosto. “A menos que...”

“A menos que o quê?”

“Talvez se a banda fizesse uma homenagem ao Winged Faith. O problema do Malcolm é que ele parou nos anos setenta. É um músico excelente, mas se recusa a mudar, e por isso acaba ficando sem tocar.”

“Pode ser que funcione. A banda sabe alguma música do Winged Faith?”

Trey arqueou a sobrancelha. “E você tem que perguntar? Toda banda sabe todas as músicas do Winged Faith.”

Ela riu. “Verdade.” O problema era que duvidava que Malcolm fosse concordar com qualquer sugestão que viesse dela. Estufou o peito. Não ia aceitar não como resposta.

Trey riu e a trouxe de volta para o presente.

Ela olhou para o guitarrista. “O que foi?”

“Sua cara de determinação. Papai Sinclair não vai nem saber o que o acertou.” Ele passou os braços pelo ombro de Myrna.

Quando entraram nos bastidores, Myrna e Trey seguiram em direções opostas. Ela viu Brian perto dos degraus atrás do palco. Sempre ficava meio trêmulo antes de um show, mas hoje parecia doente.

Pensou em falar com ele, mas achou que poderia piorar ainda mais as coisas, e ele não precisava de mais ansiedade antes de tocar. Trey, já com sua guitarra amarela e preta, aproximou-se de Brian e deu um tapa forte em suas costas. Então disse algo em sua sua orelha. Brian sorriu, parecendo relaxar um pouco, e sussurrou algo de volta para o amigo.

Trey era tão carinhoso com Brian. O que a fazia amar o cara e morrer de ciúme dele ao mesmo tempo. Não entendia muito bem a parte do ciúme. Trey sempre apoiara Brian. Ela deveria agradecer por Brian ter um amigo como aquele. E agradecia. Mas, por outro lado, queria que Brian dependesse dela, e não de Trey.

Através de um mar de equipamentos de som, os olhos de Brian encontraram os de Myrna. Ele chupou o lábio superior e baixou os olhos para conferir as botas. Myrna sentiu o coração afundar e lágrimas encherem seus olhos.

Ele nem sequer podia olhar para ela.

Seria o fim? Deus, ela esperava que não.

Mas, mesmo que ele nunca a perdoasse, queria consertar as coisas com seu pai. Ia fazer uso total de seu diploma de psicologia.

Continuou contornando o palco, sentindo mais dor do que deveria. Por que se importava tanto se Brian não quisesse mais ficar com ela? Nunca achou que aquilo seria algo permanente. Terminar as coisas daquele jeito, no entanto, parecia súbito demais. Não estava pronta para desistir dele agora. Os três meses que passariam juntos ainda não tinham acabado. Faltavam seis semanas de coleta de dados para o projeto.

Myrna parou ao lado de Malcolm nas coxias. Ele estava com os braços cruzados e um olhar de poucos amigos. Ela mordeu a língua e voltou sua atenção para o palco. O assistente de câmera estava pronto para começar a filmagem, que a banda ia lançar em breve. Tinham escolhido filmar o show em sua cidade natal porque era garantido que a plateia estaria empolgada. Quando as luzes do palco se acenderam, o rugido que veio da multidão foi tão alto que Myrna teve que cobrir as orelhas com ambas as mãos.

Manda ver, galera.

A cortina desceu e, no fundo do palco, escorreram rios brancos de fogos de artifício ofuscantes. A cortina de luz clara marcava a silhueta de Brian, que estava numa plataforma atrás e acima da bateria, dedilhando a introdução de “Gates of Hell”. O coração de Myrna pulsou com uma mistura de orgulho e antecipação. Claire bateu palmas, animada. Malcolm não moveu um músculo sequer. A multidão foi ao delírio.

Assim que o restante da banda se juntou a Brian, foram cuspidas colunas de fogo da lateral da bateria. O público pareceu gostar.

O rosnado grave de Sed foi surgindo. A princípio, Myrna não podia vê-lo, mas, pela empolgação das fãs, elas podiam. Então entendeu porque estavam tão agitadas. Sed aparecia no meio do palco, o ruído rouco de sua voz aumentando à medida que a plataforma ia subindo. Quando a plataforma ficou no mesmo nível do palco, o vocalista correu para uma área circular que se projetava na direção do público. Faíscas vermelhas e azuis dispararam à sua volta, envolvendo-o num círculo de luz. Quando se apagaram, ele começou a cantar.

Myrna estava impressionada com a sincronia entre os efeitos e a música. Os técnicos tinham se esforçado para a filmagem.

“Quanta ostentação”, resmungou Malcolm.

Myrna conteve a vontade de dar um chute em sua canela.

Quando foi chegando a hora do solo, Brian desceu de sua plataforma e foi até a área circular na frente do palco. Sed recuou, e ele tomou seu lugar. Enquanto tocava, um círculo de fogo contornou seus pés, como se estivesse tocando para o próprio demônio, as chamas cada vez mais altas com a progressão da música, até que apenas sua silhueta era visível. Myrna mal podia se aguentar de ansiedade. Devia estar quente ali, no meio do fogo, e se alguma coisa desse errado...

Mas, ao final do solo, o fogo se apagou, e Brian voltou para o palco principal, inteiro.

“Isso foi legal, não foi?”, exclamou Claire.

Malcolm deu de ombros.

Myrna conteve a vontade de dar um chute em sua bunda.

Quando a música acabou, a multidão gritou, animada.

“Boa noite, Los Angeles!”, Sed berrou no microfone. “Vocês estão prontos?” E apontou o microfone para a galera. Como não gritaram alto o suficiente, ele berrou de volta: “Vocês estão prontos, porra?”. E acentuou a palavra final com alguns acenos exagerados da cabeça, apontando o microfone para o público novamente, que respondeu com ainda mais entusiasmo.

Claire fez uma careta. “Precisa xingar desse jeito?”

“Vulgaridade”, comentou Malcolm, rindo consigo mesmo.

Myrna conteve a vontade de dar um chute em sua barriga.

No palco, Sed continuava: “Daqui onde estou, a plateia está linda. O que você acha, Jace?”. E puxou o baixista numa chave

de braço em volta do pescoço até a frente do palco.

“As pessoas mais malucas que já vi”, disse Jace baixinho, perto do microfone.

Myrna sorriu. Era tão bonitinho. Uma menina na plateia gritou: “Eu te amo, Jace!”.

De onde estava, Myrna podia ver o baixista corando de vergonha. “Também te amo!”

“Ei, que história é essa?”, rosnou Sed. “E eu? Não tenho direito a um pouquinho de amor também?” E abriu os braços, pedindo para ser idolatrado.

Milhares de mulheres professaram seu amor por Sed a plenos pulmões. Ele sorriu como um tubarão.

“Agora sim”, disse. “Como vocês sabem, estamos filmando o show de hoje. E aí? Vocês estão prontos para detonar esse estádio?”

Sim, eles estavam. Sed sabia exatamente como agitar a plateia. Myrna cobriu as orelhas com o barulho.

“Porque nosso produtor achou que a gente devia filmar esse negócio no Canadá.”

Vaias por toda a plateia.

“É o que eu acho. Não pensem mal de mim. Defendi vocês. Falei que não tem ninguém mais rock ‘n’ roll que a galera de Los Angeles. O que acha, Mestre Sinclair?”

“Não sei, Sed”, respondeu Brian no microfone, à esquerda do palco. “Você lembra a última vez que a gente tocou lá no norte? Aquela galera era bem maluca.” E fez uma pausa para ouvir a reação negativa do público. “Mas acho que eles só estavam tentando se esquentar.” E esfregou os braços como se

estivesse com frio, pulando feito um fã empolgado. Eric fez um tu-dum-tsss na bateria, para acompanhar a piada de Brian.

Myrna riu com todos os outros no estádio. Exceto Malcolm. Sua mandíbula rangia de tanto apertar os dentes.

Ela conteve a vontade de dar um chute em sua garganta.

Qual era o problema de Malcolm? Ele parecia estar fazendo força para não se divertir. Claire tinha desaparecido para conversar com um roadie e o vocalista de uma das bandas de abertura, que obviamente não sabia que estava dando em cima da mãe de Brian Sinclair. Ela não parecia se importar que o filho pudesse facilmente entreter dez mil pessoas com seu charme e seu talento. Não prestava a menor atenção nele.

Não era de admirar que Brian precisasse desesperadamente do amor e da aprovação constante de Myrna. Pais idiotas. Myrna teve um desejo estranho de simplesmente abraçá-lo. Segurá-lo em seus braços. Dizer como era maravilhoso. Como a aprovação do pai não era importante. Brian tinha a aprovação de centenas de milhares de fãs, mas ela sabia que isso não preencheria o vazio que tinha dentro de si e que ela não havia percebido até aquele momento. Só uma coisa poderia preencher aquele vazio.

“Sabe o que você deveria fazer?”, disse Myrna para Malcolm, com o máximo de indiferença de que era capaz. “Deveria subir naquele palco e mostrar à criançada do público quem influenciou seus heróis da guitarra.”

Ele a fitou brevemente, mas logo disfarçou o brilho de interesse em seus olhos, substituindo-o rapidamente por irritação. “Está falando comigo?”

Myrna conteve a vontade de dar um chute em seus dentes.

Ela apenas deu de ombros. “Bem, se é que você consegue...”

Ele grunhiu, apertando mais os braços cruzados sobre o peito até os bíceps marcarem as mangas da camiseta. “Existe uma diferença entre não querer e não conseguir.”

“O resultado é o mesmo.”

A banda começou a música seguinte. Myrna acompanhava com seu entusiasmo de sempre, fingindo ignorar Malcolm, que batia o pé no chão de vez em quando e enfiava as mãos nos bolsos toda vez que Brian solava. Aquilo ia ser mais fácil do que ela imaginara. Ele estava doido para subir lá. Myrna *sabia* disso. Então por que estava se segurando? E por que achava necessário subestimar não apenas o filho, mas a banda toda?

A multidão era praticamente um imenso *mosh pit* — corpos ricocheteando uns nos outros em meio ao caos. Quando a música acabou, o público se espremeu contra a grade, todo mundo tentando chegar mais perto do palco.

“A plateia está ensandecida esta noite”, comentou Myrna. “Já tocou para um público assim?”

Malcolm desdenhou. “Já ouviu falar de Woodstock?”

“Ah, sim, você tocou lá quando o Winged Faith estava começando. Quando foi isso? Há quarenta anos?”

Ele franziu a testa. “É, acho que já faz isso tudo aí. Foram os melhores quatro dias da minha vida.”

“Aposto que os dias em que seus filhos nasceram também estão entre os melhores.”

“Estava em turnê quando Brian nasceu, em Cleveland. E estava em New Orleans quando Kara nasceu.”

“Deve ter sido difícil. Estar na estrada e perder o nascimento dos filhos.”

“Estar na estrada é duro o tempo todo. Perdi muita coisa. Mas não estar na estrada era mais difícil.”

“Você pode relembrar um pouco como era hoje à noite. Tenho certeza de que Brian adoraria tocar um tributo ao Winged Faith com você no palco. Ele mesmo disse.” *Desculpe por mentir, Brian.*

Malcolm franziu a testa, e Myrna torceu que fosse por estar considerando a possibilidade. Deu uma olhada para a esposa, que agora tinha um grupo grande de admiradores ao seu redor. Myrna contou dois bateristas, um baixista e um guitarrista, além do vocalista e do roadie que já estavam conversando com ela antes. Malcolm revirou os olhos, tirou as mãos dos bolsos e cruzou os braços de novo.

Tinha certeza de que ele queria estar no palco, mas parecia precisar de mais estímulo. “Preciso pedir desculpas por ter chamado você de...”

Ele levantou a mão para que ela se calasse. “Você sempre fala tanto assim? Meu Deus, Brian deve ficar maluco.”

Myrna riu. “Não, só quando estou nervosa.”

Malcolm olhou para ela. De verdade, pela primeira naquela noite. “Por que está nervosa?”

“Estou na presença de um dos principais guitarristas da história do rock. Não acho que ninguém poderia me deixar mais nervosa. A menos que Jimi Hendrix saísse da tumba e ficasse de pé do meu lado.”

“Um zumbi do Jimi Hendrix deixaria qualquer um nervoso.” Eles riram e continuaram a conversar quase aos berros, porque a música seguinte havia começado.

“Você conheceu Hendrix em Woodstock?”

Malcolm fez que não. “Mas vi. O cara sabia tocar.”

“Brian é um guitarrista único, mas tem muito de Hendrix no som dele. E de você também.”

“De mim? Ele não toca nem um pouco como eu.”

“Claro que toca. Escute só. É seu estilo puro, com alguns enfeites.”

“Com muitos enfeites”, disse ele, mas ouvindo. Myrna suspeitava que era a primeira vez que Malcolm *ouvia* de fato Brian tocar. Observou sua expressão mudar de indiferença para incredulidade, interesse e, por fim, orgulho. “Ele realmente parece muito comigo”, murmurou. Então olhou para Myrna. “Com alguns enfeites.”

“Os fãs amam o estilo de solo dele, mas sem a base sensual que pegou de você, o som não seria tão cheio.”

“Olhe só para ele. Eu jamais poderia acompanhar isso. É insano como aqueles dedos são rápidos.”

Myrna corou e desviou o olhar. “É.”

Quando a música acabou após uma exibição especialmente enfeitada da guitarra, Malcolm aplaudiu e ergueu o punho no ar. “É isso aí, filho!”, gritou.

Myrna gostaria de ter filmado aquilo. Estava quase conseguindo. Só um pouquinho mais de incentivo e sabia que poderia convencê-lo a se juntar a Brian no palco. Mas precisava correr, tinha apenas duas músicas para isso.

Brian engoliu meia garrafa d'água e voltou para o palco. O restante da banda tinha dez minutos de intervalo no meio do show. Já ele não tinha tanta sorte. Ou talvez fosse o sortudo que tinha o palco inteiro e milhares de fãs só para si. Aproximou-se do microfone na plataforma no centro do palco.

“Parece que fui abandonado de novo”, disse. Olhou para a lateral do palco. Quem queria que estivesse vendo também não estava ali. Nada de Myrna. Nada de seu pai. Pelo menos ainda podia ver a mãe. Ela acenou para ele em meio a um grupinho de admiradores. Nada de novo.

A ausência de Myrna era a que mais o incomodava. Tinha sido duro demais com ela? Talvez deversem conversar depois do show. Ele diria que não estava chateado porque tinha chamado seu pai de dinossauro.

“Eu ia tocar pra vocês o primeiro riff de guitarra que aprendi, mas...”

“Ele nunca conseguiu tocar direito”, a voz de seu pai o interrompeu dos bastidores.

O inconfundível riff do principal sucesso do Winged Faith, “Mystic”, explodiu nos alto-falantes, enquanto Malcolm O'Neil caminhava para a frente do palco, na direção de Brian. Ele estava no palco do Sinners. Chocado demais para achar a

guitarra, muito menos tocá-la, Brian ficou apenas olhando, incrédulo.

“Feche a boca, filho. Vai acabar engolindo uma mosca.”

Brian fechou a boca momentaneamente, então abriu um sorriso de doer as bochechas.

“Senhoras e senhores, nosso convidado surpresa, Malcolm O’Neil, do Winged Faith”, a voz de Sed anunciou dos bastidores.

A multidão gritou, e Malcolm sorriu. “Bem, a gente vai tocar alguma coisa para eles ou vamos passar a noite aqui feito dois idiotas?”

A resposta de Brian foi tocar a introdução de “Mystic” com umas doze notas a mais por compasso.

“Falei que ele nunca aprendeu a tocar direito”, disse Malcolm para o microfone, mas estava rindo, e não repreendendo o filho.

“Só estou esquentando um pouco as coisas, meu velho.”

Malcolm riu.

Eles tocaram a introdução juntos, Malcolm do jeito tradicional, e Brian com seus acréscimos. A multidão saboreava cada instante. Quando Eric e Jace se juntaram a eles depois da introdução, Brian virou-se para trás, assustado. Sed cantou o primeiro verso tão bem que Brian duvidava que até mesmo o pai pudesse notar a diferença do original. E então Brian viu Trey e Myrna de pé, junto dos amplificadores. Ambos parecendo tão satisfeitos consigo mesmos, rindo e se abraçando animados. Então Myrna não tinha ido embora, e ele começava a desconfiar que a namorada tivesse alguma coisa a ver com a mudança de atitude do pai. Voltou-se para o público, tocando

ao lado do pai, o coração prestes a explodir. Será que ela sabia o quanto aquilo significava para ele? Provavelmente, mas Brian diria mesmo assim.

A música acabou rápido demais. Malcolm devolveu a guitarra emprestada a Trey. Antes de sair do palco, segurou Brian pelas orelhas e tocou a testa na sua. “Tenho muito orgulho de você, filho. Acho que nunca disse isso antes.”

“Tenho muito orgulho de ser seu filho, pai.”

Malcolm riu e o soltou. “Aquela sua mulher é incansável.”

Brian abriu um sorriso. “Maravilhosa, não é?”

“Não deixe escapar.”

“Sem chance.”

Malcolm agradeceu o público e deixou o palco. Brian viu a mãe pular nos braços do marido e beijá-lo apaixonadamente, esquecendo completamente o séquito de admiradores.

Brian concluiu que o melhor era abandonar os planos de jantar com os pais. Os dois pareciam precisar de um tempo sozinhos. E só Deus sabia o quanto queria expressar sua gratidão a Myrna.

Myrna ficou esperando que Brian abrisse a porta da frente de seu apartamento. Não sabia o que esperar. No entanto, quando ele empurrou a porta, o que viu foi um salão grande e muito bem decorado; uma sala de estar extensa, limpa e confortável não era bem o que tinha imaginado.

“O que acha?”, perguntou ele, olhando para Myrna com aquela cara de cachorrinho que precisa de um elogio que ela já aprendera a reconhecer.

“É excelente, Brian.” Ela beijou o queixo dele e cruzou o batente. “Adorei. Você que decorou?”

Ele riu. “Não. Sed teve um caso com uma decoradora de interiores por um tempo. Ela estourou o cartão de crédito dele, mas todo mundo descolou uns lugares irados pra morar. Se você acha isso legal, devia ver o apartamento dele. É o máximo.”

Myrna largou a bolsa no tampo de mármore da mesa de cerejeira perto da porta de entrada. Brian colocou as malas no chão e voltou para fechar a porta. Os móveis eram pesados e convidativos. Simples e masculinos. Madeira escura com estofados em tons de verde-escuro, cinza e marfim. Almofadas, mantas e quadros combinando complementavam perfeitamente o ambiente. Podia ver Brian relaxando naquelas cores calmas, mas a decoração não parecia se adequar nem um

pouco ao estilo do outro morador do apartamento. E o lugar era limpíssimo.

“Como você mantém tão limpo? Tem certeza de que Trey mora aqui com você?” Ela tinha que ficar no pé de Trey o tempo todo para que ele mantivesse suas coisas mais ou menos arrumadas no ônibus. Não podia imaginá-lo se comportando de outra forma em casa.

“Serviço de limpeza, gata.”

“Ah, isso explica tudo.”

Myrna virou-se e deparou com Brian de pé junto a ela. “Obrigado”, murmurou ele, segurando as mãos dela nas suas e olhando fixo e com sinceridade nos olhos da namorada.

“Não tem de quê”, respondeu ela, “mas por que você está me agradecendo?”

“Pelo que fez com meu pai.”

Myrna sorriu e apertou as mãos dele. “Só estava tentando compensar o insulto e o fato de ter deixado você chateado. Não sei por que fiquei tão enfurecida quando criticou você e a banda.”

“Acho que eu sei.” Ele a beijou com ternura.

“No fundo, no fundo, devo ser só mais uma fã.”

A porta da frente se abriu. “Querida, cheguei”, exclamou Trey, jogando as chaves na mesinha.

Uma morena alta de peitos grandes, cabelo maior ainda e saia praticamente inexistente seguiu Trey para dentro do apartamento. Ela fez uma cara feia ao ver Myrna.

“Quando você disse que Brian estaria aqui, não falou que estaria acompanhado”, ela disse.

“Oi, Carly”, murmurou Brian. Myrna voltou-se para ele. Brian conhecia aquela... aquela *mulher*? Era alguma ex-namorada? Brian brincou com o botão mais alto do paletó de Myrna, olhando tenso para os próprios dedos, o rosto vermelho.

“Eu não falei que ele *não* estaria com uma mulher”, argumentou Trey.

“Achei que ia participar de um de seus famosos *ménages*”, disse Carly, “mas todo mundo sabe que Brian não pula a cerca.”

Famosos ménages? Myrna arregalou os olhos e ficou sem ar.

Brian tirou as mãos do paletó de Myrna para cobrir as orelhas dela. “Vocês podem nos dar licença? A gente estava tendo um momento aqui.” Myrna ouvia a voz abafada através das mãos do namorado.

Trey disse alguma coisa que ela não entendeu. Carly sorriu com insolência, agarrando Trey pelo cinto e puxando-o pelo corredor. Assim que a porta do quarto se fechou, Brian baixou as mãos.

“Desculpe por você ter visto isso.”

“Famosos *ménages*?”, cuspiu ela.

“E desculpe *mesmo* por você ter ouvido isso.” Ele virou-se e seguiu para a cozinha, ao lado da sala de estar. “Está com fome?”

Ela o seguiu, tropeçando na beirada de um tapete por não prestar atenção no que fazia. “Não mude de assunto, Brian.”

“Estou faminto. Deve ter alguma coisa pra comer. Wanda sabia que a gente estaria aqui hoje à noite, e ela sempre estoca a dispensa para quando a gente volta.”

Ele abriu a geladeira e enfiou a cabeça lá dentro.

“Aquela Carly quis dizer... que você e Trey e... e uma...” Ela engoliu em seco. “...uma *mulher* já...?” Então tocou a bochecha com a ponta dos dedos geladas. Por que estava com o rosto tão quente? “Já...?”

“Transamos feito loucos?” Ele jogou um pacote de tortellini na bancada. “É, foi isso que ela quis dizer. Molho branco ou de tomate?”

Myrna segurou-se com firmeza à bancada para se equilibrar. “Um ménage?”

“Myrna, fique calma. Foi só sexo. E está tudo no passado. Não significou nada.” Ele jogou um frasco de plástico na bancada ao lado da massa. “Acho que prefiro molho de tomate.”

Ela nunca participara de algo que chegasse nem perto de ser tão excitante quanto sexo a três. “E vocês faziam isso com frequência?”, perguntou, a voz no mínimo dois tons acima do normal.

Brian deu de ombros. “Faz tempo. Trey e eu costumávamos dividir tudo. E estou falando tudo mesmo. Mas crescemos muito nos últimos dois anos.”

“Que chato”, Myrna suspirou baixinho.

Brian deixou cair uma panela. Ela bateu no chão com um baque estridente, mas ele a deixou onde caíra. Estava encarando Myrna, boquiaberto. “Você acabou de dizer ‘que chato’?”

Ela arregalou os olhos e negou com veemência. “Não.” Então ajeitou a saia, umedeceu os lábios e fitou o chão. “Eu falei ‘cuidado’. Você deixou a panela cair.”

“Eu deixei a panela cair depois de você dizer ‘que chato’.”

Myrna sentiu o rosto arder ainda mais. “Ah.”

Então viu as botas de Brian aparecerem em seu campo de visão. “Você estaria aberta a algo assim?”

Myrna o fitou de relance e voltou os olhos para suas botas. “Não sei.”

“Tenho certeza de que Trey toparia.”

Ela mal podia ouvir com o sangue pulsando em suas orelhas. Brian a tocou no queixo e, quando conseguiu reunir coragem, Myrna ergueu o olhar para ele.

“A gente faria você se sentir muito bem”, murmurou ele. As mãos descendo pela curva da bunda para puxá-la para junto de si. “Muito bem.”

Ele parecia tão excitado com a ideia quanto Myrna. E ela estava fervendo.

“Isso não tornaria as coisas estranhas entre a gente?”, perguntou.

“A gente?”

“Eu. Você. Trey. Todos nós?”

“Não necessariamente. Trey nunca relaciona sexo com emoção ou conquista. Ele ia considerar apenas como uma diversão. Do contrário, não deixaria que ele tocasse você.” Brian colocou uma mecha do cabelo de Myrna atrás da orelha. “Vou deixar você pensar. Sem pressão.”

Ela assentiu. Já sabia o que queria, mas tinha medo que Brian pensasse mal dela. Meu Deus, isso faria dela a maior prostituta do planeta. *Adoro dar pra você, meu bem, mas, se não se importa, queria dar pro seu melhor amigo ao mesmo tempo.*

“Também prefiro molho de tomate”, disse ela, distraída.

Ele caiu na gargalhada, então foi até a cozinha e se abaixou para pegar a panela que acabara de derrubar. Encheu-a de água e pôs no fogo. “Isso é que mudar de assunto. Vamos de molho de tomate.”

Myrna permaneceu debruçada na bancada. Viu Brian queimar o dedo algumas vezes antes de assumir o controle das panelas. Não parecia capaz nem de ferver água sem se machucar. Ele sentou num banco do outro lado da bancada e ficou olhando a namorada cozinhar com uma expressão abobalhada no rosto.

“Por que está me olhando desse jeito?”, perguntou ela, afinal.

“Você está na minha casa. Cozinhando no meu fogão.”

“Se me pedir para ficar descalça e grávida e vestir um avental de babadinhos, vai levar um tapa.”

“Não precisa ficar descalça.”

Ela revirou os olhos para ele. “Ora, muito obrigada. Que generoso da sua parte.”

“Vegas fica a apenas quatro horas de carro daqui, sabia?”

Myrna empunhou uma colher vazada na direção dele. “Nem comece, Brian.”

“Ou você podia se mudar para cá.”

“Bom, eu tenho um trabalho do qual gosto muito e ouvi dizer que o trânsito entre Los Angeles e Kansas City é um pé no saco.”

“Você podia se aposentar.”

“Aposentar?” Ela o fitou boquiaberta. “Eu tenho trinta e cinco anos. Como espera que me sustente?”

“Eu sustento você.”

“Já falei, Brian. Não comece.”

“Então eu me mudo com você. Quando não estiver em turnê ou no estúdio, gravando, Kansas City vai ser minha casa.”

“Você não só começou como continuou.”

“Qual é o problema de eu querer ficar com você?”

Nenhum, o problema é que ela estava começando a concordar com ele, e sabia que era um erro terrível. “Esta semana separados vai fazer bem para a gente.”

Ele deitou a cabeça na bancada e esfregou o rosto na superfície. “Não diga isso. Já estou com saudade e você nem foi ainda.”

Ela suspirou e voltou a atenção para o macarrão. Por que ele tinha que ser sempre tão gentil? Estava tornando as coisas quase impossíveis para ela.

“Você tem um escorredor?”, perguntou.

“Não tenho ideia do que está falando.”

“Para o macarrão.”

“Ah, você está mudando de assunto de novo.”

“Prefere que eu vá embora? Estou me sentindo um pouquinho sufocada neste instante.”

Ele soltou um suspiro carregado. “Na segunda gaveta, perto da geladeira.”

O silêncio pesou entre os dois enquanto ela terminava de cozinhar. Por fim, ele se levantou e pôs pratos e talheres na bancada.

Ela o olhou de relance. Brian estava fazendo beicinho de novo. “Trey e Carly vão comer?”

“Duvido.”

Quando se sentaram diante dos pratos, ela pegou na mão dele. “Você sabe que meu trabalho é importante para mim, não

sabe?”

“Queria que *eu* fosse importante para você.”

Myrna sentiu uma pontada no coração. “Nunca disse que você não era importante para mim. Não é por isso que preciso de uma semana longe de você. Tenho que me sair bem com essa pesquisa, Brian. Se não publicar resultados importantes no final do verão, não vou ter mais uma posição na faculdade.”

“O quê? Por que não falou antes?”

“Não tenho muito orgulho dessa situação. Nem gosto muito de trabalhar com pesquisa, mas adoro dar aula. E não trocaria essa parte do trabalho por nada.” Ela suspirou. “A universidade precisa que eu traga fundos de fora para manter meu emprego, e eu perdi uma verba grande há dois meses. Não tenho estabilidade no cargo ainda. O que significa que preciso me manter financeiramente interessante para a universidade, ou eles me mandam embora. Esse projeto de verão é o suficiente para me segurar lá, com sorte, por mais um ano, mas não sei o que vou fazer depois. E não quero abrir mão desse emprego. Trabalhei duro demais para chegar onde estou para jogar a toalha agora. É por isso que, por mais que ame me divertir e passar o tempo com você, tenho que trabalhar. Entende?”

“É, acho que sim. Ao pressionar, estou afastando você.”

“Exatamente.”

Ele apertou a mão dela e sorriu. “Fico feliz que tenha me contado, Myrna. Me sinto menos pior por ficar uma semana longe de você.”

Myrna soltou a mão de Brian e pegou um garfo. Era bom poder dividir a preocupação com ele. Não tinha ninguém com quem conversar. Aquilo era agradável de um jeito inesperado.

“Quem sabe não consigo adiantar tudo e volto um pouquinho mais cedo?”

Brian sorriu, esperançoso. “É?”

Ela encolheu os ombros e deu uma garfada no tortellini. “Vamos ver.”

“Então você quer que eu arranje o sexo a três com o Trey antes de ir ou quando voltar?” Deu uma piscadinha para ela.

Myrna parou o garfo no meio do movimento até a boca. Não estava certa de como conseguiu manter a calma ao responder: “Prefiro que seja surpresa”.

Com um sorriso sonolento, Myrna espreguiçou os braços acima da cabeça e rolou contra as costas de Brian. Tinha que estar num avião em doze horas, mas a última coisa que queria era sair da cama.

Alisou a barriga dele, os lábios acariciando seus ombros. Tinham poucas horas para dizer adeus, e ela pretendia cobrir cada minuto de muito prazer. Brian estremeceu quando suas mãos subiram pelo peito e os dedos tocaram a argola do mamilo.

Myrna abriu os olhos. *Argola do mamilo?*

“Não pare”, murmurou Trey, preguiçoso. “Tão gostoso.”

Ela se sentou, imediatamente acordada, e puxou os lençóis para cobrir os seios nus. “O que está fazendo aqui?”

“Eu que convidei”, disse Brian do outro lado da cama.

“Festa do pijama.” Trey fechou os olhos lentamente.

Myrna se aproximou de Brian, o coração batendo acelerado. Em questão de segundos, estava de costas na cama e embaixo dele. “Trey está cansado. Vamos começar sem ele.”

Ele entrelaçou os dedos nos dela, as mãos uma de cada lado da cabeça de Myrna, e a beijou até seu corpo rígido começar a relaxar.

“Não estou tão cansado assim.” Trey deslizou a mão na direção da barriga de Myrna e ela se retesou de novo. “Guarda

um pouquinho para mim”, murmurou.

Sentiu lábios macios no ombro.

Interrompeu o beijo de Brian e virou-se para olhar Trey. Os olhos verde-esmeralda sustentaram o olhar dela sem piscar.

“Tudo bem?”, Brian perguntou. “Se você mudou de ideia, a gente pode parar.”

Trey foi subindo a mão pela barriga dela, deixando um caminho de pelos arrepiados. Segurou um dos seios, o dedão roçando de leve o mamilo. Myrna fechou os olhos entregando-se ao prazer.

“Acho que ela não vai ser o problema”, disse Trey para Brian. “Estou mais preocupado com você. Não tem direito de me odiar por isso.”

“A gente já fez isso antes, Trey. Tivemos problema alguma vez?”

“Mas você a...” Trey respirou fundo. “Mas você se importa muito com Myrna.”

“E eu confio nela. Sei que não vai me trair pelas costas.”

Ela sorriu e levou os dedos até a testa dele. “Tem razão. Jamais faria isso.”

“Mas trair você na sua cara tudo bem?”, perguntou Trey.

“Isso não é traição”, disse Myrna. “É uma experiência sexual acertada em comum acordo. Mas, se você não quiser se juntar à gente, pode sair.”

“Ah, mas eu quero. Estou mais do que disposto a foder você todinha. Só não gostaria que algo tão insignificante quanto sexo quente e sujo estragasse minha amizade com Brian.”

Brian riu. “Falei que ele era o cara perfeito para isso.”

Engraçado como Trey era o mais preocupado com as possíveis repercussões do encontro. Myrna só precisava convencê-lo de que ela e Brian queriam aquilo, então ele podia querer também. Ela saiu de debaixo de Brian e derrubou Trey de costas no colchão. Ficou surpresa ao descobrir que estava de calça jeans debaixo do lençol. Estava realmente relutante.

Ela desceu as mãos pelo peito dele. O brilho do metal chamou sua atenção. Baixou a cabeça e chupou a argola de prata do mamilo. Um som gutural atormentado escapou dos lábios dele.

“Myr, o que você está fazendo?”, sussurrou Trey.

Ela chupou mais forte, a língua brincando com o piercing em sua boca. Ele expirou por entre os dentes e cobriu os olhos com as mãos. “Por favor, não.”

Com as costas da mão acariciou a barriga dele até alcançar o fecho do cinto. Ele estremeceu e se contorceu, fugindo das mãos dela. Então apontou o indicador em sua direção para enfatizar o pedido. “Não, Myrna. Você não quer fazer isso.”

“Ah, quero sim.” Depois de abrir o cinto, ela desceu o zíper e baixou a calça até o meio das coxas. O pau dele saltou, rígido. “E aparentemente você também.”

Trey olhou para Brian, que estava deitado de lado, a cabeça apoiada na mão, olhando os dois.

“Cara, não posso evitar”, disse Trey. “O negócio tem vida própria.”

“Ei, absolutamente compreensível”, respondeu Brian calmamente. E envolveu o próprio pau com a mão livre. “Eu mesmo estou duro feito pedra só de ver a Myrna molestar você.”

Então vê-la se comportando mal o deixava com tesão? Como ele reagiria se ela chupasse o pau de Trey?

Desceu pelo corpo de Trey até estar diante da evidência visual da excitação dele. Era extraordinariamente comprido, mas magro. Não sabia se seria capaz de enfiar tudo na boca, mas estava disposta a tentar.

“Espere, Myrna”, Trey arfou.

Envolveu-o com a boca, fundo até a garganta. Chupou. Trey gemeu. Ela sugou devagar, prestando atenção às reações dele para entender do que gostava. Brian levou a mão à testa dela, puxando-a para trás até liberar o pau de Trey completamente, que inspirou fundo por entre os dentes.

Ela ergueu os olhos para Brian, na dúvida a respeito de suas ações. “Não devia ter feito isso?”

“Não é isso. Só quero um pouco de atenção também.”

Myrna voltou os olhos para o Monstro e sorriu. “Não queria ignorar você, grandalhão.” Virou-se na cama e pegou o pau grosso de Brian com a boca. Segurou a base enquanto chupava depressa, como sabia que ele gostava. Logo o deixou arfando de tesão.

Ouviu o som de Trey fechando o cinto da calça nas suas costas. Ele abriu um pirulito de cereja e enfiou na boca. O colchão moveu-se com sua saída da cama. Brian o puxou pelo braço.

“Minha mulher quer que você a coma, Trey. Você vai dar o que ela quer ou não?” Ele enfiou os dedos no cabelo de Myrna, arfando de prazer enquanto ela continuava a se dedicar à cabeça do pau dele com a língua e os lábios. “Olhe só para ela.

Como você pode dizer não? Eu não consigo. Não posso negar nada a ela.”

“Você está realmente me pedindo para foder a Myrna?”, perguntou Trey.

De canto de olho, Myrna podia vê-lo levando a mão à virilha.

“Não, foder não. A gente vai fazer amor com ela. Juntos.”

“Está chapado, Brian? Você nunca vai me perdoar por isso. Eu sei que não.”

“Não, não estou chapado.” Ele se aproximou de Trey e sussurrou algo em seu ouvido.

Trey afastou-se e fitou Brian por um longo tempo. Então deu de ombros. “Bem, se você tem certeza.” Abriu o cinto e tirou a calça.

Mergulhando num momento de indecisão, o coração de Myrna pulou de apreensão. Será que podia mesmo continuar com aquilo? Ela soltou o pau de Brian, e ele ofegou. Ajoelhando-se na frente de Trey, ela encarou seus olhos verdes e sedutores. O cara era sexy, disso não havia dúvida. Ele tirou o pirulito da boca e o esfregou no mamilo dela. Myrna levou as mãos até o cabelo macio dele, tentando afastá-lo e puxá-lo ao mesmo tempo para seu seio pulsante. Brian a abraçou por trás, a mão descendo pela barriga e os quadris, o pau duro pressionado firme entre suas nádegas.

Algo mais duro do que uma língua tocou seu mamilo. Myrna arfou de surpresa. Havia esquecido que Trey tinha um piercing na língua. Nossa, como aquilo era bom.

Relaxou contra o corpo de Brian, concentrando-se na sensação da língua de Trey em seu mamilo. “Você tem dedos

mágicos como Mestre Sinclair, Trey?”, perguntou numa voz rouca.

Trey olhou para ela com os olhos verdes ardentes, parte deles obscurecida pelos cabelos compridos. Ele abriu um sorriso travesso. “Quer descobrir?”

“Brian me faz gozar em menos de dez segundos. Vamos ver o que você é capaz de fazer.”

“Dez segundos, é? Só com os dedos?”

“Você não acredita nela?”, perguntou Brian.

“Dez segundos? Não, não acredito.” Ele levantou a cabeça e olhou para o relógio. “Pode começar. Vou cronometrar.”

Brian desceu a mão pelo meio do corpo dela até a carne inchada no meio de suas coxas. Ela se agarrou às coxas dele e se reclinou contra seu ombro, os dedos dele procurando o clitóris em meio aos pelos.

“Espere aí”, disse Trey. “Ela pode fingir.”

“Nunca finjo um orgasmo.”

“É o que ela diz.” Trey tocou a parte interna da coxa de Myrna. “Posso?”

Ela fez que sim de leve, e Trey enfiou dois dedos. Myrna retesou o corpo. Brian beijou seu pescoço. “Relaxe”, murmurou. “Está tudo bem.”

Era difícil relaxar sabendo que eram os dedos de Trey que estavam ali dentro. Ele torceu a mão, e ela estremeceu.

“Pronta?”, suspirou Brian em seu ouvido.

Ela mordeu o lábio e assentiu. Trey virou os dedos no outro sentido. Ela abriu a boca e arfou.

“Acho que posso fazer ela gozar só girando os dedos”, disse Trey.

“Eu não me surpreenderia”, comentou Brian. “Dez segundos.”

Trey olhou para o relógio de novo. “Vai.”

Brian esfregou o clitóris com a pressão e o ritmo que já conhecia. Em doze movimentos, Myrna se contorceu e gritou, agarrando-se às coxas de Brian. Sua vagina tremia convulsivamente ao redor dos dedos de Trey.

“Minha nossa. Foram uns oito segundos”, disse Trey. Ele girou os dedos dentro dela, e as pernas de Myrna ficaram moles. Tirou-os e levou-os à boca, com o pirulito. “Hum. Ela sempre tem esse gosto bom?”

“Sempre.”

“Não me admira que você esteja sempre na cama com ela. Nunca tinha percebido que ela era tão gostosa. Sed não sabe, sabe?”

“Não, e nada de contar pra ele.”

“Preciso deitar”, murmurou Myrna.

Brian guiou o corpo trêmulo dela até que estivesse deitada de costas na cama. Myrna cobriu o rosto com as mãos. Era mesmo uma puta. Tinha amado a sensação dos dedos de Trey dentro de si enquanto Brian acariciava o clitóris até ela gritar. Jeremy tinha razão. Sentia-se enjoada.

Um par de lábios beijou o interior de sua coxa. Macios demais para ser de Brian. Trey? Manteve o rosto coberto. Será que podia permitir que Trey fizesse o que bem entendesse sem sair permanentemente traumatizada?

Os lábios macios subiram até alcançar o alto da coxa. Algo duro foi introduzido nela. Não era o dedo, nem a língua. O pirulito? *Não*, pensou ela. Ele enfiou o pirulito ritmicamente e

chupou o clitóris. Ela fechou a mão junto da testa. *Não posso fazer isso.* Ele esfregava o clitóris com o piercing da língua até ela começar a tremer. *Não posso.* Myrna arfou. *Ah, isso, bem aí. Chupe, Trey. Quero sua boca.* Ele tirou o pirulito e o substituiu pela língua. Mexeu e torceu a língua, então a enfiou dentro dela. Nunca tinha sido chupada daquele jeito. Tremeu. Se Brian tinha um talento incomum com os dedos, o talento de Trey tinha que ser com a língua.

“Deus, como isso é bom”, ela gemeu.

O colchão cedeu ao lado dela. Brian passou a perna por cima do peito de Myrna e se aproximou do seu rosto. Ela tirou as mãos dos olhos. Ele estava com o pau junto de seu queixo. “Me chupa?”

Myrna abriu a boca e ele entrou. Envolveu-o com os lábios, e ele meteu fundo, apoiando-se na cabeceira para não engasgá-la. Ela manteve a sucção bem forte, e deixou que ele definisse o ritmo. Estava mais concentrada no que Trey estava fazendo com todas as partes que podia tocar entre suas pernas bambas com aquela língua diabólica.

Trey a estimulou com o pirulito de novo, então abriu as nádegas com ambas as mãos e enfiou a língua em seu ânus. Ela tremeu. Deus, como era bom. Era possível ter um orgasmo só de levar uma lambida no ânus? Ondas de prazer correram por sua vagina. O clitóris pulsava de desejo. Talvez gozasse só de antecipação. “Hum.” Ela perdeu a concentração e engasgou com o pau de Brian. Ele saiu de sua boca.

“Tudo bem?”, ele perguntou, acariciando seu cabelo.

Ela assentiu. Brian entrou de novo, saiu e entrou de novo, fundo em sua garganta. A língua de Trey mexia dentro dela.

Ficou tensa. Só relaxou o corpo quando ele tirou a língua por inteiro.

“Meu Deus, Myrna, que cuzinho apertado. Posso comer?”

Ela emitiu um som ao redor do pau de Brian que deve ter soado como afirmativo, embora ela própria não tivesse certeza. Trey foi até a gaveta na mesinha de cabeceira que continha os brinquedos preferidos de Brian. De rabo de olho, ela o viu pegar um tubo de lubrificante e uma camisinha estriada e cheia de bolinhas. Arregalou os olhos em protesto.

Brian saiu da boca de Myrna e sentou na cama ao seu lado. Botou-a de bruços e ofereceu seu pau novamente. “Assim, gata. Deixe espaço para o Trey fazer a arte dele.

A arte dele? Que arte?

Seu coração pulava dentro do peito.

Não pense no que Trey vai fazer. Se concentre em Brian.

Myrna apoiou-se nos cotovelos, debruçou-se sobre Brian e o enfiou fundo na boca. Tinha mais controle naquela posição e podia fazer outras coisas que sabia que ele gostava. Com os dedos, acariciou o ânus, provocando-o com promessas de entrar ali. Subia e descia a cabeça, cobrindo a ponta do pau. Brian gemeu e a agarrou pelos cabelos.

Trey segurou o quadril de Myrna e a colocou de joelhos. Com a coxa, abriu as pernas dela. Continuou posicionando seu corpo do jeito que queria — os joelhos mais separados, as costas arqueadas para baixo. Enfiou um dedo molhado na bunda, abrindo-a com alguma espécie de lubrificante quente. Pôs mais um dedo, esticando-a em várias direções para prepará-la para a penetração. Myrna tinha a impressão de que ele fazia aquilo com frequência. Mais lubrificante. Mais dedos.

Como se já não estivesse nervosa o suficiente.

Ela tirou Brian da boca. “Entre de uma vez.”

Trey deu um tapa em sua bunda. Ela tremeu. “Vou entrar na hora de entrar.” E, aparentemente, a hora era aquela. Ele penetrou seu corpo. Myrna foi invadida por uma onda de calor.

“Ah”, gemeu. Não sentia dor ou ardência nenhuma à medida que ele entrava. Trey parou. Penetrou mais fundo. Estava dando a ela tempo para se ajustar, empurrando um pouquinho de cada vez. Mesmo depois de estar inteiro dentro dela e começar a girar o quadril para abri-la um pouco mais, não sentia dor. O pau dele não era tão grosso quanto o de Brian, e Trey obviamente tinha muita prática. O ângulo era perfeito. Ela moveu-se para trás com um gemido.

“Gostou?”, perguntou Brian.

Myrna achou que ele começaria a fazer anotações a respeito ou algo assim.

Trey saiu um pouco, e ela estremeceu. Entrou de novo. *Deus do céu, como é bom.* Os movimentos dele ficaram mais rítmicos, a textura da camisinha estimulando ainda mais a carne pulsante.

“Gostei”, arfou ela. “Ele é bom. Humm.”

“É porque já fizeram isso com ele.” Brian riu.

Myrna achou que Trey reclamaria da piada de Brian, mas ele comentou: “Comido pelo melhor”.

O ritmo era constante. Implacável. Myrna enfiou o pau de Brian de novo na boca e acompanhou com a cabeça e a língua os movimentos de Trey. Ele deslizava a mão em suas costas, para cima e para baixo, pela bunda, descendo ao longo das coxas, e então retornava pelo mesmo caminho. Ela tremia.

Com a ponta dos dedos, Trey acariciava a parte da frente das coxas, o osso do quadril, a barriga, os seios. Em seguida, passava para a lateral do corpo. E voltava para as costas. Sentia cada centímetro de pele vivo com os estímulos. A pressão leve daqueles dedos nunca perdendo contato. Cada investida repetia a anterior com perfeição. Trey Mills era obcecado por perfeição. E, quando ela se habituou à sincronia perfeita, ele deu outro tapa em sua bunda. O solavanco inesperado a fez retesar o corpo.

“Ai”, reclamou Brian.

Ela o soltou. “Mordi você?”

“Mordeu. Você nunca fez isso antes. Está difícil se concentrar, é?”

Ela olhou para ele. “Desculpe.”

Brian a tocou no rosto. Tentaria prestar mais atenção no que estava fazendo. Correu a língua pela cabeça do pau e o enfiou na boca de novo. Abriu as pernas dele para massagear os testículos com a palma da mão e esfregar a entrada do ânus com dois dedos. Brian jogou a cabeça para trás, batendo contra a cabeceira. Ele agarrou Myrna pelos cabelos com ambas as mãos, e ela o engoliu mais fundo, a língua brincando com a parte de baixo do pau até a base e de volta ao topo. Pelos gemidos roucos que ouvia, sabia que ele estava gostando daquela dedicação renovada.

Trey se debruçou sobre Myrna; as costas dela pingavam de suor. “Você devia ver a cara dele. Acho que está prestes a explodir na sua boca.”

Myrna esticou o braço por entre as pernas e roçou os testículos de Trey com a ponta dos dedos. Ele ofegou e perdeu

completamente o controle de seu ritmo perfeito. Permaneceu fundo dentro dela, permitindo que alcançasse seu saco. Ela massageava Trey com uma das mãos e Brian com a outra. Os gemidos combinados dos dois a estavam desconcentrando. Com o pulso, esfregava o clitóris ao mesmo tempo que acariciava Trey, tentando encontrar alívio para si mesma. Deus, que tensão. Sua buceta estava tão vazia.

“E aí? Quem vai gozar primeiro?”, perguntou Trey, mastigando o pirulito na boca. “Acho que eu ganho do Brian.”

“Você não está nem se mexendo. Deixa só ela chupar você para ver quanto tempo você dura. Meu Deus, Myrna! Enfia logo esse dedo e para de me provocar.”

Ela obedeceu, enfiando dois dedos bem fundo. Brian soltou um urro do fundo da garganta.

“Ela está fazendo maravilhas com meu saco”, disse Trey. “Se eu me mexer, tenho certeza de que vai parar.”

Myrna levantou a cabeça. “E eu?”, sussurrou. “Quero você dentro de mim, Brian. Por favor. Preciso do seu pau fundo dentro de mim...”

Trey saiu, fazendo Myrna gemer. “Vamos trocar então.”

“Quer sentar em mim, gata?”, perguntou Brian.

“Ah, se quero.” E, se isso fazia dela uma puta, não se importava.

Brian deslizou de costas na cama, entre as coxas de Myrna. Ela segurou o pau dele e enfiou em sua vagina sedenta, fundo e rápido, esfregando aquele ponto fundo dentro dela que só ele conseguia satisfazer. Jogou a cabeça para trás, cavalgando-o, expressando seu prazer com gemidos roucos.

Trey suspirou por entre os dentes. “Nossa, esse barulho que ela faz...”

“...é gostoso demais”, Brian terminou a frase.

Trey tocou a cabeça de Myrna, e ela abriu os olhos para ele. Estava de pé na cama na frente dela. Tinha tirado a camisinha, e o pau comprido brilhava.

“Chupa ele, Myrna”, encorajou Brian, olhando para os dois. “Dá pra ver tudo daqui.”

“Algum dia você achou que estaria deitado olhando para o saco do seu melhor amigo em cima de você? Como é a vista aí embaixo?” Trey riu.

Myrna inclinou-se para a frente e o chupou. Ele tinha passado um dos cremes de Brian e estava com gosto de coco. Ela o sugou com força, e ele xingou baixinho.

“Isso aí, gata. Mostra pra ele quem manda”, disse Brian.

“É, mostra pra mim, professora.”

Brian envolveu a cintura dela para ajudá-la a subir e a descer. Era difícil se concentrar no prazer de Trey e no dela ao mesmo tempo. Pousou a mão na barriga suada de Trey e tirou a boca. Ele gemeu, reclamando. Ela baixou a cabeça e a descansou na testa de Brian. Enquanto isso, desceu a mão pelas coxas de Brian e sussurrou no ouvido do namorado: “O que você quer que eu faça com ele? Faço qualquer coisa”.

“Qualquer coisa?”

Ela levantou a cabeça para olhar para Brian. Ele estava com um sorriso malicioso nos lábios.

“Por você realmente tudo bem?”, perguntou ela.

“Por que não? A ideia de tudo isso foi minha.”

“Você não acha que sou uma puta?”

Ele riu. “Por que acharia? Você é um presente dos deuses.”

Myrna olhou Trey de relance. “Tá, faço tudo o que você me mandar”, suspirou na orelha de Brian.

“O que vocês estão tramando?”, perguntou Trey, segurando a mão de Myrna que estava em sua coxa. Ele puxou-a até o pau e a usou para se acariciar, torcendo-a de leve a cada vez que alcançava a cabeça inchada. “Por favor não me digam que mudaram de ideia e que vão me jogar no corredor com o saco inchado desse jeito.”

“Você sabe que eu não faria isso, cara”, disse Brian, rindo histericamente.

“Pensando bem...” Trey deu um passo para trás.

Myrna apertou seu pau, e ele parou onde estava. Ela olhou para Trey. “Onde você pensa que vai?”

“Só tentando me proteger.”

“Não vou machucar você, Trey”, prometeu ela, sentando de novo em Brian.

“A menos que eu mande.”

“Hein?”, arfou Trey.

“Coloque ele mais para a esquerda”, disse Brian.

Myrna segurou Trey pelo quadril e o moveu para a esquerda.

“Espere, eu...”

“Coloque a mão no peito dele e o empurre contra a parede. Não deixe ele responder”, ordenou Brian.

Myrna empurrou Trey contra a parede. Ele bateu a cabeça com um estrondo. “Ei!”, reclamou.

“Segure o saco dele e mande ele calar a boca.”

Ela apertou as bolas de Trey, e ele gritou de dor.

“Com cuidado”, disse Brian.

Myrna aliviou a pressão nos dedos. “Cale a boca.” Era como se tivesse um pequeno demônio no ombro, dando instruções do que fazer.

“Sim, senhora”, Trey guinchou.

“Lamba a cabecinha.”

Ela colocou a língua para fora e envolveu a ponta do pau de Trey. Ele tremeu violentamente.

“Não deixe ele se empolgar muito. Apenas lamba em volta da cabecinha, de novo e de novo. Quero que ele fique maluco. Vai.”

Ela fez exatamente o que Brian mandou. Trey gemeu, reclamando. Num instante, ele estava na ponta dos pés, do mesmo jeito como ficava no palco.

Brian riu. “Diga a ela o que você quer, Trey.”

“Me chupe”, rosnou ele, rangendo os dentes. “Por favor.”

Ela olhou para Brian, esperando suas ordens, e ele fez que não com a cabeça.

“Coloque dois dedos na bunda e faça aquela coisa que você faz comigo às vezes.”

“Que coisa?”, perguntou Trey, desconfiado.

Ela riu. “Você é muito bonzinho com os amigos, meu bem.”

Enfiou o indicador e o dedo médio na boca de Brian, para que ficassem bem molhados e meteu no corpo de Trey.

Ele ofegou, a respiração entrecortada. “Isso. Você sabe que eu gosto disso.”

Procurou dentro dele, achou seu alvo e esfregou repetidamente a glândula inchada. Trey a agarrou pelo cabelo, tentando enfiar o pau na sua boca. Seus gritos de êxtase a

encorajaram a chupar com força, enquanto continuava a estimulá-lo com os dedos.

Brian segurou o pulso de Myrna e puxou seus dedos de dentro de Trey. Ela soltou o pau também e olhou para o namorado, aguardando novas instruções.

“Deixe ele aí um pouquinho. Cavalgue aqui em mim até gozar. E se ele ficar quieto, eu digo pra você chupar até ele gozar. Quem sabe?”

Ainda tremendo de prazer, Trey gemeu, reclamando. Envolveu a cabeça do pau com a mão e se contraiu.

“Se ele ficar quieto”, repetiu Brian. “E não se tocar.”

Trey franziu o rosto. “Mer...” Mordeu o lábio. Pousou ambas as mãos nos quadris e ficou esperando o próximo movimento de Myrna.

Ela riu para o namorado diabólico, subindo e descendo. Brian esfregava o clitóris com os dedos, deixando-a louca de desejo. Ela jogou a cabeça para trás, gritando mais e mais a cada movimento.

“Merda”, resmungou Trey. “E eu vou ficar aqui olhando vocês foderem sem ganhar nada?”

Myrna ergueu a cabeça para olhar para ele. “Você já teve a sua vez. Agora tem que ficar quieto”, disse empurrando-o para a parede. “Você me distraiu. Vou ter que começar de novo.”

Brian gemeu de prazer. Ela olhou para ele e viu que estava prestes a gozar. Deu um tapa no seu rosto. “Segure a onda aí. Ainda não terminei.”

Ele segurou o punho dela antes de levar outro tapa. “Você está ficando mandona demais.” Olhou para Trey e fez um gesto com a cabeça. Ele pulou da cama.

Brian a segurou pela cintura e fez os dois rolarem de lado na cama. Myrna arfou ao sentir o pau dele golpeando-a. Ele ergueu a perna dela ao redor de sua cintura. Trey a abraçou por trás. Ela retesou o corpo.

“Relaxe”, sussurrou Trey em seu ouvido.

Ele acariciou a entrada do ânus com a cabeça do pau e entrou.

Os dois dentro dela. Ah. Tão maravilhosamente preenchida.

Eles começaram a se mover. Brian enfiava e Trey saía. Brian saía e Trey enfiava. Estava tão perdida em seus sentidos que não conseguia fazer nada além de se agarrar ao peito de Brian e ofegar, sem fôlego, com a cabeça jogada para trás, no ombro de Trey.

“Você está bem?”, Brian sussurrou no ouvido dela.

“Estou”, ofegou. “Isso. Ah, Deus, assim! Isso! Fode. Fode. Vocês dois. Adoro isso. Adoro!” Sentiu o orgasmo chegar e viu estrelas, mas eles não deram tempo para ela se recuperar. Continuaram se alternando, entrando e saindo dela.

Trey se contorcia atrás dela. “Ah, Brian, seu pau está me deixando maluco.”

“É”, concordou o amigo. “Estou sentindo você dentro dela. É tão bom.” Estava sem fôlego. “Mais rápido, Trey. Comigo.”

Myrna virou a cabeça para olhar para eles. Estavam deitados um de frente para o outro, olhando-se nos olhos por cima do ombro dela. Já tinha presenciado antes, no palco, aquela intensidade entre eles, aquela *conexão*. Mas estava surpresa de ver aquilo ali. Brian fechou os olhos. Ainda acompanhando os movimentos do amigo, Trey se esticou para a frente e o beijou na boca.

Myrna arregalou os olhos.

A língua de Trey abrindo os lábios de Brian.

Brian abriu a boca, e Trey enfiou a língua, então segurou a cabeça dele para mantê-lo no lugar enquanto o beijava. Trey chupava os lábios de Brian fervorosamente, as investidas dentro de Myrna tornando-se mais vigorosas até ficar excitado demais e perder a sincronia. Trey fitou Brian por todo o beijo, os olhos brilhando com lágrimas inesperadas. Depois de um tempo, apertou os olhos, e seu beijo passou de apaixonado a desesperado.

Myrna ficou ali, chocada demais para fazer qualquer coisa além de observar, perplexa.

Meu Deus. Trey amava Brian. Tinha certeza. Trey *amava* Brian. Amava.

Sentiu uma vontade atordoante de enxugar os olhos dele. Será que Brian sabia daquilo? Ele não parecia nem perceber que Trey o estava beijando. Entrara naquele transe musical que o abatia e bloqueava o resto do mundo.

Depois de um tempo, Brian virou a cabeça de lado, interrompendo o beijo. Trey descansou-a no rosto Myrna. Ele segurava o queixo de Brian com tanto carinho... Myrna cerrou o punho. Sabia que Brian não amava Trey. Não daquele jeito. Não podia. Brian era dela. Só dela.

Trey arfou, exausto, meteu nela duas vezes e estremeceu com um grito assustado. “Brian”, gemeu ele. “Brian.”

Brian não se movia havia alguns minutos. Ele abriu os olhos, mas estavam daquele jeito, vidrados e distantes, como acontecia toda vez que ficava absolutamente absorto dentro de si mesmo. “Está ouvindo?”

Myrna sorriu. Ela afastou a mão de Trey e retirou alguns fios de cabelo do rosto suado de Brian. “Estou, meu bem. Continue.”

Trey levantou a cabeça, escutando com atenção. “Não estou ouvindo nada.”

“Vá pegar um papel”, ela disse a Trey. *E deixe a gente aqui. Ele é meu.*

“O quê? Ele não terminou? Queria ver Brian gozar. Fica tão bonito quando goza.”

“Ele vai ficar assim por um tempo. Vá pegar um papel e uma caneta. acredite em mim, você vai querer escrever isso.”

“Obrigado por dividir Brian comigo hoje, Myrna. Ele estava se distanciando de mim nos últimos dias.” Trey a beijou na testa e se afastou.

Ah, não. Ela não ia *dividir* Brian com ele. Por mais excitante e prazeroso que fosse aquilo, preferia manter Brian para si. Ele era dela. Só dela. E queria manter as coisas daquele jeito.

Trey vasculhou o quarto, barulhento, procurando por um papel, mas Myrna mal notou. Estava ocupada demais tentando lidar com o fato de que não estava apenas profunda, louca e desesperadamente *atraída* por Brian “Mestre” Sinclair. Na verdade, podia estar *apaixonada* por ele. Uma ideia que não era fácil de engolir.

“Por que você está me olhando desse jeito?” Brian perguntou, muito mais desperto do que poucos minutos atrás.

“Que jeito?”

“De quem comeu e não gostou.” Brian lambeu os lábios, franzindo a testa. “E por que estou com gosto de cereja na

boca?” Então ergueu a cabeça para olhar para Trey. “Você me beijou de novo?”

De novo?

Trey riu, desconfortável. “Claro que não.” Jogou uma caneta e um bloquinho de papel na cama e saiu do quarto, fechando a porta atrás de si. Nem se importou em levar suas roupas.

Brian olhou para Myrna. “Ele me beijou, não beijou?”

“Talvez.”

“Vou dar uma surra naquele filho da mãe. Espere aí.” E saiu de dentro dela.

Myrna o envolveu pela nuca, enterrando o nariz em seu pescoço. “Não quero que você vá.” Não lembrava a última vez que se sentira tão emocionalmente presa a alguém. Por que saber que outra pessoa o amava a fez querer Brian para si mesma ainda mais?

“Ele sabe que não pode.”

“Você e Trey são mais do que só amigos?”, ela perguntou, o coração batendo apressado. *Por favor, diga que não. Por favor.*

Brian parou de tentar se desvencilhar e ficou quieto. “Não sei como responder isso.”

“Vocês são amantes?”

Ele pensou por tempo demais. Myrna sentiu um enjoo na barriga. Não porque Brian tivesse uma relação íntima com Trey, mas por ela e Brian não serem tão exclusivos quanto imaginara.

“Eu sei que vou me arrepender de contar isso.” Ele respirou fundo e evitou os olhos dela ao dizer: “Trey e eu experimentamos juntos na época do colégio”.

“Do colégio?”, exclamou ela, sem fôlego.

“É. Foi uma vez só.” Ele fechou os olhos com força. “Tá, duas. Eu comi ele duas vezes. Mas a gente já esqueceu isso e nunca fizemos de novo.” Ele enterrou o rosto no pescoço dela. “Você está com nojo de mim, não está? Não devia ter contado isso.”

“Não estou”, sussurrou ela. Sentia um alívio. Sim, era isso que estava sentindo. E ficava feliz que confiasse nela o suficiente para contar algo tão íntimo.

Ele ergueu o rosto para olhar para ela, os olhos arregalados de surpresa. “Não?”

“Não. Está tudo bem. Já passou. Não é?”

“É, claro. Nem gosto de pensar.” Ele a olhou nos olhos por um longo tempo e apertou os lábios contra os dela. “Não acredito que você está tranquila com isso. Você é boa demais para ser verdade.”

Ele demonstrou seu apreço com beijos profundos e mãos ávidas. Ela o encorajou, sabendo que embora Brian tivesse superado a atração momentânea que sentira por Trey, Trey não estava de forma alguma disposto a abrir mão dele.

Myrna depositou a pilha de questionários na mesa de centro entre o computador e uma xícara de chá de camomila e atendeu o celular. Será que ele não sabia que já eram onze da noite em Kansas City?

“Alô?”

“Estava com saudade”, murmurou Brian. “Acordei você?”

Ela sorriu. Também estava com saudade, mas havia trabalhado bastante depois que voltara para casa. Estava quase tirando o atraso. A culpa que sentira por abandonar tudo para ficar com Brian começava a diminuir. Um pouco, ao menos. “Não, ainda estou trabalhando. Como foi a filmagem?”

“Estou em cinco cenas do clipe. Sed quer a câmera só para ele. O resto de nós está completamente entediado.” Podia ouvir a mentira na voz do namorado.

“E vocês beberam o dia todo”, chutou ela.

“A gente estava entediado.”

“Vou ter que desligar.”

“Por quê?”

“Porque estou trabalhando.” *E não suporto o som da sua voz quando está bêbado.*

“É só isso mesmo?”

“Me ligue amanhã”, disse ela. “Quando estiver sóbrio.”

“Myrna?”

Ela desligou, suspirou e pegou os papéis de novo. Só teve tempo de digitar um número e o telefone tocou. Pensou em não atender, mas acabou mudando de ideia.

“Brian, não quero falar com você agora.”

“Quem é Brian?”

O sangue de Myrna gelou. Sentiu a garganta fechar.

Jeremy.

Não podia respirar, muito menos falar. Como tinha conseguido o telefone dela? Tomara o cuidado de não se cadastrar em lista alguma e dava o número para pouquíssimas pessoas.

“Quem é Brian?”, repetiu ele.

O máximo que conseguiu foi expirar, ofegante. Paralisada de medo, não era capaz de se mexer. Ou de pensar.

“Ele é o motivo por que você passou mais de três semanas fora de casa?”

Como ele sabia que ela tinha viajado? Estava vigiando seu apartamento de novo?

“Ele está comendo você?”

“Como conseguiu esse telefone?”, perguntou ela com um caroço na garganta.

“Ele está *comendo* você? Vou matar o cara. Ninguém toca em você além de mim. Entendeu? Você é minha mulher. Pertence a mim.”

“Jeremy, a gente se separou. E, caso você tenha esquecido, ainda tem aquela medida judicial.”

“Vai chamar a polícia? Vá em frente. Eles não sabem onde estou, mas logo, logo vou ver você, benzinho.” Ele desligou.

Myrna jogou o celular do outro lado do sofá, como se tivesse se transformado numa cobra. Ficou de pé, baixou todas as persianas do apartamento e fechou as cortinas. Olhou os armários. Debaixo da cama, atrás das portas. Os armários da cozinha. A geladeira. Estava sozinha. Sozinha demais para seu próprio bem. Pegou o telefone e se trancou no banheiro.

Quando fechou a porta, a cortina da banheira balançou. Myrna discou o número da polícia e, com o dedo sobre o botão de ligar, aproximou-se da banheira. Com o coração batendo apressado, agarrou a cortina e abriu até o final.

Vazia.

Relaxou os ombros, aliviada. Sentou na beirada da banheira, as costas tocando o azulejo frio da parede de forma que pudesse ver todo o banheiro. Talvez Jeremy tivesse aprendido a se teletransportar desde que a vira pela última vez.

Ligou para Brian.

Ele atendeu no segundo toque. “Ah, então agora você quer falar comigo.”

Podia ouvir uma algazarra ao fundo. Música alta. Gente conversando. Rindo. Vidros batendo. Ela estava ali, sozinha, apavorada, e ele lá, divertindo-se feito, ora, um astro do rock. Filho da mãe.

“Je... Jeremy ligou”, sussurrou.

“O quê? Não estou ouvindo”, gritou ele.

O barulho de fundo mudou na mesma hora. Ele devia ter ido para um lugar mais calmo.

“O que foi?”, perguntou.

“Je... Jeremy ligou.” Limpou uma lágrima irritante com as costas da mão. De que adiantava chorar? Nada. Na certa não

ajudava a impedir que um bêbado a acusasse de ser uma puta.

“Seu ex-marido? Achei que você não tinha mais contato com ele. Ele ligou pra quê?”

“Queria saber onde eu passei as últimas três semanas”, sussurrou ela. Não era capaz de falar mais alto. Como se Jeremy pudesse ouvi-la.

“Ele está seguindo você de novo”, afirmou Brian, categórico. “Tem alguém com quem ficar até eu chegar aí?”

“Não, não liguei pra fazer você vir aqui. Ele disse que vai matar você.”

“Ele disse isso? Como sabe de mim?”

“Não venha.”

“Então venha você pra cá. Agora.”

Houve um barulho no apartamento vizinho, e Myrna pulou, assustada.

Já era ruim o suficiente que vivesse com medo, mas se recusava a colocar Brian em perigo. Se ela fosse até ele, ou ele viesse até ela, sabia que Jeremy ia machucá-lo. Engoliu em seco e respirou fundo, torcendo para soar mais segura de si ao dizer: “Não seja bobo. Tenho uma tonelada de trabalho para fazer. Ele está só sendo um babaca. Vou ficar bem. Não vai mais incomodar. Eu falei da medida judicial. Se ele chegar perto de mim, tudo o que tenho que fazer é chamar a polícia e ele vai ser preso”.

“Ah, é. E eu vou ficar aqui uma semana torcendo para o psicopata do seu ex-marido deixar você em paz.”

“Brian...”

“Vou aí o mais rápido que puder. Quer que eu fique no telefone com você?”

“Não preci... Só um pouquinho.”

“Como foi seu dia?”, perguntou ele. Myrna voltou a ouvir os barulhos ao fundo. “Ei, Phil”, Brian falou com alguém, “chama um táxi pra mim, por favor?”

“Já vai, Brian?”, perguntou uma mulher, soando irritada. “A festa acabou de começar.”

“Você não está me contando como foi seu dia”, Brian disse a Myrna.

“O que você quer saber?”

“Tudo. Comece do momento em que abriu os olhos.”

“Será que eu não devia começar do momento em que rolei na cama procurando você, e você não estava lá?”

“É, comece por isso.” Ela podia ouvir o sorriso em sua voz.

Narrou seu dia para ele. Cada minuto, incluindo o que Jeremy dissera ao telefone. Brian a manteve falando durante o caminho até o aeroporto, enquanto comprava a passagem no balcão da empresa aérea e o tempo todo em que ficou esperando o voo. Sentia-se mais segura só de tê-lo do outro lado da linha. Por fim, saiu do banheiro e deitou na cama com o telefone. Mas deixou todas as luzes acesas. Não achava que aguentaria lidar com a escuridão.

“Minha bateria está acabando”, disse ele. “Vou continuar falando até onde der. Vou embarcar daqui a pouco.”

“Brian, desculpe ser tão inconveniente.”

“Você não é inconveniente.”

Não tinha reparado que estava prestes a chorar até as lágrimas começarem a escorrer. “Não devia ter ligado. E não devia deixar você vir”, sussurrou ela, fungando. “Jeremy pode machucar você.”

“Eu dou conta daquele filho da mãe. Não se preocupe comigo. Agente firme até eu chegar. Pense assim, se você dormir agora, quando acordar, já vou estar aí.”

Ela assentiu, como se ele pudesse vê-la. Estava exausta. Mentalmente esgotada. “Obrigada por cuidar de mim.”

“Imagine. Você sabe que eu am...”

A ligação caiu. A bateria devia ter acabado. Sem querer dar a Jeremy a oportunidade de ligar para ela de novo, desligou o aparelho. Mudaria o número no dia seguinte.

Mas *como*? Como Jeremy tinha conseguido encontrá-la? Tomara tanto cuidado.

O som da campainha despertou Myrna de um sono inquieto. Levou um tempo para lembrar que estava em casa, e não no ônibus da turnê.

A campainha tocou de novo. Raios de luz se infiltravam pelas laterais da cortina. Já era de manhã? Myrna pulou da cama, ainda usando as roupas do dia anterior.

A campainha tocou novamente. Várias vezes seguidas. Alguém bateu com força à porta.

Brian! Ele tinha chegado.

“Já vai”, gritou, correndo em direção à porta.

Destrancou e abriu, com um sorriso animado no rosto. Que se desfez imediatamente.

“Bom dia, amor”, disse Jeremy. Então correu os olhos azuis pelo corpo dela, dos pés à cabeça. “Você dormiu com as roupas de ontem, benzinho? Está com uma cara péssima.”

O mesmo não se podia dizer dele. Bronzeado, louro, alto, atlético e bonito, Jeremy parecia uma propaganda ambulante de um resort de férias. Myrna abriu a boca, mas não conseguiu pronunciar nada. Todo o seu corpo ficara dormente. Não conseguia se mover.

“Aqui, trouxe flores. Sei que você gosta dessas bobagens.” E enfiou um buquê no peito dela. Myrna pegou automaticamente. Ele se espremeu dentro do apartamento dela

e encostou a porta. “Eu disse que veria você logo, logo. Por que está tão assustada?”

“Vá embora!”, gritou, sem saber muito bem como.

“Não está feliz em me ver?”

“Claro que não. Saia do meu apartamento!”

Ele ergueu a mão para tocá-la na bochecha, e ela se retraiu de medo.

Jeremy baixou a mão, as sobrancelhas louras franzidas de preocupação. “Não vou machucar você, amor. Não bebo mais. Está vendo? Sinta meu hálito.”

Myrna sentiu o rosto ser banhado pelo cheiro de hortelã do enxaguante bucal de Jeremy. Contraíu-se. Não podia evitar, morria de medo dele. “Não é isso, Jeremy. Você não pode chegar a menos de trezentos metros de mim. Vou contar até três. Se não sair, vou chamar a polícia.”

“Myrna, só escute o que tenho a dizer.”

“Um.”

“Sei que fui um babaca e vim pedir seu perdão.”

“Dois.”

“Fiz tratamento, Myrna. A ideia de que podemos ficar juntos de novo é tudo de que preciso para ficar sóbrio pelo resto da vida.”

“Três.” Myrna jogou as flores no chão e virou-se para procurar o telefone. Lembrou então que dormira com ele junto ao peito na noite anterior. Correu para o quarto para buscá-lo.

“Espere.” Jeremy a seguiu. O som dos passos dele logo atrás dos seus fez seu coração disparar. Cobriu atrás da cabeça com uma das mãos e caminhou de lado, para que pudesse vê-lo.

Não duvidava que ele a esmurrasse na cabeça no instante em que lhe desse as costas.

“Só me dê uma chance. Por favor, Myrna. Escute o que estou dizendo.” Seus dedos fortes a seguraram pelo braço.

Ela estancou, tremendo incontrolavelmente. Não conseguia respirar. “Como você me achou, Jeremy?”, perguntou, arfando. “Como? Eu fiz tudo certinho.”

Ele riu. “Essa parte foi fácil. Não existem muitos Thunderbirds 1957 registrados neste estado.”

O carro, claro. Como podia ter sido tão idiota?

“Por que está tremendo? Eu disse que não vou machucar você. Não tenha medo.”

“Não ter medo? Não ter *medo?!*” Ela virou e o empurrou com ambas as mãos. “Você me colocou no hospital, seu filho da puta. Quase me matou.”

“Não era eu, amor. Não era. Eu estava bêbado, e você estava me traindo com aquele frentista. Perdi o controle. Mas não vai acontecer de novo. Prometo. Nunca mais vou machucar você de novo. Nunca.”

Frentista? Do que ele estava falando? Nunca havia namorado um frentista. Nem sequer *conhecia* um frentista.

“Não sou mais aquele cara. Lembra o homem carinhoso por quem você se apaixonou?” Ele sorriu, e ela quase viu a pessoa com quem se casara, mas a face distorcida pela raiva e as mãos em punho eram muito mais nítidas.

“Ele voltou. Euzinho”, continuou, batendo a mão no peito. “Estou de volta, Myrna, e a gente pode tentar de novo. Podemos ser como no começo. Você gostava daquele tempo, não gostava? Nunca quis machucar você, meu bem. Tem que

acreditar em mim. Estou melhor agora. Mudei. Eu te amo. Tanto. Amo sim. Eu te amo. Você acredita em mim, não acredita?”

Myrna podia sentir o estômago revirar ao som daquelas três palavras saindo dos lábios mentirosos dele. Nada mudara. Exatamente igual a todas as vezes que tentara convencê-la a aceitá-lo de volta. Bem, uma coisa havia mudado. Ela. Sabia o que era ser amada de verdade por um homem. Brian mostrara a diferença. Balançou a cabeça para Jeremy. “Mesmo que eu acreditasse em você, e eu não acredito, nada disso importa. Não amo você. Tenho um namorado. E ele me respeita e me trata bem. Não acha que sou uma puta nem me acusa injustamente de traição.”

Jeremy estreitou os olhos e mordeu o lábio inferior. Myrna sentiu um arrepio de medo. Exatamente como suspeitara, a escuridão espreitava por trás das mentiras e tentativas de manipulação.

Depois de alguns segundos, Jeremy relaxou e sorriu. “Ah, sim. Brian.”

“Conheço você?”, perguntou Brian, da porta aberta.

Brian ainda estava meio desorientado pelo voo longo, mas não achou que estivesse alucinando. Sem dúvida havia algo de íntimo entre Myrna e aquele cara segurando seu braço.

O homem alto virou e arregalou os olhos. “Você só pode estar brincando, Myrna. Seu novo namoradinho é um marginal?”

“Ele não é um marginal”, suspirou ela. “É perfeito.”

“Estou interrompendo alguma coisa?”, perguntou Brian, as sobrancelhas arqueadas.

Myrna cerrou as mãos em punhos. Todo o seu corpo tremia. Dava para ver de longe. Quem era aquele cara? E por que estava tocando Myrna com tanta familiaridade? Então a pressa dela para voltar para o Kansas era por causa de algum encontro com o amante secreto? Mas ela não seria tão boba, sabia que ele estava a caminho.

“Pode ir embora, seu marginal. Minha mulher e eu estamos nos reconciliando.” O homem abraçou Myrna pelos ombros e a puxou para junto de si. Então a beijou no rosto.

O coração de Brian disparou. “Mulher?”, cuspiu ele.

Esse era o Jeremy? Esse cara bonito e bem arrumado era o filho da puta de uma figa que machucara Myrna tão profundamente que ela não suportava ouvir a palavra amor? Não podia ser. Brian tinha certeza de que Jeremy tinha chifres,

a pele vermelha, olhos de fogo e cascos fendidos. Esse cara deveria estar num cartão de Natal usando um suéter de rena e cercado pela esposa dedicada, os dois filhos e meio e um golden retriever. Não podia ser Jeremy. Impossível. Além do mais, eles não eram separados?

Myrna fez que não com a cabeça e abriu a boca, mas não conseguiu emitir som algum. Brian nunca a vira tão pálida. Concluiu que não estava assustada porque ele acabara de pegá-la no flagra com um cara bonito. Estava apavorada. Mas Brian estava ali agora. Não ia deixar aquele babaca machucá-la de novo. Fisicamente. Emocionalmente. Nem psicologicamente. Brian não deixaria.

“Então você é Jeremy”, disse Brian, entrando no apartamento. Nada de movimentos súbitos. Não dava para saber do que o filho da mãe era capaz.

Jeremy sorriu convencido e virou a cabeça para ajeitar o cabelo louro de seu rosto perfeito. “Ah, então ela contou de mim?”

“Contou, ela me contou tudo sobre você.” A raiva borbulhava dentro dele, mas Brian sabia que tinha que contê-la. Seu primeiro instinto fora cair de pau em cima do sujeito. No entanto, não queria assustar Myrna, não queria que ela achasse que era igual àquele sacana.

Jeremy alisou o braço dela enquanto esperava o próximo movimento de Brian. Ela estava paralisada ao lado dele, parecendo tonta de ansiedade. Quando Jeremy puxou-a para junto de si, Myrna chorou baixinho.

A raiva de Brian explodiu. “Tira as mãos de cima dela!” Ele atravessou o quarto em três passadas, os punhos erguidos

numa ameaça.

“Ei, ei, ei, ei, *ei!*”, disse Jeremy, dando um passo para trás e trazendo Myrna para a frente do próprio corpo, para se proteger. “Sei que vocês marginais acertam suas diferenças com violência, mas homens civilizados...”

“Você está prestes a descobrir quão violento este *marginal* aqui pode ficar, seu mauricinho de merda. Falei pra tirar as mãos dela. *Agora.*”

Jeremy baixou as mãos dos ombros de Myrna.

Com um suspiro de alívio, ela deu um passo na direção de Brian. Ele abriu os braços para encorajá-la, mas Jeremy a segurou novamente. Myrna encolheu-se como se tivesse apanhado.

O coração de Brian disparou. Ele semicerrou os olhos. “Avisei você, seu babaca. Agora vou acabar com sua raça.”

Brian avançou na direção de Jeremy, mas, antes que pudesse atingi-lo, Myrna postou-se entre os dois e ergueu a mão para impedi-lo. “Não, Brian. Não bata nele.”

Ele arregalou os olhos. Ela o estava defendendo? Como podia defender aquele cara? Talvez a história de Jeremy de que estavam se reconciliando fosse verdade. Ele certamente parecia um marido ideal — atraente, bem-apessoado, rico e bem-educado. Modos perfeitos. Rosto perfeito. Corpo perfeito. Tudo o que Myrna merecia num marido. Sem dúvida uma escolha melhor do que Brian. Nem ele podia negar a realidade.

Brian sacudiu a cabeça diante da ideia. Não. Jeremy não merecia aquela mulher. Ele a machucara de todas as maneiras possíveis. Myrna não precisava de alguém que ficasse bem ao seu lado. Precisava de alguém que a apoiasse e a deixasse ser

quem era. Ela precisava de Brian, merda, mesmo que não admitisse.

“Não vou só bater nele”, disse Brian. “Vou arrancar o couro desse sujeito.”

“Não, por favor, não.”

Brian não acreditava que ela *ainda* estivesse tentando proteger aquele filho da mãe. Qual era o problema dela? “Por quê? Ele merece.”

“Porque”, disse ela, erguendo os olhos castanhos cheios de preocupação para ele, “você vai machucar suas mãos.” Então pegou um vaso alto de cristal de uma mesa de canto e empurrou contra o peito do namorado. “Use isto aqui.”

Brian abriu um sorriso e levantou o vaso numa das mãos, testando seu peso. “Tem certeza? É um vaso muito bonito. E pesado. Pode matar alguém.” Olhou para Jeremy, satisfeito de ver o medo em seus olhos. Brian então voltou os olhos para as flores no chão, junto da porta. “E aquelas flores ali que alguém — que não eu, mais uma vez — veio trazer pessoalmente para você merecem um vaso...”

Jeremy empurrou Myrna na direção de Brian e correu para a porta, mas foi segurado pelo colarinho da camisa polo azul-bebê antes de alcançar o corredor. “Onde acha que está indo?” Brian fechou a porta com o pé.

“Me solte!”

“Acho que você não entendeu, cara. Tenho um problema sério com você. E estou com muita vontade de deixar você marcado para sempre.”

“Vou chamar a polícia”, disse Myrna. “Ele não pode chegar perto de mim.”

Brian estava feliz de vê-la confiante de novo. Mal a reconhecera quando chegara ao apartamento. “Boa ideia. Vou manter o cara ocupado até eles chegarem.”

Assim que ela entrou num dos quartos, Jeremy driblou Brian, mas foi dominado. O guitarrista se envolvera em mais brigas do que podia contar durante a juventude, e era evidente que aquele fracote nunca enfrentara um homem. Não, era do tipo de covarde que batia em mulheres e chutava cachorrinhos.

Jeremy tentou soltar a mão de Brian de seu colarinho. “Tire as mãos de cima de mim, seu marginal imundo. Se me fizer um arranhão que seja, meu pai vai botar você na cadeia para o resto da vida.”

“Ah, vai contar pro papai, é? Você é mais patético do que imaginei.” Brian arrastou-o de perto da porta e o jogou numa poltrona. “Pode esperar sentado pelas suas algemas.”

Quando Jeremy tentou se levantar, Brian ergueu o punho diante de seu rosto.

“Agora escute aqui, seu filho da puta, a única coisa me impedindo de arrancar sua cabeça e mijar no buraco do seu pescoço é a lambança que seu sangue ia fazer no carpete. Então fique sentado aí, ou vou fazer uma coisa da qual você não vai viver por tempo suficiente pra se arrepender.” Falar grosso em geral era o suficiente com aquele tipo de covarde, mas Brian bem que ficaria feliz de concretizar suas ameaças. Seria um prazer rearranjar aquela cara bonitinha demais.

“Não sei qual é o seu problema comigo. Se é porque chamei você de marginal, retiro o que disse.”

Jeremy transpirava charme pelos poros, mas Brian não caiu na dele. “Não estou nem aí para o que você acha de mim, seu

arrogante. Você bateu numa mulher. Na *minha* mulher. Você está no topo da minha lista, cara.”

“Não sei do que você está falando. Nunca bateria numa mulher. Principalmente em Myrna. Amo Myrna.” Ele fechou os olhos e estremeceu, transtornado. “Ah, Deus, eu te amo, Myrna. Te amo tanto.”

Brian contraiu o nariz de raiva e sentiu os pelos da nuca arrepiarem. O sujeito era muito cara de pau. “Não me admira que ela odeie essa palavra.”

Jeremy abriu os olhos, um sorriso frio se expandindo no rosto. *Asqueroso*. Bota cara de pau nisso.

“Ela nunca falou pra você, falou?” Jeremy riu com uma estranha alegria. “E nunca vai. Nunca vai dizer que te ama, porque ela me ama. O coração dela é meu. Eu sei. Ela vai ser minha para sempre. Sempre. Estraguei Myrna para os outros. E fiz de propósito.” Jeremy baixou o queixo e encarou Brian com os olhos azuis gélidos. “Marginal.”

Myrna voltou do quarto com o celular na mão. “Eles estão a caminho.”

Jeremy pulou da cadeira e empurrou Brian para trás com ambas as mãos. Ele cambaleou, reequilibrou-se e correu atrás de Jeremy. Não devia ter se distraído. Jeremy escancarou a porta. Brian esticou o braço na frente dele, para impedi-lo de sair. Com um riso de escárnio, Jeremy bateu a porta na mão de Brian.

“Ai! Merda.” Brian trouxe a mão esmagada para junto do peito.

“Seu imbecil”, Myrna gritou e pulou nas costas de Jeremy.

Com os joelhos cravados na lateral do corpo do ex-marido para se manter em cima dele, Myrna bateu diversas vezes na cabeça dele com ambas as mãos. “Seu idiota, imbecil, cretino, filho da mãe...”

“Ai, Myrna, isso dói. Pare”, reclamou Jeremy.

Ela continuou a bater nele, pontuando os tapas com xingamentos.

Brian ficou vendo, estranhamente divertido com a reação dela. Jeremy tentava tirá-la das costas, mas parecia impossível desfazer a chave de perna.

A mão esquerda de Brian estava tão inchada que ele nem sequer conseguia fechá-la num punho. Torceu para que não estivesse quebrada. Mas ver Myrna revidar com uma surra em Jeremy valia cada segundo.

Jeremy cobria a cabeça com os braços, tentando bloquear os tapas implacáveis.

“Eu te odeio”, gritou ela. “Te odeio. Te odeio.” Quando ela começou a chorar, Brian não aguentou mais assistir àquilo. Tocou as costas da namorada, e ela hesitou. Virou-se para olhar para ele, as lágrimas escorrendo pelo queixo.

“Está tudo bem”, murmurou ele. “Venha aqui.”

Ela se deixou cair no abraço dele, envolvendo os braços em seu pescoço e as pernas em sua cintura. Soluçou contra seu ombro, encharcando-o em poucos segundos. Brian acariciou as costas dela e apertou os lábios contra o cabelo. “Está tudo bem. Peguei você. Shh.”

Enfim livre, Jeremy escancarou a porta e deu de cara com dois policiais.

“Você é Jeremy Condaroy?”, perguntou um deles.

“Não, mas ainda bem que vocês chegaram. Bem na hora”, disse. “Aquele ali é o Jeremy.” E apontou para Brian.

Myrna não entendeu o que estava acontecendo. Por que estava sendo afastada do abraço seguro e reconfortante de Brian? Por que dois policiais estavam derrubando-o no chão e algemando-o? Por que haviam deixado Jeremy sair despreocupadamente?

“O que está acontecendo?”, gritou.

“Está tudo bem, senhora. Já o pegamos”, disse um dos policiais, e começaram a recitar os direitos de Brian.

“Por que estão prendendo meu namorado?”

Os dois policiais olharam confusos para ela.

“Não sou o cara que vocês estão procurando”, disse Brian, o rosto ainda no chão. “Ele está indo embora.”

Os policiais olharam para Myrna como se não acreditassem no que Brian estava dizendo e precisassem de confirmação para agir.

“Este é Brian Sinclair, não Jeremy Condaroy”, disse ela. “Jeremy é um cara alto, arrumadinho e louro.”

“Merda!”, disse um dos policiais e saiu correndo do apartamento. “Parado aí”, gritou ele, suas passadas ecoando no corredor do prédio. “Mandei parar. Vou ter que usar força se não parar.”

O policial mais jovem, no entanto, hesitou, olhando para Brian com uma expressão abobalhada. “Brian Sinclair.

Guitarrista do Sinners?”

“Não vai dar uma de fã agora!”, disse Myrna. “Aquele idiota que vocês deixaram fugir quebrou a mão do Brian. Você vai deixar o cara escapar?”

O policial franziu a testa. “Pode deixar.” E saiu correndo atrás do colega.

Eles ouviram um som de choque elétrico no final do corredor, seguido por um grito de dor.

“Aê, acho que o pegaram.” Brian sorriu. “Espero que tenha doído, seu filho da puta!”, gritou.

Myrna ajudou Brian a se sentar, mas não havia muito o que pudesse fazer quanto às algemas prendendo suas mãos nas costas.

“Sinto muito por isso.” Ela ajoelhou em frente a ele e tocou seu rosto.

“Tudo bem. Já fui preso antes.”

Ela levou um susto. “Já? Por quê?”

“Briga. Era um esquentadinho.”

Myrna riu. “Não sei por quê, mas acredito.” Ela contornou o corpo de Brian e se abaixou para examinar sua mão. Estava terrivelmente inchada e machucada. Não dava para saber se estava quebrada, e ela não queria machucá-lo ainda mais examinando-o. “Como está sua mão? Acha que quebrou?”

“Não sei. Mas não importa. O que importa é que você está bem.”

Tão gentil. Se Jeremy tivesse causado algum tipo de dano permanente à mão de Brian, Myrna nunca se perdoaria. “Vou buscar um pouco de gelo.” Começou a levantar, mas ele se inclinou na direção dela.

“Não, fique comigo.”

Myrna voltou os olhos vidrados na direção do ombro dele. “Não devia ter ligado para você.”

“O quê? Fala sério, Myrna. Não posso nem imaginar o que teria acontecido se você estivesse sozinha aqui com aquele sujeito. O cara é completamente pirado. Como pode estar solto?”

“Condicional. O pai tem amigos importantes.”

“Talvez agora ele fique preso de vez. É claro que não aprendeu a lição.”

Myrna esfregou a testa, tomada por uma sensação de impotência. “Acho que vou ter que trocar de nome de novo. Mudar de cidade. Começar tudo outra vez. Deus, cansei disso. Não aguento mais esse cara controlando minha vida.”

“Ele que se foda, Myrna. Ele que é o problemático nesta história. Você não tem que viver se escondendo por causa da loucura *dele*.”

“Às vezes é mais fácil se esconder.”

“Desde quando você é do tipo de pessoa que escolhe a saída fácil?”

Myrna sabia que não seria capaz de explicar de um jeito que ele entendesse. Ela mesma não entendia. Jeremy conhecia os pontos fracos dela, e usava todos eles, repetidas vezes, sem hesitação. “Ele tem uma coisa, Brian, que acaba comigo.”

“Eu sei, meu bem. Faça tudo o que precisar para se sentir segura.” Brian moveu o ombro contra o dela. “Queria muito abraçar você agora, mas estou meio preso.”

Myrna envolveu sua cintura com os braços e deitou a cabeça em seu peito. “Até gosto de prender você, mas não assim.”

“Você vai me deixar ficar aqui em Kansas City até a turnê recomeçar, não vai? Não posso gravar com a mão toda arrebentada.”

“Prefiro voltar para Los Angeles com você. Não sei se consigo ficar neste apartamento agora.” Ela olhou ao redor. A presença de Jeremy empestava o lugar. Jamais conseguiria se concentrar na pesquisa ali. Não poderia dormir, muito menos trabalhar.

“E, se você quiser mesmo mudar de nome, pode usar o meu.”

Ela cobriu a boca dele com uma das mãos. “Nem pense em sugerir Las Vegas de novo.”

O policial mais novo voltou. “Bem, ele está sob custódia”, disse. “Vamos tirar essas algemas, Mestre Sinclair.”

Myrna afastou-se, e o policial se ajoelhou atrás de Brian para soltá-lo. Assim que se viu livre, ele levou a mão esquerda ao peito. Tentou disfarçar a careta de dor com um sorriso de gratidão, mas Myrna não se deixou enganar. Os dedos dele já estavam ficando roxos. Precisava levá-lo para um hospital e tirar uma radiografia.

“Espero que essa prisão tenha envolvido um pouquinho de brutalidade da polícia”, disse Brian.

O rapaz respondeu com uma piscadinha. “Um pouquinho, talvez. Me sinto um idiota de pedir, mas sou um grande fã. Será que pode me dar um autógrafo?”

“Posso, claro.” Brian ficou de pé.

Enquanto ele assinava com a mão boa, o policial conversava com Myrna. “Seu ex-marido provavelmente vai ficar preso até voltar para o tribunal. O idiota tirou o bracelete rastreador, está

a várias centenas de quilômetros da área permitida pela condicional e violou uma medida judicial de não se aproximar de você. Recomendo que dê queixa. Quanto mais material contra ele, mais fácil vai ser manter o cara preso.”

Ela olhou para Brian, que estava apertando os nós dos dedos da mão machucada e fazendo uma careta. “Tenho que levar Brian ao hospital para dar uma olhada nessa mão. Posso dar queixa depois?”

“Humm, pode. É só ir à delegacia do centro e preencher um formulário assim que possível. Sinclair também pode fazer isso.”

“Com certeza”, disse Brian. “Estou até pensando em inventar alguma coisa.”

Uma semana depois, sentado no ônibus da baderna em meio a uma pilha de roupa suja e latas vazias de cerveja, Brian tocou uma progressão na escala pentatônica. Trey o acompanhou, duas notas depois.

Quando chegaram ao final do riff, Sed disse: “Boa, gostei. E aí, Eric, o que você tem pra mostrar?”.

“É difícil compor com a bateria guardada num caminhão, cara.” Ele bateu as baquetas na lateral da geladeira. “A batida é essa, mas sem meus pratos e bumbos e...” Ele suspirou e balançou a cabeça.

“A gente precisa entrar num estúdio”, disse Brian. “Quando é o próximo intervalo da turnê?” Por causa do machucado, a última folga tinha sido completamente inútil. Jeremy não havia quebrado sua mão, mas o inchaço o impediu de tocar por quase uma semana. As gravações que tinham planejado foram por água abaixo. Não chegaram a cancelar shows, mas Brian sabia que na noite anterior sua performance não fora estelar.

“Temos mais uma semana de estrada, depois duas semanas de folga no final de junho”, disse Sed. “Aí vamos poder gravar alguma coisa. Por enquanto, vamos continuar escrevendo para ter tudo pronto quando a hora chegar.”

“Desde que Sinclair continue fodendo bastante, vamos ter material de guitarra para uns dez discos”, disse Trey, com um

pirulito na boca.

Jace deu um tapa nas costas de Brian. “Você precisa começar a escrever umas coisas para baixo. Desse jeito, não consigo acompanhar.”

Brian olhou por cima do ombro para Jace e sorriu. “Vou tentar.”

“E onde está sua amante, aliás?”, perguntou Sed.

“Está no outro ônibus, trabalhando naquela pesquisa dela”, respondeu Brian. “Disse que a gente é distração demais e que ela nunca vai conseguir terminar se não se esconder por algumas horas.”

“Então é por isso que estamos ensaiando no ônibus da imundície. Aquela mulher sempre consegue exatamente o que quer, não é?” Trey riu. “Não admira que Brian esteja gamadão.”

Jace deu outro tapa nas costas dele.

“Uma pena que não seja recíproco”, Brian murmurou baixinho. Pegou uma folha pautada da pilha sobre a mesa. Estava coberta de manchas de calda de chocolate. Ao lembrar o que estava fazendo quando aquela preciosidade viera à sua cabeça, riu consigo mesmo.

“Como assim não é recíproco?”, perguntou Trey. “Você foi lá, invadiu o castelo e salvou a dama do dragão. E mulher nenhuma aguenta cinco semanas com cinco arruaceiros por causa de pesquisa. Ela te ama, cara. Não estaria aqui se não amasse.”

Brian riu com desdém. “Tente convencer Myrna disso. Ela só está aqui por causa do trabalho.”

“E quem liga se ela te ama ou não?”, disse Eric. “O sexo é bom pra cacete, ela mantém o ônibus limpo e cozinha pra

gente. Pra mim, ninguém está perdendo nessa história.”

Sed chutou Eric da bancada direto no chão. “Não fale da Myrna assim, seu babaca.”

Eric se levantou e o empurrou, então foi até a outra ponta do ônibus, sentar perto de Trey na mesa de jantar. “Não quis ser desrespeitoso. Ela é uma mulher fora de série. É só que, se não quer admitir que ama Brian, qual é o problema?”

“É bom ouvir”, Sed murmurou para o chão. Então ergueu o rosto para Brian e sorriu. “Você gostaria de ouvir, não é?”

Brian deu de ombros. “Nenhum de nós falou ainda.”

“Você ainda não falou?”, perguntou Trey. “Seu idiota. Ela provavelmente é uma daquelas mulheres que se recusa a dizer primeiro.”

Brian fez que não com a cabeça. “Ela me proibiu. E você já ouviu isso dela mesma. Quando alguém pergunta, ela ri e diz que não é nada sério. Que estamos só nos divertindo.”

“Ninguém acredita nisso, Brian”, disse Trey. “Você mesmo não acredita, acredita?”

Talvez. “Me deixa, cara.”

“Aquela mulher te leva na coleira, Brian”, disse Jace.

Ele olhou para o amigo e riu. “É, mas o jeito como ela me prendeu — forte o suficiente para chamar minha atenção, mas não tão forte que eu queira fugir — é tão bom.”

Eric começou a bater a cabeça na mesa.

Talvez ele devesse mesmo dizer a ela como se sentia. As barreiras de Myrna que se danassem. Qual era a pior coisa que poderia acontecer?

Ela poderia ir embora.

Sentiu um vazio no estômago.

Esperaria mais um pouco.

Brian balançou a folha manchada de chocolate na direção de Trey. “Acho que esse solo encaixa bem com o último riff.”

Trey respondeu com um sorrisinho triste e disse: “Tudo bem, vamos ouvir então”.

Myrna digitou mais números em sua planilha. A pesquisa reunia dados consistentes e confiáveis e indicava dois padrões de comportamento principais entre as groupies. Já tinha informação suficiente para publicar diversos artigos sobre o assunto. Tinha também uma ideia para um livro de não ficção, mas isso teria que esperar. Não havia dúvidas de que aquela pesquisa ia salvar sua carreira. E, se não salvasse, não era o fim do mundo. O projeto para o livro de não ficção no qual começaria a trabalhar na certa se tornaria um best-seller.

“Espero que esteja sorrindo desse jeito porque está pensando em mim”, disse Brian.

Ela ergueu os olhos da tela. Não tinha ouvido quando ele entrara no ônibus. Brian a beijou na bochecha e entrou no beliche oposto ao dela.

O sorriso dela se iluminou. “Sempre penso em você.”

Ouviram-se um barulho na frente do ônibus, e Trey apareceu. “Myrna, olhe o que eu arrumei.”

“Pirulitos de cereja?”, perguntou ela.

“Camarão fresco. Um dos roadies comprou. Faz camarão empanado?” Ele baixou a sacola na mesa e fez uma cara de cachorrinho. Aquela para a qual ela não conseguia dizer não. “Por favoor.”

Myrna sorriu e assentiu. “Assim que eu terminar de inserir estes números na planilha.” E começou a copiar a linha seguinte.

“Você quer dizer, assim que eu terminar de inserir em você todinha”, disse Brian.

Ela ergueu os olhos da tela. Brian estava com aquele *outro* olhar ao qual ela não conseguia resistir. Sua cara de “tire a roupa agora mesmo”. Salvou o arquivo e fechou o laptop, empilhando os papéis embaixo do computador. “Desculpe, Trey. Brian tem prioridade.”

“Mas estou *morrendo* de fome.”

“A gente termina em uma ou duas horas”, disse Brian.

“Ou quatro”, completou Myrna.

“Ou quatro.” Brian saiu da cabine e estendeu a mão para Myrna.

“Quatro horas? Até lá a gente já morreu.” Trey ocupou o lugar vazio de Brian e fitou a sacola com cheiro de camarão.

“Tenho certeza de que vocês encontram alguma coisa pra comer na geladeira.” Myrna levantou do beliche, pegou a mão do namorado e voltou os olhos para Trey. “O que faziam antes de eu aparecer?”

“Sobrevivíamos”, respondeu ele. “Afogando na própria imundície. Malnutridos. Esquálidos. Anêmicos. Nas últimas.” Ele esticou uma das mãos na direção dela, brincando de morto, a cabeça caindo na mesa.

Myrna riu. “Pobrezinhos.”

Brian a conduziu na direção do quarto. “Você é boa demais para a gente.”

“Gosto de tomar conta de vocês. Todos se tornaram importantes para mim no último mês.”

“Até Eric?”

Ela riu. “Até Eric.”

“Você é importante para a gente também. Não lembro a última vez que me senti tão... seguro.”

Seguro? Argh. “Sou um tédio completo, não sou?”

Brian a empurrou para dentro do quarto e a puxou para junto de si, beijando-a com fervor. Então fechou a porta com o pé.

“Tédio? Nunca”, murmurou ele. “Você é o máximo. Como falei, boa demais para gente como a gente.”

Ela o beijou no canto da boca. “Suas mentiras me fazem tão bem.”

“Nunca mentiria pra você”, sussurrou ele, os lábios acariciando de leve a pele desde a bochecha até a orelha. Ele chupou o lóbulo, apertando-o com a língua contra os dentes. Myrna sentiu a respiração falhar. Esqueceu tudo, exceto ele.

Suas mãos se moveram para os botões da camisa dela, abrindo um de cada vez, enquanto sua língua passava pelo ponto sensível atrás de sua orelha. Os dedos dela passeavam em seu peito forte enquanto ela se apertava contra ele.

Brian deslizou a camisa dela pelos ombros e levou a boca até a clavícula, beijando-a com carinho. Tanto carinho que sentia vontade de chorar.

“Brian?”, sussurrou ela.

Ele ergueu o rosto para fitá-la. “Hã?”

“Você está sendo carinhoso.”

“Você não gosta?”

“Não disse isso. Só estava pensando no que deu em você de repente.”

Ele sorriu. “Jace precisa de umas linhas de baixo. Tenho que pegar leve um pouco.”

Myrna levou as mãos ao rosto dele e ficou na ponta dos pés para beijá-lo nos lábios. “É só isso? Achei que talvez tivesse alguma coisa para me dizer.”

Ele franziu a testa. Engoliu em seco e fixou o olhar na testa dela. “Tipo o quê?”

“Que você pensou em alguma coisa bem safada e achou que era melhor me amaciar antes de dar o bote.”

“Você acha que só penso nisso.” Ele suspirou e balançou a cabeça de leve. “Às vezes acho que não tem jeito.”

Myrna sentiu o coração estancar no peito. Brian estava estranho desde que tinham voltado de Kansas City. Como se quisesse terminar com ela ou algo assim. Depois de ser apresentado ao seu passado de forma tão brutal, quem poderia culpá-lo? Mas não havia nada que ela pudesse fazer. Jeremy causara um enorme impacto na vida dela, gostasse disso ou não. “Não sei o que quer de mim, Brian.”

“Sabe, sim. Por isso fica com medo quando sou carinhoso com você.”

Então não tinha a ver com o passado dela. Mas com o futuro. “Não estou com medo.” Mas estava. Apavorada. Sobretudo porque não conseguia imaginar um futuro sem ele.

“Então posso ser carinhoso sem você fazer piada?”

“Não estou fazendo piada.”

Ele arqueou uma sobrancelha para ela. “Não está?”

“Vou ficar quieta.”

“Só pare de pensar um pouco e sinta. E não estou falando do seu corpo. Sei que você me sente com o corpo. Quero dizer aqui.” Ele pousou três dedos no peito dela, em cima do coração. “Acho que você nunca ouve o que acontece aqui.”

“Ouç...”

Ele tapou a boca dela com os dedos. “Shhh.”

Algo mudara nele. Podia ver em seus olhos. Brian parecia... desesperado.

“Bri...”

“Shhh.”

“Mas...”

“Shhh.”

Ela assentiu. Brian tirou os dedos de sua boca. Myrna mordeu o lábio. Ele estava olhando para ela, obviamente lutando com as palavras. Ficou esperando que ele dissesse alguma coisa, mas Brian apenas baixou a cabeça e a beijou. Podia sentir seu desespero também naquele beijo.

“Só me ame, Myrna”, ele sussurrou junto aos seus lábios. “Por favor.”

Ela afastou a cabeça para interromper o beijo. “O que você disse?”

Brian olhou por cima da cabeça dela, engolindo a emoção. “Faça amor comigo, Myrna. Por favor.”

Não era isso que ele tinha dito, mas ela aceitou aquela versão. Não era capaz de lidar com a frase original. A expressão dele ao tentar esconder as emoções foi como uma pontada no coração de Myrna. Ela o tocou no rosto, e ele voltou os olhos para ela. “Com carinho. É disso que você precisa, não é?”

Ele fez que sim. Ela também, com os olhos cheios d'água. Daria tudo para ter conhecido Brian antes de Jeremy. Então não seria tão difícil resgatar o que ela havia escondido em seu coração e aceitar o que tinha no dele.

Eles tiraram as roupas um do outro lentamente e ficaram de pé um na frente do outro, ambos excitados e relaxados. Ela correu a mão ao longo da pele quente do peito dele. Então usou os lábios.

“Agora é a parte em que você me pega no colo e me leva para a cama”, disse ele.

Ela riu. “Ei, estou tentando ficar séria.”

“Quem disse que não estou falando sério?” Brian sorriu para ela e então levou um susto ao ser envolvido pela cintura e levantado vários centímetros do chão. Ela deu alguns passos com ele nos braços e o jogou na cama. Ele riu, cobrindo os olhos com as mãos. Aquela risada era de aquecer o coração. Era uma das coisas que amava, ou melhor, *gostava* naquele homem.

“Desculpe, isso foi horrível. Tenho que trabalhar mais o bíceps.” Deitou na cama ao lado dele, fazendo-o subir na direção da cabeceira. “E agora é a parte em que eu jogo pétalas de rosa no seu corpo, certo?”

“Acho que estamos sem pétalas de rosa.”

“Feche os olhos.” Ela soltou o grampo prendendo o cabelo. Ele fechou os olhos. Myrna se aproximou dele e usou o cabelo longo e grosso para brincar com a pele da barriga dele. “Imagine que são pétalas de rosa.”

“Prefiro saber o que é. Enrole no meu pau.”

“A gente está sendo gentil, Brian, lembra?”

“Isso não é ser gentil?”

“Gentileza não tem nada a ver com seu pau, principalmente se for pra enrolá-lo com meu cabelo.”

Ele abriu os olhos. “Não brinca?”

Myrna tapou os lábios dele com a mão. “Shhh. Feche os olhos.”

Ele hesitou por um instante e obedeceu.

“Vou tocar cada centímetro do seu corpo”, sussurrou ela. “Beijar cada centímetro.”

Ele segurou o pau quase duro e o acariciou da base até a ponta. “Todos os vinte e cinco? Me dê um minuto. Ele ainda não chegou lá.”

Ela riu. “E quem está brincando agora?”

Brian deu uma piscadinha. “Desculpe. Vou me comportar.”

O toque suave começou pela mão esquerda. Os hematomas haviam sumido, e o inchaço diminuía, mas ela nunca esqueceria o resultado daquela radiografia. Ficara convencida de que ele nunca mais tocaria guitarra de novo e que seria culpa dela.

Correu os dedos pela palma da mão, então pelos calos grossos na ponta dos dedos e de volta para a palma. Ele dobrou os dedos involuntariamente.

Usando os lábios agora, beijou a palma da mão, à medida que deslizava os dedos e seu toque gentil para o pulso e o antebraço. Chupou o anelar, e ele gemeu. De canto de olho, viu o pau mexer em resposta. Tirou o dedo da boca e foi beijando a mão até o pulso.

Esticando o braço, continuou a massagear a pele dele ao mesmo tempo que beijava o antebraço até a parte interna do cotovelo. Com dedos ávidos, encontrou os pelos grossos em

volta do mamilo. Brincou com eles, o dedo médio esfregando o mamilo enquanto ela chupava a parte interna do cotovelo.

Adorava tocá-lo, experimentar seu corpo em câmera lenta, mas logo ficava louca pelo toque embriagante dele. Mudou o corpo de posição para que o seio ficasse junto à mão dele. Brian apertou com carinho.

O mamilo endureceu na palma dele, desejando uma atenção mais vigorosa.

Assim que Brian relaxou a mão, ela subiu pelo braço dele de novo, deixando um caminho de beijos pelo ombro e esfregando o mamilo enrijecido ao longo do antebraço. Sentia a barriga se contrair de desejo. Ser carinhosa com ele a estava deixando cheia de tesão.

Quando a boca alcançou o pescoço, deslizou a mão pelo peito dele.

“Brian”, murmurou. Os beijos foram ficando menos gentis e mais excitados à medida que subia do pescoço para a orelha. Ela enfiou a língua na orelha, e ele se contraiu.

Brian sorriu. “Já está com tesão, gata?”

“Você faz isso comigo, Brian. Só você.” Então deixou um caminho de beijos pela maçã do rosto angulosa até a boca. Moveu o corpo de forma que a mão dele ficasse entre suas coxas. Ele, no entanto, não a tocou, embora pudesse sentir seu calor, sua umidade, seu desejo.

“Me toque”, arfou ela junto à sua boca.

Como ele não obedeceu, ela interrompeu o beijo e conduziu os dedos dele para seu corpo. Moveu os quadris contra a mão dele, enterrando os dedos dentro de si.

“Você não é muito boa com esse negócio de gentileza, não é?”

Ela olhou para ele e fez uma careta. Tinha perdido o foco em meio à sua excitação. “Desculpe.”

“Não vou fingir que não gosto de saber que deixo você tão excitada que tem que enfiar meus dedos no seu corpo. É uma delícia.” Ele girou a mão de leve, e ela estremeceu. Então tirou os dedos. “Termine o que começou. Depois eu como você do jeito que quer. Forte e gostoso, não é?”

“É, forte. E rápido. E gentil. Devagar. Quero tudo, desde que envolva seu pau.”

Já não podia ignorar o pau dele. Virou-se e debruçou-se sobre o corpo de Brian, descansando a barriga contra a dele, mas de cabeça para baixo. Segurou o membro com a mão e lambeu a cabeça.

“Hummm”, murmurou ele.

Então pegou o quadril dela e levantou a cabeça para esfregar o queixo em seu clitóris. Ela arfou e enfiou seu pau na boca. Com a língua, Brian brincou junto à abertura no âmago dela, distraindo a atenção de Myrna para a sensação de vazio dentro de si até que não pudesse se concentrar em mais nada.

Tinha que ter aquele homem. Precisava daquilo que ele lhe dava. Aquilo do qual nunca se cansava. Ele.

Tirou o pau da boca e desceu pelo corpo dele, uma perna de cada lado. Não se virou para fitá-lo, conduzindo aquele pau para dentro dela de costas e então descendo para recebê-lo fundo dentro de si.

Putá, a voz de Jeremy sussurrou em seus pensamentos.

Ela hesitou. Brian arfou e moveu o quadril para entrar um pouco mais. Seus dedos desceram pelo meio das costas dela, e Myrna arqueou a coluna, o cabelo comprido tocando o peito dele.

Você gosta disso, não é, sua puta?

“É”, sussurrou ela. “É bom.”

Myrna sentiu Brian movendo-se sob ela e virou o rosto para fitá-lo por cima do ombro. Encontrou-o apoiado nos cotovelos, olhando para baixo enquanto seus corpos se uniam. Sorriu e baixou a mão para massagear os testículos dele. Mexia-se devagar, tentando lembrar que ele queria um pouco de carinho e gentileza.

Ele enfiou um dedo na bunda dela e ela gemeu, parando para senti-lo entrar e sair diversas vezes. “Ah”, suspirou.

“Você gosta?”

“Gosto.”

Putá imunda.

Esfregou a orelha contra o ombro, tentando silenciar a crítica sempre presente de Jeremy. Brian tirou o dedo, e ela ouviu uma gaveta se abrindo e em seguida o zumbido de um vibrador. Ele pousou a mão nas costas dela, para erguê-la um pouco, então enfiou um vibrador fino em sua bunda. Ela tremeu.

“Ah”, gemeu ele, soltando a cabeça para trás, na cama. “Dá pra sentir dentro de você, vibrando no meu pau.”

Ela o fitou por cima do ombro novamente. Brian estava mordendo o lábio, a cabeça caída para trás em total abandono sexual. “É bom?”

“E como.” Ele contraiu a barriga e arqueou as costas em êxtase. “Cavalga, gata. Ah, meu Deus, não fique aí parada.”

“Quero ver seu rosto.”

Tirou-o de dentro de si e virou-se para encará-lo. Quando sentou novamente, Brian a agarrou pelos quadris com ansiedade. O vibrador a levava à loucura. Cavalgou depressa, subindo e descendo a vibração ao longo do pau dele. Era uma delícia, mas ver a reação dele era ainda mais estimulante. Brian agarrava os lençóis embaixo de si, contorcendo-se a cada movimento dela.

Ele segurou os quadris dela, imobilizando-a. “Gata, a gente tem que tirar ou eu vou explodir. Tipo, agora.”

Myrna pegou as mãos dele e as apertou com força contra o colchão, uma de cada lado da cabeça dele. Começou a subir e a descer de novo, movendo-se mais rápido para fazê-lo gozar. Então gritou, sendo assaltada por um orgasmo inesperado.

“Ah”, gemeu.

Soltou os pulsos de Brian e apertou o clitóris para se acalmar e conseguir terminar para ele. Cavalgou ainda mais depressa, até que ele estivesse gritando seu nome a cada vez que seus corpos se encontravam. Um músculo tremeu na bochecha dele. Sempre tremia quando ele estava perto. *Quase lá, meu bem. Relaxe.* Não havia nada mais sensual do que ver aquele homem gozar, e embora já tivesse visto dezenas de vezes, nunca se cansava.

Ele também é um devasso, disse a voz de Jeremy.

É, ele era. E ela não queria que ele mudasse nem um fio de cabelo.

Brian jogou a cabeça para trás, os olhos apertados, a boca aberta. Arfou. Seu rosto estava contorcido de prazer. Então todo o seu corpo ficou rígido. Tremeu, gritando roucamente, os dedos torcendo os lençóis embaixo de si.

Perfeito. O homem era perfeito. Perfeito para ela. E ela o amava.

Ela o *amava*.

Amava sim.

Como poderia não amar?

Precisava contar para ele.

Precisava dizer: *Eu te amo, Brian*. Seu coração parou por um instante, então bateu desesperado. Talvez reunisse coragem de dizer a ele amanhã.

Ou no ano que vem.

Brian relaxou o corpo, mas começou a tremer incontrolavelmente. Ele a levantou pelos quadris. “Isso é um pouco demais”, suspirou. “Não aguento mais.”

Ela riu e tirou o vibrador. “Acho que você gostou.”

“Gostei demais.” Então pegou uma folha pautada e anotou uma única linha de acordes. “Jace vai ficar feliz com nossa depravação.” Jogou a folha para um canto e puxou-a para junto de si.

“Não tanto quanto eu.”

“Foi demais, não foi?”

Ela concordou com a cabeça.

Brian a beijou com carinho, alisando o braço nu. “Agora fiquei com sono”, murmurou.

“Descanse um pouco. Vou estar aqui quando você acordar. A gente pode tentar ser carinhoso de novo.” Ela sorriu. “Quem

sabe um dia eu acerto, nem que seja depois da centésima tentativa.”

Ele sorriu consigo mesmo, sonolento, e encaixou o corpo no dela. “A prática leva à perfeição, gata.”

Ela ficou ali, ouvindo a respiração dele enquanto piscava, também sonolenta.

“Eu te amo, Myrna”, suspirou ele, mergulhando no sono. “Te... amo...”

Myrna prendeu a respiração. Ele a *amava*? De alguma forma, sabia que sim, mas, até ele dizer aquelas palavras, não parecia verdade.

Com o coração na boca, observou Brian dormir por vários minutos. Tocou o rosto dele com carinho, beijou sua bochecha. Talvez pudesse dizer com ele dormindo. Só para testar a frase uma primeira vez. “Também te amo”, sussurrou.

Ele abriu os olhos.

Estava acordado? Merda. *Merda!* Agora não tinha mais volta.

Brian abriu um sorriso de orelha a orelha. Parecia mais bobo que suas fãs. “Você acabou de dizer que me ama?”

Ela abriu a boca para negar, mas, em vez disso, fez que sim com a cabeça. “Acho que estava esperando você dizer primeiro”, sussurrou, “e estava com medo demais para falar.”

“Você estava *me* esperando dizer primeiro?”

“Talvez. Não sei. Acabei de perceber...”

Ele riu e a beijou, com lágrimas nos olhos. “Estava com medo de dizer e afastar você de mim.”

“Há dez minutos, talvez tivesse me afastado. Mas isso foi antes. E não agora.”

Brian a abraçou junto ao peito. “Ah, Myrna, acho que te amo desde que respirei pela primeira vez.” E levou os lábios à testa dela.

Ela tentou engolir a emoção, mas não conseguiu. Sentiu a garganta fechar. “Desculpe ter demorado tanto para reconhecer”, sussurrou, ofegante. “Para dizer.”

“Se estiver se sentindo mesmo tão mal assim, vai dizer de novo.” Ele segurou o queixo dela e afastou o rosto para olhar em seus olhos, o dedão acariciando de leve o lábio inferior.

Ela respirou fundo. “Eu te amo, Brian. Mestre Sinclair. Brian... Eu te amo.” Apertou os olhos e os abriu de novo, o coração pulando no peito. “Eu te amo tanto que morro de medo.”

Brian se aproximou e lhe deu um beijo apaixonado. “Não tenha medo, Myr. Eu te amo mais do que conseguiria explicar, mas não vou decepcionar você. Prometo. Este amor, nosso amor, é para sempre.”

Junto de Brian, para sempre? É, talvez fosse capaz de viver com aquilo.

Myrna sorriu, o medo se dissipando. Confiava naquele homem com seu coração. Completamente.

“Sabe”, disse ele, “vamos tocar em Nevada na semana que vem. Quer dar um pulo em Las Vegas e casar?”

Olhando para os olhos do seu futuro, ela sorriu, um frio na barriga e o coração agitado. “Achei que você nunca ia perguntar.”

Agradecimentos

Sinceramente não consigo pensar num mundo sem música, e se um mundo desses existe não ia querer viver nele. Então ofereço meu mais sincero obrigada às centenas de músicos que enchem meu mundo com seu som criativo e magnífico. Não acho que conseguiria atravessar um dia de minha vida se não tivesse música que de alguma forma tocasse meu coração e minha alma.

Gostaria de agradecer à minha família por ser tão compreensiva e paciente quando eu estava no “modo escritora” e por nunca desistir de mim ou do meu sonho. O apoio incansável deles e a fé na minha habilidade significa mais do que poderiam imaginar. Sean, você sempre vai ser meu guitarrista preferido.

Quero agradecer aos leitores Sherilyn Winrose, Judi Fennell e Kat Sheridan por suas excelentes opiniões profissionais e orientações neste trabalho. Quantas vezes você leu o manuscrito, Sherilyn? Acho que sabe mais do que eu. E Judi, o que posso dizer? Você conhece essa arte de dentro para fora, de cima para baixo, e é sempre tão generosa com seu conhecimento.

Parabéns ao meu grupo de escrita on-line, The Writin’ Wombats. É muito divertido, e às vezes de cortar o coração, dividir nossas desventuras e nossos triunfos, tanto como

autores quanto como amigos. Não estaria onde estou hoje sem seu conhecimento, ajuda, apoio e um ou outro chute na bunda. Um brinde ao nosso sucesso persistente e um abraço virtual a todos os que ainda estão na luta.

Um superobrigada à minha agente Jennifer Schober, que me orienta com o lado comercial e mantém meus pés no chão. Acredite em mim, preciso muito disso.

Por fim, gostaria de agradecer à minha fenomenal editora Deb Werksman e sua sempre prestativa sócia, Susie Benton, e todo mundo na Sourcebooks que acreditou o suficiente numa autora estreante para dar a ela a chance de viver seu sonho.



SEARS PORTRAIT STUDIOS

Nascida e criada numa atmosfera de hard rock, OLIVIA CUNNING assistiu ao seu primeiro show dos Styx aos seis anos de idade e se apaixonou imediatamente por música ao vivo. É famosa por viajar mais de mil e seiscentos quilômetros só para ver sua banda preferida tocar. Olivia descobriu sua segunda paixão, literatura romântica de ficção, na adolescência — primeiro como leitora voraz de romances apimentados e então redigindo os seus próprios.

Copyright © 2010 by Olivia Cunning

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Backstage Pass (Sinners on Tour 1)

CAPA E FOTO DE CAPA Paulo Cabral

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Otávio Corazzim e Cristiane Yagasaki / Tikinet

ISBN 978-85-438-0297-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.editoraparalela.com.br
atendimentoaoleitor@editoraparalela.com.br

Sumário

Capa

Rosto

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos